

A close-up photograph of a man and a woman lying in bed, smiling and looking at each other. The man is on the left, with a beard and mustache, and the woman is on the right, with long brown hair. They are both smiling warmly. The background is a soft, out-of-focus white, suggesting a bed with white linens.

Lucy Benton

Spin-Off de Minha Doce Menina

Um amor para

Adam



Um amor para
Adam

Copyright2018© Lucy Benton

Um Amor para Adam

1º edição.

Todos os direitos reservados.

Proibida toda e qualquer distribuição sem a autorização
prévia da autora.

Essa é uma obra de ficção.

Quaisquer semelhança com nomes, pessoas, lugares ou
acontecimentos, será mera coincidência.

Foto da capa: Depositphotos

*"Deus nunca disse que a jornada seria fácil,
mas Ele disse que a chegada valeria a pena."*



Max Lucado

Índice

Sinopse

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

Epílogo

Sinopse



Ele quer o seu final feliz também!

Talvez Adam Scott seja o único homem de Atlanta que não tem medo de compromisso. Enquanto todos estão correndo apenas ao ouvir a palavra *casamento*, tudo o que ele quer é se apaixonar pela última vez e que seja eterno. Mas exatamente por ser tudo o que ele quer, é justamente a única coisa que ele não consegue.

Não até conhecer Sarah...

Ela é a professora de Jardim de Infância mais linda e teimosa que ele já encontrou e para o azar de Adam; compromisso é a última coisa que ela quer.

Provar a ela que eles são perfeitos juntos, se tornou a sua batalha. E ele não luta para perder. Não quando o prêmio no final será o amor dessa linda mulher.



Eu não conheço uma única pessoa sequer que foi obrigada a sair da sua cama em uma manhã de segunda-feira, quando não iria trabalhar, e que ficou com um sorriso no rosto.

Eu não sou essa pessoa, você certamente não seria também. *Gandhi talvez?* Estou de mau humor e não me culpo por isso, já que mudei todos os planos de um magnífico café da manhã da minha padaria favorita; para o próximo fim de semana.

Reunião de pais, no jardim de infância, era isso o que me esperava quando abri os olhos essa manhã... E como eu sou o melhor irmão que alguém poderia ter: *eis me aqui*. Um pouco atrasado devo confessar, mas o que importa é que eu troquei a minha cama e algo que é absolutamente sagrado para mim — comida —, por uma corrida pelo estacionamento da escola da Chloe.

Eu quero ser um tio participativo, do tipo que é adorado por suas crianças. Eu sou muito apaixonado pela Chloe, pela sua doçura e fofura, e estou totalmente encantado pelo Noah.

Também quero ajudar a Mia e o Drew em tudo o que eles precisarem, principalmente agora com um bebê recém-nascido na família. E bem; devo repetir que eu sou o melhor irmão que alguém poderia ter?

É bom que Drew me dê uma medalha, ou uma placa de melhor tio do mundo. Da galáxia seria mais justo. Talvez eu exija que ele coloque um quadro com a minha foto na sala, um bem grande, abaixo da frase: *Esse é o cara*. Porque eu sei que sou o cara. Amor próprio é a melhor coisa do mundo e eu tenho de sobra. Não é arrogância, é confiança. Eu sou legal, caso contrário, não estaria aqui.

Acho que para o meu azar, estacionei na pior vaga de todas. A que fica mais distante da porta de entrada, certamente. A sensação que tenho é de que estou andando em círculos há tempos e como se não bastasse o fato de ter saído atrasado de casa; estou mais atrasado por não achar essa maldita porta.

Estou a ponto de tirar o meu celular do bolso e ligar para a Mia, embora seja humilhante admitir a ela que eu não sou capaz de encontrar a entrada da escola. Ela certamente rirá de mim, muito, muito mesmo, antes de pensar em responder.

A essa hora, é como se não existisse uma única alma nesse lugar. São apenas oito e quinze da manhã, mas é como se todos tivessem sido abduzidos. Já posso imaginar que quando eu enfim encontrar a sala da Chloe, todas as cabeças se voltarão para mim. É como voltar no tempo e estar atrasado para a aula outra vez. O que sempre acontecia comigo em uma segunda de manhã.

Alguns minutos depois, eu finalmente descubro onde a entrada fica e sim, era do lado oposto onde o meu carro ficou. Respiro aliviado quando seguro a maçaneta para abri-la e tudo o que posso pensar é: *espero que eles tenham deixado o ar condicionado ligado*.

Eu não sei como os fatos a seguir acontecem exatamente, serei incapaz de narrá-los sem que meus olhos me enganem, porque é como se um meteoro me atingisse. Acho que perdi um pouco a minha capacidade mental, nenhum pensamento passa pela minha mente, enquanto vejo a linda morena correr até mim. Até a porta seria o mais correto, porque é bem mais sensato pensar que tudo o que ela realmente quer; é entrar na escola também. Mas eu não estou pensando agora, sendo assim, irei fantasiar durante esses quinze segundos, que ela caminha com a única intenção de me encontrar.

Ela é seguramente a mulher mais linda que eu já vi. Aliás, eu nem sei se já vi outras mulheres realmente, nesse instante eu sou incapaz de me lembrar disso. Mesmo com alguns metros nos separando, eu posso digitalizar cada detalhe dela.

Seus lindos e brilhantes cabelos negros, que flutuam com o vento e insistentemente tocam o seu rosto; fazendo com que ela precise muitas vezes tirá-los dos olhos. *Que olhos...* eu não sei se são verdes ou castanhos, pois eles mudam de cor à medida que o sol se reflete neles, mas são lindos e cheios de vida. Ela não é alta, mesmo estando longe posso dizer que ela encostaria em meu ombro, com os seus saltos.

Ela tem um corpo bonito, curvilíneo, e embora eu não queira ser esse tipo de cara; ainda sou um cara e esse detalhe não passaria despercebido para mim. Mas mesmo que soe clichê, brega, antiquado, e um tanto mentiroso depois do comentário sobre o seu corpo, o que me encanta mesmo é o seu

rosto. É como se existisse uma leveza em seu olhar, uma doçura infinita, ela transmite paz e isso vai soar muito assustador, principalmente para mim; mas acabei de me apaixonar.

Sim, me apaixonei perdidamente em quinze segundos. Se bem que em minha mente, diante da minha fascinação, eu poderia dizer que foram os segundos mais longos da minha vida. O que equivaleria a muitos minutos na terra do amor à primeira vista.

— Você está entrando? — pergunta ofegante, apontando para a porta.

A minha mão ainda está na maçaneta, o meu corpo bloqueia a passagem e agora a minha linda mulher está muito perto de mim, falando comigo. A sua voz é suave, com muita gentileza e educação embutida nela. Eu olho para ela, em seus olhos, ora verdes, ora castanhos. Estou totalmente entregue à beleza desse olhar e não faço a mínima ideia de onde a minha voz foi parar.

— Olá... você está entrando na escola? — ela insiste, com um sorriso gentil. — Pode me deixar passar, por favor? Estou com um pouco de pressa.

Eu devo parecer um completo imbecil, mas do que jamais pareci em toda a minha vida, mesmo quando eu fazia as coisas mais estúpidas na faculdade. Balanço a cabeça, buscando freneticamente a minha sanidade perdida e solto a maçaneta em um impulso; como se o metal queimasse a palma da minha mão.

Eu deveria abrir a porta para ela, deveria ser um cavalheiro como a minha mãe me ensinou. Deveria ser educado e causar as melhores primeiras impressões a meu favor. Porém, tudo o que eu consigo é me envergonhar um pouco mais, quando ainda permaneço em seu caminho, estagnado na porta como um poste.

— Precisa de alguma ajuda? Está perdido? — demanda, passando por mim, depois de praticamente me empurrar para o lado. — Sim?

— Não — é tudo o que sou capaz de dizer, já que o seu perfume ficou no ar e me deixou um pouco mais tonto.

— Ok, tenha um bom dia, então. — Ela se despede, correndo pelo longo corredor vazio.

Seus passos ecoam alto pelo assoalho e se assemelham às batidas do meu próprio coração. *O que eu precisava fazer mesmo? Por que eu estou aqui?* Passo as mãos pelo cabelo diversas vezes, antes de me sentir razoavelmente normal novamente...

Chloe... Reunião de pais... Jardim de infância.

As palavras flutuam aleatoriamente em meu cérebro, para enfim formarem uma frase coerente. Reunião de pais da Chloe, no Jardim de Infância. Estou vinte minutos atrasado agora e muito mais deslocado que há cinco minutos.

Empurro a grande porta de metal com imensas camadas de vidro, e dou graças a todos os anjos e santos, quando o ar frio me recebe. Hoje o dia está excepcionalmente quente e a tendência é que es quente ainda mais ao longo das horas. Eu daria tudo por uma garrafa de água, ou a chance de passar em um banheiro e molhar o rosto; antes de ir me encontrar com a professora. Mas esse lugar é imenso e o fato de ter me perdido no estacionamento, deixa claro que eu não encontrarei o banheiro com facilidade. Deixo isso de lado, então caminho pelo mesmo corredor que a minha linda mulher caminhou e olho com atenção cada porta, à procura da sala da senhorita Martinez. Não foi tão difícil descobrir que fica no final do corredor, à esquerda.

Minha mão se levanta para bater na porta e anunciar a minha entrada; mas para no ar. Pelo pequeno vidro, eu posso ver as dezenas de mulheres que estão lá dentro. Apenas mães. E eu achando que fosse uma reunião de pais, mas já deveria saber que eu seria o único homem, desde que o meu próprio irmão deu um jeitinho de fugir dessa responsabilidade. Eu não me importo nenhum pouco em ser o único homem aqui. A única coisa que me incomoda e me paralisa, é que a professora parada diante da classe e falando com as dezenas de mães atentas; é a minha linda mulher.

Eu me afasto rapidamente da porta, pensando em uma maneira de escapar dessa situação, mas sem que a Mia e o Drew saibam que eu fiz isso. Eu nunca poderia dizer que hoje seria o dia em que eu perderia a voz, a minha capacidade de fazer amizades, a minha eloquência e bom humor característicos. Justo hoje, justo agora em que eu conheci o amor da minha vida... simplesmente me sinto um garoto de treze anos, com aparelho e espinhas, sem a menor habilidade social.

Viro-me rapidamente, disposto a caminhar até o carro e mentir para a minha família sobre o que realmente aconteceu. Disposto a inventar alguma desculpa boba, mas aparentemente eu não fui tão sutil ou discreto assim. A porta se abre e a professora, a senhorita Martinez, a minha linda mulher — que para a minha sorte, ou azar, são a mesma pessoa — está me olhando com curiosidade.

— Olá... você é o pai do garoto novo, o Javier? — ela pergunta, inclinando o rosto ao esperar a minha resposta.

— Não — respondo simplesmente, como fiz há minutos.

— Ainda acho que você está perdido. — Ela diz, rindo em seguida.
— A secretaria fica do outro lado, três corredores, à direita.

— Sou o tio da Chloe. — Consigo finalmente dizer, antes que ela feche a porta novamente. — Adam; eu sou o Adam.

— Ah... — ela murmura, como se algo, por fim, fizesse sentido. — O tio Adam, a Chloe fala muito de você. Só coisas incríveis, preciso enfatizar.

— Obrigado.

— Entre, escolha um lugar e se sente — ela diz, abrindo um pouco mais a porta e gesticulando para a sala. — Como você sabe, eu também me atrasei e ainda nem comecei a reunião.

Só pode ser uma brincadeira. *Escolha um lugar?*

Um homem de um metro e oitenta, sentando em uma frágil cadeira feita para crianças de quatro anos? Simplesmente não, obrigado, mesmo assim... Eu caminho até o fundo da sala, fingindo manter a atenção em meu celular e ignoro os olhares em minha direção. Eu me sinto como uma peça de quebra cabeça que veio no pacote errado, totalmente fora do contexto da sala. Ainda assim, procuro agir com naturalidade, me encosto à lousa ao fundo da sala e

cruzo os braços, depois de ter guardado o meu celular no bolso.

Durante vinte minutos, ou mais, eu ouço a minha professora falar sobre as crianças. Sim, em meu coração ela já é minha, ela apenas não sabe disso; ainda. Irei informá-la assim que recuperar a minha coragem e encontrar cada palavra perfeita, que a fará se apaixonar por mim também.

Existe muito amor na forma como ela fala de cada aluno, fica evidente que cada criança significa muito para ela. Eu me encanto um pouco mais a cada minuto e preciso admitir que não presto muita atenção ao que está sendo dito, apenas em quem diz. Eu me sinto, literalmente, dentro de uma comédia romântica. Quase posso jurar que os cabelos da minha professora flutuam enquanto ela fala, e uma luz intensa a segue cada vez que caminha pela sala. Eu sei que estou em sérios problemas, mas não posso evitar. Eu sempre imaginei que quando conhecesse alguém realmente especial seria exatamente assim. Como se mal pudesse respirar... como alguém pode fazer isso com você, roubar todo o seu ar apenas ocupando o mesmo espaço?

A sensação que tenho é de que finalmente encontrei o que procurava, mesmo que até há meia hora, eu não soubesse que estava procurando algo. Eu não sou conhecido pela minha sensatez, essa parte ficou com o meu irmão. Sou muito mais emocional, assim como a minha mãe, sendo assim eu posso dar ouvidos ao meu coração e tudo o que ele me diz agora é: *Eu vou me casar com essa mulher.*



Droga... quando fui dormir na noite anterior, jamais imaginaria que o destino — disfarçado de despertador que para de funcionar no meio da noite — estava conspirando contra mim. Mas ele estava e fez isso enquanto eu sonhava com o *Henry Cavill*. Como poderia prever tamanha tragédia enquanto era beijada pelo *Homem de Aço*? E lógico, devo ressaltar que não sou esperta o bastante para confiar no meu celular. Irei rever esse conceito a partir de hoje.

Então, enquanto me espreguiçava de manhã, me sentindo tão feliz após sonhar com o homem mais lindo do mundo, eu tive um pequeno ataque cardíaco ao descobrir que estava realmente muito atrasada. Um lindo começo de semana, eu diria, sair correndo de casa com o sapato na mão, parecendo uma louca, cujo cabelo nem foi penteado. *Quanta alegria!*

Eu sei que me atrasar por vinte minutos, na primeira reunião de pais da minha turma, não causa a melhor impressão. Eu mesma odeio atrasos. Por isso a minha preocupação é tamanha. Esse emprego significa muito para mim, não quero que nada estrague minhas chances de conseguir uma vaga permanente, já que agora estou substituindo a professora Marcy, que saiu para sua licença maternidade. Tenho mais quatro meses para me fazer eficiente e conseguir uma vaga. Eu irei conseguir, preciso conseguir.

Não posso negar o quanto amo meu trabalho, eu realmente amo, de todo o coração. Algumas pessoas achariam estressante cuidar de uma classe com vinte crianças de quatro anos, cheias de vida e muita energia. Crianças que questionam tudo, o tempo todo. Elas nunca se cansam, nunca. Mas eu acho incrível, é o que me traz paz, me sinto viva e sei que posso significar algo na vida de alguém. As crianças sabem valorizar o amor, elas são gentis, singelas e tão sinceras.

Elas sempre me fazem rir e trazem ao meu coração a recordação viva da criança que fui um dia. Não que eu me esqueça dela, eu nunca me esqueço. Principalmente quando tenho que correr pelo estacionamento da escola, tentando me equilibrar nos saltos que teimosamente insisto em usar para trabalhar e não deixar o meu material escolar cair. Além de afastar o meu cabelo do rosto, já que ele se desprende da presilha que coloquei enquanto dirigia.

Estou muito próxima à porta, posso enfim dizer ao meu coração para voltar a bater em um ritmo humanamente saudável. Eu cheguei e foram apenas quinze minutos de atraso, posso inventar uma desculpa qualquer e torcer para que todas compreendam. Digo — todas — , porque dificilmente um pai vem a uma reunião escolar. Gostaria de mudar essa realidade; embora eu não possa reclamar porque as famílias das minhas crianças estão sempre envolvidas com a educação delas.

Minhas crianças... isso me traz um orgulho imenso, uma gigantesca felicidade. Eu não me imagino fazendo mais nada ao longo da vida, senão olhar para esses rostinhos sorridentes, e com os olhinhos mais brilhantes do mundo, por todas as manhãs.

A poucos metros da entrada, eu diminuo o ritmo da minha corrida para passos mais contidos. Meus olhos estão agora curiosos no homem parado em frente à porta. Ele me olha com insistência, me encara, seria a definição mais adequada. A forma como ele faz isso, me obriga a buscar em minha mente alguma lembrança dele. Será que eu o conheço? Já o encontrei antes?

Ele é muito bonito. Seguramente o homem mais lindo que já coloquei os olhos nos últimos tempos — infelizmente a minha vida é um pouco monótona, e não tenho a oportunidade de ver muitos homens bonitos assim. Tudo bem, eu sei que esse pensamento é absolutamente inadequado, ele pode ser o pai de um dos meus alunos. Em minha defesa eu diria que nesses dois meses em que estou lecionando aqui, já conheço todos os pais, mesmo os que são separados, e eu nunca vi esse homem aqui. Estou curiosa. Talvez ele seja pai do Javier, o garoto novo que chegou há três dias, eu conheci apenas a sua mãe até agora.

— Você está entrando? — Pergunto, ainda ofegante da minha corrida e aponto para a porta.

Ele me olha com insistência, enquanto eu espero a sua resposta. Parece que milhões de coisas passam por sua mente enquanto faz isso.

— Olá... você está entrando na escola? — Insisto, sorrindo com gentileza. — Pode me deixar passar, por favor? Estou com um pouco de pressa.

Ele ainda não responde e durante alguns segundos apenas me olha, com os seus intensos olhos castanhos; então balança a cabeça e solta a maçaneta em um impulso, quase me assustando. Talvez ele não seja americano, talvez ele não tenha me entendido.

— Precisa de alguma ajuda? Está perdido? — Reforço passando por ele, depois de precisar empurrá-lo para o lado. — Sim?

— Não — ele finalmente responde e mesmo que tenha sido em um sussurro, não noto nenhum sotaque diferente em sua voz.

— Ok, tenha um bom dia, então... — eu me despeço, correndo pelo longo corredor vazio.

Eu não volto a olhar para o homem misterioso, mas posso sentir o peso do seu olhar em mim e tenho certeza de que ele ainda nem se mexeu. Eu não posso me preocupar com isso, muito menos deixar a minha curiosidade e imaginação correrem soltas agora. Tudo o que eu quero é chegar logo a minha sala. Felizmente ela fica logo no fim do corredor, virando à esquerda.

Diferente dos outros dias, a sala está silenciosa já que as crianças não estão aqui hoje. Sinto-me péssima, mas abro a porta com o sorriso mais casual que consigo colocar no rosto. Embora não seja a melhor atriz; posso fingir que não estou morrendo de vergonha ao me deparar com as mãos dos meus alunos. Algumas estão sorridentes, outras não disfarçam a impaciência e o descontentamento com o meu atraso. Eu caminho apressada até a minha mesa e deixo a minha bolsa e o material escolar sobre ela. Meus saltos ecoam pelo piso, quando ando até o centro da sala e deixo as minhas mãos descansarem em uma das cadeiras pequenas.

— Bom dia! Infelizmente eu tive um pequeno transtorno hoje de manhã e me atrasei um pouco. — Anuncio para justificar a minha ausência, e nesse

momento meus olhos vagueiam pela classe.

Tenho um pequeno sorriso no rosto, ao me deparar com os desenhos que as crianças fizeram na sexta-feira antes de irem para a casa. Faz apenas dois dias e eu já sinto a falta delas. O cachorro azul da Chloe se destaca entre eles... ela adora azul e ama animais, cães principalmente.

— Como eu disse. — Continuo a falar, desviando os meus olhos dos desenhos. — Me perdoem pelo atraso. Mas não quero fazê-las esperar mais.

Eu volto para a minha mesa, buscando na minha pasta as folhas com o cronograma escolar. Penso em todos os passeios e atividades que faremos fora da escola, quando uma silhueta na porta me chama a atenção. Foi somente por uma fração de segundos e eu já me pergunto se não foi a minha imaginação, pois ao olhar de novo não vejo ninguém. Deixo o meu material sobre a mesa e caminho até a porta, abrindo-a rapidamente. Fico surpresa ao encontrar o estranho que vi há minutos, encostado na parede, como se tudo o que ele quisesse fazer agora é fugir.

— Olá... você é o pai do garoto novo, o Javier? — Sondo, inclinando o meu rosto ao esperar a sua resposta. Ele não se parece com o Javier... talvez seja o seu padrasto.

— Não — ele responde simplesmente, como fez há minutos.

— Ainda acho que você está perdido. — Comento, não contendo uma risada rápida. — A secretaria fica do outro lado, três corredores, à direita.

— Sou o tio da Chloe, — ele finalmente diz algo além de não, antes que eu feche a porta novamente. — Adam; eu sou o Adam.

— Ah... — eu murmuro, quando essa informação, por fim, faz total sentido. — O tio Adam, a Chloe fala muito de você. Só coisas incríveis, preciso enfatizar.

— Obrigado!

— Está aqui pela reunião? — Quero saber.

— Sim.

— Entre, escolha um lugar e se sente. — Oriento-o, abrindo um pouco mais a porta para deixá-lo entrar e gesticulando para a sala. — Como você sabe, eu também me atrasei e ainda nem comecei a reunião. Então, fique à vontade.

Ele me devolve o sorriso, e parece muito confuso ao olhar para as pequenas cadeiras ao redor da sala. Acho que foi exagero da minha parte dizer a ele que escolhesse um lugar. Se ele se sentar em alguma delas, fatalmente a quebrará.

Volto para a minha pasta e distribuo o cronograma para todas as mães, deixo o meu estranho por último. Dou-lhe um sorriso tímido ao estender a folha para ele e ganho um lindo sorriso, e um obrigado como resposta. Ele é alto, se elevando com facilidade sobre os meus um e sessenta e cinco — um e setenta e dois, se eu contar os meus saltos —, e bem construído fisicamente. Não de forma exagerada, mas consigo ver sua boa forma sob sua camisa branca. Ele me olha de forma curiosa quando percebe que estou fascinada e eu me encanto ainda mais quando vejo que seus olhos parecem um pouco mais escuros agora.

Balanço a cabeça rapidamente e desvio o olhar do seu rosto.

Totalmente inadequado Sarah; mulher estúpida.

Eu finjo que ele não está na sala, acompanhando cada movimento meu, enquanto eu desenrolo e abordo todos os tópicos da reunião. Poderíamos pensar que iríamos apenas discutir sobre os rabiscos das crianças, ou suas colagens com papel cartão. Mas hoje em dia, o jardim de infância é apenas a sementinha no alicerce da educação, tudo começa aqui; inclusive o amor que cada criança terá pelos estudos e pela escola. Tem tanta coisa que podemos fazer pelo desenvolvimento de um aluno, e para mim, cada criança é única. Cada criança é um universo imenso, cheio de magia e possibilidades.

Depois de vinte minutos, eu falo individualmente com cada mãe, e

tenho um imenso sorriso estampando o meu rosto cada vez que conto algo de especial sobre a criança em questão. Formei-me há apenas dois anos, e desde então, tenho apenas substituindo outras professoras em diversas escolas. Essa é a primeira oportunidade de ficar tanto tempo com uma turma, uma experiência pela qual ansiei por muito tempo. Eu sempre soube que amaria as minhas crianças, sou uma pessoa extremamente afetiva; mas o amor que eu sinto por cada um, em apenas dois meses, é quase assustador. Eu ficarei arrasada ao dizer adeus e sei que o que me consolará será saber que deixei uma marca na vida de cada um deles.

Despeço-me da última mãe, então me dou conta de que estou sozinha com o estranho, não tão estranho assim; tio Adam. *Adam*. Eu gosto da simplicidade do nome, se comparado ao quanto o seu dono chama a atenção. Agora, aqui perto, é como se ele ocupasse todo o espaço ao redor e os seus olhos são tão vívidos, nunca abandonando o meu rosto. Isso me incomoda um pouco. *Talvez me incomode muito*. Ele sorri, passando a mão em seus cabelos curtos, e eu aproveito para olhar os seus dedos; nenhuma aliança. *Não que eu me importe*.

— Olá. — Repito, encostando-me à minha mesa e cruzando as mãos em frente ao corpo. — Vamos falar sobre a Chloe?

— Claro, estou ansioso para isso. — Ele diz, parecendo um pouco mais à vontade agora.

— Sou a senhorita Martinez — recito, caminhando até o armário para pegar a pasta de Chloe e me viro para acrescentar: — Mas isso você já deve saber.

É claro que ele sabe sua boba; o seu nome está na porta. Recrimino-me mentalmente por estar agindo de forma tão tola. Mas eu não posso evitar, embora eu devesse.

— Eu adoro a Chloe. — Anuncio com alegria, ao caminhar para a minha mesa outra vez. — Ela é um amor de criança.

— Ela é sim. — Ele ri, colocando as mãos sobre a mesa para me

olhar com atenção. — Ela é muito especial e gosta muito de você.

— Isso só me faz a pessoa mais feliz do mundo — falo, voltando a me concentrar na Chloe.

A Chloe, que é o único motivo para ele estar aqui; *completo em pensamento*. Ele está cada vez mais próximo e o seu perfume flutua no ar, fazendo com que eu me enrosque ao falar algumas vezes.

Eu só tenho maravilhas para falar sobre a Chloe, ela é uma doce menina; todas as minhas crianças são. Eu tenho muita sorte. Mas Chloe é especial, isso é algo que se reflete facilmente em seus olhos. Ela é esperta e participativa, tem uma bondade nata e está sempre disposta a ajudar um amigo. Acho que isso vem, em grande parte, da família linda que ela tem. Isso é definitivamente muito importante para qualquer criança. Ela está fascinada com o irmão recém-nascido e fala dele com o maior amor do mundo. Não posso conter o sorriso, quando me lembro dos seus relatos sobre o pequeno Noah. Estou ansiosa para conhecê-lo.

— Chloe está se desenvolvendo perfeitamente. Na verdade, ela tem uma grande habilidade social, é muito inteligente e falante. — Digo, me encostando à lousa para cruzar os braços. — Isso me surpreende, já que me disseram que ela era muito tímida há um ano.

— Ela realmente era — ele confirma, colocando as mãos no bolso e relaxando a sua postura. — Mas a convivência com a minha mãe a deixou mais falante que um radialista, e conviver comigo também pode ter ajudado.

Isso também me surpreende, porque ele parece muito tímido para mim, mas talvez ele apenas se sinta deslocado agora. O tio Adam, sobre o qual a Chloe fala insistentemente, é muito engraçado e confiante. A sensação que eu tinha antes de conhecê-lo é de que ele fosse um fanfarrão, com um ego gigante. No entanto, o homem à minha frente parece ser tudo, menos isso. Embora ele não se importe nenhum pouco em me olhar com intensidade, como se enxergasse a minha alma. A mesma alma que eu fiz de tudo para deixar bem escondida quando o assunto fosse o sexo oposto.

— Tem algo mais sobre o qual queira falar? Quer perguntar alguma coisa? — O questiono, enquanto fixo o meu próprio olhar em um ponto na lousa ao fundo.

— Não — Adam responde de forma sucinta, a voz soando um pouco mais rouca agora.

— Então é isso — tento sorrir quando volto a olhar para ele. — Foi um prazer, mande um beijo para a Chloe.

Ele não responde, apenas digitaliza todo o meu rosto e tenho a sensação, quase insana, que a palavra beijo o deixou um pouco corado. Eu me pergunto que cor estão os meus olhos agora. *Verdes ou castanhos?* Provavelmente verdes, já que minha mãe sempre me disse que eles ficam verdes, quando eu me sinto nervosa, ou tímida. E agora sou uma mistura exata dos dois. Talvez as minhas bochechas também estejam vermelhas.

Adam não para de me olhar, ele não se mexe; parece que nem mesmo respirou nesses últimos segundos. Esse seria o momento em que eu jogaria o meu charme, ele parece interessado o bastante. Mas, eu sou péssima para paquerar, essa não é uma das minhas habilidades naturais e saber que aqui não é nem a hora, nem o local adequado para isso; deixa-me ainda mais travada.

— Então, tchau — murmuro, enquanto praticamente o empurro até a porta. Isso já aconteceu muito desde que nós vimos pela primeira vez.

— Tchau. — Ele para em frente à porta aberta e segura a pasta com os trabalhos escolares da Chloe.

Tento sorrir uma última vez antes de fechar a porta, mas estou perturbada demais para isso. Eu não sei o que aconteceu aqui, mas não foi normal e eu espero nunca mais vê-lo. Não posso gostar de alguém que não para de me olhar e me faz agir feito boba assim.

— Como é o seu nome? — Ele indaga baixinho, como se estivesse sussurrando para a porta fechada.

Eu encosto a testa na porta, enquanto penso se devo ou não responder. É um dilema, embora eu não veja nem um problema em sua pergunta. A questão mais importante é: *Por que ele quer saber?*

— Sarah. — Digo, soltando lentamente o ar em meus pulmões. — Meu nome é Sarah.

— Lindo nome, Sarah — Adam replica e mesmo sem vê-lo, posso imaginar o sorriso em seu rosto bonito.

Eu ouço os seus passos sumirem no corredor vazio, depois de alguns segundos, e mesmo assim não me mexo. Talvez eu me atrase amanhã novamente, mas posso garantir que não será culpa do Henry Cavill. Acho que meus sonhos terão outro herói a partir de agora e isso é totalmente inadequado.



Apenas me diga como é possível viver, quando tudo o que você pode pensar é em uma mulher que provavelmente nem se lembra da sua existência?

Cinco dias... Há cinco dias eu me sinto exatamente assim, tentando encontrar a resposta para esse dilema. Vida após a Sarah, após a minha professorinha, após encontrar o amor da minha vida e não poder me casar com ela. Será que ela existe? Eu pensei nela em cada segundo disponível, quando eu não estava ocupando a minha mente com o trabalho, e até mesmo quando estava... já que comecei a ver o seu nome entre os meus números.

Amor à primeira vista... Destino ou acaso... Predestinação... Escolha a palavra, mas eu sei que aconteceu algo. Como se um raio caísse sobre mim. Talvez essa analogia explique o fato de eu ter perdido a voz e me embaraçado completamente.

Quando eu voltei para a casa àquele dia, demorei longas horas até me recuperar da vergonha e do arrependimento de ter agido assim. Depois eu tive um ataque de risos, por minutos eu apenas gargalhei em meu quarto. E por fim, me decidi que essa será uma grande história para contar aos nossos netos, como vovó e vovô se conheceram.

Eu pensei em voltar para a escola no dia seguinte, seria muito fácil usar o pretexto de buscar a Chloe, mas o trabalho me consumiu durante esses dias. Se a Mia não fosse tão curiosa, eu poderia pedir o número da Sarah para ela. Acho que as chances de que ela consiga o número são grandes. Mas eu sei que junto com o meu pedido, viria uma enxurrada de perguntas. Acontece que eu não quero incluir a minha querida cunhada nesse assunto, ainda. Se em algum momento eu precisar, posso, relutantemente, aceitar a sua ajuda.

Hoje é sábado e eu estou esparramado em meu sofá, uma cerveja intacta sobre a minha mesa de centro, enquanto um filme de ação passa na TV. Eu estou totalmente absorto em meus pensamentos. Muito mais desligado do que realmente sou e um pouco mal-humorado, o que é absolutamente novo para mim. Eu pareço um bobo ou mais bobo do que eu geralmente sou.

Quando foi que eu comecei a me sentir tão entediado e sozinho? Quando foi que eu comecei a querer mais? Essa resposta é simples; segunda-feira às oito e quinze da manhã. A minha vida ficou chata e tudo o que eu quero é encontrá-la outra vez... eu preciso encontrá-la outra vez. Embora a cautela também não seja uma das minhas virtudes, já decidi que preciso de um plano. De preferência um no qual eu consiga dizer ao menos uma frase completa.

Eu preciso ser o Adam que todos amam, lindo e engraçado. Aquele pelo qual é que absolutamente impossível não se apaixonar assim que conhece. Eu só não sei como, se bastou apenas um olhar para ela e eu basicamente esqueci o meu nome. Fecho os meus olhos e respiro frustrado. Não saber o que fazer definitivamente me irrita demais. Meu celular vibra ao meu lado. *Hely Brother, de Avicii*, soando por toda a sala, e eu sei que é o Drew quem está ligando. Isso sempre me faz rir, menos hoje.

— Oi — murmuro, depois de tocar a tela e atendê-lo ainda com os olhos fechados.

— Ei — ele devolve com um ótimo humor, bom demais para quem talvez não esteja dormindo à noite.

— O que você quer? — Demando de forma direta, sabendo que com ele não preciso de rodeios.

— Saber se você está vivo. — Drew diz, afastando o telefone para falar algo para a Mia, antes de continuar: — Já vi que está e pelo visto caiu da cama hoje. Que bicho te mordeu?

— Nenhum, estou apenas cansado.

— Tudo bem. — Ele não me sonda, além disso. — A mamãe me

obrigou a ligar para você ou mandar uma equipe de busca te encontrar. Faz quase uma semana que você não aparece para comer nada e ela está com medo que tenha morrido de inanição.

— Estou bem, aonde ela acha que eu comia quando ela morava na Califórnia? — Pergunto sem deixar de rir, finalmente abrindo os olhos e os fixando em um ponto no teto. — O que ela está cozinhando hoje?

— Joel está no quintal com a Chloe, começando a assar alguns bifes. A mamãe fez a salada de batatas e o seu bolo favorito de chocolate; porque aparentemente você é um bebê, assim como o Noah. — Ele me diz, com diversão. A oferta de comida da minha mãe e de quebra a minha sobremesa favorita, me deixa um pouco mais animado também.

— Todos me amam, Drew. Você já deveria saber que não pode competir comigo pelo posto do filho favorito.

— Venha logo, caso contrário ela está indo te buscar — diz rindo, antes de desligar, sem se despedir ou me dar a chance de dizer mais alguma coisa.

Às vezes é uma droga ser o irmão mais velho, já que não rola nenhum respeito aqui. Guardo o meu celular no bolso e me levanto, pegando a cerveja sobre a mesinha enquanto caminho até a cozinha. Esvazio o seu conteúdo na pia e deixo a garrafa sobre o balcão, antes de pegar as chaves do meu carro e sair de casa.

Eu moro a vinte minutos da casa do Drew. Estar perto dele foi um dos fatores que me fizeram trocar de apartamento há dois anos. Também foi por ele que eu vim morar em Atlanta, e aceitei trabalhar com a contabilidade de uma multinacional de telefonia. Na época, a oferta de trabalho não era nada atraente. Mas Drew havia acabado de entrar para a DEA e eu me preocupava com ele. Mesmo com a pouca diferença de idade entre nós — apenas dois anos e meio —, eu me senti na obrigação de estar aqui. A minha mãe foi uma parte importante na minha mudança também, embora eu não quisesse deixá-la sozinha após a morte do meu pai, ela insistiu para que eu viesse para cá.

Quase sete anos depois e eu não trocaria esse lugar por nenhum outro. Tenho o melhor de Atlanta e ainda posso passar as minhas férias na

Califórnia; eu não poderia pedir nada, além disso. E agora que eu descobri que a minha linda mulher mora aqui, eu só posso agradecer aos céus por todas as decisões que tomei até hoje.



Assim que eu estaciono em frente à casa do Drew, vejo Chloe me olhar da janela, quase escondida atrás da grande cortina da sala; mas ainda visível pelo vidro. Seus olhos brilham intensamente e também denunciam a sua presença. Tem sido assim cada vez que venho visitá-la, quem a visse poderia jurar que ela morre de amores por mim, não que isso não seja verdade. Mas o real motivo de tanta ansiedade é que ela vê em mim, a possibilidade de finalmente ganhar o seu tão sonhado filhote de cachorro. Isso é algo que eu faria com a maior alegria do mundo, eu compraria quantos cachorros ela quisesse. Porém nem a Mia ou o Drew concordam com isso. Acho que por um bom tempo ela terá que se contentar com o cachorro do Joel.

— Oi, tio Adam. — Chloe grita, abrindo a porta para mim antes mesmo que eu encoste a mão na maçaneta.

— Oi, meu amor. — Basta apenas um sorriso dela para que eu me sinta melhor. Ela é tão doce. — Você estava me esperando?

— Sim, você me trouxe um presente?

— Não. — Digo, rindo após pegá-la no colo. — Talvez eu tenha chicletes no carro, você quer?

— Quero — ela aceita, enquanto balança a sua cabeça, fazendo com que a faixa que estava em seu cabelo, caia sobre os seus olhos.

— Da próxima vez eu lhe trago algo melhor. — Prometo, depois de ajeitar a faixa e beijar o seu rosto.

— Tudo bem. — Chloe sussurra perto do meu ouvido, antes de completar. — O Noah acabou de dormir e não podemos fazer barulho agora.

— Ok... — sussurro de volta, enquanto caminho com ela até o quintal.

O cheiro de carne assada me recebe assim que abro as portas que nos leva para a área externa. Eu percebo que estou com muito mais fome do que julgava estar; mas mais do que isso, percebo que estava com muitas saudades desses momentos em família.

— Oi família. — Recito com um sorriso, ao mesmo tempo em que coloco Chloe no chão e deixo que ela vá até onde Drew está.

— Adam, o que foi que aconteceu com você? — Minha mãe me pergunta, ao mesmo tempo em que me apalpa em busca de algum machucado ou osso quebrado.

— Como assim? — Eu devolvo rindo, antes de puxá-la para um abraço caloroso. — Eu estava apenas trabalhando e não tive tempo para aparecer.

— Você perdeu a nossa noite da pizza na casa do Joel, na última quarta. — Ela pontua, fugindo do meu abraço para me olhar.

— Mãe, nós não temos uma noite da pizza. Isso aconteceu apenas uma vez, mas não pode ser considerado um evento em família.

— Aconteceu quarta outra vez e você perdeu a chance de brigar comigo pelo último pedaço. — Drew diz, vindo até mim com Chloe nos braços e me dando um leve tapa no ombro.

— Eu estava trabalhando, essa semana foi muito estressante para mim.
— Reforço, indo até Joel e apertando a sua mão. — Onde está a Mia?

— Ela subiu com o Noah e deve ter dormido junto com ele. — Drew diz com olhos brilhantes de felicidade.

— Vou dar uma olhada neles. — Minha mãe diz, se afastando de nós com pressa.

— Então, como está o nosso carinha? — Questiono, me referindo ao Noah. Faz vinte dias que ele nasceu e tenho certeza de que já cresceu desde a última vez em que eu o vi.

— Bem, mas ele não tem dormido muito à noite. — Drew responde.
— A não ser que seja no colo da Mia.

Deve ser muito bom ter a sua própria família, não a parte do bebê chorão que não te deixa dormir à noite, essa parte eu dispensaria se possível; embora saiba que não é. Se bem que ao imaginar os meus filhos com a minha professorinha, tenho a certeza de que não me importarei nenhum pouco em acordar durante a noite. Não se eu puder ser tão feliz quanto o Drew.

— Joel está falando com você. — Drew diz, apertando o meu braço e me despertando dos meus sonhos.

— Desculpe, Joel. — Lamento, balançando a cabeça e indo até ele.
— O que você disse?

— Como você quer a sua carne? — Joel me pergunta sorridente, com a espátula na mão.

— Ao ponto, obrigado.

Ele se vira para a churrasqueira outra vez, voltando a sua atenção para a carne. Isso era algo que meu pai costumava fazer e embora eu não seja tão ciumento como o Drew, é inevitável não ter lembranças dele ao ver essa cena.

— Você parece estranho — Drew murmura, logo atrás de mim. Olho para ele com as sobrancelhas levantadas o incentivando a continuar *a sentença*. — Mais estranho que o normal. Qual o nome dela?

— Dela quem? — Eu pergunto, mordendo um pedaço de pão apenas para não o responder. *Droga, ele me conhece tão bem...*

— Da mulher por quem você acha que está apaixonado dessa vez.

Eu ainda não respondo, mordendo mais um pedaço de pão e aproveitando a oportunidade de encher um prato com a salada de batatas da minha mãe. Comida é a cura para tudo na vida, não importa qual seja o seu problema, apenas coma e tudo ficará melhor.

— Eu posso realmente estar apaixonado dessa vez. — Digo, depois de me sentar na grande mesa de piquenique, que ele colocou no seu quintal. — Por que tanto deboche com os assuntos do meu coração?

— Não é deboche. — Ele diz, rindo e se contradizendo. — Faz muito tempo que você não se apaixona, costumava ser divertido acompanhar a sua vida amorosa.

— Pensei que achasse entediante — replico, pousando o garfo ao lado do meu prato. — O que você acharia se eu te dissesse que conheci o amor da minha vida?

— Acharia normal, você já me disse isso um milhão de vezes.

— Eu não disse.

— Disse sim — ele afirma com petulância.

— Talvez eu tenha dito. — Eu admito, relutante. — Mas agora é diferente, eu tenho certeza.

— Você já me disse isso também. Sempre acha que é diferente, Adam.

— Mas agora eu tenho certeza. Tipo muita, muita certeza — demandando, parecendo uma criança que quer convencer os pais.

— Você sempre tem certeza... — Drew fala, olhando para Chloe sentada ao seu lado. Felizmente ela não entende nada do que é dito e está muito absorta em seu livro de colorir. — Até terminar o namoro duas semanas depois, e então para onde essa certeza toda vai?

— Agora é diferente. — Eu digo, voltando a me concentrar na comida já que estou sem argumentos. — Eu apenas sinto algo totalmente novo agora.

— Só o tempo dirá, vá com calma — ele me aconselha, sério.

— A última coisa que eu quero é ir com calma. É como se eu tivesse tido um imprinting assim como os Lobos de Crepúsculo.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Não se faça de bobo, Drew. Eu sei que a Mia adora esse filme e te fez assistir um milhão de vezes. Reze para a Chloe não gostar também quando for adolescente.

— Meu Deus, esse é o motivo das minhas orações todas as noites. — Ele diz rindo, fazendo Chloe rir também. — Mas eu sei que até lá, já terão

inventado coisa pior que lobisomens e vampiros que brilham.

— Eu não posso consolá-lo com relação a isso.

— Mas então, quem é ela? A causa do seu imprinting?

Olho para a Chloe primeiro, pensando se devo ou não dizer a verdade com ela presente. É óbvio que ela está alheia à conversa e mesmo que estivesse prestando atenção; eu duvido que ela entenda alguma coisa. Mas sei que as crianças são muito mais espertas do que aparentam.

— Olha só o desenho que a minha professora Sarah me deu, papai — ela conta, erguendo a folha com um desenho de fadas e duendes nele.

— É lindo, Chloe. Gostei do cabelo azul da fada. — Drew diz, sorrindo para ela.

— Eu quero pintar o meu cabelo também — Chloe completa, rindo.

— Quando você estiver com quarenta anos, poderá fazer isso. — Drew demanda, sério, fazendo a rir mais ainda. Mal posso esperar para que ela seja adolescente e o enlouqueça completamente.

— Você gostou, tio Adam? — Ela pergunta, virando o desenho para mim.

— Muito. — *Você nem imagina o quanto.* — Como a sua professora é? Ela tem namorado?

— Eu não sei, ela é uma princesa como a minha mãe. — Chloe diz displicente, voltando a pintar o seu desenho.

— Que pergunta é essa? Desde quando te interessa a vida da professora da Chloe? — Drew me pergunta, olhando-me com os seus olhos de policiais. Eu detesto o fato de que ele consegue enxergar muito além das outras pessoas.

— Desde segunda-feira, voltei daquela reunião que você me obrigou a ir... — paro de falar por um instante, para apontar o dedo para ele, antes de sussurrar: — Completamente apaixonado pela professora. Ela é o meu *imprinting*.

— Você só pode estar brincando. — Ele murmura, balançando a cabeça e olhando para o céu. — A professora? Jura?

— Ninguém manda no coração — encolho os ombros, voltando a me concentrar na comida. — O que você sabe sobre ela?

— O que eu poderia saber? Ela é a professora da minha filha, a Chloe gosta muito dela, ela é uma boa pessoa, a julgar por esse fato.

Assinto. Sarah é uma ótima pessoa, maravilhosa, eu diria.

— Sabe onde ela mora?

— Claro que não, seria muito estranho se eu soubesse, não seria?

— Talvez... E o telefone?

— Também não, é óbvio. — Ele diz, ajudando Chloe a sair do banco e olhando enquanto ela corre para dentro de casa. — Mas a Mia tem, peça a ela.

— Não obrigado, mas a sua esposa é curiosa demais e não estou disposto a responder um formulário completo sobre isso. — Digo com uma

careta. — Consiga para mim.

— Não posso, não vou mentir para a Mia. Eu teria que dizer que é para você e contar toda a parte do imprinting também. — Drew diz, rindo alto e chamando a atenção de Joel.

— A fraternidade entre irmãos é algo tão lindo, pena que você não conhece esse sentimento — murmuro, colocando a mão sobre o peito e me sentindo traído.

— Quanto drama... basta pedir para a Mia, ela está ocupada demais com o Noah, para querer saber da sua vida.

Abro a boca para responder e dizer que prefiro raspar a minha cabeça ou contratar um detetive particular para isso, quando Mia aparece na porta. Ela está com Noah nos braços e ele parece uma pequena bolinha de futebol com pernas e muito cabelo. Quando ele nasceu, se parecia com um filhote de panda, mas agora está bem mais bonito e ganhando todo o charme que um bebê tem... desculpe-me, mas apenas os pais acham os recém-nascidos bonitos.

— Peça o que para a Mia? — Ela pergunta com voz sonolenta, vindo até nós e colocando as mãos sobre os olhos de Noah — Oi Adam... você sumiu.

— Oi... Sumi para você não me fazer mais de babá. — Comento sorridente, olhando para o seu rosto; ainda um pouco redondo da gravidez.

— Deveria ser um privilégio para você, que o Noah goste da sua voz — ela me diz, sentando-se ao lado do Drew.

— Claro que ele gosta da minha voz, ela é macia como um travesseiro.

— Jesus... *Macia como um travesseiro.* — Drew repete, colocando o

braço ao redor de Mia. — Por favor, pare de ler aqueles romances de banca. Desse jeito você ficará solteiro para sempre.

— Foi apenas uma vez — balbucio rindo, sem chances de negar o fato.

Mia ri também, um pouco alto demais, acordando Noah em seguida. Ela se aproveita do fato e me faz segurá-lo por bastante tempo. Eu ainda me sinto desconfortável ao carregar algo tão frágil, mas ele gosta do meu colo, assim como da minha voz e sempre se acalma ao me ouvir falar. Minha mãe e Joel se juntam a nós na mesa, e aproveitamos que o dia está lindo e passamos a tarde juntos. Eu mal posso esperar para quando a Sarah puder estar aqui também, tenho certeza de que todos irão amá-la. Talvez você pense que eu estou me iludindo, mas eu simplesmente sei que ela estará aqui, não importa quanto tempo demore. Não importa quantas vezes ela me diga não. Não importa quanto esforço eu precise fazer para conquistá-la... é algo que eu sei que irá acontecer.

— Você poderia gravar a sua voz no meu celular, eu colocaria para o Noah ouvir quando ele estiver chorando. — Mia me pede sorrindo, quando eu lhe entrego o bebê dormindo.

— Era só o que me faltava. — Drew sibila, com uma careta de ciúmes.

— Eu faço isso com o maior prazer. — Me apresso em dizer, muito mais interessado em estar perto do seu celular.

— Verdade? — Ela pergunta, ignorando completamente o que Drew disse.

— Claro, o que você quer que eu grave?

— Algo como: *Durma meu bebê, durma a noite toda...* — ela recita, rindo de si mesma.

— Tudo bem. Eu irei cantar, a minha voz é bonita o bastante para isso
— digo, olhando para o meu irmão e o desafiando o a me dizer o contrário.
— Onde está o seu celular?

— No balcão da cozinha ou no sofá, em algum lugar como esse é só procurar. — Ela me orienta, virando-se para falar com a Chloe, em seguida.

Eu pareço desinteressado, quando me viro e caminho para a parte interna da casa. Mas assim que encontro o celular de Mia e procuro em sua lista de contatos pelo nome de Sarah; tenho um imenso sorriso no rosto.

É como ganhar na loteria.

Eu toco na tela, afastando rapidamente todos os nomes que aparecem, na busca do que eu realmente quero. Preciso ser rápido para que ninguém, além do Drew, saiba o que eu fiz. Demoro alguns minutos para descobrir que o nome está na letra P — Professora da Chloe — e não no S, como eu imaginei a princípio. Tiro o meu celular do bolso e anoto o número o mais rápido que posso, depois confiro uma dezena de vezes para ver se está correto; sempre olhando para a porta com medo que alguém me surpreenda. Feito isso, guardo o meu celular e me encosto à parede, concentrado em gravar o áudio que Mia me pediu. Eu canto uma canção de ninar qualquer que conheço e para minha sorte, já terminei de fazê-lo quando Mia passa por mim, com Noah no colo.

— Você fez? — Ela me pergunta, enquanto eu lhe entrego o celular.

— Sim, espero que funcione. — Exclamo sorridente, tocando os cabelos macios do meu sobrinho.

— Você é o melhor cunhado do mundo. — Mia recita, me beijando no rosto, antes de subir as escadas.

— Eu sei, eu sei... — Sussurro, olhando para o meu próprio celular e o número gravado nele.

A parte mais difícil será decidir o que dizer.

Envio uma mensagem ou ligo de uma vez?

Faço um mistério, ou digo quem sou logo no começo?

Convido a para um jantar ou um almoço?

Cinema ou teatro?

São tantas possibilidades e eu preciso dar os passos de forma calculada. Mas já não me preocupo tanto, desde que o destino parecer estar do meu lado... Ele me levará até a minha linda mulher.



Sábado é sempre o dia em que eu tento dormir até mais tarde e não fazer absolutamente nada, a não ser ler ou assistir a minha série favorita; eu nunca consigo.

Geralmente quando acordo pela manhã, eu fico olhando o teto extremamente branco do meu quarto e pensando em como a minha vida é um tanto patética. Tenho um trabalho do qual adoro e pelo qual sou imensamente grata. Tenho uma família incrível, um pouco afetiva demais — isso me sufoca às vezes —, mas, eu os amo muito. Tenho uma coleção de sapatos e livros, que faria inveja a qualquer mulher. Tenho um carro lindo, clássico, um Ford Maverick oitenta e sete, azul metálico. Presente do meu irmão Estevan.

Eu tenho um peixe dourado, porque eles são muito mais fáceis de serem cuidados do que um gato ou cão, e também porque a minha prima Hayle achou que eu quisesse um no meu último aniversário.

Ainda assim... eu me sinto sozinha.

Quando deixo a minha mente totalmente vazia, sem grandes problemas ou preocupações; eu me sinto incompleta. Têm algumas coisas do meu passado que eu tentei enterrar, jogar ao vento e seguir adiante. Entretanto elas simplesmente não me deixam, como se estivessem enraizadas em minha alma, calcificadas em meus ossos. Sem a possibilidade de serem simples lembranças um dia, mesmo que dolorosas, mas ainda lembranças. Mesmo que eu engane a mim mesma, e aos outros principalmente, ainda deixo o meu passado ter algum poder sobre mim. Embora pequeno, ele ainda está aqui, me prendendo e podando os meus passos sem que exista a possibilidade de deixá-lo ir embora. E são esses momentos a sós que me fazem melancólica, como se

eu finalmente olhasse para dentro de mim e enxergasse o meu coração; enfim eu percebo o quanto ele ainda está machucado.

Soltando lentamente a respiração várias vezes, jogo o meu edredom de lado e saio da cama. Caminho até o banheiro, enquanto mentalmente planejo o meu dia. Limpar a casa, lavar a minha roupa, visitar os meus pais, passar no mercado e por fim; afundar-me no sofá com um pote de sorvete e se eu tiver alguma sorte, alguns brownies da minha mãe.



São quase cinco da tarde quando eu estaciono em minha garagem. Almocei com os meus pais e passei algumas horas divertidas com eles, antes de ir ao supermercado. Eu desço do meu carro, pego as sacolas e caminho até a entrada. Meu celular toca em minha bolsa no instante em que eu pego as minhas chaves e abro a porta. Eu deposito as minhas compras sobre a mesa da cozinha, antes de atender. É minha prima Samantha e eu já tenho um sorriso no rosto antes de dizer alô, é sempre assim quando ela me liga.

— Olá, Sam, como vai a minha prima favorita? — Pergunto enquanto caminho até a geladeira e pego uma garrafa de água.

Ouçó seu sorriso do outro lado da linha antes que ela responda:

— Não deixe a minha irmã te ouvir dizer isso, Sarah, você sabe que é errado ter preferidos em nossa família.

Eu rio também. Minha família é muito grande, do tipo que lota uma igreja em um casamento, e em um velório também. E sim, é errado ter preferidos; embora todo mundo saiba que a Sam é a minha e eu espero ser a dela também.

— Ela sabe que eu a adoro, mas você é especial. — Jogo-me no sofá e tiro meus sapatos. — A que devo a honra de sua ligação, senhorita Rodrigues?

—Primeiro, te liguei porque você se esqueceu completamente da minha existência e não me venha com essa estória de que sou especial, sua ingrata.

— Quanto exagero Sam, eu te liguei há três dias.

— Sim, tanto faz. — Ela diz com um suspiro exasperado, *dramática*.

— De qualquer forma, o que é tão urgente? Aconteceu algo desde a última vez em que nos falamos? — Demando enquanto deslizo os meus pés pelo tapete felpudo da sala. — E quando digo algo, quero dizer algo realmente relevante e não as loucuras da nossa família.

Sam adora me ligar para contar as novidades da nossa família. Ela sempre ocupa meu tempo para dizer que a namorada do seu irmão Tito é feia e se veste feito vadia. Ou que o marido da nossa prima Cristina está saindo com uma moça do trabalho. Nossa avó Carmen retirou uma verruga muito grande das costas, e coisas desse tipo. Na maior parte do tempo, eu fico horas ouvindo relatar os acontecimentos, como uma repórter apresentando um telejornal, e sempre rio horrores. A última vez, eu fiquei com soluços por horas, depois de tanto rir. Sam tem um dom natural para falar e ser ouvida, é quase impossível não se deixar envolver por suas narrativas fantásticas. Mas hoje eu não estou no clima.

— Você é tão chata, Sarah, acaba com toda a graça da vida.

Mordo um sorriso, agarrando a minha garrafa de água e andando até o meu quarto. Coloco o telefone na viva voz e o deixo em cima da cama enquanto me troco. Estou tirando a minha saia, quando ela retoma a sua narrativa.

— Mas, falando sério... — Sam diz, mudando o tom de voz para quase um sussurro. — Você não vai acreditar em quem acabei de ver na oficina do Tito.

— Realmente não faço a menor ideia, mas deve ser alguém muito especial... — brinco. — Definitivamente especial para você precisar me contar com tanta urgência.

— Você não faz ideia, Sarah...

Eu fico parada, a saia na metade dos meus joelhos esperando ela continuar. De repente ela fica em silêncio, algo que não combina de forma alguma com a Sam, e eu sinto um pequeno aperto no estômago, quase posso jurar que não irei gostar do que ela vai me dizer.

— Quem? — Exijo, sentando-me na cama e pegando o celular na mão outra vez. — Quem, Sam?

Ouçoo um longo suspiro do outro lado da linha. *Sim, eu realmente não irei gostar.*

— O Nick. Ele estava na oficina do Tito minutos atrás e o Estevan estava junto também.

Eu fico quieta por alguns minutos, meu corpo imóvel apenas permitindo que o meu cérebro processe essa informação. Na verdade, não estou triste, apenas surpresa. Um pouco chocada também. Eu sabia que um dia ele iria voltar, sua família e todos os seus amigos estão aqui, então era de se esperar que isso acontecesse mais cedo ou mais tarde. Foi mais tarde, mas enfim, aconteceu...

Nick voltou!

Nicholas Campbell, meu ex-namorado, meu único amor. Ficamos juntos por quatro anos. Quatro anos que foram como uma vida inteira para mim. Ele é... ou era, — essa informação ainda é desconhecida — muito amigo do meu irmão Estevan e meu primo Tito, irmão da Sam. Cresceram juntos praticamente, embora Nick não tenha nenhuma descendência mexicana. A família dele era vizinha da família da Sam e foi fácil criarem esses laços.

Apaixonei-me por ele ainda na adolescência, mas a diferença de idade

de sete anos entre nós, foi um empecilho imenso na época. Meu irmão ciumento e dezenas de primos intimidadores também não tornaram as coisas mais fáceis. Sendo assim, por alguns anos eu apenas o amei platonicamente, observando cada passo que ele dava. Sempre estávamos muito próximos e eu sabia que ele também sentia algo por mim.

Foi no meu aniversário de dezenove anos, que eu finalmente criei coragem e me declarei. Claro, eu estava um pouco bêbada e incentivada pela Sam e sua irmã Hayle, praticamente o agarrei em minha festa. O restante dos acontecimentos desse dia ainda são meio nebulosos para mim. Só sei que minha tática funcionou e Nick enfrentou meu irmão Estevan e meu primo Tito, colocando em risco a sua amizade com eles, para ficar comigo. Eu sabia que ele me amava e eu o amei mais ainda em troca.

Vivemos intensamente esse tempo que ficamos juntos e meu coração tinha certeza de que ele era o único. Nada que eu fizesse, sonhasse ou planejasse na vida, não incluía Nick. Meu mundo girava ao seu redor e eu tão cegamente, acreditava que fosse tudo para ele também. Estava tão enganada.

Quando ele resolveu se mudar para Chicago, para trabalhar em uma das maiores firmas de advocacia de lá, um sonho que sempre alimentou, eu o apoiei. Óbvio, achando que pudéssemos encarar um relacionamento à distância. Acreditando piamente que o nosso amor era sólido o suficiente para isso. Sólido como uma montanha, embora fosse tão frágil quanto um castelo de areia. Eu já fazia planos para me mudar também e morar com ele, poderia trabalhar em Chicago facilmente, tinha tudo sob controle.

Porém, no meio do caminho, entre muitos telefonemas e milhares de mensagens, algo mudou. Mudou para o Nick. Eu não sabia dizer o que era, mas apenas o sentia cada vez mais distante, a cada novo contato ele se tornava diferente para mim. Eu não queria me desprender, não queria deixá-lo ir, não queria perdê-lo. Gastei todos os meus esforços, fiz tudo o que podia para salvar a nossa relação. Ele deixava de ligar um dia. Eu acreditava em sua desculpa idiota, mesmo sabendo que era uma mentira.

Ele deixava de responder uma mensagem no outro dia. Eu mesma me enganava, tornando a tarefa de me fazer de boba mais fácil ainda. Até ele terminar comigo por e-mail, sem direito a réplica, já que ele nunca respondeu os mais de cem e-mails que eu mandei em seguida. Era o meu último suspiro. Depois disso eu tive que aceitar que ele não me queria mais, que talvez eu não houvesse significado tanto assim, e sequer merecia um adeus onde pudesse olhar em seus olhos.

Eu me senti aos pedaços, devastada. Como se tivesse perdido o meu coração e sem nenhuma chance de recuperá-lo novamente. Fiquei em luto por

muito, muito tempo e mesmo assim nunca mais o procurei. Meu irmão sofreu muito mais do que eu, se sentiu traído, ainda que eu não possa afirmar ter me sentido diferente.

Faz quase dois longos anos que não nos vemos. Nick sequer veio passar o Natal com os pais nesse meio tempo. Perguntei-me algumas vezes, se era apenas para não me encontrar. Para não ser confrontado por mim. Algo que eu jamais faria, eu ainda tenho algum amor próprio. Embora ele tenha sido uma das poucas pessoas que realmente me conheceu, para quem eu me mostrei por inteira. Alguém a quem eu me entreguei e me dispus a amar incondicionalmente, ele não merece que eu me humilhe dessa forma.

Agora ele está de volta e é estranho, por falta de adjetivo melhor. Eu não tive nenhum outro relacionamento depois dele, nem mesmo encontros sem importância. Somente vivi todo esse tempo como uma viúva, incapaz de esquecer o seu amado ausente, mas ainda tão presente. Tenho medo de vê-lo e meu coração reconhecê-lo como o único que já amei. E se eu ainda o amar? Gostaria de estar com alguém, de ter alguém na minha vida...

— Sarah? Você ainda está aí, querida? Fale comigo. — A voz de Sam me desperta dos meus devaneios.

Eu viajei para muito longe, um lugar que não visitava há um longo tempo.

— Estou aqui Sam e não estou chorando. — Digo com um sorriso forçado, tentando soar engraçada. — Eu apenas fiquei surpresa, você sabe que faz muito tempo. Mas está tudo bem.

— Se você diz, então está certo. — Ela murmura sem muita convicção. — Que tal nos encontrarmos para conversar? Podemos sair para dançar.

— Claro, porque uma danceteria é o lugar mais adequado para se conversar. Eu não conseguiria ouvir nem os meus pensamentos, Sam.

— Pode ser que não seja o melhor lugar para conversarmos, mas eu estava pensando mesmo na tequila que terá lá.

— Tom está viajando outra vez? — Eu pergunto, me referindo ao seu noivo.

— Sim, duas semanas no Alabama, e eu me sinto entediada. — Ela diz com um suspiro pesaroso. — Além do mais, seria ótimo falar sobre a sua vida amorosa um pouco.

— Ou a falta dela. — Emendo, suspirando também. — Não quero falar sobre o passado, ou qualquer pessoa que viveu lá.

— Podemos apenas beber e dançar.

— Você pode beber e dançar, enquanto eu te trago em segurança para a casa — eu a corrijo, me jogando na cama. — Hoje não querida, mas não se preocupe comigo; eu ficarei bem.

— Você não precisa passar por isso sozinha e nem precisa fingir que não está triste, eu te conheço, Sarah... melhor do que ninguém.

— Me sinto perfeitamente normal, Sam. — enrolo uma mecha do meu cabelo de forma nervosa. — Eu já te disse e não entendo por que você pensou que isso me abalaria.

— No seu lugar, eu ficaria terrivelmente abalada. — Ela confessa em um sussurro.

— E por quê? Tudo isso é passado — falo com firmeza, tentando parecer crível para os próprios ouvidos.

— E se vocês se reencontrarem de repente, como acha que vai se sentir?

Fecho os olhos e exalo com o pensamento.

— Acho que será estranho e desconfortável, e eu estou torcendo para que isso não aconteça em hipótese alguma.

— Isso será inevitável, desde que ele é tão amigo do seu irmão e do meu também. Acabei de lembrar que sexta-feira é o aniversário do meu pai. Acho que o Nick estará lá.

Jesus... eu me esqueci dessa bendita festa. Em outra ocasião a possibilidade de me reunir com toda a minha família, para compartilharmos boa comida e boa música, me deixaria pulando de alegria. Agora eu só quero me esconder embaixo da cama.

— Talvez eu esteja doente nesse dia, na verdade eu tenho me sentido meio febril ultimamente, acho que estou começando a ficar gripada. — Digo em tom neutro, colocando a mão sobre a testa para enfatizar o fato, mesmo que ela não possa me ver. — Seria uma pena que eu perdesse a festa, mas não posso garantir que irei.

— Você pode tentar evitá-lo, mas a cidade não é tão grande e talvez você o encontre da pior maneira — Sam profetiza, não se abalando com o meu teatro mexicano.

— Atlanta é imensa — eu a lembro. — E o que poderia ser pior do que encontrar o seu ex-namorado em uma festa da família, e ter que manter um sorriso feliz?

— Não consigo pensar em nada agora, mas sempre pode piorar, acredite em mim.

— Quanto tempo você acha que ele ficará aqui? — Indago, puxando o meu edredom e me cobrindo, ou me escondendo. — Talvez seja apenas esse fim de semana.

Sam fica quieta novamente, e outra vez eu sei que seu silêncio não é o prenúncio de boas novas. Porque as pessoas não pensam duas vezes quando vão nos contar algo bom, apenas as más notícias merecem esse suspense todo.

— Diga logo, Sam, eu aguento. E já tenho até mesmo dois potes de sorvete com chocolate extra, para afogar as minhas mágoas. — Falo ao me lembrar do sorvete que ficou derretendo sobre a mesa.

— Nick está aqui com a noiva, Sarah, eles vieram para que ela conheça os pais dele. Segundo o Tito me contou, o casamento será daqui a dois meses. — Ela diz da forma mais rápida, como quem tira um curativo. — Acho que ficarão por alguns dias ou mais.

— Tudo bem, já se passaram quase dois anos Sam, nós sabíamos que isso aconteceria um dia. Ele seguiu em frente — balbucio com calma, ignorando a pontada que isso causa ao meu coração.

— Seguiu sim e você precisa fazer o mesmo, precisa seguir em frente.

— Eu tenho feito isso há muito tempo.

— Não, se você não se permite amar outra vez, uma hora ou outra você precisa sair da caixa, Sarah — ela diz com seriedade, mas com a voz repleta de doçura. — Você ainda tem um caminho imenso a trilhar e alguém muito especial irá te encontrar.

— Não sei por que isso me fez rir... — digo com um sorriso imenso, mas sentindo meus olhos arderem com lágrimas não derramadas. — Algumas coisas levam tempo e eu preciso do meu tempo para me sentir preparada... estou quase lá.

— Ele é um idiota, você sabe disso, não sabe?

— Sim, eu sei.

— Não pense nele como alguém especial, mas sim como um completo imbecil. — Ela completa com uma risada. — Eu gostava dele também.

— Eu o amava loucamente, tem uma grande diferença. — Admito, me sentindo feliz ao usar o verbo “amor” no passado. — Como ela é?

— Você não deveria me perguntar isso, mas vou dizer que ela é muito feia e tem uma grande verruga no nariz.

— Não precisa mentir para mim, Sam. — eu sussurro, sem saber ao certo por que esse detalhe me interessa.

— Ela é linda, eles formam um casal perfeito e eu espero que chova granito no casamento deles.

— Nós duas sabemos que será o dia mais lindo do ano. — Dou risada, sentindo as primeiras lágrimas escorrem pelo meu rosto. — Acabou, Sam. Eu não posso mais me enganar fingindo que ele vai voltar para mim, que ele vai finalmente acordar e perceber que eu faço falta, que eu sou o amor da sua vida... esse é o último suspiro, a última batida do coração, antes que eu diga: Acabou.

— Eu sinto muito, Sarah. — Ela murmura com voz chorosa também.

— Eu também sinto, mas vai passar.

Durante os minutos seguintes eu apenas choro copiosamente. Sam apenas ouve calada, como se mesmo à distância, a sua presença me confortasse. Sempre foi assim entre nós... ajudamo-nos mutuamente com corações partidos e maquiagens borradas, saltos quebrados ou aquele vestido lindo que se rasga quando não deveria. Ela é a irmã que eu não tive, uma grande parte da minha alma e coração que mora em outra pessoa. Talvez

tenha sido graças a ela que eu não desabei simplesmente, quando tudo aconteceu.

Algumas pessoas são incapazes de perceber que um coração magoado pode arder com uma ferida sangrenta. Ser esquecida por quem se ama, deixada para trás quando toda a sua alma e cada partícula do seu corpo pulsa por esse amor; dói fisicamente... contudo, eu sei que essa é a última vez que eu sinto essa dor, assim como as lágrimas que molham o meu travesseiro secarão, o meu coração não parará de bater e nem de amar.

— Eu posso dormir com você hoje. — Sam oferece, quando paro de chorar e a minha respiração fica mais controlada.

— Não precisa, eu ficarei bem, Sam. — afirmo com a voz rouca do choro. — Além do mais, eu quero dormir sem acordar no meio da noite, depois de você me dar um soco no rosto.

— Eu estava tendo um pesadelo, um cara louco está me perseguindo e eu precisava me defender. — Ela conta entre risos.

— Até mesmo os seus sonhos e pesadelos são malucos.

— Eu sou louca de uma forma absolutamente apaixonante.

— É verdade... eu te amo muito.

— Eu te amo também e estou aqui se precisar. — Ela diz com um sorriso em sua voz, me fazendo sorrir também antes de desligar.

Fico deitada outra vez, olhando para o teto monotonamente branco como a minha vida. Aperto o celular entre os meus dedos, antes de fechar os olhos. Faz muito tempo em que não penso no Nick, não penso no que fomos; no que poderíamos ter sido. A maioria das vezes é muito mais simples fingir que eu o esqueci. Saio da cama, deixando o meu celular jogado sobre ela e corro até o armário que fica no meu corredor. Abro bruscamente a porta de

madeira e fico na ponta dos pés para alcançar a grande caixa na última prateleira. Essa simples caixa de papelão, cheia de fotos, cartões, bilhetes e até mesmo embalagens de bombons — sim, eu sou uma grande tola — foi durante todos esses meses; um tesouro para mim. Eu sabia que no momento em que conseguisse jogar tudo fora, seria o momento em que eu deixaria o passado ir. E embora doa terrivelmente me desprender de algo tão simbólico, eu corro até a porta de entrada com a caixa em meus braços. Mal me importando com o fato de que após chorar tanto, eu devo estar parecendo uma doida e posso assustar o casal de idosos que mora na casa ao lado. Abro a porta e saio para o meu quintal, indo em direção a pequena churrasqueira de metal que meu pai colocou no gramado. Eu não faço ideia de como acendê-la, mas jogo todo o conteúdo da caixa, dentro dela. Corro com a mesma rapidez de antes para a minha casa outra vez e com a porta da sala escancarada, eu vou até a cozinha. Graças a Deus por ser uma pessoa organizada, pois eu sei exatamente onde tudo o que eu quero está. Fósforo e álcool. Sim, é uma linda noite para uma fogueira... Jogo toda a garrafa de álcool sobre os papéis, acendendo o fósforo rapidamente. O fogo se alastra com facilidade, as chamas queimam e destroem centenas de lembranças. Tão facilmente se tornam cinzas que podem ser sopradas ao vento. Por que não é tão fácil assim queimar o que está dentro de mim?

Eu volto para a casa com a caixa vazia pendendo dos meus dedos, e passos calmos. Fecho a porta e volto para o quarto, me enfiando embaixo do meu edredom macio outra vez e fecho os olhos, desejando apenas que eu possa dormir até a próxima segunda. Meu celular vibra insistentemente ao meu lado e por um momento eu cogito apenas deixá-lo escondido sob o travesseiro. Mas vencida pelo seu barulho irritante, eu o seguro, olhando com curiosidade para o número desconhecido na tela.

— Alô. — Eu digo lentamente, fazendo a palavra tão pequena soar por longos segundos.

— Sarah? — Uma voz masculina soa do outro lado. Eu já ouvi essa voz antes, apenas não me lembro onde foi.

— Sim, é ela. — Murmuro com muita cautela, voltando a olhar para a tela, como se magicamente o nome da pessoa tivesse aparecido. — Quem é?

Ele fica mudo por um tempo, chego a pensar que desligou. Então volto

a ouvir apenas a sua respiração calma. Parece um pouco assustador que alguém misterioso te ligue no início da noite e fique quieto por tanto tempo, apenas respirando. Mas depois do telefonema de Sam, acho que nenhuma notícia seria tão ruim.

— Então, você tem um nome e um motivo para me ligar? — Eu insisto, me sentindo muito mais interessada agora, com a sua indecisão.

— Adam, aqui é o Adam.

— O tio da Chloe? — Demando surpresa, me sentando em seguida.

— Você se lembra! — Ele exclama com um sorriso na voz.

— Você é o único Adam que eu conheço. — E o único homem para quem eu olhei duas vezes depois de tanto tempo. — Aconteceu alguma coisa com a Chloe?

— Não, a Chloe está perfeita.

— Como você conseguiu o meu número? — Eu pergunto, mordendo o lábio para não sorrir.

— É uma longa história. — Ele ri. — Você tem tempo?

— Mesmo que eu não tivesse, a minha curiosidade seria maior, Adam..., mas eu diria que você ligou na hora certa.



Se até há pouco tempo as pessoas me diziam que eu desistia muito facilmente de um relacionamento... O mesmo não poderá ser dito agora, não sobre esse relacionamento que nem começou ainda, mas já está me dando um trabalho imenso. Antes que tudo isso fique confuso preciso voltar para o momento em que estive com o celular em minhas mãos, e tão alegremente discava o número de Sarah.

Ok, eu estava mergulhado em autoconfiança, depois de ter ensaiado e até mesmo escrito um roteiro a ser seguido, quando... a pessoa do outro lado atendeu e não era a Sarah, não era nem mesmo alguém da sua família. Não era ninguém que pudesse me levar até ela. Era a professora da Chloe, que não é a Sarah e sim a outra professora. Eu sei, é confuso, eu também demorei um tempo para entender. A verdade é que tudo se resume à duas palavras: *Professora Substituta*. Sarah é a professora substituta da Chloe.

Essa verdade teria salvado a minha vida, poupado um tempo precioso do meu sábado e evitado que eu passasse uma vergonha épica. Agora a pergunta que não para de martelar em minha mente nos últimos vinte minutos, é se o Drew sabia de tudo isso. Será que ele apenas se divertiu às minhas custas, imaginando o quanto seria embaraçoso quando eu ligasse e a verdadeira professora atendesse? Eu acho que sim; droga, eu tenho quase certeza que a resposta é sim.

Eu passei dez minutos inteiros, vendo a minha confiança se esvaír — como uma piscina cheia de água, cujo ralo foi aberto —, enquanto tentava me desculpar com a professora certa. Ela achou que eu fosse um tarado ou um maluco inconveniente; sem nada melhor a fazer, a não ser ligar para ela com

uma voz misteriosa.

Eu concordo que no lugar dela, não teria me dado sequer um minuto para me explicar, mas graças a Deus pelo meu charme natural... No final dessa batalha memorável, eu consegui o número certo da Sarah e de quebra talvez tenha ganhado uma nova amiga. E agora simplesmente não tenho mais nada a perder, mais nada a fazer, a não ser ligar para a minha professora e ser cem por cento sincero. Pedi-lha em casamento e rezar para que dentro de uma hora, ela bata em minha porta com a sua mala nas mãos e se atire em meus braços. Eu fantasiei sobre isso diversas vezes.

Se eu não estou nervoso? *Totalmente.*

Estou confiante? *Não tanto assim.*

Saber que será ela quem irá atender enquanto eu espero o telefone tocar, me deixa um pouco apavorado. Meu lado covarde me diz para desligar, quando ela não atende no terceiro toque, mas acho que eu não consigo sequer mexer o meu braço nesse momento.

— Alô — ela atende no quarto toque. Sua voz é calma e um pouco mais fraca do que eu me lembrava, mas é tão bom ouvi-la outra vez.

— Sarah? — pergunto em um impulso, apenas querendo ouvir o seu nome soar por toda a sala.

— Sim, é ela — ela responde pausadamente, fazendo a cautela em sua voz soar muito evidente. — Quem é?

Quem eu sou? *Ótima pergunta...*

Eu sou o seu marido, mas você só saberá disso daqui alguns meses, em um ano, no máximo. Seis meses, se eu puder ser muito otimista.

— Então, você tem um nome e um motivo para estar me ligando? — Ela insiste e eu percebo que estou fazendo papel de bobo, *outra vez.*

— Adam, aqui é o Adam. — Balbucio simplesmente, com medo de que ela desligue diante do meu silêncio.

— O tio da Chloe? — Sua pergunta soa cheia de surpresa, mas arranca um sorriso do meu rosto. Começamos bem, ela se lembra de mim.

— Você se lembra! — Eu recito, sorrindo ainda mais, mesmo que já saiba a resposta.

— Você é o único Adam que eu conheço. — *Não precisa mentir para mim, meu amor...* — Aconteceu alguma coisa com a Chloe?

— Não, a Chloe está perfeita. — Murmuro rapidamente, para não deixá-la preocupada.

— Onde você conseguiu o meu número?

Hummm... vejamos.

Pondero, pois isso exige um pouco mais de complexidade em minha resposta.

— É uma longa história. — Anuncio, rindo de mim mesmo. — Você tem tempo?

— Mesmo que eu não tivesse, agora estou muito curiosa, Adam. — Fecho os olhos quando ela diz o meu nome e deixo o doce som se infiltrar em minha alma. — Mas eu diria que você ligou na hora certa.

Isso é bom, achei que ela fosse inventar um milhão de desculpas para não falar comigo; mas eu liguei na hora certa. Estou com sorte... *por que foi mesmo que eu liguei?*

Ah, quer casar comigo? Não, não é essa pergunta agora.

— Eu gostei muito de você, Sarah. — Conto com toda a sinceridade do mundo. — Simplesmente não consegui deixar de pensar em você todos

esses dias, então hoje eu roubei o seu número do celular da Mia e liguei para a outra professora da Chloe. Ela me xingou e disse que sou um louco.

— Você realmente é — ela diz rindo, me surpreendendo totalmente por não ficar brava. — E depois?

— Eu expliquei a ela, que era um homem desesperado, em uma luta sem precedentes atrás do seu número.

— Então ela lhe deu o número certo — ela completa, com uma voz incrivelmente calma. — Eu deveria ficar muito brava e com um pouco de medo também.

— Mas ao invés disso, apenas aceite me conhecer melhor; eu juro que valho muito a pena.

Ouçó a sua risada incrivelmente melódica, antes que ela fique em silêncio por um tempo considerável.

Talvez eu não devesse ter me mostrado tão interessado assim, algumas mulheres gostam de um homem mais misterioso e bem menos acessível. Mas como eu poderia explicar a minha ligação, se não pudesse ser tão sincero assim? Essa é a verdade, eu estou interessado nela, muito interessado. Quero conhecê-la melhor e lhe provar o quanto podemos ser perfeitos juntos. Não posso seguir por outro caminho, senão esse. Sou um homem em uma missão: Conquistar o coração do amor da minha vida!

— Isso é algo realmente inesperado para se ouvir em um sábado à noite, Adam. — Ela diz finalmente, em um tom absolutamente neutro. — Eu não sei o que te dizer.

— Quer jantar comigo? — Pergunto sem me conter.

— Hoje?

— Sim, por que não?

— Está muito tarde para isso. — Ela murmura.

— Amanhã então, um almoço talvez?

— Não posso, tenho que preparar as minhas aulas para a semana.

— E sobre qualquer outro dia da semana, eu não importo qual seja; basta escolher a hora e o lugar.

— Desculpe, mas eu não saio durante a semana, eu durmo muito cedo.

— Está evidente que você está arranjando um milhão de desculpas aqui. — Digo em tom brincalhão, mas um tanto preocupado. — Mas eu posso te ligar ao menos? Enviar algumas mensagens ao longo do dia? Ir te ver na escola?

— Em resumo; você está pedindo a minha autorização para se tornar o meu perseguidor? — Sarah pergunta em tom divertido também.

— Não, estou dizendo que gostaria que fôssemos amigos e eu ficaria muito feliz se você quisesse me conhecer melhor.

— Eu não tenho um amigo há anos — sussurra como quem conta um segredo.

— Mais um motivo para aceitar a minha oferta. — Digo baixinho também, fechando os olhos enquanto a imagino pensativa.

— Tudo bem, você parece um cara legal para se ter como amigo, mas

não me persiga na escola.

— Eu não iria te perseguir na escola. — Minto, porque era exatamente o que eu iria fazer. — Mas talvez eu te encontre casualmente, quando for buscar a Chloe.

— Totalmente diferente. — Ela ri. — Eu gosto da sua mãe, geralmente é ela quem vai buscar a Chloe. Ela é uma mulher divertida.

— Eu também sou muito divertido, herdei isso dela. — Conto, me encostando um pouco mais no sofá; finalmente me sentindo mais tranquilo.

— O que você faz, Adam?

— Sou um contador, na verdade agora trabalho como controller contábil.

— Eu detesto matemática, odeio números. — Ela pronuncia com muita seriedade. — Na verdade, mal sei contar até cem.

— Eu acho isso muito difícil de acreditar, já que você é uma professora.
— Replico com calma. — Talvez você queira apenas me assustar.

— Pode ser... Eu sei contar até mil, mas ainda detesto matemática.

— Eu não me importo nenhum pouco, Sarah. — Digo, usando um tom que eu julgo sedutor para enfatizar o seu nome no final.

Ela ri, me fazendo rir também.

Nós conversamos pelas próximas duas horas, ou mais, eu não estava contando. Não sou capaz de me lembrar se já fiz isso alguma vez, falar por tanto tempo ao telefone com alguém. Mas falar com a Sarah, de repente se torna a minha tarefa favorita na vida. Ela me conta sobre a sua família, estou

em desvantagem já que ela conhece até mesmo a minha mãe.

Ela tem apenas um irmão, muito ciumento e muitos primos; muito ciumentos também. Seus pais ainda são casados há mais de trinta anos e seu pai é muito ciumento, assim como os seus tios. Resumidamente ela me disse que as chances de alguém me perseguir com uma espingarda são enormes; principalmente se eu fizer algo errado no futuro. Tudo bem, pois eu não tenho a intenção de errar com ela.

Sarah tem vinte e cinco anos. Quase sete a menos que eu, a mesma diferença de idade dos meus pais. Isso é perfeito, talvez ela seja mais madura do que sou, em alguns aspectos. Isso não é realmente relevante.

Sua melhor amiga é a sua prima Samantha, elas têm a mesma idade e cresceram juntas, como irmãs. Faço uma nota mental para conquistar a amizade de Sam, algo me diz que a opinião dela sobre mim será de grande importância.

Sarah ama livros, eu prefiro assistir um filme ou jogar vídeo game. Mas por ela, eu posso começar a ler, podemos até fundar o — *Clube do livro da Sarah e do Adam*. Será incrível.

Não posso negar e se você me conhecer um pouco, saberá que a informação que mais me agradou foi: Sarah sabe cozinhar, na verdade ela usou o verbo amor, para se referir à culinária. Isso me deixou um pouco mais apaixonado.

Quando eu desligo o celular, eu me sinto muito mais leve, mesmo que meu coração pareça mais cheio de encantamento e amor. Não importa que ela tenha inventado algumas desculpas para não sair comigo. Eu não estou olhando para esse fato e sim para o fato de que conversamos durante horas, como velhos amigos. Houve vários momentos em que eu flertei abertamente com ela e fui correspondido. Sim, essa é uma vitória imensa. Eu nunca trabalhei para conquistar ninguém, mas não me importo em fazê-lo agora, porque finalmente encontrei alguém que vale todo o meu tempo e dedicação. Esforço e paciência.



Eu não liguei para Sarah no domingo, nem lhe enviei mensagem alguma. Embora eu quisesse dolorosamente ouvir a sua voz e saber como ela

estava, consegui me segurar. A última coisa que eu queria era me tornar sufocante e a afastá-la por isso.

Na segunda-feira eu não aguentei, e lhe enviei três mensagens de texto. Desejei-lhe uma boa semana, perguntei sobre os seus alunos e no final da noite; como havia sido o seu dia. Ela não demorou para me responder e me perguntou sobre o meu trabalho também. Eu achei melhor ligar para ela apenas no dia seguinte e foi o que fiz, mas somente à noite. Nós falamos por mais de meia hora e foi muito proveitoso. Eu sentia que a nossa conexão estava crescendo.

Na quarta feira ela me mandou uma mensagem de bom-dia, antes mesmo que eu tivesse acordado e isso me deixou com um sorriso imenso no rosto o dia todo. Eu me adiantei também e fui buscar a Chloe no final daquela tarde, antes que a minha mãe o fizesse. Sarah estava linda, ou mais linda do que ela costuma ser. Com um vestido vermelho rodado que ficava acima do seu joelho e uma trança que caia pelo seu ombro, além do sorriso lindo que iluminava todo o seu rosto. Eu queria tirar uma foto e olhar para ela cada vez que eu fosse dormir, imaginando que isso me faria sonhar com a minha professora. Mas, ok, isso seria um pouco estranho.

— Oi Sarah. — *Eu disse quando parei em frente a porta e olhei rapidamente para Chloe que vinha correndo até mim. — Gostei do vestido, vermelho fica bem em você.*

— Olá, Adam — *Sarah disse sorrindo. — Gostei do seu cabelo, você o cortou?*

— Sim, ontem. — *Respondi, passando a mão no cabelo, diante do seu comentário. — Posso te ligar mais tarde?*

— Claro — *ela disse rapidamente, se abaixando para se despedir da Chloe.*

— Tchau, tia Sarah. — *Chloe murmurou com alegria e essa era uma visão do futuro; porque em breve Sarah realmente será a tia Sarah.*

— *Tchau, meu amor. Até amanhã.*

Chloe segurou a minha mão e demos alguns passos, antes que ela parasse e se virasse em direção a sua sala novamente. Sarah ainda estava parada em frente à porta, com o mesmo sorriso que eu.

— Meu tio Adam perguntou se você tem namorado, tia Sarah. — Chloe disse com naturalidade e alto o bastante para qualquer pessoa ouvir.

— Ele perguntou? — Sarah perguntou, olhando para Chloe com curiosidade.

— Eu não perguntei. — Me defendi, baixando os olhos para a minha pequena sobrinha falante.

— Perguntou sim... — Chloe me corrigiu, apertando um pouco mais a minha mão enquanto falava. — Na minha casa àquele dia.

— É verdade, eu perguntei. — Admiti sorrindo para ela e dando um leve encolher de ombros, quando os meus olhos se encontraram outra vez com os de Sarah.

— Eu não tenho, Chloe — Sarah admitiu, olhando diretamente para a Chloe. — Mas ele já sabia disso.

Eu sabia desde o começo, mesmo que não tenha feito essa pergunta diretamente a ela. Um namorado seria um problema, mas não me faria desistir. Diante de Sarah, eu tinha um desejo quase insano de beijá-la, abraçá-la e nunca mais deixá-la ir. Eu sabia o bastante sobre sentimentos, para saber que o que ela me faz sentir, somente com o seu olhar; é diferente de tudo o que eu já senti.

— Vamos logo, tio Adam — Chloe me chamou, puxando com força o meu braço.

— Claro — disse olhando para a Sarah uma última vez e gravando o seu doce sorriso na mente.

Eu não precisei ligar para a Sarah àquela noite... ela me ligou e sim, claro que eu fiquei feliz. Talvez um pouco mais do que isso. Era óbvio para mim, que ela gostava das nossas conversas tanto quanto eu e deixe-me dizer; é muito fácil deixar alguém ganhar espaço em sua vida e Sarah estava ocupando cada espaço do meu coração.



Na quinta-feira nós conversamos rapidamente na hora do almoço e trocamos algumas mensagens ao longo do dia. O fim de semana estava próximo e eu já estava me preparando psicologicamente para convidar Sarah para sair e não iria aceitar um não como resposta. Não era possível que ela tivesse uma desculpa plausível depois de todas as nossas conversas.

Sexta-feira chegou e a primeira coisa que fiz ao levantar, foi mandar uma mensagem para Sarah. Basicamente se resumia em chamá-la para jantar, ou assistir um filme, se ela preferisse. Eu adoraria que ela cozinhasse para mim, embora não tenha tido coragem de expressar essa vontade, pois soaria muito machista. Eu cozinharía para ela, se soubesse como acender o meu fogão sozinho.

Eu já tenho as unhas curtas, então não sei como fiz para roê-las enquanto esperava a sua resposta. Eu estava uma pilha de nervos e Sarah não fez nada para me acalmar quanto a isso, demorando quatro horas para me responder. Ela disse que pensaria sobre o assunto e me ligaria mais tarde. Essa mulher só pode estar querendo a minha morte, já que o mais tarde dela, foi às oito e meia da noite. Eu estava enlouquecendo de ansiedade, mas me esforcei para parecer desinteressado quando atendi a sua ligação.

— Oi, Sarah, como vai? — Eu pergunto, aumentando o volume da TV para que ela soubesse que eu estava muito envolvido com o filme de terror que passava na tela.

— Oi, Adam, desculpe não ter ligado antes, mas o dia foi realmente

cheio hoje. — Sarah diz com gentileza. Ela deve saber que eu jamais ficaria bravo com ela, não quando usa esse tom de voz.

— Sem problema, eu também estava ocupado. — Eu minto, antes de ir direto ao assunto. — Pensou sobre amanhã, já tem uma resposta?

— Amanhã é o aniversário do meu tio, o pai da Sam — ela conta enquanto anda. Seus passos são audíveis para mim através do telefone. — Você não conhece a minha família, mas digamos que é impossível faltar a um evento como esse. Se eu estivesse em um hospital eles fariam a festa lá para que eu não estivesse ausente.

Ela ri, e imaginando a cena, eu também dou risada. Meu sorriso é muito maior, quando uma ideia começa a tomar forma em minha mente.

— Eu posso ir com você, adoraria conhecer a sua família — ofereço de forma séria, tentando camuflar o grande interesse que tenho sobre isso.

— Você não se importaria? — Sarah pergunta, parecendo muito surpresa com a minha oferta.

— É claro que não, eu só quero sair com você, não importa onde seja.

— A sua sinceridade ainda me deixa chocada algumas vezes, Adam. — Ela diz, soltando um suspiro em seguida. — Todo mundo estará lá e a minha família pode ser um pouco louca, às vezes. Talvez isso te assuste.

— Você conheceu a minha mãe, não foi?

— Sim.

— Ninguém pode ser mais louca do que ela, Sarah.

— A sua mãe é um amor. — Ela sussurra com carinho. — A minha mãe se parece com ela.

— Então eu amarei a sua mãe, pois amo a minha. — Acrescento em tom brincalhão.

— A minha mãe é uma doçura, já o meu pai... — nem é preciso completar para saber o que isso significa.

— Eu aposto que posso fazer o seu pai gostar de mim em cinco minutos.

— Você tem uma autoestima imensa.

— Você ficaria surpresa se soubesse que foi a primeira mulher que me fez duvidar de mim mesmo. — Eu confesso. — Mas sim, eu acredito em meu potencial a maior parte do tempo.

— Você sabe convencer as pessoas também. — Ela diz, enquanto eu imagino o seu lindo sorriso. — Eu adoraria que você fosse a festa comigo.

— Nada me fará mais feliz. — Eu confesso, sentindo uma vontade quase incontrolável de dançar pela casa. — Que horas eu posso buscá-la?

— Às oito seria perfeito, eu te mando o endereço por mensagem mais tarde.

— Estou contando as horas, Sarah.

Nos falamos mais um pouco, antes que ela desligue, porque Sam está batendo na porta. Eu realmente contei as horas e elas nunca demoraram tanto para passas desse jeito. A primeira vez em que sai com uma garota, eu tinha quinze anos e mesmo que fosse a primeira vez em que estive perto de alguém

que eu gostasse; não me senti nada pouco nervoso. O fato de saber que a garota em questão gostava muito de mim, também me ajudou. Nada de mãos suadas ou trêmulas, boca seca ou gagueira, bloqueio temporário da capacidade de raciocínio, nada disso. Eu me senti muito confiante... Diferente de hoje, diferente de agora.

Eu demoro dez minutos para sair do meu carro quando estaciono em frente à casa da Sarah. O caminho que me leva da calçada até a sua porta de entrada, seria facilmente feito em dois minutos, mas eu demoro sete. E agora estou encarando a madeira, hesitante em bater ou esperar que Sarah veja o meu carro e abra a porta sozinha. Eu bato duas vezes, por fim e logo em seguida ouço os passos de Sarah em direção à porta. Que ela abre, depois de confirmar que sou eu, olhando brevemente pela janela da sala.

Uma vez o Drew me deu um soco no peito, acho que éramos pequenos e estávamos brigando por alguma besteira; mas eu perdi todo o ar dos pulmões por um tempo. Acabei de levar outro soco no peito, com a visão de uma Sarah absolutamente deslumbrante diante de mim. O vestido que usa, é relativamente simples, com a parte de cima em vermelho e o restante preto, bem ajustado em seu corpo. Os cabelos estão soltos, lisos e brilhantes como no dia em que nos conhecemos. Ela se maquiou um pouco mais do que me lembrava, provavelmente por não estar em seu ambiente de trabalho. Eu adoro o batom vermelho em seus lábios e adoro a maquiagem que ela usou em seus olhos, fazendo com que eles ficassem muito mais verdes que castanhos. Eu adoro tudo nela, absolutamente tudo.

— Oi, Adam. — Ela diz com um sorriso, passando a mão na frente do meu rosto. Eu devo estar com a boca aberta e olhos esbugalhados.

— Oi, Sarah. — Digo rindo de mim mesmo, tentando parecer um ser humano normal.

Ficamos quietos um diante do outro. Percebo que nunca segurei a sua mão, não que eu tivesse tido a oportunidade antes. Mas eu toco timidamente a sua mão e a puxo para um abraço, beijando levemente o seu rosto. Amigos se abraçam e se beijam quando se encontram, embora nós dois saibamos que não somos realmente amigos. Tê-la em meus braços confirma isso. Eu não quero soltá-la mais e é ela quem toma a iniciativa de se afastar primeiro. Mas continua muito próxima de mim, sorrindo, fazendo com que eu me perca tão facilmente em seus olhos. Parece que eu esperei por essa noite por uma

eternidade, por esse momento durante toda a minha vida... eu farei dele, algo realmente inesquecível.



Todos nós já ouvimos aquela voz interior nos dizer para não fazer determinada coisa, não seguir por *aquele* ou *esse* caminho. A minha voz interior é bem sensata, na verdade, ela é muito mais madura do que eu e na maior parte do tempo escutá-la me livra de muitos problemas. E de muita diversão também, isso é o que a Sam costuma me dizer com bastante frequência.

Na última semana eu calei totalmente a minha voz interior, eu a deixei adormecida dentro de mim, e desde então, tenho agido apenas por impulso... isso é bom, embora eu esteja esperando que a qualquer momento algo de errado aconteça.

Tem que existir algo de errado com um cara super legal, inteligente, bonito e muito engraçado, que se mostra tão interessado em você, a ponto de fazer todas as coisas que o Adam fez até agora. E tem que existir algo de muito errado comigo também, por ter simplesmente gostado de tudo. Eu estou viciada em falar com ele todos os dias, em compartilharmos as coisas mais bobas do nosso cotidiano. Em trocarmos pequenos pedaços de nós mesmos, como se fossem as coisas mais incríveis do mundo. E às vezes são, porque o meu trabalho pode ser muito divertido e o Adam é um pouco louco.

Ele é um bom amigo; provavelmente o melhor que eu já tive e mesmo que às vezes a sua intensidade me faça dar um passo para trás, eu me sinto confortável ao seu lado... Ok, não ao seu lado exatamente, já que estivemos a maior parte do tempo cada um em sua casa, mas mesmo à distância; eu sinto que posso ser eu mesma com ele.

Sete dias não pode ser considerado uma grande quantidade de tempo, eu sei desse detalhe, a minha parte sensata sabe mais ainda. Eu disse a mim mesma que não deveria sentir todas as sensações que senti, apenas por encontrá-lo por alguns minutos e trocarmos alguns olhares; mas eu senti. Definitivamente senti muito mais do que deveria. Ele me fez esquecer todo o drama que a volta do Nick e da futura senhora Campbell trouxe à minha existência. Eu não me torturei uma única vez sequer, pensando no nosso terrível e absolutamente inadiável encontro. Todos os meus minutos livres foram gastos em um determinado tio, de uma das minhas alunas mais lindas.

Sobre essa pequena particularidade da nossa amizade, eu ainda não sei se isso pode me prejudicar de alguma forma. Mas estou quase certa de que não existe nenhuma política de não confraternização entre professoras substitutas e tios adoráveis. Na sexta-feira, Adam me convidou para sair outra vez. Confesso que eu esperei esse convite antes, em qualquer outro dia da semana e já estava convencida de que ele havia desistido desse encontro. Eu pensei muito sobre isso e imaginei que esse convite seria a chance que eu precisava, a desculpa que eu queria para fugir da festa do meu tio. Entretanto, eu fiz a grande besteira de contar a Sam sobre Adam e nem preciso dizer que foi dela a brilhante ideia de convidá-lo para a festa. Algo que eu não precisei fazer, já que ele se auto convidou. Eu não estou cem por cento convicta de que essa foi a melhor ideia que eu tive. Embora não possa deixar de admitir que por alguns minutos, imaginar a cara do Nick ao nos ver juntos me deu uma certa sensação de vitória. Porém, foi tão efêmero quanto um pôr de sol, pois eu jamais usaria o Adam dessa forma.

Eu sei melhor do que ninguém, qual a sensação de se sentir usada por alguém, e é horrível. Estou encarando a noite de hoje como a possibilidade de passar um tempo divertido com um amigo, com a chance de nos conhecermos melhor e estou torcendo com todas as forças para que Nick tenha uma grande dor de barriga e não esteja na festa. Hoje pela primeira vez em muito tempo, eu não acordei e fiquei olhando para o teto do meu quarto, deixando a melancolia tomar conta de mim... acordei e me lembrei que hoje será o dia em que encontrarei Adam pessoalmente e isso me fez sorrir, me fez sorrir muito.

Mas é apenas a ansiedade normal de uma amiga, que vai rever um amigo querido. E não foi nada demais também, eu ter passado horas escolhendo uma roupa ou me maquiando. Não existe absolutamente nada de anormal nisso, as mulheres de uma forma geral, passam muito tempo se arrumando, especialmente em um sábado à noite. Não tem particularmente nada a ver com o fato de que eu quero parecer bonita para ele, porque eu não quero... *não, não... de jeito algum.*

São oito horas quando Adam estaciona em frente à minha casa. Eu sei disso porque a minha rua é muito tranquila e o barulho do seu carro seria perceptivo para qualquer um, e não por estar esperando ao lado da janela. Não posso vê-lo através do vidro escuro do carro, mas parece que ele está hesitante em sair. *Será que ele mudou de ideia?*

Eu não quero que ele tenha mudado e enquanto espero; aperto o tecido da cortina entre os dedos, desejando que ele saia logo e acabe com a minha tortura. Isso demora muito mais do que eu poderia aguentar, dez minutos talvez, mas ele finalmente sai e caminha até a minha porta. Antes que ele bata na porta, eu corro até meu quarto e calço os meus sapatos. Um par de scarpins vermelhos de doze centímetros; que me deixam linda e quase magra, mas que acabam com as minhas panturrilhas. Soa um pouco masoquista e realmente é, mas fazemos sacrifícios pela beleza. Ajeito o meu vestido tubinho preto e vermelho e passo as mãos pelo meu cabelo liso, graças aos quarenta minutos em que fiquei o escovando.

Na verdade, o meu cabelo é sem dúvida a parte mais temperamental de mim; mesmo se comparado ao meu peso, que muda constantemente, meu cabelo ganha com vantagem. Ele sempre está perfeito e alinhado, quando vou ficar em casa, mas é só eu colocar os pés fora, para que ele fique rebelde. Com a minha bolsa em mãos, eu espero na porta do meu quarto até que Adam bata na porta... puxa a vida, ele está definitivamente muito mais indeciso do que eu hoje. E onde foi parar toda aquela certeza que ele dizia ter?

Ele bate duas vezes e eu me apresso em atender antes que ele se vire e vá embora. É tão natural e sincero o sorriso que nasce em meus lábios cada vez que eu o vejo, mesmo que eu quisesse não me mostrar interessada, seria absolutamente impossível. Ele está muito bonito, com jeans escuros, uma camiseta branca simples e uma jaqueta preta, que combina perfeitamente com os seus olhos. Olhos esses, que estão muito fixos em mim, me deixando quase tímida, quase com vergonha.

Será que eu me arrumei demais?

Será que eu exagerei na maquiagem?

Devo estar um pouco diferente do que ele se lembrava e espero que esse diferencial seja algo bom.

— Oi, Adam. — Eu o cumprimento quebrando o silêncio entre nós, passando a mão na frente do seu rosto para chamar a sua atenção.

— Oi, Sarah. — Ele devolve sorrindo, balançando a cabeça em seguida.

Se eu fosse uma expert em relacionamentos, diria que o primeiro encontro é o mais estranho de todos. Ficamos na dúvida sobre o que dizer, sobre como agir. Não sei se eu deveria abraçá-lo como costumo fazer com meus irmãos e primos. Ou devo beijar o seu rosto, como faço com a Sam. Bom; ele é o meu amigo e não amiga, então um abraço será mais seguro sem dúvida.

Ele me surpreende, tocando levemente a minha mão direita. Seus dedos são suaves e quentes, sua palma encaixa perfeitamente na minha. A minha mão muito menor que a sua, é óbvio. Não é esquisito, não é desconfortável. É como tocar a mão do garoto que gostamos no colégio pela primeira vez, eu até poderia rir desse pensamento; mas Adam me surpreende mais ainda ao me puxar para um abraço apertado. Seus braços circulam o meu corpo, tocando o meu cabelo rapidamente, antes que eu me afaste. Posso jurar que o seu perfume ficou em meu vestido e que irei senti-lo em mim a noite toda.

— Podemos ir? — Ele me pergunta sorrindo, ainda segurando a minha mão.

— Podemos sim. — Eu digo soltando a sua mão — Deixe-me apenas pegar o meu celular e as chaves.

Eu corro pela sala a procura das minhas chaves. Não sei por que eu não as deixo simplesmente na porta, ou no porta-chaves que a minha mãe me deu. Eu encontro-as ao lado da TV, meu celular sobre a mesa da cozinha. Sorrio para o Adam ainda parado à minha porta, enquanto guardo o celular na minha pequena bolsa de mão e caminho até ele.

Ele se afasta e me dá espaço para fechar a porta sem que eu precise pedir. Adam caminha em linha reta até o seu carro, mas eu faço um pequeno desvio, indo em direção a minha garagem ao lado esquerdo da minha casa.

— Você quer dirigir? — Ele pergunta, quando me vê destrancar a porta da garagem.

— Não — respondo rindo, quando ele vem me ajudar — Vou pegar o presente do meu tio que ficou no meu porta-malas.

— Uau, o seu carro é legal — exclama com admiração, passando a mão por toda a lataria do meu Mustang. — Você vai me deixar dirigi-lo algum dia?

— Vejamos. — Eu inclino a cabeça, fingindo pensar. — Talvez, se você for bonzinho para mim.

— Eu serei, serei muito bom para você, Sarah. — Ele diz, ficando sério de repente.

— Você pode me ajudar com isso? — Peço, dirigindo os meus olhos para o imenso quadro em meu porta-malas. — Será que caberá no seu carro?

— Claro — Adam puxa o quadro sozinho e o leva até onde o seu carro está estacionado. — Posso perguntar o que é isso?

Eu deslizo o papel de seda que cobre o carro, para o lado; revelando o lindo quadro Vintage de um Maserati anos setenta. A imagem é muito vívida, quase real o bastante para parecer que o carro vai sair do quadro a qualquer momento.

— O meu tio ama carros antigos, na verdade todos os homens da minha família o fazem — conto, colocando o papel em seu lugar outra vez. — Minha família possui uma oficina de restauração, especializadas apenas em carros vintagens.

— Verdade? — Ele pergunta, colocando gentilmente o quadro em seu carro. — Isso parece muito legal.

— É bem legal. — Eu digo com orgulho. — Eu ganhei o meu Mustang do meu irmão, quando fiz dezoito *anos* e ele passou uns sete meses o

restaurando. Ele é muito bom no que faz.

— Como aqueles programas de TV? — Ele caminha até a porta do passageiro enquanto fala e abre a porta para mim. — Eu sempre assisto, embora não seja tão aficionado por carros assim.

— Sim, como os programas de TV. — Eu confirmo, me acomodando no banco e esperando que ele faça o mesmo, para continuar a falar. — Assim como o futebol é uma religião para algumas pessoas; automóveis são sagrados para os Rodrigues e Martinez. Prepare-se para ouvir muito sobre esse assunto hoje.

— Eu mal posso esperar — ele sorri ao ligar o carro.

Passo o endereço do meu tio para ele e fico em silêncio, apenas o observando dirigir. Ele me olha algumas vezes ao longo do trajeto e sorri, mas não diz nada e eu não sei o que dizer. Acho melhor deixar as coisas fluírem de forma natural, já que sou péssima em flertar.

— Acho que seremos os últimos a chegar. — Eu falo, quando ele passa pela rua estreita, abarrotada de carros dos dois lados. — Talvez você consiga estacionar no final da rua.

Aponto enquanto falo, mostrando a ele a casa dos meus tios e a dos meus avôs paternos, que fica ao lado. De repente eu desejo ter pensado em chegar mais cedo, eu já posso imaginar no quanto a nossa entrada será triunfal e chamará a atenção de todos. O pensamento me causa um calafrio e um nó no estômago, já que eu gosto de passar despercebida a maior parte do tempo.

Adam finalmente encontra um lugar para estacionar, um pouco mais longe do que eu imaginei, mas terá que servir por agora. Ele sai, correndo para abrir a porta para mim e eu me seguro para não sair sozinha, antes que ele faça isso. Fecho a porta com cautela e espero ele acionar o alarme, antes de caminharmos juntos.

Ele me surpreende segurando a minha mão e eu fatalmente o surpreendo, quando não o repudio e aperto a sua mão entre a minha. Trocamos um sorriso e damos alguns passos somente, quando eu me lembro

do presente de aniversários. Rimos juntos da minha cabeça de vento, voltamos para buscá-lo e Adam gentilmente o leva para mim. As duas mãos ocupadas, o impossibilitando de segurar a minha mão agora... *por que eu escolhi um presente tão grande?*

— Esse bairro é legal. — Ele diz, enquanto andamos por entre os carros estacionados no meu fio. — E quantos carros incríveis. Sinto-me em uma feira de automóveis.

— Eu te disse. — Dou risada, parando ao lado do carro do meu irmão e fazendo uma pose engraçada sobre ele. — Esse é o Impala do meu irmão, o amor da sua vida. Ele nunca me deixou dirigi-lo, mas eu o fiz uma vez, enquanto ele desmaiou bêbado no sofá da sala.

— Você contou a ele? — Adam pergunta, colocando o quadro no chão e se apoiando nele; enquanto espera a minha resposta.

— Não contei, ele teria me batido.

— Ele teria? — Ele pergunta um pouco em choque.

— Não teria, estou brincando. — Digo tocando o seu braço, antes que ele pense que os homens da minha família são violentos. — Isso iria ferir o seu orgulho e eu achei melhor guardar esse segredo.

— Alguém mais sabe sobre isso?

— Ninguém, nem mesmo a Sam, porque ela tem a língua grande demais.

— Então será o nosso segredo a partir de agora. — Ele diz, piscando para mim.

— Será — confirmo, piscando também.

Não sei por que, mas eu tenho vontade de ficar olhando para ele a noite toda, poderíamos apenas ficar aqui fora conversando sob a luz da lua. Já que agora eu me sinto um pouco covarde, ouvindo a música e as vozes que vem de dentro.

Será que o Nick está aqui? Será que ele realmente veio e trouxe a noiva a tiracolo? Eu poderia ter perguntado a Sam sobre isso, mas tentando fugir de todas as perguntas que ela me faria em seguida; achei melhor não o fazer. Olho rapidamente para todos os carros ao redor, como se eu pudesse detectar o carro de Nick entre eles. Eu nem sei que tipo de carro ele tem agora.

Adam estala os dedos, me tirando do torpor que eu me afundei nos últimos segundos.

— Eu viajei um pouco agora. — Me desculpo, rindo de forma nervosa, começando a andar com Adam atrás de mim.

Eu não dou dois passos sequer antes de bater em alguém. Geralmente eu não sou desastrada, mas eu não estava prestando atenção e acabo me desequilibrando em meus saltos, para completar.

Eu teria caído se a pessoa em quem eu bati, não tivesse me segurado. Passo os meus olhos pela camisa preta de linho, colocando as mãos sobre o peito masculino, com a intenção de me afastar para agradecer. Por alguns segundos, eu tenho a sensação de que possa ser o meu irmão ou um dos meus primos, mas quando levanto os meus olhos da camisa e os dirijo em direção ao rosto da pessoa; tenho um choque. *É o Nick...* é lógico que seria ele, já que o destino gosta de criar essas situações o tempo todo.

O meu destino principalmente, porque ele é muito masoquista.

Eu me afasto em um impulso, chocada e surpresa, batendo as costas no peito de Adam agora. A sua mão livre, vem automaticamente ao redor da minha cintura e eu a cubro com a minha mão, quase sem perceber.

— Oi. — Eu digo quase em um sussurro, olhando para aqueles olhos castanhos que eu tanto amei.

— Oi Sarah. — Ele devolve com um meio sorriso, seus olhos indo de mim para o Adam e depois para as nossas mãos juntas, em uma velocidade quase assustadora. — Há quanto tempo.

Ele diz isso de forma tão casual, como se fôssemos dois conhecidos que não se viram mais por culpa da rotina e da vida. Mas somos ex-namorados, cujo término aconteceu através de um e-mail informal e muito frio. Eu sei que nada disso importa agora e definitivamente não quero parecer rancorosa ou magoada diante dele.

— Sim, muito tempo — digo por fim, sorrindo da forma mais normal que posso. — Tudo bem?

— Ótimo, estou muito bem.

Ele parece muito bem, como sempre, não posso dizer que esses quase dois anos trouxeram grandes mudanças a sua boa aparência. Talvez o cabelo castanho liso esteja um pouco mais comprido do que ele costumava usar e acho que ele está um pouco mais forte também. Nada de barriga flácida de cerveja ou sobrepeso de pizza. Ele é um idiota, mas um idiota bonito; eu não posso negar.

— Você está... — ele me olha de cima a baixo, certamente procurando a melhor definição, antes de completar com um enorme sorriso. — Linda, muito linda.

Ah, essas covinhas; eu as amava tanto. Gostava de fazê-lo rir, apenas para ver as suas covinhas.

— Obrigada. — Digo, apertando um pouco mais a mão do Adam.

— Não vai me apresentar o seu amigo? — Nick me pergunta, com evidente curiosidade no olhar.

— Claro, esse é o Adam. — E me virando sorridente para o Adam, eu completo: — Adam, esse é o Nicholas.

Ele odeia que o chamem assim, por isso fiz questão de fazê-lo.

Adam estende a mão primeiro, mas sem soltar a minha cintura. Nick a aperta rapidamente, se afastando em seguida para voltar a me olhar.

— Vocês estão juntos? — Ele pergunta, me deixando sem resposta.

— Estamos. — Adam responde por mim. Eu olho para ele, com as sobrancelhas levantadas e mordo os lábios para não sorrir.

— Eu vou me casar, você já deve saber. — Nick diz, ficando sério diante da minha interação com o Adam.

Ele disse isso como se esperasse que a informação me magoasse, e estranhamente, parece que ele sentiria alguma satisfação se isso acontecesse.

— A Sam me comentou por alto. — Eu conto, dando de ombros. Com vontade de mostrar a língua para provar que eu não me importo. — Parabéns!

— Obrigado. — Ele agradece, passando a mão pelo cabelo. — Foi bom te ver, Sarah.

— Você também, Nicholas. — Eu enfatizo o seu nome e não me viro, quando ele passa por nós.

Espero que ele esteja indo embora. O nosso encontro foi melhor do que eu esperava e devo grande parte disso à companhia de Adam. Mas eu irei apreciar muito mais a noite, se ele não estiver aqui.

— Eu penso sempre nela, Sarah. — Ele me fala, depois de ter dado apenas alguns passos.

Eu me viro, olhando para a sua tatuagem de borboleta colorida, brilhando no seu antebraço esquerdo. Eu tenho uma igual, um pouco menor, na lateral do meu umbigo.

— Eu também — sussurro, acenando em entendimento.

Ele some rapidamente na escuridão, me fazendo pensar que de uma forma muito estranha; esse foi o nosso fim. Eu me sinto estranha, nem triste, nem alegre... só diferente.

— Quem é ele? — Adam me pergunta, me girando de encontro ao seu rosto.

— Meu ex-namorado. — Eu digo com sinceridade. — Fazia um tempo que não nos víamos.

— Foi um pouco estranho, vocês dois... — ele faz uma careta, me fazendo sorrir levemente. — Quer dizer, você ainda sente alguma coisa por ele?

— Não. — Digo de forma enfática, com medo que ele pense que estou mentindo — Nós temos uma história, um passado com alguma dor e foi estranho encontrá-lo; mas é só isso o que ele é: o meu passado.

— Isso é bom, desde que você não viva no seu passado. — Ele diz, afastando o cabelo que caiu na minha testa.

— Eu vivi por muito tempo. — Admito com um suspiro. — Mas não existe mais nada para mim lá e o presente pela primeira vez, me parece muito mais convidativo.

Ele sorri tão lindamente, estamos tão próximos, os seus braços não me

abandonaram nenhuma vez e ser tocada por ele é algo que me agrada. Tanto que eu tenho vontade de colocar os braços ao redor do seu pescoço e beijá-lo. Ele provavelmente teve o mesmo pensamento, pois olha para a minha boca e aproxima o rosto do meu. Eu suspiro, sentindo meu coração se acelerar, mas de uma forma muito boa. A antecipação de um beijo, que há muito eu não sentia, que há muito eu não desejava.

Eu fecho os olhos, esperando os seus lábios tocarem os meus, mas tudo o que acontece é a queda do quadro do meu tio. O maior e mais assustador barulho de todos quando se está à espera de um beijo, com os olhos fechados.

Eu abro os olhos não contendo uma risada, Adam logo se junta a mim e rimos por alguns minutos, as nossas risadas se misturando ao som da música que vem de dentro da casa.

— Será que quebrou? — Eu pergunto, me afastando relutantemente para me ajoelhar diante do quadro.

— Acho que não. — Adam diz, ficando na mesma posição que eu e retirando o papel de seda em busca de algum dano. — Não, está perfeito.

Ficamos em pé outra vez e ele me puxa de encontro ao seu peito, me abraçando com ternura. Eu exalo o seu perfume, fechando os olhos enquanto ele beija o meu cabelo.

— Melhor nós entrarmos, antes que alguém venha ver o que foi esse barulho horrível. — Eu digo me afastando, mas segurando a sua mão.

— Sim, é melhor mesmo. — Ele concorda, tentando equilibrar o imenso quadro em um braço só.

Dou risada, soltando a sua mão para que ele possa segurá-lo da forma certa. Eu definitivamente preciso escolher presentes mais discretos a partir de hoje. Faço um gesto para Adam passar na minha frente, apontando a entrada da casa.

Eu ainda estou sorrindo, quando me viro uma última vez para a rua e vejo o Nick encostando em um dos carros na calçada em frente. A luz da rua é

fraca, mas eu posso vê-lo perfeitamente. Levanto a mão em um gesto de despedida, porém não espero o bastante para saber se ele retribui. Eu corro atrás do Adam, sentindo que finalmente me libertei do meu passado... eu estou pronta; finalmente eu estou pronta para seguir um novo caminho.



Eu estou com ciúmes do ex-namorado bonito. Mesmo que a Sarah tenha me dito, e mais do que isso, eu tenha visto em seus olhos que ela não sente mais nada por ele; ainda assim eu senti uma pontada de ciúmes. Isso me lembra que muitas vezes em minha vida, eu fui o ex-namorado bonito de alguém. Esse fato ficou no passado, é claro, a partir de agora eu não serei nenhum tipo de ex.

Apenas o personagem principal, a figura permanente, aquele que nunca irá embora. Da vida da Sarah, é óbvio. Estou muito próximo agora, eu posso sentir essa energia que flui entre nós dois. Tão natural. Tão espontânea. Mesmo quando eu não sabia o que dizer, quando todas as palavras e assuntos possíveis fugiam da minha mente, ainda assim eu me senti confortável.

E isso é algo realmente bom; saber que eu posso ser o Adam genuíno, sem jogos ou máscaras. Não preciso fingir para agradar e sinto que a Sarah faz o mesmo e tem sido cem por cento verdadeira em minha companhia. Não preciso esperar nenhuma surpresa no futuro, pois sei que tudo o que estamos compartilhando é verdadeiro.

A família dela é imensa, e louca, completamente louca. Como toda família feliz é. Eu sei por experiência própria. Ninguém genuinamente feliz pode ser normal. Um pouco de loucura faz bem para todos.

A sensação que tenho é que a minha professorinha é a pessoa mais comedida e centrada entre tantos parentes. Confesso que eu não gravei o nome de todos, me perdi depois de quinto tio e da terceira ameaça de morte. Sim, a Sarah estava certa sobre o ciúme ser tão marcante na parte masculina da família. Mas eu desconfio que exista algo, além do ciúme natural que qualquer um teria com alguém tão linda e especial como a Sarah. Algo a ver com o ex namorado bonito, talvez. Todos estão protetores ao seu redor, isso

não me passou despercebido.

— Aquele é o meu pai. — Sarah me diz com um sorriso imenso, segurando a minha mão ao me puxar para um lugar mais afastado do quintal.

O pai de Sarah — cujo nome ela já me disse há alguns minutos, mas eu esqueci — é uma versão masculina dela, ou seja; ambos são muito parecidos. Eu posso perceber as semelhanças nos traços e principalmente nos olhos. Ela já havia me dito, em uma das nossas sessões de telefonema, que se parecia fisicamente com o pai, mas tinha o temperamento da mãe... eu agradeço por isso, já que seu pai parece querer arrancar a minha cabeça, quando fixa os olhos em nossas mãos juntos. À medida que nos aproximamos dele, eu me preparo psicologicamente para mais uma ameaça de morte.

— Oi pai. — Ela o cumprimenta com um beijo e um rápido abraço, mas sem soltar a minha mão; isso é bom, *isso é muito bom*. — E esse é o meu amigo, Adam, pai.

Eu definitivamente não gosto da palavra amigo, mas vou aceitar, por enquanto. Nós não somos amigos e seu pai sabe disso também. Ele é tão alto quanto eu e me olha de forma quase perturbadora por longos segundos. Seus olhos castanhos-esverdeados estão fixos em meu rosto. Isso me incomoda, mas eu não desvio o olhar. Pelo contrário, eu deixo a minha mente viajar ao imaginar o Drew fazendo o mesmo, quando a Chloe crescer.

Meu sogro parece muito experiente na arte de intimidar namorados. Algo me diz que esse olhar já afastou muitos garotos e homens crescidos, mas não eu. A única coisa que me afastaria de Sarah, seria ela dizer que não me quer por perto... Isso me parece muito longe de acontecer, graças a Deus.

— Prazer em conhecê-lo, senhor. — Eu opto pela formalidade, já que ninguém me disse o seu nome e ele certamente tem idade para ser meu pai ou um tio mais velho.

Ele olha para a minha mão direita estendida e para a esquerda que ainda está entrelaçada com a da Sarah — porque se ela não quis soltar a minha mão, eu definitivamente não o farei também. Eu não me lembro de já ter

conhecido o pai de alguma das minhas namoradas. Geralmente o relacionamento terminava antes que chegássemos a essa parte. É estranho, especialmente quando ele se esforça tanto para me assustar.

— Pai. — Sarah chama a sua atenção, meneando com a cabeça em direção a minha mão estendida. — Quanta grosseria, o que o Adam vai pensar da gente?

Apenas que se eu te magoar, ou te fizer chorar de alguma forma; terei que me mudar de cidade, talvez de país.

— Desculpe. — Ele sorri para a filha, antes de apertar a minha mão. O som dos meus ossos estalando, me faz querer rir, embora doa um pouco. — Sou o Raphael, pai dessa lindeza aqui.

É provável que ele só tenha dito isso, para usar a oportunidade de puxar Sarah de mim. Ele a abraça, beijando a sua cabeça, como se ela ainda fosse uma garotinha de cinco anos, mas eu acho que é assim que os pais se sentem sobre as suas filhas, não importa quantos anos elas tenham. Eu mal posso esperar para ter uma filha e agir exatamente assim com ela.

— Acho que a sua mãe está te chamando. — Ele diz, apertando um pouco mais a filha. — Melhor você ir ver o que ela quer.

— Ela não está pai. — Sarah replica, rindo. — Essa desculpa não cola mais, mas eu posso ir pegar uma bebida para o Adam.

Eu não posso deixar de rir, ao mesmo tempo em que fico com um pouco de medo do que ele possa me dizer a sós. Será que ele irá me perguntar quais são as minhas intenções com a sua filha? A frase clássica do pai possessivo, preocupado com a reputação da sua filha querida. Eu estou doido para responder essa pergunta e talvez até consiga trazê-lo para o meu lado; porque as minhas intenções são realmente boas, as melhores.

— O que você quer beber, Adam? — Sarah me pergunta, enquanto se

desvencilha de forma engraçada, do abraço do pai.

— O mesmo que você, qualquer coisa está bem para mim. — Respondo, apertando levemente a sua mão.

— Você está dirigindo? — Raphael me surpreende com a pergunta.

— Sim, estou. — Digo de forma calma, sabendo exatamente quais serão as suas próximas palavras.

— Então não traga nada alcoólico, Sarah. — Ele murmura, se dirigindo à filha outra vez.

— Eu posso dirigir, pai. Deixe o Adam beber, se quiser.

— Eu não quero. Um suco ou um refrigerante, tanto faz; está perfeito para mim. — Me apresso em dizer, enquanto sorrio para ela.

— Tudo bem, eu volto logo. — Sarah fala, sorrindo para mim, antes de se virar para o pai outra vez. — Seja educado, por favor.

— Eu sempre sou. — ele responde, com um meio sorriso, vendo a filha andar para longe e então volta a olhar para mim.

Eu não sou nada inibido. Diria que uma das minhas maiores habilidades seja fazer amizade com uma grande facilidade. Seja na escola, faculdade, trabalho, vizinhança, até mesmo na sala de espera do dentista ou no aeroporto. Eu adoro conhecer pessoas, porém, agora eu não sei exatamente o que dizer e como corro o risco de estragar absolutamente tudo com a minha tagarelice, resolvo ficar quieto e espero que o meu sogro tome a iniciativa de iniciar uma conversa.

— Adam, não é? — Ele me pergunta finalmente. O que é totalmente

desnecessário, já que a Sarah disse o meu nome ao menos três vezes.

— Sim, senhor. — Respondo balançando a cabeça.

— Quantos anos você tem, Adam?

— Quase trinta e dois.

— Trinta e um, então. — Ele me corrige, passando a mão pelos cabelos pretos. Alguns fios brancos se sobressaem com o seu gesto, é provável que ele os tenha adquirido ao se preocupar com a filha.

— Sim, pelos próximos quatro meses ao menos. — Emendo, colocando as mãos no bolso e olhando brevemente o movimento ao nosso redor.

Estamos no imenso quintal da casa do tio de Sarah. O aniversariante, aquele para quem ela trouxe o bendito quadro gigantesco, que me impediu de beijá-la mais cedo. Ele amou o quadro ao menos, assim como a maioria da sua família

— É uma boa idade, posso esperar que você não se comporte como um garoto imaturo e magoe a minha filha? — Ele demanda com muita seriedade, sem desviar os olhos do meu rosto.

— Não se preocupe com isso. — Afirmo com a mesma seriedade. — Eu gosto muito da Sarah e a última coisa que quero é magoá-la.

— Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Não estamos realmente juntos, mas eu quero muito. — Digo com sinceridade. *Deus sabe o quanto eu realmente quero.* — Nos conhecemos há pouco tempo, porém foi amor à primeira vista da minha parte.

— Eu não acredito nessas bobagens. — Ele balbucia, balançando a cabeça, sem disfarçar um pequeno sorriso. — Mas vou confiar nas escolhas da minha filha.

— Obrigado. — Eu digo simplesmente, buscando a Sarah em meio às pessoas espalhadas pelo quintal.

— Só não se esqueça que eu tenho uma arma e sei como usá-la muito bem. — Ele acrescenta em tom divertido, embora pareça totalmente verdade.

— Meu irmão é policial e me ameaça o tempo todo. — Desdenho, rindo. — Mas as suas palavras estão registradas, senhor.

— Meu filho Estevan também tem uma arma. — Ele conta, apontando para o cara forte, alto e moreno, com o cabelo preto espetado com gel; vindo em nossa direção. — Nós saberemos onde te encontrar, Adam.

— Tudo bem. — Concordo, o achando cada vez mais engraçado.

Ao que tudo indica o ex-namorado bonitão da Sarah, a magoou de alguma forma e estava totalmente intacto quando o encontramos. Por que ninguém quebrou a sua cara?

— Aproveite a festa, Adam. — Raphael se despede, batendo em meu ombro, no instante em que seu filho chega até nós. — Sinta-se em casa.

— Obrigado, foi um prazer.

— Para mim também.

Ele aperta a mão do filho, como se ambos estivessem trocando de turno no trabalho. *Qual trabalho?* O de me torturar e intimidar.

— Adam. — Estevan me cumprimenta, levantando a sua cerveja em uma saudação.

Eu já o conheci mais cedo e ele parece um cara legal. Protetor e carinhoso com a irmã, mas todos os irmãos são assim. Eu mesmo, não admitiria que nenhuma pessoa fizesse mal ao Drew e se nós dois tivéssemos tido uma irmã, certamente seríamos os mais ciumentos do mundo.

— Estevan. — Eu devolvo com um menear de cabeça.

— Está gostando da festa? — Ele me questiona, colocando a mão livre no bolso.

— Muito, acabei de ser ameaçado pelo seu pai... foi muito divertido.

— Eu não tenho uma arma, essa parte foi mentira. — Ele confessa rindo. — Mas tenho um taco de baseball e sempre posso te atropelar com o meu carro, mesmo que eu não goste da ideia de estragar o meu filho.

— Vocês são loucos, mas eu aprecio o cuidado que têm com ela. — Confesso, olhando para ele. — Acredite quando eu digo que Sarah está segura comigo.

— Eu já ouvi isso antes, do meu melhor amigo, para ser sincero. — Ele fala, fazendo uma careta em seguida. — E o pior é que ele nem estava aqui para que eu o atropelasse quando a magoou.

— Nós cruzamos com ele na entrada.

— Verdade? — Ele demanda, parecendo surpreso. — E como a Sarah reagiu?

— Bem, eu acho. Eles conversaram rapidamente, antes que ele fosse embora.

— Eu o mandei embora, não queria que Sarah o encontrasse.

— O que aconteceu com eles, afinal? — Eu questiono não querendo deixar a oportunidade passar; embora duvide que ele me responda.

— Essa história é da Sarah e não minha. Em algum momento ela irá lhe contar tudo. — Ele responde, dizendo exatamente o que eu imaginava.

— Eu entendo. — Afirmo, porque mesmo que eu esteja me matando de curiosidade; posso esperar até que Sarah esteja pronta para me dizer. — De qualquer forma, se quiser quebrar a cara do ex-namorado, eu posso ajudar.

— Algo me diz que ver a Sarah feliz, com um cara legal como você... foi um soco direto no estômago para ele. — Estevan diz, levantando novamente a cerveja e se afastando lentamente de mim. — Ele deve ter finalmente percebido a burrada que fez e arriscaria dizer que está chorando nesse momento.

Dou risada, desejando que isso não seja verdade. Eu espero que o ex-namorado bonitão, seja burro o bastante para não perceber o que perdeu. Tudo o que eu quero é que ele esteja o mais longe possível da Sarah.

— Não se esqueça do taco de baseball. — Ele grita, quando está longe, apontando para os próprios olhos e depois para mim.

— Não esquecerei. — Grito de volta, olhando para a Sam, que vem em minha direção também. Qual será a ameaça dela? *Faca ou espada.*

Eu a conheci mais cedo também e ela é muito, muito legal. Eu arriscaria dizer que ela é uma versão feminina de mim mesmo. Nós nos identificamos de imediato.

Sam é uma versão latina da Barbie, alta e magra. Com um longo cabelo castanho e grandes olhos amendoados. Ela é muito bonita e a sua simpatia, a deixa iluminada e encantadora. Não tanto quanto a Sarah, é claro. Todas as mulheres do mundo se tornaram minhas irmãs desde que coloquei os olhos na minha professorinha linda.

— A Sarah me pediu para te entregar isso. — Ela diz sorrindo, me entregando uma taça grande, com um conteúdo amarelo

.

— O que é isso? — Eu pergunto desconfiado.

— Margarita de manga.

— Tem álcool aqui?

— Um pouco de tequila. — Ela fala, quando eu provo a bebida. — Mas é quase imperceptível, não tome mais do que três taças e você ficará bem.

— Eu gostei. — Afirmo, sorrindo para ela. — Onde a Sarah está?

— Ela pediu para você encontrá-la nos fundos da casa. — Sam fala, enquanto indica a direção. — Tem um balanço lá e ninguém para ameaçá-lo de morte.

— Isso é um alívio. — Sussurro, bebendo um pouco mais do meu drink. — Nenhuma ameaça da sua parte, Sam?

— Ah, o mesmo de sempre. — Ela murmura com casualidade, olhando para as unhas compridas. — Posso arrancar os seus olhos e alimentar os meus gatos com eles..., mas algo me diz que não será necessário. Faz tempo que a Sarah não se envolve com alguém e se ela te deu uma chance, você definitivamente é especial.

— Eu gostei de você, — Confesso, me afastando dela. — Não irei desperdiçar a sua confiança.

Ouçó a sua risada em minhas costas, enquanto eu caminho na direção indicada por ela. O terreno é grande e a casa em estilo colonial também, algo que me surpreendeu. Eu nunca havia estado em um bairro assim, um pouco mais afastado do centro de Atlanta e dos lugares que costumo frequentar; com uma cultura mexicana muito latente. Fica evidente o quanto eles são orgulhos da sua origem. Embora Sarah tenha me dito que apenas os seus avós são imigrantes, tanto os seus pais, quanto os seus tios; nasceram em diversos estados americanos.

Enquanto dou a volta na casa, em busca do balanço e da Sarah, percebo que a música alta vai ficando para trás, até se tornar um tímido sussurro. Eu avisto Sarah sentada no balanço de madeira, preso a uma grande árvore antiga. Eu não poderia identificar a árvore, já que botânica definitivamente não é a minha praia.

Mas a árvore é linda, a minha linda mulher sentada sob ela, a deixa mais bonita ainda. Eu caminho com cautela, não querendo que os meus passos sob o gramado, denunciem a minha aproximação. O espaço aberto aqui é muito bom, um grande gramado que eu tenho certeza de que a Sarah e seus primos aproveitaram muito quando criança.

— Achei que tivesse se perdido. — Sarah me diz, quando eu paro atrás dela. — Ou tivesse fugido, depois de todas as ameaças.

— Você ainda não me conhece tão bem, mas eu jamais fugiria. — Recito, dando a volta no balanço para olhá-la. — Eu não fugiria nunca de você, Sarah.

— Isso é bom, porque eu acho que ficaria triste se você fugisse Adam. — Ela diz, sorrindo para mim.

O seu sorriso me desestabiliza, é como uma flecha direta para o meu coração; especialmente quando ela está sorrindo diretamente para mim. Quando talvez a minha presença seja o bastante para deixá-la feliz. Como eu poderia fugir, quando existe uma força tão grande, sentimentos tão intensos me levando até ela?

— O que é isso? — Eu pergunto, apontando para o prato em seu colo. Aproveito para me agachar em sua frente, colocando ambas as mãos ao lado do seu quadril, sobre a madeira; depois de ter deixado a minha taça na grama.

— Polvorón. É um biscoito amanteigado, mexicano. — Ela conta, pegando um dos pequenos biscoitos, do prato cheio — É o meu favorito e um dos únicos que eu nunca acerto a receita. Feche os olhos para provar.

— Por que fechar os olhos, se eu gosto tanto de olhar para você? — Eu pergunto, tocando o seu rosto.

— Porque eles são tão bons e derretem na língua, como um pedaço do céu. — Ela responde, colocando a sua mão sobre a minha. — E porque eu sempre os comi com os olhos fechados, não podemos quebrar a tradição.

— Tudo bem. — Eu fecho os olhos lentamente, voltando a colocar a mão no balanço. — Estou esperando.

Os seus dedos tocam a minha boca, antes que ela me dê o biscoito para provar. Eu ainda me aproveito da situação e beijo o seu dedo indicador antes que ela se afaste.

O biscoito é amanteigado e muito suave, com um leve toque de nozes, como alguns que minha mãe costuma fazer. E sim, eles derretem na boca com facilidade, principalmente por causa do açúcar fino que o cobre. É muito bom, mas melhor seria que ela tivesse me beijado enquanto os meus olhos estavam fechados.

— O que você achou? — Indaga, fechando os olhos e comendo um também; assim que eu abro os meus próprios olhos.

— Muito bom, gostei muito.

— É incrível, eu amo doces. É a minha fraqueza, sem dúvidas. — Ela ri de si mesma, voltando a olhar para mim.

— Isso explica a sua doçura, Sarah. — Eu digo, soando absolutamente brega, mas outras palavras nunca foram tão verdadeiras quanto essas.

— Isso explica o fato de que eu nunca serei magra. — Ela diz rindo, tirando uma mecha de cabelo da minha testa.

Eu amo o fato de que ela já me toca com naturalidade, como se fôssemos um casal há muito tempo. E eu amo muito, ser tocado por ela.

— Você é perfeita desse jeito, coma quantos doces você quiser.

— Obrigada. — Sarah me entrega o prato que está em seu colo, para que eu o coloque ao lado da minha taça. — Estou feliz que você esteja aqui comigo hoje, Adam.

— Estou feliz por estar aqui com você, Sarah. — Devolvo, encostando a minha testa na sua, a sua respiração quente tocando os meus lábios. — Tão feliz... você nunca saberá o quanto.

Assim que as palavras saem da minha boca, um suspiro deixa a sua. Eu não sei o que ela está pensando, mas por instinto e desejo infinito da minha parte; posso jurar que ela quer ser beijada e eu, eu quero beijá-la. Tanto... muito mais do que eu já quis qualquer coisa em minha vida.

Sem afastar a minha testa da sua, eu coloco ambas as mãos em seu rosto. Meus lábios tocam levemente os seus e apenas esse toque tão suave é o que basta para saber que mais nada em minha vida será como antes. É como ser enfeitiçado, o mundo deixa de existir. Seus lábios quentes em choque com os meus, a maciez de sua boca na minha, me levando para o céu. Ela estava errada sobre os biscoitos, eles não são pequenos pedaços de céu; seus beijos sim. Eu aperto um pouco mais o seu rosto, ela coloca as mãos na minha cintura. A sua boca se abre, um sopro de ar escapa dela, ao mesmo tempo em que eu não a deixo pensar, com medo de que ela mude de ideia, com medo de

que ela não queria tanto quanto eu. Nossas línguas se encontram, eu sinto a doçura do açúcar presente, se confundir com a doçura tão característica de Sarah. O beijo se torna mais rápido, provavelmente desesperado da minha parte. Eu tenho sonhado por tanto tempo com esse beijo, mas nada poderia se comparar com a realidade desse momento. O calor do seu corpo, a ternura do seu toque em meu cabelo, agora que suas mãos viajaram até ele. Eu faço o mesmo, deixando que uma das minhas mãos toque o seu cabelo sedoso, a outra continua em seu rosto, mantendo-a no lugar enquanto as nossas bocas se conhecem, se descobrem.

Se o primeiro beijo me deixa literalmente de joelhos, eu nem posso imaginar seguir a partir de agora, se eu não souber que ela está ao meu lado. Que ela sente essa mesma loucura, esse mesmo frio na barriga. Que ela quer ser beijada por mim para sempre, tanto quanto eu quero beijá-la.

Mordo levemente os seus lábios, dando-lhe um beijo rápido no lugar, antes de me afastar. Ela continua com os olhos fechados por um tempo. A sua respiração está ofegante, o seu peito sobe e desce rapidamente, enquanto ela tenta acalmá-la. Eu me sinto assim também.

Ainda com os seus olhos fechados, eu seguro a sua mão e a trago até o meu peito, para que ela sinta as batidas frenéticas do meu coração. Eu afasto o cabelo do seu rosto com gentileza, beijando o seu nariz em seguida. Então fico em pé e a puxo pela mão, fazendo com que ela saia do balanço. O movimento enfim a faz abrir os olhos. Eu toco a sua cintura, afastando a levemente e me sento, a colocando em meu colo. Os seus braços vêm automaticamente ao redor do meu pescoço, ela toma a iniciativa de tocar a sua testa na minha. Nesse momento as nossas respirações já estão mais calmas, o meu coração também. É como se ele soubesse que algo realmente maravilhoso acabou de acontecer e isso foi apenas o começo.

Sarah sorri para mim, eu sorrio para ela e a beijo outra vez.



Eu me sinto diferente... de uma forma que quem olhar para mim não poderá perceber à primeira vista. Porém, qualquer pessoa que olhar duas vezes em minha direção, verá o intenso brilho que os meus olhos possuem agora e que não possuíam antes.

Um beijo. Um beijo foi o bastante para bagunçar tudo dentro de mim. Para me deixar confusa e ao mesmo tempo encantada. Depois de ter trilhado um longo caminho, andando com um coração ferido no peito, posso dizer que não foi fácil chegar até aqui sem deixar de acreditar no amor. Sem deixar que a decepção e a dor que eu senti um dia, fizessem de mim uma pessoa descrente e amarga.

Não por culpa do amor e sim porque algumas pessoas realmente complicam tudo quando não sabem amar e a grande maioria delas, realmente não sabem.

Mas o Adam; ah, o Adam... O seu nome sai da minha boca, acompanhado de um suspiro cada vez que eu o repito. Ele derrubou alguns tijolinhos da barreira que tão cuidadosamente coloquei ao redor do meu coração. Ele foi o único que conseguiu chegar tão perto, o único que eu realmente permiti chegar tão perto.

Isso me assusta, é óbvio, me apavora completamente. Eu tenho medo de me machucar outra vez, medo de me ferir de forma incurável. Mas ao mesmo tempo eu quero descobrir aonde podemos chegar juntos. Metade de mim é medo e a outra metade é coragem. A metade corajosa está interessada nos beijos apaixonados que ele me deu. Ela definitivamente acha que por eles, valerá à pena arriscar o meu coração.

Nós voltamos para a festa, deixando o sossego do nosso balanço para

trás e eu sabia que jamais olharia para aquela árvore da mesma forma. Eu poderia ter a lembrança de algum beijo da minha adolescência naquele mesmo lugar; mas nem preciso dizer que graças ao ciúme do meu pai, eu não cheguei nem perto de algo assim. A lembrança dessa noite incrível será a que eu guardarei para sempre em meu coração. Mesmo que no futuro nunca exista um Sarah e Adam; ainda assim existirá a doce lembrança do beijo dessa noite.

Uma noite que se tornou incrível, tão mágica e animada como há muito eu não vivia. Em algum momento a Sam começou a dançar feito uma doida ao som de Macarena e encorajada por muitas taças de marguerita; me arrastou junto com ela. Eu não fazia algo assim desde que tinha doze anos e precisei de uma dose bem forte de tequila para me dar coragem também. Mas ao ver a animação de todos ao nosso redor; eu não pude fugir dessa situação.

O mais engraçado é que o Adam parecia tão à vontade, nada assustado com as ameaças que eu sei que ele recebeu de todos os membros masculinos presentes — embora eu saiba e espero que ele também, que não foram ameaças reais. Essa atitude deles, principalmente a do meu pai, era como um teste, eles usavam todo o arsenal de ameaças físicas e esperavam que a pessoa saísse correndo de medo. Se isso não acontecesse, era porque a pessoa em questão tinha boas intenções.

Adam passou no teste com louvor e isso foi um passo imenso para conquistar o respeito dos homens da minha família. Algo meio maluco eu sei, mas já vi acontecer um milhão de vezes antes.

É óbvio que eu não me afastaria do Adam, se a minha família não gostasse dele. Eu sou uma garota crescida e posso fazer as minhas próprias escolhas sozinhas, mas quando se tem uma família tão grande e unida, é inevitável não dar ouvido ao que eles pensam. Além do mais, eu não posso viver sem essa parte de mim tão importante. Eu não poderia virar as costas para eles, nem pelo maior amor desse mundo.

Eu sei, já estou pensando no Adam como algo permanente, como se ele realmente tivesse chegado para ficar; depois de termos trocado apenas alguns beijos. Eu culpo o efeito rápido que a tequila tem em meu sangue, para estar me comportando assim, como uma adolescente boba. Por isso eu nunca bebo ou, só bebo quando estou sozinha.

— Eu estou apaixonada pelo Adam. — Sam me diz pela enésima vez na noite, quando estou me despedindo dela. — Ele é muito legal, não o deixe escapar.

— Nós estamos nos conhecendo — digo, escondendo o meu enorme sorriso em seu ombro, quando a abraço.

— Me prometa que não agirá feito uma boba e o deixará escapar.

— Não posso prometer algo assim. — Eu falo, revirando os meus olhos para ela. — Não é dessa forma que as coisas funcionam.

— Você gosta dele, apenas admita já que está estampando em seu rosto.

— Eu gosto — sussurro, olhando para o Adam que está a alguns metros de nós, encostado em seu carro. — Fale baixo, porque ele vai ouvir.

— Ele já sabe, não tem problema em ouvir o óbvio.

— Tchau, Sam — eu me afasto dela, depois de lhe dar um leve empurrão. A deixo sozinha, indo em direção ao Adam; mas sem deixar de rir.

Eu sei que agora que ela o conheceu, não terei mais um minuto de sossego. Já posso me preparar para ter a minha vida monitorada todos os dias a partir de hoje. Sam não me deixará em paz sem que eu conte a ela cada passo que eu der ao lado de Adam.

— Tchau, Adam. — Eu a ouço gritar para ele, assim que chego em seu carro. — Cuide bem da Sarah.

— Apenas a ignore. — Demando, colocando a mão na maçaneta da porta para abri-la. — Acho que ela está um pouco bêbada.

— Tchau, Sam. — ele grita de volta, antes de colocar a mão sobre a minha e me impedir de abrir a porta. — Eu cuidarei muito bem.

Essa última frase foi dita quando os seus olhos estavam totalmente fixos nos meus e, o toque quente e familiar de sua mão me deixa um pouco tonta. Ou será que eu também estou bêbada?

Ele abre a porta para mim e sem soltar a minha mão, me ajuda a entrar no carro. A noite está agradável, uma brisa quase fria, toca o meu cabelo e o balanço, através da porta ainda aberta. Mas mesmo assim, eu me sinto quente e quero que ele pare de me olhar dessa forma; ou me olhe assim apenas quando eu puder colocar a mão em seu rosto e beijá-lo.

Ele sorri para mim, de uma forma tão diferente, como se soubesse o que eu acabei de pensar e estivesse pensando a mesma coisa nesse instante. Eu me ajeito no banco, fixando o meu olhar no painel do carro, apenas para fugir da sua vista. Adam fecha a porta lentamente e se afasta do carro com a mesma lentidão. Ainda o ouço dizer alguma coisa para a Sam, antes que ele entre no carro também.

— Tudo bem? — ele me questiona, segurando a minha mão depois de puxá-la do meu colo.

— Sim — afirmo com um pequeno sorriso. — Tudo perfeito.

Ele beija levemente os meus lábios e então liga o carro, soltando com aparente relutância a minha mão. O trajeto até a minha casa é feito em silêncio, exatamente como foi quando viemos. Ainda não estamos na fase em que temos uma infinidade de assuntos a serem discutidos, mas apesar disso, é um silêncio bem-vindo. Não o tipo de silêncio em que você quer simplesmente desaparecer o mais rápido que puder.

Sempre que paramos em algum sinal vermelho, Adam segura a minha mão enquanto esperamos que a luz fique verde outra vez. Eu sempre sorrio em resposta ao gesto, demonstrando silenciosamente o quanto eu gosto do seu toque. Eu creio que a essa altura ele já saiba que o que quer que esteja acontecendo conosco, é algo que me agrada tanto quanto o agrada.

Chegamos rapidamente até a minha casa e eu espero pacientemente que ele abra a porta para mim. Já percebi que isso é algo que ele gosta de fazer, parece realmente importante para ele e eu gosto de finalmente ter conhecido um homem tão gentil assim.

Eu aceito a sua mão e deixo que ele caminhe comigo até a minha porta. Ambos rimos, quando eu tropeço em uma pedra solta do pavimento de

cimento. Eu sei que parece que estou um pouco desequilibrada por causa da bebida que ingeri essa noite, mas a verdade é que fiquei tempo demais com esses sapatos. Eles são lindos, mas não foram feitos para serem usados por tanto tempo.

— Tudo certo? — Ele pergunta, colocando ambas as mãos em minha cintura.

— Sim, foi culpa do meu sapato — explico, sem conter um sorriso. — Não pense que estou bêbada como a Sam.

— Eu não pensei. — Ele fala rapidamente. — Mas apenas como garantia... quantos Adams você está vendo agora?

— Um — afirmo, ainda sorrindo. E com uma imensa coragem; toco o seu rosto com gentileza. — Eu vejo apenas um Adam.

Ele sorri, encostando a testa na minha; algo que mesmo com os meus saltos imensos, ele precisa abaixar a cabeça para fazer.

A noite está tão silenciosa, proveniente da madrugada que se inicia, então é facilmente perceptível a nossa respiração em meio ao silêncio. Ou será que eu estou realmente respirando com tanta rapidez? Como se tivesse acabado de voltar de uma grande corrida.

Estamos vivendo a clássica cena de fim de encontro. Homem e mulher, parados em frente à porta, pensando se será uma boa ideia encerrar a noite com um beijo. Com a exceção de que já nos beijamos algumas vezes hoje. Esse detalhe faz a possibilidade de um novo beijo parecer mais atraente ainda, combinada ao fato de que eu gostei muito de ser beijada; torna quase impossível que nossos lábios não se encontrem. Como imãs, puxados na mesma direção. Destinados a se tocarem.

A sua mão vem automaticamente ao meu rosto, assim como os meus braços contornam o seu pescoço. Acho que dessa vez, fui eu quem deu o primeiro passo, mas não importa. Quando a minha boca toca a sua, nada mais importa. Apenas o aqui e o agora. Esse beijo é diferente dos anteriores, um pouco mais apaixonado, um pouco mais íntimo. Esse beijo tem muito sentimento, eu não poderia defini-lo em palavras; mas é diferente.

A sua língua toca a minha e me rouba um gemido. Ele explora a minha boca com bastante habilidade, me causando arrepios incrivelmente bons e uma grande vontade de nunca deixá-lo ir. As tão famosas borboletas no estômago, conhecidas pelos apaixonados e esquecidas há muito tempo por mim; estão de volta. Com força total. Uma grande e intensa revoada delas faz uma festa em minha barriga.

Quando Adam coloca uma das mãos no centro das minhas costas e me puxa com mais paixão, me prendendo em seus braços, posso sentir as minhas borboletas revoltas. Essa sensação é tão incrível... sinto-me viva, novamente, finalmente.

Eu interrompo o beijo, buscando por ar e um pouco assustada com os meus próprios sentimentos e pensamentos agora. Encosto a minha cabeça em seu peito, amando a melodia que o seu coração faz ao bater tão intensamente.

— Posso te ligar amanhã? — Ele me pergunta, ainda sem me soltar.

— Sim, eu ficarei esperando ansiosamente. — Falo com incrível sinceridade.

E é mais assustadora a vontade que eu tenho de convidá-lo para entrar. Não querendo que essa noite se acabe, não querendo perder o seu calor e a deliciosa segurança que os seus braços me trazem. Apenas a ideia de me imaginar dormindo em seus braços, já me causa uma sensação de felicidade imensa. Porém, eu sei que preciso ir com calma, usar o meu lado cauteloso nesse momento. Uma calma que garante um coração intacto não apenas a mim, mas a ele também.

— Tchau, Adam. — Eu me despeço, me afastando com um pouco de relutância e ficando de costas para ele; enquanto abro a minha porta. — Eu amei a noite, gostei muito da sua companhia.

— Eu também amei. — Ele afasta o cabelo do meu ombro e beija o meu pescoço. Se ele soubesse o que esse gesto faz comigo... as borboletas estão enlouquecidas agora. — Foi uma noite inesquecível.

Eu estou sorrindo levemente, talvez um sorriso causado pelo

nervosismo e não por outro sentimento qualquer. Estou dentro da minha sala, segurando a porta aberta, quando volto a olhar para ele novamente. Ele não se mexeu, nenhum passo, gesto ou palavra que me faça pensar que existe dentro dele a vontade de ficar. Somente o olhar intenso, quando nossos olhos se encontram, é capaz de me dizer o que ele sente nessa despedida.

— Até mais, Adam. — Eu quero dizer cada palavra, quero afirmar que existe uma próxima página para a história que se iniciou hoje. Não é uma despedida, de forma alguma.

— Até, Sarah. — Ele se despede com um imenso sorriso.

Eu fecho a porta devagar o suficiente para parecer educada, mas rápido o suficiente para não ter tempo de mudar de ideia. A vontade de convidá-lo para assistir um filme, ou apenas para que ele me conte sobre a sua vida; é grande demais para ser ignorada se eu puder pensar duas vezes.

Assim como foi quando nos conhecemos na escola, eu encosto a minha testa na madeira, sabendo que ele também fez isso. Durante algum tempo eu fico assim, imaginando o mesmo conflito de sensações passarem por sua mente, do outro lado da porta.

Ouçó os seus passos e o barulho da porta do seu carro ser aberta, então me mexo. E não é nenhum mistério para mim, que meus passos me levem até a janela para vê-lo ir embora. Depois disso, tudo ao meu redor fica ainda mais quieto, a minha casa me parece ainda mais vazia e solitária. Por isso eu não me importo em jogar a minha bolsa sobre a mesa da cozinha e deixar os meus sapatos em um canto qualquer do corredor.

Tiro o meu vestido e o deixo sobre a cadeira da minha penteadeira, indo ao banheiro em seguida e tomando um banho rápido. Eu sempre acho mais fácil tirar a minha maquiagem sob a água quente do chuveiro, mas esse não é o real motivo do meu banho. Eu gosto de pensar, enquanto a água cai sobre mim e leva as minhas preocupações e tristezas embora. Mas nesse instante, não existe nenhuma tristeza. E mesmo que eu esteja preocupada, querendo correr até o Adam e ao mesmo tempo esconder meu coração em uma caixinha; eu me sinto em paz.

Tudo em que eu posso pensar agora é, que estou preparada para me apaixonar novamente e eu quero muito que seja pelo Adam.

Depois de me enxugar e colocar o meu pijama, eu me jogo na cama e

me sinto incapaz de dormir; mesmo que meu corpo esteja cansando. Eu olho para o meu celular na cabeceira da cama e repasso em meus pensamentos, os acontecimentos incríveis dessa noite. Eu revivo inúmeras vezes, a sensação do nosso primeiro beijo no balanço e depois a sensação de seus braços ao meu redor, quando dançamos logo depois. A forma como ele sorri para mim, que é totalmente diferente do que ele faz para as outras pessoas. O jeito intenso e verdadeiro de me olhar; como se o sol brilhasse em meu caminho. Eu fecho os olhos, sorrindo feito uma boba e admitindo para mim mesma que já estou com saudades; mesmo que não faça nem uma hora que nos despedimos.

O que ele está fazendo agora? Será que está deitado em sua cama, perdido em pensamentos que me incluem? Incapaz de dormir, assim como eu, sentindo que as lembranças da nossa noite junta são tão vívidas, como um filme que não se pode esquecer?

Horas depois eu sinto o sono chegar e abraço o travesseiro, fechando os olhos e destinando um último pensamento ao Adam.



Quando eu acordo na manhã de domingo, a primeira coisa que me vem à mente é a razão de eu preferir refrigerante e suco, a qualquer bebida alcoólica. Não importa o quão pouco eu beba, pode ser apenas uma pequena taça de vinho no jantar; eu sempre acordo com uma intensa dor de cabeça. Meu corpo ainda cansado, clama para que eu não levante. A minha cama parece aconchegante o bastante para que eu fique nela o dia todo, mas eu necessito ardentemente de uma dose gigantesca de cafeína.

Meus olhos ainda pensam que estamos em plena madrugada, mas estou surpresa por saber que são quase onze da manhã. Depois de um banho com a água mais fria que meu corpo pode suportar, eu me sinto um pouco desperta. Mas confesso que mal posso esperar pela soneca que eu sei que tirarei mais tarde.

Eu geralmente não tenho grandes planos para o domingo, na verdade, eu nunca tenho grandes planos para a minha vida social; desde que se eu puder escolher aonde ir, ainda assim prefiro ficar em casa. Claro, eu não desgrudei do celular um único segundo a partir do momento em que acordei. Até o levei para o banheiro comigo, usando a desculpa de que era apenas para ouvir música.

Vocês já sabem a verdade, eu também... sim, estou esperando um telefonema, ou mensagem do Adam. Achei que ao acordar, eu já teria alguma notícia dele, mas nada. Talvez ele ainda esteja dormindo, não sei se ele é do tipo preguiçoso e muito dorminhoco, pode ser que sim. Quarenta minutos se passam. O celular está à minha frente, sobre a minha mesa da cozinha e eu não paro de olhar para ele. Já tomei duas grandes xícaras de café, comi uma torrada com cream cheese e um pouco de cereal. Já respondi a duas mensagens da Sam e uma do meu irmão, além de uma ligação curta da minha mãe.

Já rói um pouco as unhas que eu gostaria muito que crescessem. Já andei pela minha sala e liguei a TV em busca de algo interessante, apenas para desligá-la alguns minutos depois e voltar para a cozinha... para a minha cadeira... para o meu celular que está mortalmente silencioso.

A temível espera pela ligação do dia seguinte. Eu nunca passei por isso, já que tive apenas um namorado a minha vida toda e nós éramos amigos. Mas eu já ouvi muitas lamentações vindas da minha prima Hayle; sobre conhecer caras muito legais que nunca ligam no dia seguinte. Eu acredito que Adam não seja esse tipo de cara e eu muito menos sou o tipo desesperada, que fica grudada ao telefone. Eu definitivamente não sou...

Deixo meu celular solitário sobre a mesa e deposito a minha xícara vazia na pia, após ter tomado a minha terceira dose de cafeína da manhã. Caminho pela minha sala, olhando para as minhas prateleiras em busca de uma leitura para o domingo. Eu tenho muitos livros novos, comprados por impulso e nunca lidos. Acho que essa é uma grande oportunidade para escolher um deles e ler. Após escovar os meus dentes, eu me sento em meu sofá com o romance escolhido em mãos. Meus óculos de leitura, que me incomodam insistentemente, descansam sobre o meu nariz. Eu o ajeito diversas vezes, antes de iniciar a leitura.

Esse seria o momento em que eu seria abduzida para as páginas do meu livro e poderia facialmente lê-lo até que o dia terminasse; geralmente é o que acontece em momentos assim. Mas é claro que isso não acontece agora. Estou dispersa demais, concentrada em meu telefone que ficou sobre a mesa.

Eu posso ligar para ele, já fiz isso algumas vezes e posso certamente dar esse passo neste instante. Antes de tudo, somos amigos. Antes de nos beijarmos, passamos uma semana incrível alimentando a nossa amizade... eu irei apenas ligar e saber como ele está, desejar lhe um feliz domingo e desligar em seguida.

Deixo o meu livro de lado, aberto na segunda página, jogado sobre o sofá e vou até a cozinha. São apenas alguns segundos para encontrar o

número de Adam e apertar o ícone da ligação. Ainda estou com os meus óculos e isso me dá algo para me concentrar enquanto espero que ele me atenda.

Dois toques e, a sua voz ecoa do outro lado da linha. Ele não parece sonolento, o seu timbre rico e potente chega até mim, me fazendo sorrir lentamente; antes que eu fale alguma coisa.

— Oi — balbucio simplesmente, de forma quase tímida e ouço a sua risada em resposta.

Ele sabe que eu sou, é claro; então apresentações não se fazem necessárias nesse momento.

— Oi, Sarah. — Ele me devolve em tom divertido. — Eu estava discando o seu número agora.

— Verdade? — Eu pergunto, me culpando interiormente, por não ter esperado mais um pouco. — Só queria saber como você está, espero não estar interrompendo nada.

— De jeito nenhum, eu queria ter ligado mais cedo, mas imaginei que quisesse dormir até mais tarde hoje.

— Sim, imaginou certo. — Dou risada, no mesmo instante em que tocam a campainha.

Eu não estou esperando ninguém, mas imagino que possa ser a Sam; depois de ter ficado muito entediada sem o noivo e tenha vindo me perturbar um pouco. Ainda com o celular na mão e Adam na linha, eu caminho rapidamente até a porta de entrada e olho pelo olho mágico antes de atender.

Fico surpresa com o meu visitante inesperado, ao mesmo tempo em que não posso esconder a alegria que isso me traz, me fazendo sorrir feito boba mais uma vez.

— Desculpe Adam, mas eu preciso desligar. Tem alguém batendo na minha porta. — Digo de forma rápida, já girando a chave na fechadura.

— Sem problemas... eu te ligo mais tarde. — Ele diz com voz divertida, guardando o celular no bolso assim que nossos olhos se encontram.

Eu sei que ainda pareço uma boba, mas é impossível tirar o sorriso do rosto agora. Eu não esperava a sua visita. Na verdade, há alguns minutos, eu achava que ele sequer me ligaria; mas ele está aqui. Lindo e sorridente em plena luz do dia e isso enche o meu coração de algo que eu não posso definir em palavras.

— Oi — murmuro, mordendo levemente os meus lábios para me obrigar a parar de sorrir. — Eu não esperava a sua visita.

— Espero não estar atrapalhando. — Se apressa em falar e eu identifico um pouco de cautela em seu tom de voz.

— De jeito algum. — Digo com a mesma rapidez, tocando levemente um dos braços que ele acabou de cruzar. — Estou apenas surpresa, mas feliz também.

— Era essa a ideia, te surpreender. Eu pensei em te ligar, mas fiquei com medo de que você não quisesse me ver, então, ignorando toda a educação que a minha mãe me deu; vim sem ser convidado.

— Você é sempre bem-vindo. — Olho para a minha mão em seu braço, percebendo que ambos ainda estamos parados no mesmo lugar.

— Obrigado, você partiria o meu coração se dissesse o contrário. — Dou risada voltando a olhar para ele, mas paro no instante em que ele toca levemente os meus óculos. — Agora você parece uma professora de verdade.

— E antes não? — Eu pergunto, me afastando um pouco para colocar

a mão na cintura; deixando o meu lado mexicano aflorar. Embora esteja apenas fazendo graça.

— Antes também. — Ele ri, puxando a minha mão da minha cintura e entrelaçando os nossos dedos. — Foi a primeira coisa que eu pensei quando te vi no estacionamento aquela manhã, que você parecia uma perfeita professora do jardim de infância.

— Estereótipos... — balanço a cabeça sem deixar de rir. Eu já disse que sou uma péssima atriz e não demorou muito para perceber que não posso ficar perto dele, sem parecer uma adolescente encantada. — Quer entrar?

É meio óbvio que se ele veio até aqui, a sua resposta seria sim. Ele acena em concordância e passa por mim com as duas mãos no bolso da calça e um olhar atento; enquanto eu me encosto à porta para lhe dar espaço. Ele olha para todo o ambiente, fazendo um movimento de trezentos e sessenta graus, e então termina olhando para mim novamente. Tudo o que fazemos é sorrir um para o outro, antes que eu feche a porta e vá até o ponto em que ele está parado no centro da minha sala.

— Então? — Eu pergunto a ele, aproveitando a oportunidade para colocar as minhas mãos nos bolsos do meu short antes que eu o abrace.

— Por que eu estou aqui? — Ele me devolve a pergunta e eu aceno em resposta. — Existe um milhão de motivos e razões, Sarah.

— Me diga apenas um. — Eu peço, sentindo o meu coração bater mais forte.

— Eu pensei em você em cada segundo nas últimas horas.

— Você não dormiu?

— Você estava em meus sonhos também.

As borboletas em meu estômago acabaram de acordar e fazem festa, causando um frio delicioso na minha barriga. Eu olho para a janela, mas sem me mover de onde estou. Alguns segundos se passam, antes que eu volte a olhar para ele e dizer algo.

— E para onde vamos a partir de agora?

— Para qualquer lugar, contanto que você esteja ao meu lado.

— Isso é um pedido de namoro? — Eu pergunto, rindo de mim mesma. Mas paro, quando ele anda até mim e parece muito sério.

— E se fosse, você diria sim? — Ele já está com as duas mãos na minha cintura antes mesmo de terminar a pergunta.

E eu estou pensando com uma velocidade impressionante em busca de uma resposta. Aquela parte corajosa de mim, diria sim.

A parte covarde, diria; não. Encontrar um equilíbrio dentro de mim, quando ambas as partes discordam, é muito difícil.

— Eu diria sim... se pudermos levar isso com calma. — Respondo, colocando as duas mãos em seu peito em busca de alguma distância e um pouco de sanidade.

— E o que significa isso, Sarah?

— Podemos namorar, mas eu não quero que as pessoas saibam ainda.

— Que pessoas?

— A minha família, a sua família. Eu sou professora da Chloe, essa

situação é estranha.

— Isso não tem nada a ver, essa justifica é um tanto boba. — Ele passa a mão no cabelo e eu franzo a testa diante das suas palavras, achando que teremos a nossa primeira discussão antes de começarmos a namorar.

— É importe para mim, será apenas por um tempo. — Digo depois de ponderar as minhas palavras e respirar bem fundo.

— Até você deixar de ser a professora da Chloe?

— Até nós termos certeza de que isso... — eu faço um gesto entre eu e ele. — Que isso é algo realmente sério.

— Você me ofende, Sarah. Eu sou a pessoa mais séria do mundo.

— Eu não estou falando sobre você. — Caminho até ele outra vez e deixe que me abrace novamente. — Eu só preciso de um pouco de tempo, mas eu quero tentar, quero te conhecer melhor.

— Você quer simplesmente me namorar escondido. — Ele ri, me dando um leve beijo.

— Você sabe que não é exatamente isso, Adam.

— Não importa, você deveria saber que eu sou louco o bastante para aceitar.

— Eu não diria louco, mas impulsivo sim. Parece que você tem tanta pressa, tanta necessidade de correr e tudo o que eu preciso agora é caminhar lentamente. — Olho para ele e sorrio. — Você pode caminhar comigo, Adam?

— Eu posso, Sarah — ele sorri e encosta a testa na minha, isso me faz ter certeza de que ele me beijará em seguida. — Me leve para onde quiser.

Eu sorriso brevemente antes que seus lábios toquem os meus e eu aceite o seu beijo caloroso. O que eu não posso dizer é que eu acho que será ele, quem me levará para onde quiser. Eu só posso rezar, para que eu não perca o meu coração no caminho.



Três semanas depois...

Eu sei que a minha fama me precede...

Sim, a fama de cara que se apaixona com a velocidade da luz e tem loucura por compromissos que nunca duram mais que alguns meses. Estou ciente desse fato e por isso não consigo ser tratado com seriedade. É só eu dizer que estou apaixonado, para ser motivo de brincadeiras. Isso começa na minha própria família e se estende para amigos e colegas de trabalho. Tudo bem; estou tranquilo com esse fato e nada disso me afeta realmente, poucas coisas me afetam ao ponto de me chatearem. Posso até rir de mim mesmo, às vezes. Eu só sei que cada um conhece verdadeiramente o seu coração e pode dizer com propriedade, quando algum sentimento que habitá-lo for diferente de outros já sentindo.

Eu sei que estou realmente apaixonado e quero sair gritando aos quatro ventos que meu coração, alma e vida; já possuem uma dona permanente. Droga... eu queria dizer a ela primeiramente, desnudar para Sarah, todas as gamas de emoções que ela trouxe à minha existência. Entretanto, justamente agora, é o momento em que estou tão introspectivo. Eu quero guardar o meu coração e o amor que habita nele, respeitando o momento certo para que os outros saibam disso. Morrendo de medo que qualquer movimento errado, me leve para longe dela. Lógico, isso não me impede de demonstrar à Sarah, em cada segundo do meu dia; não importa se estamos longe ou perto, eu a tenho feito sentir-se amada. Muito amada. Talvez existam alguns momentos em que

eu a sufoque com tanto amor e me sinto muito mais afetivo do que ela nessa relação. A verdade é que eu morro de medo de que ela não sinta o mesmo por mim. Eu a percebo cautelosa em alguns momentos, como se desse um passo para frente e se arrependesse em seguida, andando para trás novamente.

Nós estamos juntos em cada oportunidade. Cinema, restaurantes, ou apenas um sábado à noite em sua casa. E nós temos uma sintonia maravilhosa também, descobrindo gostos em comum, nos conhecendo mais a cada dia. E a cada dia eu gosto mais da pessoa incrível que ela é. As nossas ligações e mensagens também continuam a todo vapor, na verdade eu tenho essa necessidade quase insana de estar conectado com ela o tempo. Por isso eu tenho medo de sufocá-la, pois quando menos percebo, já estou buscando o seu número em meus contatos e fazendo uma ligação. É como se fosse uma obsessão, um vício do qual eu não quero me curar. Eu preciso dela e preciso saber se ela me quer da mesma forma.

— No que você está pensando? — Sarah me pergunta, colocando um vidro de molho de tomate em nosso carrinho.

Sim... você pode pensar em algo mais íntimo, do que um casal de namorados fazendo compras juntos em uma sexta-feira à noite?

Eu não posso e nós já fizemos isso algumas vezes. Geralmente quando Sarah quer cozinhar, testar alguma receita da sua mãe ou avó. E eu não posso reclamar, desde que adoro comer e adoro mais ainda vê-la cozinhar para mim.

— Em nada especificamente. — Apoio os meus braços no carrinho e me inclino um pouco para olhar para ela. — A minha mãe me convidou para jantar amanhã, eu adoraria que ela te conhecesse.

— Ela já me conhece. — Ela ri, depositando toda a sua atenção em uma embalagem de macarrão. — Talvez semana que vem.

A resposta é sempre a mesma e eu a convidei dezenas de vezes. Eu não sei por que ela se mostra tão relutante em dar esse passo na nossa relação e também não sei por quanto tempo poderei disfarçar o meu descontentamento com a sua negativa.

Qual o problema dela? Eu já conheci toda a sua família, até a terceira

geração dela, em nosso primeiro encontro. E já saímos com a Sam e o seu noivo, mas ela não pode sequer jantar com a minha mãe? Isso me deixa frustrado.

— Me diga quando puder, ela está muito ansiosa. — Digo em tom neutro, tentando fazer cara de paisagem, mesmo que eu seja péssimo em esconder os meus sentimentos.

— Ok, eu aviso. — Ela coloca o macarrão escolhido no carrinho e sorri para mim, antes de me beijar.

Mesmo que ela continue negando, eu continuarei perguntando, não importa quantas vezes sejam necessárias.

Ela ainda continua com a ideia fixa de deixar o nosso namoro em segredo e com exceção da Sam, ninguém mais sabe sobre nós dois. Pela primeira vez desde que eu consiga me lembrar, deixei algo escondido do meu irmão e eu me culpo por isso. Quase me sinto um traidor, já que sempre fomos tão unidos e amigos. Entretanto é só me lembrar que ele fez o mesmo comigo, me escondendo a Mia e a Chloe, que a minha culpa passa.

— Você está tão calado e pensativo hoje, não parece o Adam que eu conheço.

— Eu tenho muitas camadas, você ainda não conheceu todas elas.

— Como o Shrek? — Ela pergunta rindo.

— Não, não como o Shrek. — Eu nego, apertando a sua cintura.

— Como uma cebola, então. — Ela pontua, beijando o meu nariz.

— Definitivamente não como uma cebola. — Eu deveria esperar essa resposta, depois de ter assistido a esse filme dezenas de vezes com a Chloe.

— Eu diria que como um dos personagens de Shakespear.

— Lógico; intensa densidade dramática... combina muito com você.

— Eu acho que os meus sentimentos são intensificados. — Eu digo, começando a empurrar o carinho com ela ao meu lado. — Você acha que existe uma doença assim? Acha que é possível sentir em dobro, em triplo?

— Super sentidos? — Ela pergunta, parando em frente a uma prateleira de vinhos. — Eu não sei, mas no caso não seria uma doença e sim um superpoder.

— Por exemplo... eu acho que gosto muito mais de você, do que você gosta de mim.

— Isso não é verdade. — Ela ri e em seguida dá um gritinho, virando o corpo em minha direção. — Eu gosto de você também, isso foi totalmente injusto.

— Eu não tenho vergonha de você, te apresentaria para toda a minha família e amigos em um piscar de olhos. — Eu falo com seriedade, despertando totalmente a sua atenção.

— Então é sobre isso — ela coloca a mão na cintura e então eu sei que não gostou nada do que eu acabei de lhe dizer. — Você quer ter essa conversa aqui?

— Não é sobre ter uma conversa e sim sobre dizer que isso me incomoda. Já se passaram três semanas — seguro uma garrafa de vinho e finjo ler o rótulo, apenas para fugir do seu olhar incisivo.

— Eu pedi apenas um tempo — sussurra, fatalmente tentando controlar o seu gênio. Sarah pode ficar realmente brava, às vezes, e tudo o que eu posso pensar é no quanto os seus olhos ficam lindos quando isso acontece.

— E eu te dei esse tempo. — Eu completo, colocando a garrafa em nosso carinho e fixando o meu olhar nela. — De quanto tempo mais você precisa?

— Não se trata disso... se a Chloe souber sobre nós, toda a escola saberá; as crianças tornam tudo maior e será como se já estivéssemos de casamento marcado.

— Qual o problema?

— O problema é; se tudo terminar depois, como eu fico diante dela? Diante da sua família? Diante da escola?

— Se tudo terminar? — Eu repito, balançando a cabeça e me esquecendo que estamos discutindo no corredor de um supermercado. — Quanto otimismo da sua parte. É sobre isso que você pensa a cada dia?

— É claro que não, mas nós não temos nenhuma garantia de onde esse relacionamento vai nos levar. É o meu trabalho, a minha vida, os meus alunos...

— As suas respostas só me deixam mais irritado, não existe nenhum argumento nelas. Me diga, por favor, em que circunstâncias da vida nós temos alguma garantia?

— Em nenhuma, Adam. — Ela diz com voz branda, mas arrastando com um toque de ironia cada letra do meu nome.

— Exato, nenhuma... eu posso morrer amanhã... — digo com a mesma ironia disfarçada que ela usou antes. — E acho que ninguém que começa um relacionamento fica pensando no momento em que ele vai acabar. Qual o sentido nisso? Seria muito melhor ficarmos sozinhos.

Assim que as últimas palavras saem da minha boca, eu me arrependo. E se ela disser que prefere ficar sozinha? Eu terei que simplesmente me jogar aos seus pés e implorar por mais uma chance, dizer que podemos namorar escondido por quanto tempo ela quiser. É claro que eu ainda preciso manter a minha expressão de indignação, agora eu estou chateado com ela.

— Ok, você tem um pouco de razão.

— Um pouco? — Eu replico, cruzando os braços até que ela me dê a razão que eu mereço.

— Sim, um pouco. — Ela sussurra, puxando a minha mão em seguida. — Eu quero muito que isso tudo dê certo e eu gosto muito de você, Adam, muito mesmo.

— Você vai conhecer a minha mãe? Conhecer a minha família? — Eu pergunto, sentindo que esse é o momento exato para me valorizar e fazer as minhas exigências.

— Eu já a conheço. Conheço todos eles.

— Menos o Noah. — Eu completo, a fazendo franzir a testa. — Não podemos esquecer do Joel.

— Bem, eu não posso discordar, embora a Chloe desenhe o Noah todos os dias, então é como se eu já o conhecesse. — Sarah replica, revirando os olhos para mim. *Ela fica tão bonitinha assim.*

— Foi uma ótima resposta evasiva, mas eu ainda quero algo mais concreto.

— Nós podemos jantar com ela no meio da semana... que tal quarta?

— Verdade? — Eu lhe devolvo a pergunta, me sentindo muito mais desconfiado que feliz. Foi fácil demais.

— Sim, se isso é tão importante para você. — Ela dá de ombros, um sorriso torto no rosto quando eu coloco uma das mãos em seu pescoço.

— Você faria isso por mim? Faria apenas para me ver feliz?

— Você acha que não? — Ela devolve a pergunta, parecendo um pouco indignada com a minha indagação.

— Eu não tenho certeza, o que você sente sobre mim é uma incógnita às vezes.

— Ok, agora você me irritou um pouco. — Ela se afasta de mim, passando a mão no cabelo algumas vezes antes de continuar — Tudo bem que nós não colocamos o anúncio do nosso namoro no jornal ou na internet. Eu apenas pedi um tempo por causa do meu trabalho com a Chloe, mas é a premissa de que os gestos falam mais que palavras? E tudo o que vivemos durante esses dias?

— Foi tudo maravilhoso e você é incrível o tempo todo, mas eu ainda vejo essa faísca de dúvida brilhar em seus olhos a cada novo dia — coloco as mãos no seu rosto assim que termino de falar, eu sei que isso a acalma e bem; eu preciso usar todas as minhas armas agora.

— Isso é verdade, mas é apenas instinto de defesa, autoproteção.

— Por quê? Você sabe que eu não vou machucá-la.

— Você não pode garantir, acabou de falar sobre isso — ela pontua com um pequeno sorriso.

— Engraçadinha... vamos estabelecer uma regra; não use as minhas palavras contra mim.

— É o que eu mais farei, então muito cuidado com o que você me diz.
— Ela aceita o abraço que eu lhe ofereço, o meu queixo descansa sobre a sua cabeça; quando ela a encosta no meu peito.

— Já percebeu que estamos tendo a nossa primeira discussão no corredor de vinhos do supermercado? — Eu pergunto, sussurrando em seu ouvido.

— As pessoas estão olhando para nós?

— Eu acho que o casal de idosos no final do corredor, filmou tudo com o celular e vai postar na internet quando chegarem em casa.

— Seria uma ótima forma de todos saberem de que estamos namorando. — Ela ri, abafando o som da sua risada na minha camiseta.

— Seria um belo castigo por você me esconder de todos. — Eu falo ao beijar o seu cabelo.

— Meu Deus, você me enlouquece totalmente, sabia?

— Eu sei, mas de uma forma absolutamente apaixonante. — Ainda rindo, ela se afasta um pouco de mim; apenas o bastante para me olhar. — Admita, eu sei que você me adora.

— Eu nunca disse o contrário, eu te adoro mesmo. O que torna totalmente injusto o que você me disse agora a pouco.

— Que eu gosto muito mais de você? — Sarah acena, quando eu coloco uma mecha do seu cabelo atrás da orelha. — Mas isso é porque eu te

a...

Eu não acho que o barulho de dois carrinhos de supermercado se chocando em uma velocidade mediana, poderia assustar tanto. Isso, se levarmos em consideração que um deles — o nosso carrinho — estava parado, o barulho deveria ser menor ainda. Mas foi muito chocante, bem no instante em que eu iria dizer à Sarah que eu a amo. Eu só acho que era o momento perfeito para isso, seria inesquecível, mesmo que ela não dissesse de volta. Mas agora o clima foi totalmente perdido e o meu coração saltou pela boca; o que me leva a olhar para os meus pés e ver se ele não caiu do meu peito.

— Tudo bem? — pergunto a Sarah, colocando as mãos em seu ombro.

— Sim e você? — ela devolve a pergunta, me dando um leve beijo.

— Com alguns ferimentos leves, mas acho que irei sobreviver. — Eu a beijo de volta, depois de fazê-la rir com as minhas palavras.

— Me desculpem, nós estávamos totalmente distraídos. Eu sinto muitíssimo... — Uma voz feminina, muito suave, soa logo à nossa frente.

Eu me afasto sutilmente de Sarah para que ambos possamos nos virar na direção da voz. A minha boca está aberta, pronta para dizer — para quem quer que seja — que não tem problema algum; eu mesmo sou a pessoa mais distraída que conheço. Acidentes acontecem, no supermercado mais ainda. Chloe quebrou um vidro de azeitonas a última vez que eu a trouxe para comprar chocolate. Ambas as coisas não possuem nenhuma ligação, portanto não me perguntem como isso aconteceu.

A minha voz não sai, a partir do momento em que passo os olhos rapidamente pela morena baixinha à minha frente — a dona do pedido de desculpas — e se fixam no cara alto logo atrás dela.

O ex-namorado bonitão... esse mundo parece menor a cada dia, se pararmos para analisar o número de supermercados de Atlanta, poderíamos dizer que — O Destino — tem um humor sarcástico.

— Oi, Sarah. — Nicholas diz com calma, colocando os braços ao redor da moça, que provavelmente é a sua namorada.

Eu faço o mesmo com a Sarah, porque bem, ela é a minha namorada. O fato de que ninguém sabe disso não invalida esse título agora e eu não gosto da forma como o ex-namorado bonito está olhando para ela nesse instante.

— Oi, Nicholas. — Sarah diz de forma bem-educada e já que está de costas para mim, eu me esforço para detectar alguma emoção em seu tom. — Lembra do Adam?

— Sim, claro. — Ele acena, estendendo rapidamente uma das mãos para mim. — Tudo bem?

— Sim, estamos ótimos. — Eu me apresso em dizer, depois de apertar brevemente a sua mão.

— Essa é a Alice, a minha noiva. — O ex-namorado bonito diz, voltando a abraçar a namorada que acabou de ser promovida à noiva; *melhor ainda*.

— Sou o Adam — falo com um sorriso, levantando a minha mão em seguida.

— É um prazer, Adam. Desculpe mais uma vez pelo carrinho. — Ela sorri, recebendo um aceno meu. Então seus olhos se concentram em Sarah, um interesse genuíno pulsando neles, antes que ela continue a falar: — É um prazer finalmente te conhecer, Sarah.

— Finalmente? — Sarah pergunta um pouco surpresa e ri logo em seguida. Eu a conheço o suficiente para saber que essa situação não é a mais confortável para ela. — Não entendi...

— Você não me conhece, mas eu já ouvi muito sobre você. Nick e eu nos conhecemos logo que ele se mudou para Chicago.

— Sei... — é tudo o que Sarah diz em resposta, mas ela faz essa palavra ter um milhão de significados.

— Nós trabalhamos juntos, ele falava muito de você, o tempo todo... — Alice se apressa em dizer, como se isso explicasse tudo. — Depois disso, eu sinto como se já a conhecesse.

— Ok, faz todo o sentido agora. — Sarah diz de uma forma assustadoramente calma, e eu começo a me preocupar se isso a deixa triste de alguma forma. — É um prazer conhecê-la, Alice.

— O prazer é todo meu. — Alice sorri, acenando para nós como eu fiz agora a pouco. E como se, de repente, se desse conta de algo que disse antes, sacode a cabeça antes de continuar: — Mas nós não ficamos juntos, quando vocês ainda estavam juntos... Pelo amor de Deus, eu lhe dei essa impressão?

— De jeito algum. — Sarah se apressa em dizer, apertando o meu braço em sua cintura — E acredite em mim, nada disso importa agora.

— Que bom... porque foi depois de muito tempo, quando vocês não estavam mais juntos, que começamos a namorar. — Alice completa com rapidez e, eu percebo que ela não sabe a hora certa de ficar quieta.

— Está tudo bem. Nós precisamos ir, não é Adam? — Sarah pergunta, virando finalmente o rosto em minha direção e sorrindo em seguida.

— Sim está ficando tarde e precisamos dar comida para o nosso gato — digo, depois de beijar o seu nariz e sorrir também.

— Peixe — Sarah me corrige, sem conter o riso.

— Claro; peixe. O gato fugiu semana passada. — Completo, fazendo com que ela ria ainda mais alto.

— Ah, nós temos um cachorro. — Alice diz, rindo também. — Um buldogue alemão.

— Legal, eu gosto de cães. — Falo com um tom simpático, já que Sarah está tendo uma crise de risos e escondendo o rosto em minha camiseta agora.

— Nós também precisamos ir. — O ex-namorado bonito, que até esse instante esteve calado, fala. Empurrando o carrinho encostado ao nosso, para longe. — Nos vemos por aí, Adam... Tchau, Sarah.

— Tchau, Sarah. — Alice emenda, antes de andar atrás do noivo. — Tchau, Adam.

— Tchau. — Eu digo, colocando as mãos no cabelo da Sarah, quando a sinto rir mais ainda.

Depois de cinco... talvez dez minutos, ela finalmente para de rir e me olha com o rosto vermelho e o cabelo bagunçado. Os olhos também estão molhados por algumas lágrimas provenientes do seu riso intenso.

— Pronto? — Eu pergunto, enxugando os seus olhos.

— A minha barriga está doendo.

— A minha mãe sempre diz que isso acontece, quando rimos demais.

— A minha também. Agora eu sei que é verdade.

— Podemos ir? O peixe vai morrer de fome.

Eu a beijo antes de empurrar o carrinho em direção ao caixa, deixando ela rindo sozinha no corredor. Alguns minutos depois ela vem correndo até mim e enrosca o seu braço no meu.

Pagamos as nossas compras, colocamos nossas sacolas no porta-malas do meu carro e dirigimos até a casa de Sarah.

Nós passamos todo o tempo livre aqui, embora ela já tenha conhecido o meu apartamento também e tenha estado nele, umas duas ou três vezes.

— Qual a sua história com o ex-namorado bonito? — Eu pergunto quando já estamos em sua cozinha. Ela está mexendo um risoto de algum tipo de queijo e eu estou sentando, apenas admirando a sua beleza e habilidade culinária.

— Ex-namorado bonito. — Ela repete rindo... Meu Deus, essa mulher está realmente feliz hoje.

— Ele é o seu ex-namorado e não é feio, se eu puder ser honesto. — Eu digo sorrindo. — Mas eu sei que eu sou muito mais bonito, é claro.

— É claro, não resta nenhuma dúvida sobre esse assunto — ela pisca para mim, deixando a colher de lado no fogão. — História nenhuma, apenas ex-namorados, como tantos outros.

— Tantos outros seus? — Eu pergunto um pouco surpreso.

— Já estamos nessa fase? Em que falamos abertamente sobre os ex-namorados e namoradas?

— Não necessariamente — respondo rindo. — Mas desde que

encontramos o seu ex-namorado por duas vezes, eu apenas fiquei curioso. Parece que existe alguma história bem interessante por aí.

— Não tão interessante você sabe... um coração partido, algumas lágrimas e uma página virada.

— Totalmente virada? — Ela para à minha frente e eu coloco as mãos em seu quadril, porque é absolutamente impossível, não a tocar.

— Eu já te disse antes, estou totalmente focada no presente —ela afirma, tocando os meus cabelos.

— O que me lembra o jantar na minha mãe na quarta-feira.

— Você nem ao menos sabe se ela poderá nos receber. — Ela diz rindo, quando eu a puxo para o meu colo — Talvez ela tenha um compromisso inadiável.

—Eu conheço a minha mãe, assim que ela ouvir a palavra namorada, ela estará nos esperando na porta.

— O que será que ela irá pensar de mim, será que ela irá gostar de me conhecer?

— Você mesma me disse um milhão de vezes que ela já te conhece; é claro que ela irá gostar. Ela já gosta, eu tenho certeza.

— Ela conhece a senhorita Martinez, a professora da Chloe. Nenhum deles conhecem a Sarah, a namorada do Adam. — Ela pontua, escondendo o rosto no meu pescoço e eu a aperto um pouco mais.

— Nada pode ser pior do que o seu pai me dizendo que tem uma arma, o seu irmão me dizendo que tem um taco de baseball e que irá me atropelar.

— Eu falo, fazendo com que ela dê risada mais uma vez. — Você não receberá nenhuma ameaça física, eu posso garantir.

— É um bom começo. — Sarah volta a olhar para mim e eu aproveito para roubar um beijo seu, talvez dois.

— Posso apostar que na quinta-feira depois do jantar, a Chloe estará cantando na escola; ”Adam e Sarah em uma árvore, se beijando... Primeiro o amor, depois o casamento...”

— A música não é exatamente assim — eu a corrijo, rindo do seu jeito dramático — E eu garanto que ela nunca ouviu isso antes, portanto não saberia cantar.

— Graças a Deus por isso.

— Mas eu irei ensiná-la a partir de amanhã.

— Você não faria isso — ela toca o meu rosto sorrindo, para ficar séria logo depois. — Não faça isso, por favor.

— Seria muito engraçado. Onde está o seu senso de humor?

— Eu te mataria, é verdade, mataria muito lentamente.

— Essa é uma ameaça nenhum pouco assustadora. — Eu a faço gritar quando me levanto com ela em meus braços — Você terá que se esforçar um pouco, se quiser me persuadir.

— Você é louco, aposto que caiu do berço quando era bebê. — Ela fala sorrindo e me beijando ao mesmo tempo.

— Todos nós já caímos — digo rindo também e colocando as mãos em suas costas, quando as pernas contornam a minha cintura.

— Se você não beijasse tão bem, eu juro que não correria o risco de estar com alguém tão perigoso assim.

— Você só está interessada em meus beijos então? — Eu pergunto, tentando lhe fazer cócegas sem derrubá-la.

— Totalmente, é o único motivo.

Dou risada, passando pelo fogão e desligando a chama que aquece a panela borbulhante agora. Então com ela ainda em meus braços, vou em direção à sala, mais especificamente, o sofá. Que tem sido o lugar favorito da sua casa para mim e antes que você pergunte; não, eu não conheci o quarto ainda. Mas isso é algo irrelevante... eu sou o mais paciente de todos os homens agora. O amor é paciente, eu já ouvi isso antes. Hoje eu sei que é verdade.

— Adam e Sarah sentados em uma árvore se beijando, primeiro o amor, depois o casamento... — eu canto em seu ouvido, recebendo um tapa no ombro em seguida.

Sim, eu a amo. Desde o primeiro instante eu sabia que seria exatamente assim... Agora eu só preciso convencê-la a me amar também e já que ela gosta tanto dos meus beijos, vou começar exatamente por eles...



Eu me sinto uma pilha de nervos. Mal posso recordar se já me senti assim em algum momento da minha vida. Nem em minha tão sonhada formatura, nem no primeiro dia de aula, em que conheci os meus amados alunos e seus pais. Talvez eu não me sinta assim nem no dia do meu casamento.

Mas eu estou indo jantar com a minha sogra pela primeira vez, isso só, já seria o suficiente para me deixar ansiosa. Acho que seria o bastante para deixar qualquer pessoa ansiosa. Porém ela não é somente a mãe do meu namorado, mas também a avó de uma das minhas alunas. O que me lembra de um detalhe importante... será que a Chloe estará lá também?

Ela não disse absolutamente nada sobre esse jantar hoje na escola, por esse motivo eu tenho certeza de que ela não sabia sobre isso. As crianças são péssimas em guardar segredo. Elas gostam de dividir a felicidade com todos e também são péssimas em lidar com a frustração. Nunca conte nada a uma criança, se não quiser que outras pessoas saibam.

Talvez eu até me sinta mais confortável se a Chloe estiver presente, me dará algo para me concentrar, já que não consigo evitar me comportar feito boba e achar essa situação um tanto desconfortável. Mas eu estou aqui — passando por cima de todas as minhas inseguranças sem fundamento, eu sei — e esperando pelo Adam... que nunca se atrasa um segundo sequer, porém hoje está atrasado vinte minutos.

Isso só me deixa mais ansiosa, mais insegura. Esperar nunca foi o meu forte. Eu só estou vivendo em função desse jantar há cinco dias. Não existe nada mais em que eu possa concentrar o meu pensamento e energia, além da perspectiva de tornar a minha relação com o Adam o mais real possível, a

mais séria possível, ao conhecer a sua família. Amanhã quando eu chegar à escola sei que a Chloe olhará para mim de forma diferente, é natural. Ela terá convivido comigo além do ambiente escolar e eu sei que as crianças pequenas como ela, não conseguem distinguir a diferença. Além do mais, começarão as perguntas como: Você vai se casar como o meu tio Adam? Você vai ser a minha tia também?

Confesso que não estou preparada psicologicamente para respondê-las ainda, mas estarei em breve. É algo que eu não posso adiar mais... algo que eu sei que já protelei o suficiente. Eu posso dar isso ao Adam, quero fazê-lo tão feliz, quanto ele tem me feito nas últimas semanas.

Pensar nele me faz sorrir como sempre. Eu escolhi a minha roupa, pensando que azul é a sua cor favorita, ou ao menos foi isso o que ele me disse na última vez em que eu usei algo dessa cor. Coloquei um vestido sóbrio, com um decote quadrado e alças largas em um comprimento um pouco acima do joelho. Os meus cabelos estão soltos, apenas com uma fina tiara preta. Porque Adam sempre me diz o quanto ele o adora assim, além de sempre usar qualquer oportunidade para tocá-los. E lógico, eu gosto muito disso. Eu calcei a minha sandália menos chamativa, mas que ainda assim é bonita, com o seu salto grosso e sua cor caramelo.

E por último, mas não menos importante; eu me maquiei de uma forma muito discreta, porém que exigiu toda a minha atenção. Como a Sam sempre me diz; esteja maquiada, mas não pareça maquiada. Os homens nunca saberão o quanto isso é difícil e quanto tempo você gasta para parecer naturalmente bela.

Eu quero parecer uma boa moça e sim, eu sei o quanto isso soa estúpido, mas seria exatamente o que a minha mãe diria se soubesse que estou indo me encontrar com a família do meu namorado e eu levo os seus conselhos para onde quer que eu vá. Tudo bem que ela ainda me trata como uma garota de treze anos às vezes e ser uma boa moça significa; seja gentil, educada e adorável. Acho que essas qualidades podem cativar qualquer pessoa.

Minha mãe sempre me disse também, que não devemos ir à casa de alguém sem levar um presente, uma lembrança mesmo que simbólica. Então eu fiz a minha famosa torta de morango com merengue... Doces são infinitamente melhores que flores ou velas aromáticas, e o açúcar é a fonte de toda a felicidade humana. Sinto que fiz uma sábia escolha com esse presente.

Agora eu só preciso que o meu namorado, aquele cara que queria tanto esse jantar, que queria tanto me mostrar para o mundo; venha me buscar. Novamente eu ressalto o quanto ele é pontual, tanto que às vezes tenho a

sensação de que ele dorme na minha porta e apenas espera o horário combinado para tocar a campainha.

Minhas unhas curtas tamborilam na madeira da bancada da minha cozinha, onde estou sentada há quinze minutos. Olhando ora para o meu celular sobre o meu colo, ora para a minha torta. Ela está tão lindamente decorada com o merengue branco perfeito e lindos morangos suculentos. Se o Adam demorar mais um pouco, eu farei como uma criança sapeca e passarei o dedo por toda a sua lateral. Tenho certeza de que a sensação do açúcar derretendo em minha boca, me trará uma calma imensa.

Olho para a torta mais uma vez e a campainha toca, providencialmente, devo dizer. Quão ruim seria arruinar todo o meu trabalho de decoração justamente agora?

Eu corro em direção à porta e olha rapidamente pela janela, antes de abri-la. Mesmo sabendo que é o Adam, mas não posso evitar, já que o meu pai me deixou um pouco neurótica com a segurança desde que vim morar sozinha.

— Você está atrasado — digo, mesmo antes de abrir a porta completamente.

— Eu sei, desculpe, mas o trânsito não me ajudou hoje. — Ele diz, colocando a mão na minha cintura para me beijar. — Foram apenas dez minutos, acho que tenho crédito para um atraso.

— Foram vinte no meu relógio — falo sorrindo, enquanto ele toca o meu cabelo como eu achei que ele faria. — Eu te perdoo, contanto que não se torne um hábito.

— Você sabe o quanto eu fico ansioso para te ver? Como eu conto as horas para te encontrar? — Ele pergunta sussurrando em meu ouvido. — Eu não vou me atrasar nunca, a menos que não possa estar aqui.

Ele me faz sorrir e faz o meu coração parar, tudo ao mesmo tempo. Posso estar viva mesmo assim? Acho que ainda estou respirando, mesmo que lentamente.

— A propósito, você está linda — ele me elogia, quando se afasta e segura as minhas mãos. — Eu já te disse que azul é a minha cor favorita?

— Algumas vezes, não sei se é verdade, porque você usa muito preto. — Eu pontuo, tocando o seu casaco em seguida.

— Preto emagrece. Depois de comer todas as guloseimas que você faz, eu realmente preciso.

— O que me lembra... — levanto a mão e me afasto rapidamente dele, indo em direção à cozinha. — Olha só para isso.

— Morango e merengue. — Ele recita lentamente como uma criança em uma loja de doces, quando para na porta da cozinha. O que não fica tão longe assim da verdade, o Adam é uma criança crescida. — Vou precisar de mais roupas pretas. Eu já disse que você é a mulher perfeita para mim?

— Talvez sim — ajeito o meu vestido, antes de sorrir para ele. — Apenas porque cozinheiro bem e você só pensa em comida.

— Isso não é verdade... você ainda será perfeita para mim, mesmo que queime o jantar todas as noites.

— Algo que pode realmente acontecer, às vezes. — Dou risada, ignorando o fato de que ele se referiu a nós dois no futuro. Isso é algo que realmente faz o meu coração saltar algumas batidas. — Mas essa torta é para a sua mãe.

— Querida Sarah, eu estarei lá também. — Ele fala me abraçando. — Ao menos, três pedaços dessa torta já estão com o meu nome.

— Terão outras pessoas no jantar, não me faça passar vergonha.

— É da minha família que estamos falando, nada do que eu faça poderá envergonhá-los.

— Eles são doidos como você? — Indago, tentando obter alguma informação sobre eles.

— A minha mãe é duas vezes mais doida. — Ele responde com naturalidade.

—Ela me parece uma mulher muito sensata.

— Ela é um amor, um pouco desajuizada, mas uma boa pessoa.

— O seu irmão parece muito sério — digo ao me lembrar do pai da Chloe. Ele parece ter sido treinado para não sorrir. Mas é só colocar os olhos na filha, para se derreter feito neve em dia de sol... É simplesmente lindo ver os dois juntos.

— Drew? — Ele faz um gesto de desdém com as mãos, antes de revirar os olhos. — Ele se esforça para ser o irmão mais inteligente e querido, mas você sabe que é difícil competir comigo.

— A sua autoestima é algo extremamente tocante. Já pensou em dar palestras motivacionais? — Eu pergunto enquanto coloco o meu celular na bolsa. — Há a possibilidade de que você ganhe pequenas fortunas com isso.

— Eu já pensei, na verdade — ele responde, me fazendo rir com a seriedade em seu tom. — Sou muito bom em motivar as pessoas; é um dom natural.

— Você tem muitos dons — seguro a lapela do seu casaco, antes de beijá-lo.

— E você nem conheceu todos eles ainda. — Ele retribui o meu beijo, me fazendo rir em seus lábios.

— Eu acho que o melhor dom de todos, é o de me fazer rir o tempo todo — pontua, tocando o seu rosto com doçura. — A minha mãe sempre me disse para me casar com um homem que me fizesse sorrir e que o bom humor pode tornar uma relação sólida.

— A sua mãe é uma mulher sábia. — Adam me diz, quando caminhamos até a porta. Entrego as minhas chaves para que ele a feche, enquanto eu seguro a minha torta. — Embora eu ache que ela não seguiu o seu próprio conselho, porque eu não vi o seu pai sorrir muito aquela noite.

— Ele é um homem sério. Talvez tenha demorado alguns anos para eu mesma vê-lo gargalhar. — Pondero, quando ele abre a porta do carro para mim. — Mas eu acho que ele a faz rir, já que estão casados há trinta anos.

— Eu te farei sorrir sempre — ele promete me ajudando com o cinto do carro, seus olhos se perdendo nos meus. — Te darei todos os motivos para isso, não importa o que eu tenha que fazer; eu farei tudo para te ver feliz.

— Pare de me dizer essas coisas, porque você vai somente me fazer chorar. — Mordo os lábios, respirando em seguida, e sentindo toda a minha alma se aquecer com as suas palavras. Como ele consegue isso, eu não sei; mas ele me desestabiliza, tira completamente o meu chão.

— Chorar de emoção é bom — pontua, me beijando lentamente. — Essas serão as únicas lágrimas que cairão dos seus olhos; isso eu te prometo também.

— Não estamos atrasados? — Eu pergunto com um sorriso nervoso, temendo seriamente que o meu coração não aguente tanta emoção.

— Você é a convidada de honra essa noite, eles te esperarão com um sorriso no rosto. — Ele fecha a porta rindo, me deixando sem palavras.

As minhas duas mãos estão bem firmes no prato de porcelana, onde a minha torta repousa. Então, é impossível que ele a segure em alguns momentos, como costuma fazer enquanto dirige. Contudo, isso não impede que compartilhem muitos olhares e sorrisos ao longo do caminho. Quase um mês de namoro nos permite uma cumplicidade que não tínhamos antes. Eu falo abertamente sobre as minhas crianças, tendo a Chloe, o Dylan e a Julie como figuras centrais. O meu trio de sapecas adoráveis.

Adam me conta sobre o seu emprego e embora eu odeie matemática, ele tem o dom de fazer a conversa girar ao redor de números, estáticas e planilhas, e ainda assim não me entediou por completo. Será que é por que tudo o que sai da sua boca soa interessante aos meus ouvidos? Sim, com certeza, até mesmo as coisas mais bobas... *principalmente as coisas mais bobas.*

Parece mágica o quanto ele me acalma, o quanto ele acalenta o meu coração apenas estando ao meu lado. Se eu lhe dissesse tudo o que eu sinto, na velocidade de um tsunami; talvez o deixasse assustado. Eu me assusto com os meus próprios pensamentos, as minhas próprias vontades, com os desejos e esperanças que Adam tem plantado tão cuidadosamente em meu coração. É assustador estar tão vulnerável agora, tendo baixado todos os meus muros, perdido todas as minhas armaduras ao longo dos dias. Mas ao mesmo tempo, basta olhar para ele e encontrar os meus sentimentos em seus lindos olhos castanhos, para que eu volte a respirar novamente.

— Aquela é a casa da Chloe — ele me diz, apontando para a grande casa branca do outro lado da rua, assim que para o carro.

— E a sua mãe mora aqui? — Eu pergunto virando-me para a casa onde Adam acabou de estacionar. — Em frente à casa do seu irmão?

— Eu sei, é engraçado — ele ri como se fosse óbvio esse fato. Eu não acho engraçado, me baseando no fato de que a minha mãe me enlouqueceria um pouco, se morássemos tão perto assim. — Minha mãe irá se casar com o Joel, vizinho do Drew. Foi assim que eles se conheceram.

—E você adora esse fato, já que mora bem distante dos dois. — Pontuo sem deixar de sorrir, imaginando o quanto ele deve ter usado isso contra o irmão.

— Eu amo a minha família, Sarah. Simplesmente não posso morar aqui, é um condomínio para policias apenas, uma regra tola, eu sei.

— Você não ama a sua profissão, não ama? — Exclamo quando ele abre a porta para mim.

— Completamente — ele me beija sorrindo, acionando o alarme do carro em um clique rápido.

Eu viro-me totalmente para a casa à minha frente. Dois andares em uma construção clássica americana, pintada em um tom amarelo suave. Isso faz com que ela destoe totalmente das outras casas do condomínio, em sua maioria, brancas e sóbrias. Eu acho que quem escolheu a cor tem estilo e posso jurar que foi a mãe do Adam; minha sogra Sílvia.

A palavra sogra não é engraçada? Eu sempre tenho vontade de rir quando a pronuncio, embora só tenha feito isso em meus pensamentos até agora.

— Pronta? — Adam me pergunta quando paramos em frente a grande porta de madeira. Ele aperta a minha mão com força, depois de ter tirado a torta de mim. — Todos irão amá-la, e garanto que a Chloe está do outro lado se coçando de ansiedade para vê-la.

Eu quase consigo visualizá-la fazendo isso, igual todos os dias, quando ela para em frente ao relógio na parede da nossa sala e conta os segundos para o recreio. Ela é tão linda. Uma bênção, um anjo.

— Sim, estou. Vamos fazer isso — afirmo ao apertar a sua mão de volta.

— Obrigado por estar aqui, significa muito para mim.

— Estou feliz, deveríamos ter vindo antes. — Termino de falar e ele me

beija, fazendo um gesto para que eu toque a campainha.

É quase instantâneo o som de passos que vem a seguir. Estamos atrasados, imagino que todos estejam à nossa espera. Sílvia é quem abre a porta, sorrindo. Seu sorriso é como o do Adam, grande e iluminado; cheio de calor. Eu mal tenho tempo de retribuí-lo, antes que Chloe corra em minha direção. A sorte que Adam roubou a torta de minha mão há alguns minutos, é imensa. Caso contrário, nós duas estaríamos cobertas de merengue e açúcar, com o impacto que o seu abraço tem.

— Tia Sarah — Chloe grita com imensa alegria na voz.

Eu a recebo com a mesma alegria, colocando os braços ao redor do seu corpo pequeno, em um abraço apertado. Seu cabelo cheira uva e eu juro que ela deve ter uma coleção de shampoos de frutas. Já que pela manhã quando me beijou ao chegar à escola, o seu cabelo cheirava pêssego.

— Você está tão linda, meu amor. — Eu a elogio, com imenso carinho, quando me afasto apenas o suficiente para admirar o seu vestido rosa com pequenos laços pretos.

Eu sei que azul é a sua cor favorita, já que ela está todos os dias com algo dessa cor. Pode ser apenas uma pulseira, como foi hoje. Sendo assim, eu sei que ela irá gostar da minha roupa também. Isso me deixa feliz com a minha escolha.

— Você está linda também, tia Sarah — ela diz, sorrindo e tocando o meu rosto. — É verdade que você vai se casar com o meu tio Adam?

— Não sei. — Dou de ombros, fazendo todas as orações para que ela não me faça a mesma pergunta amanhã na escola.

— Sim. — Adam afirma, ao mesmo tempo em que eu.

Olho para ele com adagas nos olhos, já que não estou perto o bastante para pisar em seu pé ou lhe dar uma cotovelada.

— Só estamos namorando — digo a Chloe ao beijar a sua bochecha. Aos quatros anos, eu não tenho certeza de que ela saiba exatamente o que isso significa, mas espero que seja o suficiente, por ora.

— *Tá bom.* — Ela me beija de volta, antes de correr atrás do gato branco que acaba de passar aos nossos pés. O gato não tem nenhuma chance de correr sem que Chloe o pegue no meio do caminho.

Ajeito a minha postura, ficando em pé outra vez e voltando a olhar para a Silvia. Ela já cumprimentou o filho, enquanto eu estava com Chloe e Adam me deixou à sós com ela, provavelmente para levar a minha torta para a cozinha.

— Seja bem-vinda, Sarah. — Ela diz ao me abraçar com a mesma alegria da neta, porém, não tão apertado. — Estamos tão felizes em recebê-la, eu nem posso lhe dizer o quanto.

— Obrigada, estou feliz em estar aqui também. — Sorrio para ela, mesmo me sentindo um pouco estranha, depois de termos nos encontrado tantas vezes na escola. Mas ela é uma pessoa radiante e seria impossível não me deixar iluminar pelo seu sorriso.

— O Adam está tão feliz, tão apaixonado. Eu deveria ter desconfiado. — Silvia recita em meu ouvido, me apertando um pouco mais. — Ele não poderia ter escolhido alguém melhor do que você.

— Obrigada — digo simplesmente. Tentando imaginar o Adam triste, parece impossível.

— Lembra do Joel? — Ela pergunta, se afastando um pouco para que eu possa vê-lo logo atrás dela.

Eu não sei qual título usar para me referir a ele. Acho que ambos ainda namoram, porém, moram juntos também, para a alegria infinita do Drew como o Adam me contou. Eles são companheiros de vida... isso o torna padrasto do Adam?

— Claro que sim. Como vai, Joel? — Eu o cumprimento, aceitando o seu abraço gentil. — Obrigada por me receber.

— A alegria é toda nossa! — Ele exclama, olhando para a Silvia com um sorriso no rosto.

Eu fico parada com as mãos em frente ao meu corpo, esperando que alguém me diga o que fazer agora. Acho que os pais da Chloe e o pequeno Noah ainda não chegaram, pois tudo o que eu ouço agora são as risadas do Adam e da Chloe, vindas de outro cômodo.

— Drew e a Mia já estão chegando. — Silvia me diz, fazendo um gesto para que eu a acompanhe até a sala. Joel vem logo atrás de nós. — Acho que o Noah está dando um pouco de trabalho para eles hoje.

— Sem problemas — ajeito o meu vestido antes de me sentar, colocando a minha bolsa do lado. Silvia e Joel sentam à minha frente e nós apenas sorrimos uns para os outros. Será que eu deveria dizer que a noite está linda? Ou essa frase iria deixar óbvio que eu não tenho muitas habilidades sociais?

— Então, como a Chloe está se portando na escola? — Silvia me pergunta com os olhos brilhantes. Ela ama muito essa neta.

— Ela é um amor... fala demais, às vezes, mas é muito educada e obediente. Vocês estão no caminho certo com ela.

— Ela passa muito tempo comigo, ainda mais agora que o Noah

nasceu. — Silvia me conta, rindo. — Eu falo demais, não é mesmo, Joel?

— Sim — Joel afirma, rindo também. — Até mesmo dormindo.

Agora ficou evidente que o Adam puxou a personalidade da mãe. Cinco minutos ao seu lado é o suficiente para que ela me conte sobre a infância dos filhos. Fica óbvio para mim que o Adam sempre foi um pouco doido, desde pequeno. Mas eu acho que todas as pessoas naturalmente cativantes como ele, são meio malucas; inclusive a própria Silvia.

— Chegamos. — Mia grita ao abrir e fechar a porta da frente. Nós já conversamos bastante para que eu reconheça a sua voz doce com facilidade. — Desculpem o nosso atraso, mas o Drew se atrapalhou com a fralda do Noah e deixou ele se sujar depois que eu havia lhe dado banho.

Olho para eles e só posso sorrir. Eu adoro admirar as famílias das minhas crianças, adoro imaginar que todas elas possuem um lar repleto de amor e segurança, e a família da Chloe é sem dúvidas uma das mais lindas de todas.

— Isso não teria acontecido, se você tivesse trocado a fralda dele e não pedido para que eu fizesse isso. — Drew diz, sorrindo para a esposa com o pequeno bebê nos braços.

— Eu precisava tomar banho, meu amor. — Mia lhe diz em um tom brincalhão, sorrindo de volta. — Quando for se gabar sobre as suas habilidades manuais, não diga que trocar fraldas é uma delas.

— E para quem eu diria isso? Meu Deus, nós chegamos a dois segundos e você já está me envergonhado. — Ele balança a cabeça, vindo em nossa direção e entregando o filho para a mãe. — Oi Sarah, como vai?

— Estou bem, obrigada e você? — Devolvo a pergunta, beijando rapidamente o seu rosto.

— Estou bem, assim como hoje cedo quando nos falamos na escola. — Drew sorri para mim, me lembrando do momento em que deixou a Chloe na sala hoje e eu lhe perguntei como estava. Eu já disse que tudo isso parece estranho? Eu já os conheço, mas ao mesmo tempo é como se estivéssemos nos vendo pela primeira.

— Sarah. — Mia murmura, vindo até mim com um grande sorriso. Eu sempre achei que ela sorri lindamente e que a doçura é a sua melhor característica.

— Mia — eu a abraço e sussurro o seu nome com um sorriso na voz. Algo me diz que seremos grandes amigas.

— Bem-vinda à família. O Adam é um homem incrível, você não poderia ter um namorado melhor — ela se afasta e pisca para mim, antes de completar em tom divertido. — Só o Drew, é claro..., mas ele é meu.

— Eu não tenho nenhuma intenção de roubá-lo. — Afirmo, tocando o seu braço e entrando na brincadeira.

— Eu estou tão feliz... vamos nos divertir muito, tenho certeza. — Ela me abraça mais uma vez, então se afasta para cumprimentar o Adam e a Chloe.

— Eu vou ajeitar os últimos detalhes do jantar. — Silvia diz, ficando em pé outra vez. — Quer segurar o Noah, Sarah? Ele é um amor de bebê.

Olho para ela e depois para o bebê em seus braços, sentindo o meu coração bater mais rápido. Eu me sinto extremamente confortável ao redor de crianças, mas bebês... eles são lindos e fazem o meu coração se apertar consideravelmente quando me aproximo deles.

— Claro. — Digo em um fio de voz, aceitando o pequeno pacote de fofura que ela me estende.

Ele é pequeno, frágil e macio. Quentinho e suave, quando se aconchega em meu peito e continua a dormir, sugando a sua chupeta com força. O seu cheiro chega até mim, trazendo lembranças que eu julgava esquecidas, porém que me fazem sorrir, ao contrário do que eu imaginei que aconteceria. Ele tem muito cabelo, então eu toco a sua cabeça com carinho, em uma carícia reconfortante. Eu segurei apenas um bebê em toda a minha vida e eu daria tudo de mim, para que esse momento tivesse durado para sempre.

Foi como olhar para um anjo, tocar uma estrela. Isso me marcou, carimbou a minha alma como um ferro em brasas.

— Você sabe o que eu estou pensando agora, não sabe? — A voz de Adam soa suave à minha frente, trazendo-me de volta ao presente. Eu viajei para muito longe agora.

— Não, não sei — respondo, olhando intensamente para ele. — O que você está pensando?

— Que eu serei o homem mais feliz, quando for o pai dos seus filhos. — Diz com um sorriso cheio de amor. Ele tem tanta fé, tanta certeza. *Por que eu não posso simplesmente sentir o mesmo?*

Não sei se eu quero ter filhos, não sei se eu posso me doar dessa forma. É um ato de amor e eu posso amar de todo o coração. O problema é arriscar me machucar no caminho, tanta coisa pode acontecer. Nem todos os planos saem como são traçados. Nem todos os sonhos são tão lindos assim, quando abrimos os olhos.

— Você já está planejando tudo — balbucio com uma risada nervosa. — Uma coisa de cada vez... caminhar, não correr. Lembra?

— Sim, estamos caminhando. — Ele toca o meu rosto, deixando os dedos deslizarem pela minha bochecha e descansarem no meu queixo — Eu só sei que tudo isso vai acontecer, você sabe também. Diga-me que não, mas está escrito em seus olhos.

Meu Deus, onde estão as outras pessoas dessa casa, para me salvar agora? Onde está a Chloe, para me dizer algo engraçado?

— Eu não estou negando. — Digo olhando para o bebê, usando esse artifício para fugir dos seus olhos que me leem tão bem. — Nem afirmando.

— Quando você estiver preparada para correr — Adam sussurra em meu ouvido, beijando o meu pescoço também — Saiba que os meus braços estarão abertos, esperando para te segurar.

— Eu sei. — Sussurro quando volto a olhar para ele. — Quando eu correr, meus pés não me levarão para nenhum outro lugar, a não ser para você.

Ele me beija, no mesmo instante em que sua mãe volta para a sala. Posso ouvir os seus passos e sussurros, antes mesmo de olhar para ela.

— Vocês são tão lindos juntos. — Ela diz, com a mão no peito. Definitivamente, uma versão feminina do Adam — Já estou sonhando com mais crianças nessa casa, quero muitos, muitos netos.

Adam apenas ri, tento fazer o mesmo, embora para mim não seja tão fácil assim. Algo me diz que logo ela estará planejando o nosso casamento.

— O jantar está na mesa, venham. — Silvia faz um gesto com as mãos, nos convidando a segui-la. — Obrigada pela torta, Sarah. Parece deliciosa.

— Obrigada, espero que gostem!

Fico parada, deixando que o Adam vá com ela, voltando a minha atenção para o bebê. Encosto a minha testa em seu rosto e aspiro o seu perfume mais uma vez, sabendo que logo alguém virá para pegá-lo. Essa

pessoa é a Mia, alguns segundos depois.

— Eles parecem doidos e assustam um pouco no início. — Mia fala com um leve menear em direção à sala de jantar, onde todos estão agora. — Mas eles são a melhor família e quanto mais cedo você aceitar que eles não te deixarão ir, mais fácil será para você.

— Eu vou me lembrar disso — afirmo lhe entregando o Noah. — Eu gosto deles, acho que posso superar o meu medo dessa vez.

— Irá valer a pena — ela sorri, apertando a minha mão.

— Eu sei que irá — replico com convicção.

Eu não tenho tanta certeza quanto o Adam, mas sei que posso ter um pouco de fé. Talvez dessa vez a minha realidade seja tão maravilhosa, quanto os sonhos que alimentam os meus dias... Sonhos que ele trouxe ao meu coração novamente. Por muito tempo eu achei que não fosse dizer isso outra vez; mas estar apaixonada é uma sensação incrível.



Sendo uma pessoa otimista por natureza e que encara a vida sempre pelo melhor ângulo; eu posso dizer que já vivi grandes momentos. Alguns inesquecíveis e tão marcantes que eu acho que jamais se apagarão do meu coração... sim, faz um tempo que eu decidi que só levaria comigo o que realmente me fez bem, o que arrancou um sorriso do meu rosto... E não, a minha vida não é perfeita, ou algo assim. Eu me frustro, sinto raiva e até choro — embora eu não tenha tido razões para isso nos últimos anos — eu já chorei de felicidade e decepção, algumas vezes.

Qual o problema nisso? Chorar é a primeira coisa que fazemos ao nascer e depois passamos cada minuto da nossa existência, achando que isso é um ato de fraqueza. Se você for homem então; devolva a sua masculinidade na saída.

Mas eu não vejo nada de mais em demonstrar um pouco de humanidade, é o que todos nós somos afinal; humanos frágeis e estamos sujeitos a algumas lágrimas pelo caminho. Se você se apaixonar as chances aumentam. Se você se apaixonar por uma mulher que parece hesitante em se comprometer; as chances triplicam. Mas calma, eu ainda não cheguei a esse ponto com a Sarah e espero que ele esteja longe o bastante, do tipo no qual eu somente chorarei no dia do nosso casamento, ou quando o nosso primeiro filho nascer. Eu só tenho a sensação de que ela me fará chorar em algum momento e só posso desejar que seja pelos motivos certos. Eu aceito o meu destino, seja ele qual for.

De volta para a parte de momentos felizes — nós ainda estamos concentrados neles — eu tive a minha cota deles, como já disse. Não poderia

escolher apenas um e dizer que aquele foi o mais feliz. Devo me considerar abençoado por isso e eu sou; realmente sou... Tudo isso foi dito com o propósito de chegar até a noite de hoje. Ao aqui e ao agora.

Ao dia em que a Sarah conheceu a minha família, ao dia em eu a vi sorrir e não tive a sensação de que ela sairia correndo minutos depois. Acho que pela primeira vez ela esteve totalmente desprovida de dúvidas. Eu posso estar enganado, mas essa noite significou muito mais do que os nossos olhos puderam ver. Foi um passo para frente, talvez dois e sem nenhum passo para trás após isso.

Posso estar sendo otimista — não que exista alguma novidade nisso — mas eu acho que agora posso tê-la por completo. Sem dúvidas, hesitações, medos, inseguranças... A sensação de não ser o único apaixonado da relação, faz com que eu quase me sinta mais leve do que o ar que estamos respirando agora.

— Pronto, está entregue sem nenhum arranhão — digo em tom de brincadeira, quando enfim estaciono em frente à sua casa. — Sã e salva!

— Muito obrigada — ela devolve, rindo para mim.

O seu sorriso tem um poder devastador sobre mim, quase assustador — se eu me assustasse com facilidade —, mas acho que é assim mesmo quando amamos alguém. A sua felicidade antes da nossa, o seu bem-estar antes do nosso. Eu só quero lhe dar o mundo embrulhado em papel colorido e com um laço bem grande.

— Essa noite foi muito especial para mim. — Eu confesso, segurando a sua mão e desejando que essa noite não tenha fim.

— Foi especial para mim, pode acreditar. Foi bom estar errada e perceber que todas as minhas inseguranças eram realmente muito bobas.

— E sem fundamento algum — completo, arrancando outro sorriso seu.

— Sim, ok... — ela solta uma respiração lenta, quando eu beijo a

palma da sua mão; antes de colocar a mão em seu queixo e puxá-la para um beijo. — Quer entrar e beber alguma coisa?

— Eu vou dirigir. — Sussurro, ainda em seus lábios.

— Um suco, um chá ou café? — Ela insiste

— Um café tiraria totalmente o meu sono agora.

— Você está brincando comigo, não é? — Sarah se afasta apenas o bastante para bater levemente em meu ombro.

— Estou e eu quero um café. Você vai me fazer um café às... — paro de falar por um instante e olho para o relógio no painel do meu carro. — Dez e meia da noite.

— Teoricamente é só ligar a cafeteira, não é engenharia de foguete — ela sibila, revirando os olhos. Eu tenho um dom em irritá-la, acho que é uma boa qualidade para um marido. — Eu farei uma jarra inteira para você. Mas eu só estava querendo que ficasse mais um pouco, e você estragou tudo.

— Obrigado pela honestidade. — Eu a beijo mais uma vez e então me afasto, abrindo a porta em seguida. — Eu já sabia, mas é bom ouvir a verdade, às vezes.

— Eu te digo a verdade sempre, Adam. — Eu a ouço dizer, enquanto dou a volta no carro e abro a sua porta também.

— Eu nunca te disse o contrário, embora eu saiba que existem muitas coisas que você ainda não me contou.

— Isso não é mentir. Você me contou tudo sobre você? — Ela me pergunta quando saí do carro, uma das mãos em meu braço, a outra ajeitando

o seu vestido.

— Eu sou transparente demais e péssimo para guardar segredos. Me pergunte o que quiser — ofereço, enquanto caminhamos juntos até a sua casa. — Nem precisa perguntar, acho que você pode encontrar todas as respostas em meus olhos.

— Você é uma criança então, só as crianças não conseguem guardar segredos. — Ela sorri para mim, ao mesmo tempo em que abre a porta da sala. — Eu pensei sobre isso hoje, enquanto eu te esperava e em como a Chloe teria contado para todas as crianças que eu estaria nesse jantar, se ela soubesse.

— Ela teria sim e teria enlouquecido cada um de nós com a sua ansiedade — a observo jogar as chaves sobre a mesa da cozinha, antes de se virar para mim, ainda com a sua bolsa na mão.

— Você quer o café agora? — Ela me pergunta, virando levemente o rosto em direção a cafeteira sobre o balcão.

— Não, não quero... eu estava brincando sobre isso também, café definitivamente me deixa sem sono.

— Eu deveria saber. — Sarah murmura calmamente. — Quer ligar a TV? Eu vou tirar esses sapatos e guardar a minha bolsa.

—Tudo bem, não tenha pressa. — Eu digo ainda parado na porta.

— Ah, eu me lembrei agora. — Diz, se virando para mim quando está na metade do corredor que leva até o seu quarto. — Tem merengue e morango na geladeira, você quer?

— Você está me oferecendo comida e já deveria saber a resposta.

— Mesmo depois de ter jantado e comido dois pedaços da minha torta mais cedo?

— Principalmente depois de ter comido dois pedaços da sua torta e ter perdido a disputa pela terceira fatia, para a Mia. — Eu digo sorrindo, me lembrando da nossa pequena briga na mesa de jantar. — Eu não me esqueci que você me prometeu uma torta só minha.

— Eu também não me esqueci. — Ela pisca para mim antes de correr para o quarto.

Eu finalmente saio de onde estou; parado à porta e caminho até o seu sofá. Eu nunca tive tempo de bisbilhotar muito. Todo mundo faz isso, quando se vê sozinho por um instante na casa de alguém, olhar fotos ou descobrir o seu gosto literário, apenas por admirar um livro da estante. Acontece que a Sarah nunca me deixa sozinho por muito tempo. A não ser no seu banheiro, é óbvio, mesmo que eu tenha a sensação de que ela baterá na porta depois de cinco minutos. Eu nunca olhei no seu armário, eu juro..., mas já cheirei o seu shampoo; foi inevitável.

A sua sala é pequena, se comparada ao tamanho da cozinha e ao quarto de hóspedes — que eu já olhei brevemente, quando passava pelo corredor. Mas embora seja um ambiente pequeno, é aconchegante e eu me sinto em casa aqui. Talvez por ter passado mais tempo nesse sofá nas últimas semanas, do que no meu próprio sofá.

Eu ligo a TV que está na parede, suspensa por um painel de madeira escura e passo alguns segundos decidindo em qual canal deixar. Não que isso importe realmente, já que eu nunca assisto a um programa ou a um filme por completo. Quando não estou conversando com a Sarah, eu a estou beijando, segurando a sua mão. Ou simplesmente olhando para ela como um idiota apaixonado e pensando no quanto ela é linda. E dando graças a Deus por ter feito o pai da Mia ser preso, por ter feito o Drew ser o policial que o prendeu. Por ter feito a Chloe ser tão fofa, mais tão fofa, que ninguém poderia ser capaz de viver sem ela. Por ter feito o Drew e a Mia se casarem e o Noah nascer... E o mais importante de tudo; por ter abençoado o Drew com a sorte de ter um irmão incrível como eu. Tão incrível que jamais recusaria a missão de estar em uma reunião escolar — que ninguém mais poderia estar; apenas eu... já que estava escrito nas estrelas que esse seria o dia me que eu

conheceria a minha linda mulher.

Eu jogo o controle remoto no grande sofá branco atrás de mim, depois de finalmente ter optado por um programa no Discovery Chanel; a vida do Elefante Indiano ou algo assim. Interessante, eu sei, eu adoro elefantes. Estico a cabeça em direção ao corredor por onde Sarah foi há alguns minutos e coloco as mãos nos bolsos, olhando ao redor e me perguntando se terei tempo para xeretar dessa vez. Talvez não, mas eu não tenho mais nada a fazer, a não ser olhar ao redor agora. Há uma grande estante, também de madeira escura, na parede oposta à TV. Muitos livros, mais do que os meus olhos seriam capazes de contar, recheiam a sua prateleira. Romances em sua maioria, ela iria amar a livraria da Mia, eu acho que elas conversaram sobre isso no jantar.

Além dos livros, existem alguns porta retratos e coisinhas bonitinhas — que eu não sei como se chamam, mas sei que a minha mãe adora e tem centenas.

Eu seguro o porta-retrato que está à frente e analiso a foto. Uma Sarah mais jovem me olha de volta através do vidro. O seu cabelo está mais curto, na altura dos ombros e enrolados. O seu rosto está mais redondo também, mas o seu sorriso é o mesmo. Doce e cativante ao lado da Sam. Elas estavam em uma festa pelo que posso perceber. Escuto os passos suaves da Sarah e me viro em sua direção, sem me preocupar em colocar a foto no lugar. Eu não consegui chegar perto dessa estante em semanas, não vou fingir que não estava olhando agora.

— Você estava muito diferente nessa foto. — Observo, erguendo o porta-retrato para ela ver. — E a Sam estava loira.

Ela ri, olhando para a foto em questão e caminhando até onde estou. Ela não se trocou, apenas tirou as sandálias e colocou um par de chinelos; além de ter prendido o cabelo.

— Nós tínhamos dezoito anos, estávamos no auge da adolescência e loucura; por parte da Sam, é óbvio. — Ela me conta, tirando a foto da minha mão e a tocando sobre o vidro. — Ela tentou me convencer a pintar o meu cabelo também.

— E ela conseguiu?

— Não — ela nega, balançando a cabeça. — Eu teria ficado horrível e chorado por semanas. Eu nunca fui corajosa o bastante para fazer uma mudança dessas.

— Você não ficaria horrível nem se se esforçasse para isso — falo, tocando o seu cabelo. — Mas não precisa mudar também, você é perfeita desse jeito.

— Obrigada. — Ela agradece, beijando o meu queixo. — E você é perfeito em dizer as coisas mais perfeitas.

— Perto de você, dizer algo perfeito não é nenhum sacrifício. — Falo, a abraçando assim que ela coloca a foto outra vez na estante. — As palavras simplesmente saltam da minha boca.

— Você é fofo — sussurra, colocando os braços ao redor do meu pescoço e então ri quando olha para a TV. — Elefantes?

— Indianos... Elefantes indianos — eu a corrijo com seriedade fingida. — Eu só liguei a TV.

— Foi o que eu pensei, nada interessante para uma quarta à noite?

— Nada tão interessante, quanto te beijar.

Ela sorri e seus olhos se iluminam diante de minhas palavras. Como eu gosto disso, de ser o motivo do seu sorriso, do brilho em seus olhos. Eu coloco as mãos em seu rosto com lentidão, tocando a sua boca com o dedo indicador, sem nunca deixar de olhá-la. Então eu toco o seu cabelo, soltando com cuidado o elástico que o mantém preso. Meus dedos se emaranham entre eles, tocando o seu couro cabeludo, antes que eu a puxe para um beijo apaixonado.

A sensação de se beijar alguém que se ama, é diferente de tudo. Eu não sou capaz de me lembrar de nada do que eu vivi antes dela. De nada do que

eu senti, antes de tocar a sua mão pela primeira, de sentir a doçura dos seus lábios pela primeira vez. O amor é um ingrediente capaz de tornar tudo melhor, de trazer um sabor absolutamente único. De te levar até o céu ou te deixar no inferno, pois é exatamente para onde eu iria se a Sarah me deixasse; disso eu tenho certeza.

— Eu tenho um presente para você. — Eu digo junto aos seus lábios, a minha voz soando engraçada com a proximidade deles.

— Sim? — Ela pergunta com alegria evidente.

— Sim — confirmo, ainda sem soltá-la. — Feche os olhos.

— Uma surpresa — sussurra, fechando os olhos como eu pedi. — Eles estão fechados, você vai colocá-lo em minha mão.

— Não, vou colocá-lo em você. — Ela ri alto, me fazendo perceber como as minhas palavras soaram agora a pouco. — Você passou duas horas com a Mia e já está se parecendo com ela.

— Eu não pensei nada demais, foi apenas engraçado. — Ela se defende, levantando a mão. — Estou curiosa, Adam.

Me afasto dela depois de um beijo e contorno o seu corpo, ficando parado em suas costas. Coloco uma das mãos no meu bolso, segurando o seu presente entre os dedos por alguns instantes. Então afasto o seu cabelo para o lado, deixando o seu pescoço à mostra.

— Adam... — Sarah chama a minha atenção, quando eu beijo o seu ombro e permaneço quieto. — O presente.

— Estou indo, onde está a sua paciência? — Questiono, depois de beijar o seu pescoço.

— Você ficaria curioso também. — Sarah me recrimina, abrindo um dos olhos de forma engraçada. — Você está demorando.

— Feche bem os olhos, senão não lhe darei nada.

Ela os fecha outra vez, apertando os olhos com força; assim como a Chloe faz às vezes. Isso me faz rir e sim, eu ficaria muito mais curioso do que ela, mas não preciso admitir essa verdade.

Coloco a fina corrente de ouro ao redor do seu pescoço, deixando que ela caía livremente por sua clavícula depois que eu a fecho. Deixo um beijo delicado logo atrás da sua orelha e contorno a sua cintura, esperando a sua reação.

Seus dedos vão automaticamente até o coração de tamanho médio, que está no final da corrente.

—É lindo, Adam. — Ela recita, ainda sem abrir os olhos.

— Você nem o viu ainda, pode ser uma joia horrível. daquelas realmente horrendas — digo em seu ouvido. — Mas você será obrigada a usá-la mesmo assim.

— Você não me daria um presente desses. — Ela diz, se virando para mim, sem soltar o coração que está apertado em sua mão esquerda.

— Eu não daria — concordo, aceitando o seu beijo.

Seus olhos estão bem abertos agora, mas ela não olhou para o seu colar, já que o seu olhar está em meu rosto. Segundos depois ela se afasta com cuidado e vai até o grande espelho que fica em uma das paredes do corredor. Quando está em frente ao espelho a sua mão se abre, revelando o coração dourado. O seu sorriso aumenta quando ela coloca os olhos nele, virando-se em seguida para mim.

— Um relicário? — Ela exclama, abrindo o coração ao meio.

— Sim. — Confirmo, sorrindo também.

— Vou colocar uma foto nossa aqui. — Sarah promete, com alegria.

— Essa era a ideia, foi por isso que eu te dei — confesso, colocando as mãos no bolso, ao mesmo tempo em que ela volta a se olhar no espelho. — Então você pode me mostrar para todo mundo.

— Eu já disse que você é fofo, Adam Scott?

— Sim, mas pode repetir; eu gosto de te ouvir, Sarah. — Ela volta para mim, se jogando em meus braços, antes que eu lhe pergunte. — E aqueles morangos?

— Na geladeira... você só pensa em comida.

— Não, eu só penso em você.



Eu não sei que horas são agora, provavelmente muito tarde para estarmos no seu sofá com um pote de morangos e outro de merengue à nossa frente, enquanto uma comédia romântica passa na TV. Eu preciso trabalhar amanhã, a Sarah também, mas eu acredito que essa preocupação não passou por sua cabeça ainda e nem na minha, se eu puder ser sincero. Eu só quero estar aqui agora, eu só quero que ela me diga que nunca mais vai me deixar ir embora. Que nós faremos isso para sempre, todas as noites, a partir dessa.

—Me conte algo que eu jamais imaginaria, se somente olhasse para

você. — Eu peço, concentrando o meu olhar em seu rosto bonito.

— Como assim? Um segredo? — Ela devolve a pergunta, deixando o morango que segura; parado no caminho até a sua boca.

— Não um segredo realmente. Algo que você já fez ou viveu, que ninguém poderia dizer — explico, puxando a sua mão e mordendo o seu morango.

— Eu não sei — ela murmura sorrindo. — Me dê um exemplo.

— Por exemplo, — pondero por um segundo. — eu já saltei de paraquedas.

— Verdade? — Ela exclama, cheia de espanto.

— Sim, faz muito tempo, porém.

— E como foi? Qual a sensação?

— Boa, foi legal. Eu não me lembro muito bem. — Eu conto, olhando para frente enquanto tento me recordar. — É como a dor, você não se lembra dela depois que passou. Mas eu faria outra vez.

— Bem, eu nunca imaginaria algo assim sobre você — pontua, se encostando ao sofá. — Isso me surpreendeu mesmo.

— Agora é a sua vez, me conte algo assim sobre você — peço, sorrindo para ela. — Me surpreenda.

— Eu nunca saltei de paraquedas. — Ela diz, claramente tentando me enrolar e fugir da sua resposta.

— Isso eu sei. Me conte algo totalmente novo.

— Hummm. — Ela morde os lábios, olhando para mim enquanto pensa. — Isso é tão difícil, eu sou muito certinha.

— Tenho certeza de que existe algo — digo, puxando o seu corpo até o meu. — Busque lá no fundo.

Ela me olha por infinitos segundos, que tão lentamente se tornam minutos. Nossos olhos nunca se separam, enquanto eu espero. Por que ela reluta tanto? Seja lá o que ela tenha que me dizer, deveria saber que não fará diferença, não quando eu estou completamente aos seus pés, perdido de amor por ela.

— Eu tenho uma tatuagem. — Ela sussurra, por fim, soltando o ar em seguida. Quase tenho vontade de rir, depois de ter imaginado que ela me diria que era a reencarnação de Hitler.

— Verdade? — pergunto sério, ou o mais sério que posso.

— Sim.

— Eu quero ver.

— Hoje não... Ainda não.

— Onde está? — Demando, me sentindo curioso.

— Em minha barriga, perto do meu umbigo — conta, colocando a mão no local, sobre o tecido do seu vestido.

— Jura? Por que justamente aí? — Eu pergunto outra vez, colocando a minha mão sobre a sua.

— Por um motivo muito especial, a única razão pela qual essa tatuagem existe. — Ela diz, olhando para as nossas mãos juntas.

— Me conte, então — peço, colocando a mão em seu queixo e trazendo o seu olhar para o meu outra vez.

— Hoje não, eu ainda não me sinto preparada — sua voz soa baixa, mesmo assim eu a ouço.

— Eu quero ouvir, você pode me contar qualquer coisa. — Afirmo, encostando a minha testa na sua. — Você ficou bêbada na faculdade e fez uma tatuagem horrível?

— Não, não foi isso. — Sarah sacode a cabeça, enfatizando a sua negativa.

— O que é? Qual o símbolo que você tatuou?

— Uma borboleta colorida, do tipo muito linda. É definitivamente muito especial para mim.

Eu me afasto um pouco do seu rosto, apenas o suficiente para jogar a minha cabeça para trás e fechar os olhos por alguns segundos. A minha memória é boa o suficiente, para me trazer a lembrança de ter visto uma tatuagem igual no braço do ex-namorado bonito. Eles fizeram isso junto? Algo para marcar a relação dele? Se sim, por que ela não tatuou um corvo por cima disso? Eu não gosto dessa história, é amarga demais quando ela me diz que a tatuagem é especial para ela.

— O seu ex-namorado tem uma tatuagem colorida no braço direito — pontuo sério, me sentindo incapaz de guardar essa informação para mim.

— No esquerdo — ela me corrige com voz calma. — Nós fizemos juntos.

— Legal, incrível, maravilhoso... — Eu digo com um toque de ironia. Isso é um pesadelo. Qual o sinônimo para desastre?... *Catástrofe*; essa é a melhor definição. — Parece bem romântico.

— Não foi esse o motivo da tatuagem. — Ela se defende, tentando se afastar de mim. Minhas mãos vão firmes em suas costas, a prendendo no lugar.

— Me conte então, eu preciso saber, Sarah. Por que então você não apagou essa maldita tatuagem de casal?

Ela fecha os olhos, fugindo dos meus. As pessoas não olham para você quando querem mentir. Isso me machuca um pouco, não o suficiente para doer, já que ela está em completo silêncio agora. Ela respira uma, duas, três vezes... eu antecipo a sua mentira, disposto a arrancar dela a verdade, nem que seja a última coisa que eu faça. Mas nada poderia me preparar para as palavras a seguir. A minha imaginação não iria tão longe.

— Nós tivemos uma filha, Adam — sussurra, abrindo os olhos com relutância e me fazendo enxergar a verdade através deles. — A tatuagem é para ela, ela é a nossa borboleta.

— Caramba... — é tudo o que eu consigo dizer. — Me conte sobre ela.

— É uma longa história e está muito tarde. — Sarah tenta se afastar novamente após dizer isso e outra vez eu não deixo. Ela não pode me dizer algo assim e fugir.

— Me conte, Sarah. — Eu peço, colocando a mão no seu pescoço e a obrigando o olhar para mim. — Me conte porque você quer e não porque eu

estou implorando, mas eu preciso saber.

— Meus Deus, isso é difícil — ela chora, soltando um soluço de dor em seguida. — Eu vou te contar... eu quero te contar.

— Obrigado — sussurro, beijando a sua testa. Meus lábios se demoram em sua pele, enquanto eu rezo para que esse gesto seja o bastante e lhe dê confiança.

Ela deita a cabeça na curva do meu pescoço e eu a abraço com força, fechando os meus olhos e esperando que ela comece a falar. Eu só quero ouvi-la, eu só quero abraçá-la...



Se você conhecesse a felicidade plena e a perdesse em seguida; saiba que choraria até adormecer todas as noites. Se você um dia sentisse o amor em sua forma mais pura e isso durasse pouco demais; saiba que teria o seu coração partido em um milhão de pedacinhos. Do tipo que não importa o quanto você tente, nenhuma cola é boa o bastante para fixá-lo outra vez. Você nunca mais será inteira. Sempre faltará aquele pedaço que se foi. No meu caso; a minha filha.

Eu não disse antes, mas ela tinha o sorriso mais lindo. Ela sorriu poucas vezes para mim, mas isso foi o suficiente para criar uma lembrança imutável. Com o tempo você se esquece de tanta coisa, coisas das quais não poderia esquecer, pois você apenas precisa delas para se sentir viva. Eu não me esqueci do seu sorriso, embora algumas pessoas me diriam que um bebê tão pequeno não poderia sorrir. Eu acredito no meu coração.

Você se esforça de forma quase sobre-humana para manter cada memória, cada sentimento em sua alma, não importa quão pequeno ele seja. Mas não tem jeito, o tempo leva quase tudo e te deixa vazia. A única coisa que o tempo não rouba de você; é uma cicatriz latejante. Então você olha para ela todos os dias e se recorda que um dia teve tudo e perdeu de repente. Que você nunca teve uma escolha, que ninguém nunca te deu uma opção.

Eu queria abraçá-la uma última vez, queria sentir os seus pequenos e fofos dedos ao redor do meu cabelo. Queria sentir o seu cheiro outra vez, nem que fosse por dez segundos apenas. Eu daria cada centavo, cada gota de sangue ou o último suspiro dos meus pulmões para isso. Quão amargo é aceitar que isso nunca irá acontecer outra vez? Não importa o quanto eu chore, o quanto eu imploro e clame por misericórdia, eu jamais a verei novamente.

— Eu engravidei alguns meses depois de completar vinte e um anos — começo a falar de forma baixa, minha cabeça ainda repousa na curva do pescoço de Adam. — Meu pai ficou louco e queria me matar, até se lembrar que eu era a única filha dele. Depois ele quis matar o Nicholas e o teria feito, se ele não fosse o pai do seu futuro neto.

Paro e respiro, o ar começa a ficar mais denso. Eu quase tenho ataques de pânico quando falo sobre esse assunto; e faz tempo que eu não o faço. As pessoas não se sentem à vontade para me fazerem perguntas e elas não estão dispostas a ouvir as minhas lamúrias. Elas andam ao redor, cautelosas, como quem pisa em um gelo muito fino, prestes a se quebrar a qualquer minuto. Então elas simplesmente fingem que isso nunca aconteceu e sorriem para você. Ninguém quer carregar a sua dor.

— Mas você sabe, todo mundo ama bebês e não demorou muito para que todos aceitassem a novidade. — Eu continuo. — Meu pai queria que casássemos, mas eu não aceitei e hoje sou grata pela decisão que tomei; teria sido um desastre completo.

— Eu não sei exatamente como me sinto ouvindo tudo isso — Adam me diz, me apertando um pouco mais; mesmo que eu acredite ser impossível estarmos mais próximos que isso. — Só acho que você tomou uma sábia decisão sobre o casamento.

Isso me faz sorrir, embora seja tão dolorosa a lembrança do passado. Eu acho que se existe alguém que pode ser um bálsamo para mim; essa pessoa é o Adam.

— Nós ficamos noivos, porém — conto, arrancando uma risadinha irônica dele. — Mas olhando para trás, eu percebo que não foi porque eu quis. Eu fiz muito para acalmar a ira do meu pai.

— Posso imaginar algo assim vindo do seu pai.

— Ele é um pouco antiquado, eu admito, e fiz isso por ele, para preservar o seu coração e ter um pouco de paz durante a gravidez.

— E como foi? Como foi a sua gravidez? — ele pergunta em um sussurro.

Isso é estranho, estamos falando sobre a minha gravidez, a filha que eu tive com outro homem... não posso imaginar os sentimentos que inundam o seu coração neste momento, mas posso imaginar que não é nada fácil para ele. Eu poderia ter escondido esse fato dele para sempre, poderia ter ocultado a verdade através dos anos e ele jamais saberia. Ele não poderia descobrir de outra forma, além dos meus próprios lábios, disso eu tenho certeza.

Se estou contando agora, se eu, mesma cheia de relutância, lhe contei sobre a tatuagem; foi porque eu sei no fundo da minha alma que nós dois precisávamos disso. Sem segredos, sem fantasma, sem reticências a partir de agora. Estou me desnudando por completo, me mostrando por inteira, morrendo de medo que ele não me aceite com as cicatrizes que carrego. Muito maiores que uma tatuagem e uma história triste. E se ele me aceitar, se ele me entender... então serei sua para sempre, enquanto ele me quiser.

— Foi incrível — digo, fechando os olhos enquanto o seu coração bate em meus ouvidos. — Eu não conheço uma sensação mais poderosa no mundo do que gerar uma vida. Se existe algo mais grandioso que isso, eu ainda não experimentei.

— Eu não tenho filhos, mas posso concordar sobre isso. Depois de ter acompanhado a gravidez da Mia, posso dizer o quanto isso é mágico; mesmo para quem olha de fora — ele me diz de forma carinhosa, tocando suavemente o meu cabelo.

— Eu fui feliz... durante meses, eu fui imensamente feliz. Embora eu estivesse com medo, embora eu tivesse centenas de dúvidas; ainda assim, eu nunca fui tão feliz.

— Você ainda será muito feliz, Sarah. — Ele afirma com seriedade. — Muito, muito feliz.

— Eu duvido disso um pouco agora — confesso, virando o meu rosto para ele, mas ainda sem me afastar um milímetro. — E ainda que eu seja feliz, eu nunca poderei esquecê-la. E a partir de hoje, a cada vez que olhar para mim, você saberá que me falta algo... Sempre faltará.

— Eu nunca te pediria para esquecê-la, Sarah. — Ele recita com amor. — Eu não sei o que aconteceu, na verdade eu não faço ideia; mas eu sei que ela é uma parte do seu coração. O motivo da tristeza tão bem escondida em seu sorriso... eu não vi isso antes, porém, eu enxergo agora e quero sofrer por você, tirar toda a dor que se reflete de forma tão cristalina em seus olhos.

— Ninguém pode arrancar isso de mim, Adam — digo, tocando o seu rosto. — Nem eu mesma sou capaz disso e acredite, eu já tentei inúmeras vezes.

— O que aconteceu? — Ele me pergunta, beijando o meu nariz.

Ele é sempre tão carinhoso, e eu acho, tenho quase certeza, que não o merece. Eu já o magoei, mesmo que involuntariamente, com todas as minhas inseguranças. Eu não sei se posso ser o que ele precisa, embora esteja disposta a tentar com todas as minhas forças; ainda assim, eu não sei...

— Ela nasceu após trinta e nove semanas da gravidez mais tranquila e saudável que uma mulher poderia ter. Eu não tive complicações, não engordei demais ou precisei ficar em repouso. Foi tudo maravilhoso, como eu disse.

— E então?

— Ela era linda, Adam. O bebê mais amado e querido de todo o mundo. O mais desejado de todos. — Eu conto com um sorriso triste. — Ela tinha pouco cabelo, mas ele era escuro como o meu. Os seus olhos, por algum motivo, eram verdes, muito mais claro que os meus. Mas todos que foram visitá-la no hospital, me disseram que isso iria mudar com o tempo.

— Ela se parecia com você? — ele indaga, depois de beijar o meu nariz. — Tão linda quanto?

— Eu acho que ela seria igual a mim, quando crescesse — eu digo, sentindo a primeira facada no peito ao usar essa sentença... *seria*, ela nunca teve a oportunidade realmente de ser algo. De ser uma criança, uma adolescente, de ser uma mulher. — Eu ainda sonho com ela, ainda a vejo em cada criança, ainda a projeto em cada menininha de cabelos pretos e sorriso doce.

— Eu sinto muito, Sarah. — Ele sussurra em meu cabelo, no mesmo instante em que as primeiras lágrimas deslizam pelo meu rosto. Eu nunca sou forte para contê-las quando falo sobre o passado. — Eu realmente sinto muito, gostaria que tivesse sido diferente; que você não a tivesse perdido.

— Ela morreu... — eu balbucio tão lentamente, de forma débil; me sentindo quase sufocada pela onda de choro que chega sem controle. — Você conhece uma palavra mais feia que morte?

— Não — ele diz simplesmente, quase tão baixo quanto eu.

— Ela tinha um pouco mais de um mês, quarenta e cinco dias, para ser exata. Foi essa a quantidade de tempo que ficamos juntas e eu amei cada segundo.

— Sarah... — o meu nome nunca soou assim na boca de alguém. Infinitamente doloroso. — Não precisa me contar, eu entendo.

— Nicholas e eu estávamos morando juntos, o meu pai não aceitaria de outra forma, mesmo que ter uma filha morando com alguém sem ser casada, ainda fosse uma mancha para ele. — Eu continuo, depois de vários suspiros até encontrar a minha voz novamente. — Mas não era o conto de fadas que eu achei que seria e pela primeira vez, nossos caminhos foram em direções opostas. Você sabe que os bebês podem dar muito trabalho e ele estava muito focado na carreira... eu estava tão cansada...

— Está tudo bem — Adam me diz, me encorajando a continuar ou me calar, eu não sei ao certo em meio à confusão que meus sentimentos estão nesse momento.

— O seu nome era Ayla. — Eu conto em meio a lágrimas. — Eu não sei ao certo por que o escolhi. Nós queríamos um nome curto e eu gosto muito de como ele soa... Ayla.

— É bonito, eu gosto também.

— Significa luz da lua, e foi bom tê-lo escolhido, porque eu posso olhar para a lua e me lembrar dela.

— Eu vou me lembrar também, agora que eu sei sobre ela — ele promete, secando as minhas lágrimas com os polegares; as duas mãos muito firmes em ambos os lados do meu rosto. — Iremos sempre nos lembrar dela.

— Foi minha culpa, Adam. Acho que essa é a primeira vez que eu digo isso em voz alta — confesso com os olhos fixos nos seus. Mesmo que eu quisesse desviá-los, o seu aperto em meu rosto não deixaria. — Eu nunca admiti, ainda que eu carregue essa culpa comigo e ela seja pesada demais. Ninguém nunca me acusou, mesmo que eu saiba que é isso o que todos pensam. Foi minha culpa.

— Sarah, não... eu não posso imaginá-la fazendo mal para alguém. Não foi sua culpa, eu sei.

— Foi um acidente, uma fatalidade, mas no fundo eu sei foi minha culpa — afirmo, chorando um pouco mais agora. — Eu sei que foi.

— Não foi. — Ele me consola com voz calma. — Não faça isso com você mesma, Sarah.

— Foi em uma noite em que eu estava realmente muito exausta, então eu me lembro tão pouco e já repassei essa mesma noite milhares de vezes em minha mente. Eu já procurei algum detalhe, qualquer coisa que fizesse algum sentido para mim. — Digo, me engasgando em meu próprio choro; o desespero sendo demais para mim. — Eu só queria entender... eu a coloquei para dormir e ela estava bem... eu não sei o que aconteceu de errado.

Não faz tanto tempo assim que eu chorei pela minha filha, na verdade eu o faço com frequência. Às vezes são apenas lágrimas de saudade... *você sabe que a saudade pode doer fisicamente?*

Sim, ela pode e no meu caso, ela me fere como um punhal a cada vez. Eu quase cheguei à conclusão que gosto da dor, porque eu não sou capaz de deixar de sentir saudades, não sou capaz de esquecê-la.

Embora eu chore sempre, essa é primeira vez que eu me desestruturei completamente, ficando em pedaços, enquanto as lágrimas caem descontroladamente. Talvez porque eu saiba que o Adam está aqui para me segurar, para me montar outra vez. Eu nunca senti essa segurança toda.

É irônico o fato de que eu tive uma filha com outro homem, que nós quase construímos uma vida, que um dia eu realmente acreditei que o amava. Que ele me segurou enquanto olhávamos para a nossa bebê sem vida e ele me sussurrou que ficaríamos bem e, eu nunca acreditei. Pior do que isso, era o fato de que eu ainda tinha medo, ainda me sentia sozinha. Mas o Adam... eu definitivamente acredito nele, eu o sinto tão intensamente, o seu coração de alguma forma inexplicável conectado ao meu. Eu já não me sinto sozinha, eu já não tenho tanto medo do futuro.

— Três horas depois, talvez um pouco mais, eu fui para o seu quarto. Achei que fosse encontrar o barulho do seu choro baixinho, como ela fazia quando estava com fome, mas só existia o silêncio. — A minha voz soa rouca, após tantas lágrimas e a minha garganta doeu a cada palavra dita; mesmo assim eu não paro. — Eu me assustei e fui até o seu berço, coloquei a mão sobre o seu peito e não havia nada. O meu coração parou por um segundo e essa sensação de impotência é algo que eu nunca esquecerei também.

— Eu sinto muito, Sarah. — Adam me diz pela décima vez e eu me sinto mal pelo sofrimento que estou lhe infringindo agora; mas essa é uma parte de mim. Uma parte que ele pediu para conhecer.

— Eu me desesperei, é claro. A segurei em meus braços e ela não respirava... eu não sabia o que fazer, totalmente entregue ao meu pânico. Então eu a abracei com carinho e clamei com todas as forças da minha alma que aquilo fosse um pesadelo e que eu acordasse.

— Você não merecia isso, nenhuma mãe merecia — ele enfim, deixa que eu me afaste um pouco.

Eu coloco as mãos em meu rosto e controle a vontade que tenho de gritar nesse momento, de arrancar os meus cabelos, me autoflagelar. Eu não merecia, eu não merecia ter estado com ela por tão pouco tempo.

Durante os primeiros meses após o luto, eu sempre me perguntei o porquê de tudo isso. Por que ela veio até mim, se não era para ficar? Por que eu tinha que conhecer a sua doçura, quando logo depois só me restaria o amargor da sua ausência?

Karma, destino? Qual era a resposta? Eu era uma pessoa ruim? Deus estava me castigando?

— O resto dessa noite e muitos dias após ela, são como pequenos clarões na minha mente. Mas os paramédicos vieram e não puderam fazer nada. — Eu conto, após Adam ter afastado as minhas mãos do meu rosto e entrelaçado entre as suas. — Os médicos não tinham uma resposta, não encontraram nada de errado já que ela era saudável. A vida dela apenas se apagou aquela noite, como uma vela em um sopro de vento.

— Eu sinto tanto, Sarah — ele diz, me beijando. — Sinto muitíssimo mesmo, mas você sabe que não foi a sua culpa.

— Eu não posso deixar de pensar que não fui uma boa mãe, eu não sabia nada sobre bebês e estava um pouco perdida.

— Você era muito jovem e fez o seu melhor, eu tenho certeza — ele diz com suavidade, me olhando fixamente. Eu vejo amor em seus olhos, eu não queria enxergar antes; mas não posso negar agora. Não quando o amor

presente neles, vem em linha reta até o meu coração.

— Foi uma fatalidade, o médico me disse. Poderia ter acontecido com qualquer pessoa e eu fui, de alguma maneira, a escolhida — a minha voz já se transformou em um sussurro involuntário e eu não sei como farei com as crianças amanhã. — Sempre existirão os ses... E se eu não tivesse dormido demais? Se eu tivesse acordado antes? Se eu tivesse a colocado na cama comigo?

— Você não poderia imaginar, não é? — Adam pergunta com doçura, como quem consola uma criança e de certa forma é isso o que eu sou agora; nunca me senti tão pequena assim.

— Eu não posso me livrar da culpa, Adam. Eu já tentei com tanta força; mas eu não consigo.

— Um dia ela irá embora, então restará só o amor e a gratidão pelos dias em que sua filha esteve ao seu lado.

— Eu tenho sonhado com isso há muito tempo. — Confesso, respirando lentamente em busca de calma. — Eu sei que quando deixar a culpa ir embora, estarei pronta para acreditar outra vez... acreditar que eu posso ser uma boa mãe. Que eu ainda posso sonhar com uma menininha de cabelos pretos e sorriso doce.

— Eu acho que você é muito corajosa por não ter desistido da sua profissão. O seu coração foi tão machucado; outras pessoas não seriam capazes de estar ao redor de outras crianças depois de perderem um filho.

— Para mim é exatamente o contrário, eu não poderia sair da cama a cada manhã, se não fosse pelos meus alunos. — Meu coração se enche de amor ao pensar neles e isso me faz sorrir de forma sincera; mesmo que os meus olhos ainda estejam molhados. — Eu os amo de verdade, como se eles fossem uma parte do meu coração. Eu encontro a esperança que preciso, cada vez que os vejo sorrir para mim.

Ele me olha em silêncio, seus olhos são suaves, me examinando com atenção. Eu sei que ele vê apenas o melhor em mim e eu tenho muitos defeitos. Defeitos que fariam outra pessoa sair correndo. Mas ele está aqui, ele me ouviu, ele me abraçou e foi infinitamente gentil secando as minhas lágrimas e me beijando em seguida.

— Um dia... — Adam começa; tocando o meu rosto. Seus dedos contornam a minha bochecha esquerda, depois a minha boca, o meu nariz e terminam em meus olhos. Eu os fecho e respiro com rapidez, antecipando as palavras que virão a seguir. — Nós teremos uma filha...

— Adam, eu não sei se posso...

— *Shhuu...* — ele pede, colocando os dedos sobre os meus lábios outra vez. — Apenas me ouça, eu não espero que você acredite agora. Só me diga que eu estava certo, quando esse dia chegar.

— Tudo bem. — Eu tento dizer, com os seus dedos ainda me calando.

— Um dia nós teremos uma filha e ela será linda como você e isso vai me enlouquecer um pouco, eu já posso antecipar as noites mal dormidas que ela me fará passar — ele ri das próprias palavras, me fazendo acreditar em cada uma delas. — Ela andará por aí, roubando as suas maquiagens e sapatos desde pequena, e nós acharemos a coisa mais fofa do mundo.

Eu suspiro, olhando para ele como uma criança que ouve um conto de fadas. E eu quase posso acreditar que dessa vez o final será feliz, realmente feliz.

— Ela terá um nome bonito, com algum significado incrível também. Nós iremos escolher juntos — ele me olha e eu apenas aceno, sorrindo de volta. — Então todas as suas dúvidas terão ido embora e você saberá que é a mãe mais maravilhosa do mundo, amada pela garotinha mais linda de todas. Você beijará os seus machucados, lhe fará os penteados mais diferentes e

comprará as roupas mais bonitas; me deixando um pouco maluco também, porque eu terei muito ciúmes dela.

— Parece muito bom, Adam. — Suspiro.

— Nós a ensinaremos a andar, estaremos lá quando ela se formar, quando ela se casar, com o cara que eu aprovar; é claro.

— É claro, eu não esperava outra coisa de você — completo, rindo para ele.

— Eu só preciso que você sonhe comigo, Sarah. — Pede me beijando e então sussurra em meus lábios. — Acredite que eu te darei tudo isso, cada pequena coisa que você sonhar.

Eu o beijo de volta, me agarrando a ele com desespero. Ele é a luz em meio à escuridão. A sua mão está estendida para mim, pronta para me segurar com firmeza e depositar os meus pés em águas calmas outra vez. Eu quero acreditar, quero fechar os olhos e ter certeza de que tudo isso não está tão longe da minha realidade.

Eu posso ser forte mais uma vez?

— Por que uma borboleta? — Adam me questiona, ainda sem se afastar.

— Nós não fizemos um funeral para a Ayla, parecia tão errado, de tantas, tantas maneiras — sussurro, colocando os braços em seu pescoço. — Somente eu e o pai dela nos despedimos. Depois de horas no hospital, depois que ela foi examinada por dezenas de médicos, nós tivemos o direito de estar com ela por alguns minutos.

Ele cheira o meu cabelo e me abraça mais uma vez. Eu me sinto cansada fisicamente e acho que poderia dormir por muito tempo. Eu só não quero que o Adam me deixe sozinha.

— Eu me despedi dela, disse o quanto a amava e que jamais iria esquecê-la. Deixei o seu bichinho favorito ao seu lado, depois de tê-lo abraçado por horas, enquanto esperava na recepção do hospital.

— Era uma borboleta?

— Era uma ovelha, um carneiro, eu acho. — Eu digo não me lembrando ao certo. — Eu queria ficar com ele para mim, queria guardá-lo como uma lembrança da minha filha. Uma lembrança real de que ela havia existido um dia. Mas eu tive medo que ela se sentisse sozinha sem ele.

Eu não queria que ela se sentisse sozinha, ela era tão pequena, tão frágil... onde quer que ela esteja agora, no Céu ou no Paraíso, a sua ovelhinha está ao seu lado. Parece bobo demais, eu sei, mas eu preciso acreditar nisso para não enlouquecer completamente.

— Eu fiquei naquela sala por alguns minutos apenas. Deixei o Nicholas sozinho, então abri a porta e andei pelos corredores tristes daquele hospital, acreditando que a minha vida havia acabado naquele instante — digo, me lembrando exatamente da sensação devastadora. — Meus pés tinham vida própria, eu me sentia oca, um buraco gigante no lugar do meu coração, porém eu só parei de andar quando passei pelas portas giratórias e fiquei na calçada. Eu estava de pijamas e um roupão de estrelas aberto, parecendo uma maluca e isso não tinha a menor importância.

— Te imaginar tão sozinha e devastada, parte o meu coração, Sarah.

— O dia havia acabado de amanhecer e eu parei na calçada, fiquei olhando para o céu por muito tempo. As pessoas passavam por mim e eu não enxergava ninguém. Eu não conseguia dizer nada, não conseguia pensar em nada que fizesse algum sentido, nem mesmo chorar...

— Eu gostaria de ter estado lá para te abraçar. — Ele afirma, suas mãos deslizam pelas minhas costas em um gesto de conforto. Eu sei que gostaria de

ter sido abraçada por ele também.

— Eu olhei para o céu e percebi que o sol sempre nasceria outra vez, não importa o quão escura tenha sido a noite, o tempo não iria parar por mim. Mas isso não me trouxe conforto, apenas medo. Eu sentia um medo imenso... então eu vi uma borboleta voar acima de mim, meus olhos hipnotizados por ela, pelo bater de suas asas. Eu me lembrei que ela passou por dias escuros também, presa em um casulo e com certeza sentiu medo. Mas ela se tornou uma borboleta e estava livre agora. Eu estava fascinada por suas cores e a sua coragem; então ela posou em meus dedos.

— Foi um sinal, não foi? — Adam me pergunta. — Se você tiver um pouco de fé, sabe que foi um sinal de Deus, te dizendo que você poderia ser uma borboleta. Alguns dias de medo e escuridão, antes de se libertar e ser livre outra vez.

— Sim. — Eu concordo com um sorriso. — Mas eu desejei que fosse a minha filha, que ela fosse aquela borboleta e seu voo alçasse os céus, as estrelas e a imensidão.

— Eu tenho absoluta certeza de que foi isso o que aconteceu.

— Eu só preciso acreditar que ela está feliz e olhar para todas as borboletas do mundo me traz um pouco de paz. Eu sei que é bobo, mas...

— Não é bobo — ele me interrompe, colocando a sua testa na minha. — É muito bonito, agora eu entendo a tatuagem e vou olhar para uma borboleta com muito mais carinho a partir de hoje.

— Você é um homem incrível, Adam. — Recito com carinho, sinceridade e dezenas de sentimentos que não posso enumerar agora. — E essa sou eu, a Sarah sem segredos, muros... você sabe tudo e não saiu correndo.

— Você deveria saber que nada me levaria para longe de você, Sarah.

Mesmo se você me empurrasse para fora daquela porta, eu ainda estaria lá pela manhã. Eu não vou fugir, não vou ir embora.

— Eu não quero ficar sozinha, não quero ficar sem você. — Eu afirmo, me desvencilhando dele e estendendo a minha mão esquerda quando fico em pé. — Eu quero dormir em seus braços hoje e todos os dias, se você me quiser neles.

— Você não precisa me pedir nada, eles serão a sua casa enquanto você quiser morar neles — ele aceita a minha mão, ficando em pé também e me puxando para o seu corpo.

— Talvez eu queira para sempre — sussurro em seus lábios.

— Isso só faria de mim, o homem mais feliz de todos.

Talvez eu seja a sua borboleta, finalmente saindo do meu escuro e solitário casulo. Talvez ele seja o meu sol, me convidando para voar... talvez, só talvez... Histórias tristes possam ter um final feliz.



Se você já foi criança um dia... Isso soou engraçado, óbvio que você já foi criança, de outra forma, jamais seria um adulto. Deixe-me reformular a introdução...

Se você se recorda de como é ser criança, certamente se lembrará da sensação de desejar um brinquedo, um passeio, uma viagem ou um cachorro. De ter passado longas horas pedindo o objeto do seu desejo ao Papai-Noel, Coelho da Páscoa ou Fada do Dente; além da infinidade de símbolos místicos, ou seja, lá o que isso for. Só nos fazem pensar que se formos bons meninos ou meninas, alguém vai nos dar o que queremos em algum momento. Você só precisa ter paciência, talvez aconteça amanhã; talvez demore toda uma vida.

Mas sabe a sensação de finalmente ganhar o que se tanto desejou? Ela fará a espera ter valido a pena. O meu presente tão desejado é a Sarah, a minha linda mulher, aquela por quem eu esperei a minha vida toda. E estar diante dela agora, faz com que eu me esqueça de que um dia eu achei que jamais a encontraria.

No final das contas, foi ela quem me encontrou. E ela acredita em mim o bastante para curar o seu coração ferido e embora ela duvide do futuro e tenha medo do amanhã; ainda assim ela segurou a minha mão... eu não vou deixá-la ir, não importa o quão difícil seja e quantas vezes seja preciso secar as suas lágrimas, eu sei que estarei ao seu lado; isso não é algo ser discutido.

Então estamos aqui em seu quarto — eu não olhei a decoração, então não me pergunte por ela — eu só posso concentrar o meu olhar nela; no meu presente mais valioso. Eu não sei se faremos algo além de dormir e eu definitivamente não me importo nenhum pouco. São grandes as chances de que eu sequer consiga dormir. Eu me sinto um maratonista ao final de uma corrida, prestes a subir ao pódio e se tornar vencedor e o meu prêmio? Um

lugar no coração da mulher mais incrível de todas.

Agora que eu a enxergo sem véus, a vejo por completo, inclusive com suas feridas e marcas; posso afirmar que a vontade de fazê-la feliz se tornou dez vezes maior. O desejo de lhe devolver tudo o que a vida lhe roubou, será o impulso que me guiará a partir de hoje. Eu não estou falando que serei um substituto, porque eu sei que escreveremos a nossa própria história e ela será a mais linda já vivida por duas pessoas. Uma sem fim, isso eu posso afirmar.

Quando ela se levantou e me estendeu a mão, não houve um segundo sequer de hesitação da minha parte; como eu poderia?

Eu sei que a sua história, o seu passado poderia assustar outros homens, mas não eu. Eu não me assusto facilmente, isso eu já disse.

Ela me beijou tão apaixonadamente e eu correspondi. Ela me trouxe até o seu quarto, sem me soltar um milímetro sequer enquanto andávamos pelo longo corredor até ele. Então ela me deixou quando paramos à porta, eu apenas sentei na cama e ela ficou imóvel ainda no mesmo lugar. Eu poderia me preocupar com isso, mas nossos olhos não se desgrudaram nenhum instante. E o que eu leio em seu olhar agora, me traz confiança. Ela parece estar sonhando, enquanto eu nunca estive tão desperto em toda a minha vida.

— Um centavo pelos seus pensamentos. — Eu ofereço em tom de brincadeira.

— Apenas um centavo? — Ela me pergunta sorrindo.

A sua voz está rouca depois de tanto choro e os seus olhos estão inchados após tantas lágrimas; mas acho que ela nunca esteve tão linda. Eu nunca vi ninguém chorar tanto e de uma forma tão verdadeira, a sua dor doeu profundamente em mim e eu gostaria de nunca mais vê-la assim.

— Um anel de diamantes então, com um pedido de casamento de brinde. — Complemento, fazendo o seu sorriso aumentar.

— Eu me sinto leve. — Confessa com voz suave. — Tenho carregado essa dor por tanto tempo e agora ela não pesa tanto.

— Isso me deixa feliz, Sarah. Porque eu me sinto impotente, sabendo que nunca poderei arrancá-la completamente de você, mas o fato de que eu posso te trazer algum conforto; significa muito para mim.

— Você me trouxe muito mais do que algum conforto, Adam. — Ela finalmente vem até mim, parando quando ambas as mãos tocam o meu ombro. — Você me deu esperança.

— Eu te darei tudo, Sarah... O mundo, as estrelas, o universo inteiro...

Coloco as mãos em sua cintura e a trago mais perto, encostando o meu rosto em sua barriga e fechando os olhos por longos segundos. Quando volto a abri-los é apenas para encontrar os seus olhos fechados também. Eu gostaria de lhe dizer tanto, eu poderia passar toda a eternidade buscando as palavras perfeitas, aquelas que fossem capazes de chegar até a sua alma. Mas agora não... O silêncio parece simplesmente nos dizer tudo o que precisamos ouvir.

Com as mãos ainda em sua cintura, em um aperto mais firme agora; eu me levanto. A minha boca paira sobre a sua, os seus olhos fechados e eu a beijo. Sua boca se abre sem hesitação, dando espaço para que nossas línguas se encontrem, se toquem de forma lenta, sem pressa alguma; mas ainda assim com muita paixão.

As minhas mãos se deslocam da sua cintura em direção a lateral do seu corpo e tocam brevemente o contorno dos seus seios. Ela parece não se importar e isso é quase uma confirmação silenciosa para mim. Eu não quero perguntar se posso tocá-la, tudo o que eu quero é que esse momento flua naturalmente; como as águas de um rio que se encontram com o mar.

De novo, preciso dizer que eu esperaria o tempo que fosse preciso, eu jamais faria nada que ela não quisesse. Mas se posso escolher nesse momento; a minha resposta é sim, claro que quero fazer amor com a minha linda mulher.

Eu toco lentamente o seu pescoço, deixando que os meus dedos deslizem pela sua pele macia e sintam o calor que ela emana. Então eu aprofundo o beijo, trazendo o seu corpo ainda mais próximo ao meu; a outra mão se emaranhando pelos seus cabelos em um agarre suave. Eu não tenho pressa, porque sei que o tempo parou aqui dentro. Talvez lá fora a vida continue o seu curso, mas nesse quarto não existe nada além de nós dois.

Eu só quero fazer tudo da forma mais lenta possível, como se isso fosse o que eu preciso para nunca mais me esquecer dessa noite.

Interrompo o beijo por um segundo, somente para morder o seu lábio inferior e receber um gemido ofegante em resposta. Os meus olhos estão bem abertos, atentos a cada reação que o meu toque lhe causa. Eu volto a beijá-la, as nossas respirações se encontrando no caminho, ofegantes e urgentes. As suas mãos agora estão em minhas costas, subindo em direção ao meu pescoço, antes que seus dedos deslizem pelo meu cabelo, me puxando e me prendendo, quando o movimento dos seus lábios nos meus se torna mais desesperador. Saber que ela me quer com a mesma intensidade que eu sinto, me deixa absolutamente louco. Minha boca ganha vida própria e vai para o seu queixo e pescoço, deixando beijos molhados, de boca aberta, quando a minha língua encontra a sua pele; assim como os meus dedos fizeram há pouco. É inebriante e eu sinto que não posso ter o bastante dela agora, provavelmente não terei nunca.

Eu quero adorá-la, amá-la de uma forma totalmente nova para mim. Como se fosse a primeira vez para ambos. Ela é o meu primeiro amor, isso eu posso afirmar. Nunca houve nada igual, nenhum sentimento maior do que esse. A minha boca está em sua pele, presa por um magnetismo invisível, mas densamente sentido por nós. Eu não paro de beijá-la, prová-la, minhas mãos também tendo um papel importante, quando acariciam a sua barriga e seguram os seus seios entre elas. Eu estou em suas costas agora, cheirando o seu cabelo e logo depois o afasto, usando rapidamente uma das mãos para isso. Eu beijo a sua nuca, indo até a sua orelha, tão lento o bastante para fazê-la se contorcer em meus braços. Paro em seu ouvido, respirando sem fôlego, mesmo assim eu sussurro.

— Você é tão linda, Sarah. — A minha voz nunca soou tão rouca, totalmente inundada pelo desejo que sinto. — A mais linda e perfeita de todas as mulheres.

Ela começa a responder, depois de suspirar e abrir os olhos. Mas eu roubo as suas palavras, colocando o dedo em seu queixo e a beijando mais uma vez. Meus dedos são sutis e ágeis ao mesmo tempo, buscando o zíper da lateral do seu vestido e o deslizando até o início do seu quadril. As minhas mãos já estão sobre a pele nua que expõe, antes mesmo que o cérebro possa tomar uma decisão por mim. A sua pele parece ainda muito mais suave muito mais quente, quando os meus dedos exploram a sua barriga e seios, antes de pararem em seu pescoço e fazer com que ela se vire para mim.

Eu me afasto ofegante por um momento, a sua respiração é tão pesada quanto a minha agora, tão impregnada de desejo. Eu sorrio para ela ao mesmo

tempo em que abaixo a alça do seu vestido, beijando o seu ombro esquerdo sobre a alça do seu sutiã. Eu faço o mesmo com o outro ombro e olho fascinado para o vestido, que escorrega por cada uma das suas curvas e para aos seus pés. Aperto os seus quadris, colocando o corpo junto a mim novamente e as mãos da Sarah me toca, suas unhas arranham as minhas costas sob a minha camiseta. Apenas esse toque é o bastante para me incendiar por inteiro, quase me fazendo mudar de ideia sobre a paciência. Mesmo assim eu me afasto e deixo que ela me toque, tirando a minha camiseta. Embora ela se atrapalhe um pouco e me faça rir, quando o tecido fica preso em meu rosto.

— Não é nem um pouco romântico rir da sua namorada em um momento como esse. — Ela me diz, enquanto eu puxo a camiseta com rapidez e a jogo no sofá.

— Não existe nada mais romântico do que rir em qualquer momento, Sarah. — Eu pontuo, encontrando o seu rosto sorridente; sem nenhum traço de constrangimento — Você mesma me disse que se casaria com o homem que te fizesse sorrir todos os dias... estou garantindo o meu lugar.

— Você é louco, sabia? — Ela pergunta, me abraçando e beijando a minha garganta em seguida.

— Foi o que te fez se apaixonar por mim. — Afirmo em seu cabelo.

— Eu não disse que estou apaixonada por você, Adam.

— Você acha mesmo que precisa me dizer, Sarah? — pergunto, sussurrando em seu ouvido.

Ele beija lentamente toda a extensão do meu pescoço, antes de parar em meu queixo, muito próximo da minha boca e então a sua língua desliza pelos meus lábios em uma doce e sexy tortura.

— Não, não acho, Adam. — Murmura em minha boca, me fazendo

fechar os olhos pela forma como a sua respiração quente me atinge — Você sempre soube, até mesmo antes de mim.

— Sim. — Afirmo, agarrando o seu cabelo e trazendo o seu rosto até o meu. Eu encontro em seus olhos todas as respostas que preciso. Vejo neles a mesma miríade de sentimentos que ela enxerga olhando para mim.

Nossos beijos se tornam mais urgentes, nossas bocas em colisão. Eu solto o seu sutiã e o deixo cair junto ao seu vestido. Ambos gememos, ofegantes, no instante em que nossas peles se encontram sem barreiras entre elas. A pele macia e suave dos seus seios tocando o meu peito, me fazendo ter certeza de que eu jamais poderei soltá-la outra vez. Podemos viver assim, nos braços um do outro?

Eu a coloco sobre a cama, jogando as dezenas de almofadas que estão nela e, das quais eu não havia me dado conta antes, no chão. Eu tiro os meus sapatos e o resto da minha roupa, sem deixar de olhar para a Sarah ao fazer isso e pensar que ela é a coisa mais linda que os meus olhos já viram. Seus cabelos parecem mais escuros agora, espalhando ao redor do seu rosto e em contraste com a brancura do lençol sob o seu corpo. O seu peito sobe e desce rapidamente em um claro esforço para manter a calma. Medo e antecipação são certamente os sentimentos que passam pela sua mente agora.

Meu coração se acelera no peito à medida que meus olhos digitalizam as suas curvas perfeitas, querendo mais a cada parte que conheço; me deixando instável mental e emocionalmente por ela. Totalmente entregue a esse amor. Um sorriso carinhoso nasce em meu rosto, quando eu enxergo a sua tatuagem. Uma borboleta delicada, pequena, salpicada em rosa, vermelho e azul claro. Parece que ela está voando em sua pele, ao redor do seu umbigo. É realmente linda e o significado dela, torna a sua visão ainda mais especial para mim.

Deito-me sobre ela, beijando-a com amor infinito, equilibrando o meu peso em meus braços, antes que a minha boca explore cada pedaço de pele exposta e convidativa. Os beijos terminam exatamente na borboleta, onde eu espalho pequenos beijos, depois de contorná-la com os dedos. Levanto os meus olhos para a Sarah, enquanto faço isso e existe uma promessa silenciosa entre nós.

Ela me entregou o seu coração partido, colocou cada pedacinho dele em minhas mãos e eu irei curá-lo outra vez. Tiro a sua calcinha tão lentamente quanto posso, beijando cada parte de sua pele por onde o tecido passou. Ela

fecha os olhos, suspirando e gemendo em resposta, fazendo com que eu goste mais ainda de tortura-la com a minha demora.

Seu corpo parece pequeno quando o cubro com o meu outra vez. Suas unhas cravam minhas costas, ela se contorce contra a minha mão enquanto eu massajeio seus seios e toda a lateral do seu corpo, terminando em um aperto possessivo e carnal em seus quadris. Somos apanhados em um furor de beijos e toques, lutando para nos aproximar mais ainda e rastejarmos dentro um do outro, como se fosse realmente possível nos tornarmos apenas um.

— Eu estou tomando pílula. — Ela me diz baixinho, quando a minha testa descansa na sua.

Eu demoro alguns instantes para me dar conta das suas palavras e agradeço a Deus por ela ser a voz da razão nesse momento. Eu sempre fui um cara responsável e algo assim jamais teria passado despercebido por mim antes, um deslize tão grande e imperdoável como esse. Mas de novo estamos falando sobre a Sarah e nada, absolutamente nada que a envolva, pode ser comparado com algo que já aconteceu em minha vida.

— Você está bem com isso? — indago, enquanto a beijo e afasto uma mecha de cabelo que cai insistentemente sobre os seus lindos olhos. — Você confia em mim o bastante?

— Sim — ela afirma sem hesitar, me beijando para reforçar a sua resposta.

Isso quase faz o meu coração explodir no peito. Significa tanto, muito mais do que apenas um ato de confiança. É a entrega total; corpo, alma e coração. E ela bem que poderia esquecer-se de tomar esses remédios e engravidar na semana que vem. Já ouvi dizer que se a pessoa ficar doente, eles perdem a eficácia também. Óbvio que ela não precisa saber que eu pensei algo assim, ela já me considera louco o suficiente sem ler os meus pensamentos.

— Obrigado. — Eu sussurro, voltando a beijá-la de forma profunda.

A minha mão esquerda descansa carinhosamente em seu rosto, não deixando espaço para que ela interrompa o beijo. A outra mão em seu quadril, puxando-o de encontro ao meu. Suas pernas se abrem e se enroscam em minha cintura, me dando livre aceno para deslizar dentro dela em um golpe forte, meus dedos se fundindo a sua carne, quando eu a puxo um pouco mais.

Eu a beijo através do prazer, sussurrando palavras de amor em sua boca, nossos gemidos se misturando uns aos outros, enquanto eu me movimento mais e mais.

— Olhe para mim. — Eu peço, quando eu a sinto muito próxima do clímax; baseando-me em minhas próprias emoções.

Seus olhos se perdem nos meus, cheios de doçura e êxtase, indo direto a minha alma. A constatação de que agora ela é completamente minha, me levando até a beira de um penhasco, alto e perigoso.

— Eu te amo. — Recito de forma clara, no mesmo instante em que vejo um milhão de estrelas explodir em seu olhar.

O mesmo acontece comigo, me fazendo soltar o seu rosto e descansar a minha cabeça em seu pescoço, me inebriando um pouco mais com o perfume do seu cabelo. Ficamos em silêncio por tanto tempo, as nossas respirações voltando lentamente ao normal. Eu não sei quanto tempo se passa, a sua barriga, a sua pele coberta de suor como a minha e, meus dedos sobre a sua tatuagem mais uma vez. Talvez se torne um vício tocá-la exatamente nesse lugar.

— Eu te amo. — Volto a afirmar; tentando soar o mais alto que posso, caso ela não tenha escutado.

— Eu não sei o que quiser. — Ela fala, tocando gentilmente o meu cabelo.

— Não precisa dizer nada, Sarah... quando estiver preparada, as palavras sairão da sua boca sem que sequer perceba.

— Você nunca duvida de nada? — Ela pergunta, quando eu volto a olhar para ela — Você acredita em tudo, com tanta fé assim.

— Depois dessa noite... — eu paro um instante e coloca a sua mão em meu peito, antes de completar — Depois dessa noite; eu acredito no impossível.

Ela sorri, beijando o meu queixo e deixando que eu a abrace apertado... algo me diz que em breve, ela irá acreditar também.



Meus olhos pesam tanto que não consigo abri-los, mesmo após muito esforço. O barulho irritante do despertador, combinado ao meu celular tocando a música que escolhi para acordar todos os dias; soa ao fundo da minha mente. Bem ao fundo. Eu sei que preciso acordar, mas o sono ainda é mais forte.

Entre uma nuvem de inconsciência e um pouco de realidade, consigo sentir os braços de Adam ao meu redor, o seu calor corporal fazendo a minha cama mais quente e aconchegante do que nunca.

Lembrar dele me faz sorrir e um pouco mais desperta. A noite de ontem foi muito especial, muito mais do que eu possa ter desejado um dia. Ele só se torna perfeito a cada gesto e palavra, e deixa impossível a opção de não o amar imensamente.

Agora eu estou quase acordada, muito sonolenta e a minha mente trabalha como uma tartaruga; mas é o bastante para que eu ouça perfeitamente o despertador e me desespere um pouco... estou atrasada, eu quase posso garantir, mesmo antes de abrir os olhos e confirmar se dormi ou não demais.

Os braços de Adam estão tão presos em minha cintura, que eu me sento, esfregando os meus olhos e afastando o cabelo bagunçado do rosto, mas ainda assim ele não me solta.

Isso me faz sorrir mais ainda, embora eu não esteja totalmente acordada. Meus olhos viram-se para ele e meu coração transborda de alegria. Ele dorme como um garoto sem preocupações, o seu rosto sereno e lindo, fazendo a vontade de tocá-lo ser imensamente forte. Eu acaricio o seu cabelo e beijo o canto da sua boca, antes de depositar a minha atenção no despertador ao lado da cama. Eu o desligo e percebo que o meu celular ficou na sala ou na

cozinha. Não sei ao certo, mas isso explica o fato da música soar tão distante.

Tento me levantar, afastando as mãos de Adam com delicadeza, mas ele somente me aperta um pouco mais.

— Adam, são sete e meia. — Eu informo, tocando o seu rosto.

— E daí? — Ele me pergunta, sem abrir os olhos.

— Eu deveria ter me levantado há quinze minutos. — Eu pontuo, esperando que essa informação seja o bastante, mas ele nem se mexe. — Eu preciso trabalhar; você não precisa também?

— Eu posso chegar mais tarde.

— Mas eu não, me deixe levantar.

Ele abre os olhos e sorri para mim e essa a melhor sensação do mundo agora, acordar com alguém que te ama ao seu lado. Eu me sinto incrível, de um jeito que nunca me senti antes.

— Adam, eu não posso me atrasar. — Reforço, quando ele ainda me mantém presa e não para de me olhar.

— Me dê um beijo primeiro. — Ele me pede, tentando me puxar até ele. Mas eu coloco as duas mãos em seu peito, antes que ele consiga me prender.

— Eu vou escovar os dentes e tomar banho. — Falo, mordendo a minha boca. Eu devo estar horrível agora, sou assim todas as manhãs. Mas o fato de ter chorado ontem torna tudo pior.

— Você está linda. — Ele diz, colocando uma das mãos em meu rosto.
— Não posso acordar e te beijar então?

— Não. — Nego rindo

— Isso é bobagem, uma das bem grandes. — Ele termina de falar e me beija rapidamente. Seus lábios firmes nos meus, não me dando outra opção, senão beijá-lo de volta.

— Você é louco. — Afirmo pela enésima vez, fugindo o mais rápido que posso da cama; quando ele puxa o lençol onde eu estava enrolada.

O celular ainda toca em algum lugar da sala, mas eu me prendo no banheiro e fico parada, me olhando no espelho à frente. Eu não estou no meu melhor, já que além da cara de sono que todos nós temos pela manhã, meus olhos estão inchados ainda de todo o choro da noite anterior. Eu precisaria ter dormido um pouco mais, embora não me arrependa nenhum pouco do motivo que me fez ficar acordada. O que importa é que apesar da minha aparência não ser a mais linda, o brilho dos meus olhos nunca foi tão intenso assim.

Eu estou feliz... eu estou muito feliz, e atrasada também. Uso rapidamente o banheiro, entrando embaixo no chuveiro com a velocidade da luz, tomando o banho mais rápido que já fui capaz em toda a minha vida. A última vez que eu me atrasei foi quando eu conheci o homem que está em minha cama agora. E ele disse que me ama... Deus; talvez eu o ame também... Então por que é tão difícil dizer isso em voz alta? Porque uma parte muito grande do meu cérebro me diz que isso não é possível, não após apenas um mês de namoro

Paro diante do espelho novamente, penteando o meu cabelo e o prendendo em uma trança firme, tentando mantê-lo o mais ajeitado possível já que não tive tempo de lavá-lo. Abro a porta lentamente, espiando por ela e esperando encontrar o Adam ainda na cama. Mas ele não está nela. Saio do quarto e ando em direção à cozinha, apertando um pouco mais o meu roupão enquanto caminho. O meu celular está silencioso agora, sobre o balcão da minha cozinha e Adam está encostado a minha pia, mexendo em seu próprio celular; enquanto espera a cafeteira preparar o café.

— Você desligou o meu alarme? — Eu o questiono, fazendo ele levantar os olhos do celular.

— Sim. — Ele responde sorrindo.

— E ligou a minha cafeteira?

— Sim. — Ele afirma outra vez, dando de ombros sem entender a minha pergunta.

— Você não tem problema algum em se sentir à vontade, não é?

— Não. — Adam diz com naturalidade. — Você tem algum problema comigo ficando à vontade em sua casa?

— Não — Respondo com rapidez. — Problema algum, é só que você é diferente...

— A minha mãe sempre me disse isso, principalmente quando eu era criança.

— Ser diferente é bom — Eu pontuo, sorrindo para ele. — No seu caso te torna único.

— Eu sei. — Ele parece sério ao dizer isso; então por que eu sempre acho que ele está brincando? — Lembre-se sempre disso, não existe outro Adam em lugar algum.

— Tenho certeza que existem outros Adams por aí. — Murmuro, indo até ele. — Mas nenhum como você, é claro.

—É claro. — Ele reforça, me puxando até ele. — Posso te beijar agora?

— Sim. — Afirmo, rindo do seu jeito de menino travesso.

— Eu não gostei da regra do: Não beijos pela manhã. — Ele me conta, me beijando em seguida. — Então eu irei quebrá-la sempre, só para você saber.

— Eu já esperava algo assim vindo de você. — Coloco os meus braços em seu pescoço e o beijo de volta.

— Você vai cozinhar para mim? — Ele pergunta com a sua boca ainda na minha. — Estou morrendo de fome.

— Estou muito atrasada, não tenho tempo para isso. — Eu digo enquanto tento me afastar e ele me prende ainda mais. Ele sempre faz isso.

— Você não pode chegar mais tarde? É o nosso primeiro café da manhã juntos.

— Nós deveríamos ter acordado mais cedo. — Não posso deixar de rir dos seus olhos de Gato de Botas.

— Não deveríamos. Eu ainda estou morrendo de sono. — Ele fala, beijando o meu pescoço. — Invente alguma desculpa, vamos ficar aqui o dia todo.

— Eu não sei que tipo de trabalho tão flexível você tem, mas o meu não é nem um pouco parecido. — Eu coloco as mãos em seus ombros, finalmente conseguindo me afastar e vou em busca de cafeína. — Eu teria que estar doente ou o meu carro ter quebrado no meio da rua; algo assim.

— Então minta. — Ele aperta a minha cintura, quando estou de costas enchendo a minha xícara. Deus... *Ele é uma má influência.*

— Não. — Eu nego, mordendo a minha língua para não rir da sua

sugestão.

— Então chegue mais tarde, eu vou levá-la para a escola hoje.

— Eu ainda não teria uma desculpa para isso.

— Você é inteligente, vai pensar em algo convincente.

— Você está me incentivando a mentir, Adam. — Finalmente dou risada, me virando com a xícara nas mãos. — Que coisa feia.

— Te incentivando a mentir para ficar comigo. — Adam me corrige com as sobrancelhas arqueadas. — Esse motivo torna todas as mentiras aceitáveis.

— Não, definitivamente não. — Eu o beijo rapidamente, passando por ele e parando à porta. — Eu vou me trocar, procure alguma coisa para comer na geladeira, ou no armário.

— Você está partindo o meu coração, Sarah. — Ele grita em tom divertido quando já estou no corredor, parecendo estar com o coração sem nenhuma rachadura.

Dou risada e controlo a vontade de dizer que ele é louco mais uma vez. Eu tenho apenas quinze minutos para me trocar e chegar a escola, levando-se em conta que o trajeto até ela é de doze minutos; as chances de que eu não consiga chegar na hora, são grandes.

Bebo um longo gole do meu café quente, e por uma fração de segundos, cogito a possibilidade de seguir o conselho de Adam e mentir sobre o meu atraso. Mas basta pensar na carinha das minhas crianças ao entrar na sala de aula, que eu tenho certeza de que não quero perder o meu precioso tempo ao lado delas.

Eu me troco o mais rápido que posso, optando por um vestido rodado com fundo branco e flores de todas as tonalidades em sua extensão, e uma

sapatilha simples. Ajeito a minha bolsa e a pasta com o material da aula de hoje, voltando para a cozinha com a minha xícara vazia pendendo em meus dedos.

Adam está sentado na bancada, comendo uma maçã e a sua própria xícara de café à sua frente.

— Nós precisamos ir, eu sinto muito. — Digo a ele, depois de colocar a minha xícara na pia.

— Tudo bem. — Fala ao ficar em pé e colocar a sua xícara junto a minha na pia. — Quer uma carona?

— Não, obrigada. — Roubo um pedaço da sua maçã, enquanto ele rouba um beijo meu.

Ele pega as suas chaves e celular do balcão, então caminhamos até a porta da sala. Eu a fecho com pressa, então Adam me puxa para um abraço e um beijo de despedidas.

— Podemos nos ver mais tarde? — ele pergunta com a testa junto a minha, parecendo não ter nenhuma vontade em ir embora. Bem, eu também não quero me despedir dele.

— Sim. — Eu respondo com um grande sorriso. — Eu farei o jantar para você, como um pedido de desculpas pela falta do café da manhã.

— Você já sabe que pode sempre comprar o meu perdão com comida. — Ele me diz com olhar suave. — E com seus beijos, é claro.

Eu o beijo com intensidade, em resposta às suas palavras e sabendo que sentirei muitas saudades dele ao longo do dia. Ele me abraça um pouco mais, colocando uma das mãos em minha nuca e aprofunda o nosso beijo, certamente pensando o mesmo que eu. Eu me afasto sem fôlego, correndo até a minha garagem e então me viro uma última vez, antes de dizer.

— Tchau, Adam! Irei morrer de saudades.

— Não mais do que eu, Sarah. — Ele me devolve, já ao lado do seu carro. — Eu te amo!

As suas palavras têm o impacto de um trem em meu peito, muito mais forte e impactante do que quando ele me disse a primeira vez. Talvez porque agora eu possa ver os seus olhos de forma clara. Verdadeiros e intensos. Eu respiro, engolindo o nó em minha garganta e desejo com todas as forças, ser capaz de lhe dizer também. Eu estou muito apaixonada, totalmente entregue a ele e quero que ele saiba disso. Mas não é o momento... eu preciso deixar que o meu coração decida por mim, quando e onde, essas palavras serão ditas.

— Não precisa me olhar assim. — Ele sorri diante do meu silêncio. — Eu te direi todos os dias para que você não se esqueça.

— Você está certo... — eu falo depois de um suspiro — Não existe outro Adam em lugar nenhum.

— Eu te disse. — Ele pisca para mim, antes de apertar o alarme do seu carro e abrir a porta.

E mesmo que eu esteja muito atrasada, antecipando mentalmente a minha corrida pelo estacionamento e corredores da escola; ainda assim eu fico em pé ao lado do meu carro, até que o seu desapareça da minha visão. Eu nem mesma percebi o aperto forte que os meus braços dão ao redor da minha pasta. Meu coração batendo mais rápido a cada segundo, quando eu fecho os olhos e me lembro dos seus braços em mim, o seu toque urgente e possessivo, seus beijos apaixonados. A sensação de me sentir inteira outra vez, amada de forma genuína e completa...

— Bom dia, Sarah. — A voz da minha vizinha Melody soa estridente em meus ouvidos. Eu caio rapidamente dos céus e pouso no concreto duro e frio; deixando os meus sonhos apaixonados de lado.

— Bom dia, Melody. — Eu a cumprimento com educação, abrindo os olhos para encontrá-la na calçada à minha frente.

Ela é mais velha do que eu, isso é visível. Apenas alguns anos, eu diria. O seu cabelo e cacheado é longo e está com um bonito tom de vermelho claro agora. Ela sempre o muda, talvez a cada três meses. Eu a vejo poucas vezes e por isso sempre a encontro diferente. Ela está com uma calça de ginástica Pink e uma camiseta branca até a cintura. Todas as vezes que nos encontramos, eu estou de saída e ela está correndo pelos arredores. Isso explica a sua boa forma.

— Namorado novo? — Ela me pergunta, olhando na direção em que o carro de Adam foi há instantes.

— Sim. — Digo simplesmente, não gostando do seu jeito enxerido de ser.

Ela não é má pessoa, apenas curiosa e falante. Acho que a sua vida é entediante demais e ela tem tempo livre de sobra, para achar que deve se inserir na vida dos vizinhos. Todo mundo conhece alguém assim. Ela se mudou há dois anos para o bairro e mora quatro casas abaixo da minha. Sei que nesse tempo, eu não lhe dei nenhum material para fofoca. Não tive namorados e encontros, a não ser as minhas noites de pijamas com a Sam, ou a visita esporádica do meu irmão, Stevan. Que ela já me disse que acha lindo, após me perguntar se ele era o meu namorado.

Agora o Adam está sempre comigo e tenho certeza de que ela já notou o seu carro em minha calçada, tenho certeza também de que ela percebeu que o seu carro chegou ontem à noite e só foi embora agora de manhã... sim, ela terá algum assunto para espalhar ao redor. E eu preciso contar para a minha família sobre o Adam, antes que eles saibam de outra forma.

— Ele é bonito, vocês formam um lindo casal. — Ela sorri com alegria e o meu lado bom não consegue enxergar maldade nessas palavras. Talvez essa seja a minha maior virtude; eu gosto de enxergar o melhor nas pessoas.

— Obrigada — agradeço, já entrando em meu carro; após jogar as minhas coisas no banco do passageiro. — Até logo.

— Até. Você ainda está me devendo uma visita, eu não esqueci. — Ela acena para mim, quando eu ligo o meu carro e saio da garagem.

— Eu também não esqueci — digo ao passar por ela e buzino em despedida.

Talvez eu possa lhe fazer alguns biscoitos e deixar na porta da sua casa, com um cartão ao lado. Eu não posso imaginar o que faria na sua casa, mas não posso negar que talvez ela tenha algumas histórias divertidas para contar.

Eu dirijo com atenção, tentando ser o mais cautelosa que posso diante da minha pressa. Eu não sei se o dia está mais ensolarado hoje, ou eu estou simplesmente em meu melhor humor; mas não consigo parar de sorrir, mesmo estando aqui sozinha. Até parece que a minha sorte mudou de repente, porque eu encontro todos os semáforos abertos e chego à escola apenas dez minutos atrasada. Não é tão ruim quanto eu pensei e eu nem me preocupo em correr até a sala. Caminho com calma, apreciando o céu cristalino sobre mim, sorrindo radiante para cada pessoa que encontro. O amor é tão lindo, que eu acho que os pássaros estão cantando ao meu redor. Eu posso escutá-los perfeitamente.

As crianças estão sentadas quietas e concentradas em suas pinturas, tão absortas em um mundo só delas. Mas assim que eu entro na sala elas me notam, abandonando os seus desenhos para sorrirem com doçura para mim.

Durante muito tempo, esse foi o único momento da minha vida em que eu sentia uma felicidade genuína, não uma na qual eu fingia estar bem para a minha família não se preocupar. Porque as pessoas esperam que você siga adiante, e embora eu tenha me arrastado para fora da minha cama por muitas manhãs, eu nunca pensei em desistir. De alguma forma, no fundo da minha alma partida, bem fundo em meu coração ferido, eu sempre soube que existiria um recomeço para mim. Agora ele tem nome e um nome muito lindo; Adam.

— Bom dia, crianças. — Recito ao sorrir com a mesma alegria que elas, meus olhos vagando pela sala até encontrar uma das professoras substitutas no fundo da sala. — Muito obrigada por cuidar deles, Linda.

— Sem problemas, Sarah. Eles são uns amores. — Ela me diz, vindo em minha direção. — E eu estou com as crianças do segundo ano hoje, mas nenhum problema em deixá-las sozinhas por dez minutos.

— Obrigada. — Eu a agradeço mais uma vez, sentindo-me um pouco envergonhada pelo meu atraso — Se precisar de alguma coisa, eu estou aqui.

— Sem problemas. — Ela sorri, tocando o meu braço e se virando para as crianças em seguida — Tchau crianças, sejam boazinhas para a tia Sarah.

Continuo sorrindo quando as crianças respondem em uníssono para Linda e espero que ela saia e feche a porta da sala para voltar a falar.

— O que vocês estão fazendo, crianças? — Pergunto, ficando no centro da sala e colocando as mãos na cintura, esperando quem será o primeiro a me responder.

— Estamos colorindo o nosso calendário, tia Sarah? — Louise, uma das mais falantes das minhas meninas, responde.

Ela é a menor criança da minha turma, mas isso não a intimida de maneira alguma, já que ela tem uma personalidade forte e é cheia de opinião. Eu costumo pensar nela como um pequeno frasco de perfume muito concentrado. Ela se veste sempre de forma colorida e com um penteado todo próprio. Eu a acho linda, com o seu cabelo na altura do ombro, cheio de cachinhos e seus olhos castanhos repletos de doçura.

— Isso é ótimo, terminem e podemos ler uma história hoje. — Eu digo apontando para a nossa grande prateleira de livros no lado esquerdo da sala. — Vocês podem escolher e talvez eu leia mais de uma.

Eles adoram a ideia, é engraçado como eu posso ler mil vezes a mesma

história e eles ouvem com o mesmo fascínio da primeira vez. É apaixonante.

— Gostei do seu vestido, tia Sarah. — Julie me diz, assim que me abraça.

— Obrigada meu amor. — Eu devolvo o seu abraço, acariciando os seus cabelos loiros. — Você está linda também.

Ela sorri de forma iluminada. Mesmo aos quatro anos de idade, eu posso ver que a vaidade é uma das coisas mais marcantes em sua personalidade. Por isso ela sempre elogia a minha roupa ou o meu sapato.

— Tia Sarah, não é verdade que você vai casar com o meu tio Adam? — Chloe me pergunta, abandonando o seu lápis azul sobre a mesa. — A Julie não acreditou em mim.

— É verdade? — Julie insiste, me olhando com atenção. A curiosidade e antecipação da resposta, fazendo os seus grandes olhos azuis ficarem ainda maiores.

— Então... — Eu começo, buscando as palavras certas e tendo todos os olhinhos fixos em mim agora. — Nós estamos namorando, lembra que eu te disse ontem, Chloe?

— A minha mãe e o meu pai namoravam também. — Chloe me conta com bastante seriedade. Eu vejo muito do Adam nela, não fisicamente falando; mas sim da personalidade genuína. — E depois de casaram.

Eu deveria saber que ela jamais se esqueceria desse assunto e que contaria para todas as crianças, sobre a minha presença na casa da avó querida. Eu preciso ter muito tato para tocar nesse assunto, o que quer que seja que eu diga nessa sala, não será esquecido durante anos.

— E depois que eles se casam, eles têm bebês. — Louise completa,

ganhando a atenção de todos.

— Isso mesmo, a minha mãe teve um bebê. — Julie emenda, com um gritinho de alegria.

— Tia Sarah, tia Sarah, tia Sarah... — Chloe me chama com entusiasmo, saindo de sua cadeira para vir até mim.

Ela está com um macacão jeans curto, em um tom azul muito escuro, uma regata rosa por baixo, tênis All Star também rosa e Maria Chiquinhas. Eu já mencionei o quanto a amo?

Eu imagino que a minha filha seria exatamente assim, com a mesma tonalidade verde em seus olhos infantis, apenas com o cabelo um pouco mais escuro, que o castanho claro que Chloe possui. Mas o sorriso seria igual, impregnado de doçura e vida.

— O quê, Chloe? — Eu pergunto, depositando toda a minha atenção para ela agora; fazendo um gesto com as mãos para as crianças ficarem quietas. — Vamos ouvir a Chloe, meus amores.

— Tia Sarah. — Ela diz mais uma vez, ganhando um aceno meu para encorajá-la. Os seus olhos brilham cada vez mais, com a ideia que parece ganhar vida em sua mente agora. — Se você tiver um bebê, pode ser uma menina? Por favor.

— Eu não sei... — Balbucio sem jeito, não imaginei que esse assunto viria à tona.

— São as cegonhas que escolhem os bebês para os pais. — Dylan se manifesta, me deixando com a boca aberta e sem palavras.

— Não são as cegonhas, seu bobo. — Louise ri dele, parecendo saber exatamente do que fala — Os pais vão até o hospital e assinam muitos papéis, depois eles podem escolher o bebê. Foi assim com a minha tia, ela

escolheu um menino.

— Eu quero muito uma menina, mas o papai me disse que não podemos devolver o Noah. — Chloe completa, rindo de si mesma — Podemos ter uma menina agora, tia Sarah?

— Não é assim que as coisas funcionam, Chloe. — Eu digo de forma gentil, mas com uma risada nervosa.

— Ah... — é tudo o que sai da sua boca, acompanhado de um bico de insatisfação.

— Mas você vai se casar com o tio Adam da Chloe, sim ou não, tia Sarah? — Louise reforça a pergunta, fazendo com que eu vire o meu rosto rapidamente para ela.

— Talvez um dia, eu ainda não sei, crianças.

— Eu vou me casar com você, Chloe. — Dylan lhe diz com voz sonhadora. Arrancando risadas altas de todas as crianças. Jesus... eles têm apenas quatro anos, de onde surgiu todo esse assunto.

—Não... Eca, Dylan. — Chloe lhe devolve, fazendo uma careta; parecendo sentir um nojo real de suas palavras. — Eu não quero me casar, quero ganhar um cachorro.

— Crianças, fiquem quietas, por favor. — Eu peço elevando um pouco a voz, quando todos começam a falar ao mesmo tempo.

Eles falam rápido e sem pausa alguma, entrando em uma discussão eloquente sobre casamentos e a vinda de bebês. Eventualmente a conversa muda de tópico e gira em torno de cães e gatos, alguém trouxe um coelho para a conversa também. Eu deveria interrompê-los agora; mas não consigo parar de rir. E ao final da aula, Chloe conseguiu me convencer a lhe prometer

uma menina, um bebê. As crianças podem ser muito, muito persuasivas quando querem. Eu só desejei que pudesse consolá-la com um cachorro, caso não pudesse realizar o seu pedido.



Quando volto para a casa no início da tarde, passo no mercado e compro todos os ingredientes para o jantar que eu farei para o Adam. Eu só penso no quanto eu quero agradá-lo e acarinhá-lo com a minha comida, demonstrar o meu amor em gestos, como ele faz comigo a cada minuto.

São seis e meia da noite, quando ele toca a minha campainha. Estou na cozinha, terminando de colocar a minha carne no forno, depois de ter tomado banho e ajeitado algumas coisas. Eu olho para o molho de chaves extras que tenho em um potinho sobre a bancada e me pergunto se seria loucura se eu desse as chaves da minha casa para ele. Estamos indo depressa demais, colocando os nossos sentimentos antes da razão? Essa é definitivamente a combinação perfeita para um coração partido.

Corro até a porta, deixando o assunto sobre as chaves, arquivado em minha mente por ora. O meu sorriso é do tamanho do universo, quando eu encontro a razão de cada um deles, parado à minha frente. Ele está com uma camiseta preta simples e jeans, o seu cabelo ainda molhado do banho. Nós ficamos separados o dia todo e eu tenho a sensação de que ele nunca esteve tão lindo assim. Sem pensar duas vezes, eu me jogo em seus braços, como nos filmes onde o casal se reencontra anos depois. Ele me segura forte, os seus braços ao redor do meu corpo, antes de me beijar. Eu me sinto tão incrivelmente amada. Você só percebe a diferença, quando sabe que nunca experimentou algo assim.

— Eu senti a sua falta. — Eu digo com os meus olhos ainda fechados, o calor da sua respiração de encontro aos meus lábios.

— Eu senti muito, muito mais. — Ele afirma, me beijando pausadamente — Foi você quem me mandou embora, lembra?

— Eu gosto do meu trabalho e quero mantê-lo. — Eu me afasto um

pouco, sem deixar de sorrir para ele — Acho que eu serei a voz da razão nessa relação, não é?

— Talvez... — ele levanta uma rosa vermelha que está em sua mão e a desliza pelo meu rosto, antes de entregá-la a mim e me beijar mais uma vez.

— Um homem romântico. — Exclamo, trazendo a rosa até o meu peito. — Obrigada.

Ele sorri, voltando para a cozinha comigo. Eu encontro um copo grande, o enchendo de água e deixando a rosa nele sobre a mesa.

— Então, o Drew acabou de me ligar. — Ele começa com voz divertida. — Parece que houveram alguns assuntos muito interessantes na escola hoje. A Chloe está cheia de novidades.

— A verdade é que eles me enlouqueceram. — Exaspero, colocando as mãos na cintura. — Muito obrigada por ter falado para a sua sobrinha que iremos nos casar.

— Mas é verdade. — Ele replica com confiança.

— Pode ser, mas não será amanhã. — Eu o corrijo, tentando soar o mais seriamente possível. — E a Chloe falará sobre isso todos os dias.

— Eu sei. — Ele diz rindo. — Isso me deixa orgulhoso demais.

— Ela quer um bebê. — Eu completo, rindo também.

— Uma menina... ela ficou um pouco triste quando ganhou um irmão.

— Não podemos alimentar essa expectativa nela. — Eu me preocupo,

balançando a cabeça.

— Por que não? — Adam me pergunta, puxando as minhas mãos e as segurando nas suas. — Eu te disse que teremos uma filha, Sarah.

— Essa frase me assusta e me dá esperanças, na mesma proporção. — Confesso, beijando o seu peito. — Você não pode ter tanta certeza assim.

— Eu tenho. — Ele afirma com convicção, olhando fixamente para mim. — Você apenas precisa parar de duvidar tanto assim... Deixe a magia acontecer.

Eu apenas aceno, ficando nas pontas dos pés para beijá-lo. Se ele soubesse que apenas os seus abraços são capazes de dissipar todas as minhas dúvidas; talvez quem se assustasse fosse ele... pensando bem, ele nunca se assustaria, talvez isso só o deixasse mais convencido ainda.



Faz parte da natureza humana, criar expectativas. É inevitável para qualquer um de nós, mesmo que saibamos que fazer isso nos coloca muito próximos da decepção. Eu já criei expectativas sobre várias coisas; um carro novo, um emprego, uma viagem, um jantar na casa da minha mãe — pelo qual ela me fez esperar por horas — mas eu sou um cara que definitivamente cria expectativas.

Eu gostaria de dizer agora, que muitas coisas em minha vida superaram a expectativa que eu depus em elas, mas a verdade é que isso aconteceu somente algumas vezes.

Eu nunca deixei que isso mudasse a minha essência. Eu gosto de acreditar e ponto. Acreditar que existem muitas coisas que não estão em nosso controle, que algumas delas fogem a lógica e a sensatez. Se decepcionar faz parte do nosso crescimento, isso é o que nós aprendemos desde cedo. E que chato seria uma vida em que não pudéssemos sonhar, que não pudéssemos acreditar em algo que está muito além dos nossos olhos.

A verdade é que eu prefiro me machucar, a viver de forma chata, sempre pensando que posso me desiludir em algum momento. Se nós iremos nos decepcionar cedo ou tarde, por que não sonhar alto então?

Eu não sei qual a razão, mas de todos os sonhos que já tive ao longo dos anos, aquele em que depus mais confiança; foi em que como seria a minha esposa. Sim, não são apenas as mulheres que sonham com o seu casamento, nós homens também fazemos isso; embora noventa por cento deles não irá admitir esse fato.

Eu não passei horas sonhando com a cerimônia em si, ou como seria o meu smoking. Eu sonhei em como seria me apaixonar perdidamente e ter a certeza de que realmente queria passar o resto da minha vida com alguém. Desde a minha primeira namorada no colégio e até há pouco tempo, eu posso

dizer que não cheguei nem perto da realização desse sonho. Sempre me faltou alguma coisa, às vezes, muitas coisas. Por mais encantado ou comprometido que eu estivesse em uma relação, ainda assim, existia aquela voz interna me dizendo: Não é ela.

Essa mesma voz mudou o seu discurso no instante em que eu coloquei os olhos em Sarah e vocês sabem muito bem o que ela fez me dizendo desde então: Eis o amor da sua vida. Faz duas semanas que eu lhe disse que a amava pela primeira vez e desde então tenho repetido a cada oportunidade. Ela ainda não replicou a declaração, embora eu leia em seus olhos cada palavrinha ali escrita; por isso eu tenho me mantido forte.

Eu sei o quanto esse caminho é difícil para ela, então eu tenho segurado muito firmemente em sua mão, enquanto caminhamos juntos. Estar ao seu lado, compartilhando até as pequenas coisas; tem superado cada expectativa que eu possa ter colocado em nossa relação. É tudo maior, tudo melhor, absolutamente inesquecível para mim.

Eu quero que o tempo passe rápido e amanhã mesmo eu a veja caminhando até mim no altar, vestida em renda e cetim, flutuando entre flores e eu a possa chamar de esposa. Acordar com ela em meus braços todas as manhãs e acariciar o seu cabelo à noite, enquanto os seus olhos se fecham e ela mergulha em um sono suave.

Eu mal posso descrever o quanto eu anseio viver com ela todos os minutos, de todos os dias até ficar velhinho.

O engraçado é que ao mesmo tempo em que eu quero que o tempo corra, eu quero que ele pare com a mesma intensidade. Eu quero congelar cada sorriso que ela me dá, cada vez que eu sou o motivo da sua alegria ou dos seus suspiros. Cada vez que ela segura a minha mão, como se a sua mão precisasse do calor da minha. A cada vez em que os meus braços foram o calor e o aconchego que ela precisa ao final do dia. Beijar o seu pescoço e descobrir que o seu perfume é a fragrância mais maravilhosa.

Sim, coloquem nos jornais: Adam Scott está completa e enlouquecidamente perdido de amores por Sarah Martinez. E não; não existe como voltar atrás. Tudo o que eu fui um dia antes dela, se perdeu no passado.

— O que foi? — Sarah me pergunta com seu garfo e um pedaço de lasanha a meio caminho da sua boca. É provável que o olhar em meu rosto nesse instante, seja diferente. Meio maluco e assustador; mas isso só me deixa um pouco mais engraçado.

— Só estou pensando. — Eu digo, deixando o meu próprio garfo repousar sobre o prato que estamos dividindo.

— Sobre?

Eu me encosto um pouco mais em minha cadeira e deixo os meus olhos digitalizarem todo o seu rosto. Seu cabelo está preso no alto da cabeça, com alguns fios caindo ao redor. Sem nenhuma maquiagem e meu Deus... como ela pode ser tão linda assim?

Nós passamos todas as noites juntos, estava bem claro que eu não poderia ir embora a partir do momento em que fiquei a primeira vez. Então, como um cão vira lata, eu só fui impondo a minha presença, e rezando para que ela também me quisesse aqui.

Ela não fez nenhuma objeção e o fato de dormir com a minha camiseta todas as noites, deixa claro que gosta tanto quanto eu.

— Um milhão de coisas. — Eu digo por fim.

— Me diga uma delas. — Ela me pede, depois de mastigar. — Você estava me olhando engraçado há cinco minutos.

Dou risada, aproveitando a oportunidade e a puxando para o meu colo, depois que ela também coloca o seu garfo no prato.

— Eu só estava sonhando, na verdade. — Declaro, beijando o seu ombro. — Com você, é claro.

— Sonhando acordado. — Sarah completa, rindo também. — Por que isso não me surpreende?

— Você não sonha acordada? São os melhores sonhos de todos.

— Às vezes sim... todo mundo sonha acordado. — Ela pontua ao tocar

o meu cabelo, um olhar pensativo em minha direção — Eu fiquei muito tempo sem sonhar, mas agora, sem que eu perceba; estou sonhando em plena luz do dia.

— Eu estou em seus sonhos, não estou? — pergunto com um sorriso, mas eu já sei qual a sua resposta.

— Em alguns deles. — Ela afirma, sorrindo também — Mas, por favor; não use essa informação para inflar ainda mais o seu ego.

— Eu jamais faria isso. — Replico, tentando parecer sério. — Só vou até o quintal, acender os fogos de artifício que guardei na garagem.

— Isso não me surpreenderia, se fosse verdade.

— É verdade, eu comprei duas caixas.

Ela ri, fugindo dos meus braços em seguida e colocando os nossos pratos na pia. Então abre a geladeira com um grande copo na mão e o enche de suco de laranja. Eu espero em silêncio, enquanto ela me olha encostada à pia e bebe vagarosamente.

— Vamos compartilhar alguns dos nossos sonhos. — Murmuro depois de um tempo. — Você começa.

— Eu quero ter a minha própria turma e ficar com ela durante o ano inteiro. — Ela declama, depois de pensar um pouco. — Ainda sou a professora substituta, eu me esqueço disso às vezes; mas eu ainda sou.

— Depois de ficarem com você, tenho certeza de que as crianças não irão querer a outra professora. — Completo, ganhando um sorriso seu. — O que mais?

— Eu quero comprar uma casa ou um apartamento, mas estou mais inclinada a desejar uma casa com um grande quintal.

— Eu gosto muito do meu apartamento.

— É um bom apartamento.

— Mas podemos vendê-lo, eu não me importo. Se você quiser a casa, terá uma casa.

— Adam... — ela balança a cabeça rindo, bebendo um longo gole do seu suco.

— O que mais?

— Eu quero me casar. — Sarah afirma lentamente, fazendo soar muito mais como uma pergunta para mim.

— Quer? — Reforço, cruzando os meus braços.

— Sim. Daqui a um ano ou dois.

— Muito tempo, eu posso esperar por mais dois meses, no máximo.
— Murmuro com seriedade.

— Você já deduziu que eu me casarei com você? — Sarah pergunta, tentando esconder um sorriso.

— É melhor que seja, se você não quiser ser sequestrada na porta da igreja. — Eu digo totalmente disposto a roubá-la, se ela tentar fugir de mim.

— Não se preocupe... não tenho olhos para mais ninguém, além de você. — Ela diz, soprando um beijo em minha direção.

— Esse sentimento é recíproco, Sarah. — Devolvo, piscando para ela.

— Obrigada ! — Ela fecha os olhos por um instante, antes de continuar. — Eu quero viajar, talvez conhecer alguns lugares diferentes.

— Eu sou um ótimo companheiro de viagem.

— Você deve ser sim, o mais divertido com certeza.

— Me diga um lugar, apenas um, que você sempre quis conhecer.

— Paris. — Ela sussurra sem hesitação. — Parece tão lindo e romântico, Sam e eu sempre sonhamos em viajar juntas e não havia outro destino quando o assunto era esse.

— Nós podemos passar a nossa lua de mel em Paris. — Eu sugiro, a fazendo rir. — Sem a Sam, é claro.

— Talvez ela fique magoada se eu não a convidar.

Dessa vez sou eu quem ri. Eu posso imaginar a Sam ficando brava com algo assim, ela pode ser um pouco exagerada quando quer. Dramática também. Nós nos identificamos muito nesse quesito. Ela é tão intensa quanto eu e só fico imaginando por quantas vezes seguidas, a Sarah foi a sua voz da razão também.

— Quantos filhos você quer ter? — Pergunto de repente, percebendo que todo esse tempo nós só conversamos sobre a nossa única filha.

— Eu não sei... até pouquíssimo tempo, eu sequer pensei que pudesse ser mãe outra vez. — Ela diz em um tom calmo, mas a insegurança é tão presente e palpável em sua voz. — E se eu ainda não puder?

— Sarah... — eu falo o seu nome lentamente usando um tom indulgente, como quem diz; não brinque comigo.

— Dois, dois filhos. — Ela diz revirando os olhos. E eu adoro provocá-la, porque esse parece ser o único jeito de fazê-la acreditar em si mesma.

— Eu pensei em três. Duas meninas e um menino.

— Seriam quatro filhos para mim. — Ela fala em um sussurro. — Não sei se tenho tanta disposição para isso.

— Será tão incrível ter um monte de crianças pela casa, você será a mãe mais linda de todas.

— Você fala com tanta, tanta convicção; que me faz acreditar também. — Ela diz, deixando o seu copo de lado — Eu já disse que você ficaria rico com as suas palestras motivacionais? Você faria qualquer pessoa acreditar no que diz.

— Eu simplesmente tenho certeza de tudo, quando o assunto somos nós dois. — Eu estendo a minha mão para que ela venha até mim outra vez — Não importa se vai acontecer amanhã, daqui a um ano ou dois; talvez demore um pouco mais..., mas um dia nós estaremos na nossa cozinha, da nossa casa, em uma noite como esta... A diferença é que já não seremos apenas nós, teremos os nossos filhos conosco.

— Talvez nossas filhas. — Ela fala, me surpreendendo totalmente por não contradizer as minhas palavras; apenas me corrigir. — Você tem jeito de pai de menina.

— Que jeito é esse? — pergunto, apertando a sua cintura.

— Um jeito doce e paciente, gentil e cuidadoso.

— Eu serei apenas o pai mais bobo do mundo, tudo o que elas ou eles quiserem, eu farei. — Confesso com alegria, tendo a absoluta certeza de que será exatamente assim — Eu não sei como o Drew ainda não deixou a Chloe ter um cachorro.

— Ela fala sobre isso ao menos duas vezes por dia, tenho pena dela. — Ela diz sorrindo docemente — Mas as crianças precisam ouvir não também. Eu digo aos meus alunos sempre, me sinto horrível; mas é necessário.

— Eu não posso dizer “não” nem para você. Imagina para uma pequena Sarah, de olhos e sorriso meigos... ela me fará de bobo e eu acharei incrível.

Ela se senta em meu colo outra vez, tocando o meu rosto com carinho por algum tempo. As minhas palavras e os nossos sonhos e confissões, flutuam entre nós, no lugar do ar que estava aqui antes.

Eu coloco as mãos em sua cintura e fecho os olhos, quando o toque em meu rosto, muda para o meu cabelo. Ficamos assim por muito tempo, como já fizemos infinitas vezes durante essas semanas. Quando você realmente amar alguém e for correspondido, verá que o silêncio ao lado dessa pessoa pode ser um pedaço do Paraíso. Você vai apreciar esses momentos e saberá que eles valem como potes de ouro. Algo que nenhum dinheiro no mundo poderá pagar. Eu me sinto o homem mais rico do mundo nesse instante.

— Nesse instante, eu acredito em cada um dos nossos sonhos, Adam. — Ela sussurra em meu rosto, a sua testa junto a minha. Meus olhos ainda estão fechados, mesmo assim eu esboço um pequeno sorriso; deixando claro o quanto eu gosto da sua confissão — Você tem esse poder sobre mim, como se pudesse dissipar todo o meu medo; somente ao meu tocar.

— Isso faz de mim o Super Adam? — Eu pergunto em tom

brincalhão.

— Você adoraria, não é? — Ela devolve, no mesmo tom divertido que eu — Mas não, você ainda é só o Adam.

— Eu nunca serei só o Adam, Sarah. — Eu afirmo abrindo os olhos e encontrando os seus. — Sou especial demais para isso.

— A sua autoestima gigante não te deixaria pensar diferente. — Ela diz, me beijando de leve — Tenho a sensação de que nada no mundo poderia te deixar triste.

— Você está enganada, muitas coisas me deixariam tristes; algumas delas me fariam absolutamente desolado.

— Eu não posso te imaginar assim, sem o seu sorriso lindo e frases engraçadas.

— Se você estiver sempre comigo, você nunca me verá triste. — Eu admito, enquanto a abraço um pouco mais forte — Porque você é a única entre todos os outros, que possui esse poder sobre mim... se eu te perdesse, eu viveria pela metade ou morreria de tristeza, tanto faz, seria a mesma coisa para mim.

— Adam. — Ela recita, seguido de um riso nervoso. — Eu não quero nunca, de forma alguma magoá-lo e se um dia isso acontecer; saiba que será sem a intenção de te ferir.

— Eu sei. — Afirmo, depois de beijá-la — Eu sei Sarah; porque apesar de nunca ter admitido, eu sei que você me ama...

— E nós não magoamos as pessoas que amamos. — Ela completa em um sussurro.

— Por que você não pode me dizer? — Eu pergunto em um tom suave, de forma carinhosa e que não soa como uma cobrança. Eu apenas quero entendê-la, porque estarei mentindo se dissesse que não ansiei ouvir essas três palavrinhas ao longo dos dias. — Por que é tão difícil para você, se eu já sei a verdade?

— Porque eu tenho medo.

— Você acabou de dizer que eu dissipo todos os seus medos, somente com o meu toque. — Eu a recordo, tocando o seu rosto. — Estou te tocando agora, eu o farei para sempre. Uma fonte infinita de coragem, ao alcance das suas mãos.

Ela ri e inclina o rosto em direção ao meu toque. Agora é a sua vez de fechar os olhos, a minha mão ainda em seu rosto, a outra sob a sua camiseta, meus dedos passeando com suavidade pela pele da sua barriga. Eu espalho pequenos beijos pelo seu rosto, de forma terna e sem pressa alguma.

— Eu te amo. — Murmuro em seus lábios, completando com um beijo. — Você sabe que eu te amo tanto e você me ama também, não existe mais nenhuma razão para ter medo.

— Eu sei... — ela abre os olhos, pegando a minha mão que está em seu rosto e coloca de encontro ao seu peito. — Consegue sentir o meu coração?

— Sim, perfeitamente. — Eu afirmo, não deixando de olhá-la quando ela se afasta um pouco. — Por quê?

— Porque ele bate totalmente diferente quando estamos juntos. Você acha isso possível?

— Sim.

— Você me trouxe de volta a vida, Adam. Acordou os sonhos que eu julgava adormecidos e me fez desejar coisas que eu sequer sabia que queria.
— Ela fala com suavidade. — Talvez você jamais saiba o quanto te conhecer mudou completamente a minha vida.

— Você mudou a minha também. — Eu falo, beijando o seu queixo.

— Você me tirou do meu eixo, a minha vida agora gira em torno da sua vida. Isso não é assustador?

— Nem um pouco. Na verdade, é algo fantástico.

— É algo imenso, tão grande que pode me esmagar a qualquer momento. — Ela admite em um sussurro fraco.

— Eu também sei disso. Mas eu também sei que vale a pena correr esse risco. — Eu digo, enquanto ela suspira. — Se eu for chorar nessa vida, que seja porque eu te amo. Se eu for ter o meu coração partido em algum momento, que seja porque ele estava tão cheio, tão cheio de amor por você, que acabou cheio de rachaduras... eu não penso no que eu posso perder por me entregar a você, a esse amor. Meus olhos estão fixos apenas na certeza de que um minuto ao seu lado, vale por toda uma vida.

— Acho que eu nunca vou te merecer, Adam. — Ela confessa sorrindo lentamente.

— Talvez seja eu que não te mereça, Sarah. — Eu a beijo, não deixando que ela se afaste. — Mas eu não me importo, porque não estou indo embora.

— Eu nunca te deixaria ir... porque eu te amo demais.

Eu nunca disse “Eu te amo” para qualquer outra pessoa, além da minha família. Embora eu tenha namorado algumas vezes e achado que estava

apaixonado todas elas; eu sempre soube o peso que essas palavras possuem e nunca consegui falar para nenhuma mulher. Da mesma forma que eu pensei em me casar tantas outras vezes, eu sempre desistia alguns dias depois.

Toda essa certeza, toda essa fé que eu sinto agora, vem do meu coração e do amor que só aumenta dentro dele. Ouvir a Sarah dizer que me ama, supera todas as minhas expectativas e mais do que isso; eu fico orgulhoso por ter reservado essa parte de mim somente para ela.

— Eu já sabia. — Eu sussurro em seu ouvido, a minha voz parece calma e repleta de diversão; mas as chances de que o meu coração pare a qualquer momento são grandes. — Mas é muito bom finalmente ouvir de seus lábios. Você pode repetir? Tipo a cada cinco segundos?

— Eu te amo, Adam. — Ela fala, ficando em pé e me puxando da cadeira — Eu posso repetir a cada meia hora.

— Parece bom para mim. — Eu digo rindo e pegando o meu celular que está sobre a mesa — Vamos cronometrar...

— Você é louco. — Ela me beija rapidamente, antes de correr para o quarto.

— Você nunca vai parar de me dizer isso? — Eu pergunto, depois de guardar o meu celular no bolso e andar até o quarto. Ela não teria a menor chance se eu corresse também.

— Que você é louco? Ou que eu te amo? — Ela devolve a pergunta, gritando na porta do seu quarto.

— As duas coisas.

— Não... — ela grita e ri, quando eu a seguro no colo e a jogo sobre a cama.

— Que bom... — eu digo, ficando sobre ela. — Porque eu adoro

ouvir e só para constar... eu sou louco por você.

— Eu sei. — Ela diz, ficando séria de repente.

— Quem é a convencida agora? — Eu beijo o seu pescoço, enquanto ela ri em meus ouvidos.

Sonhar pode ser muito bom, mas às vezes estar acordado pode ser melhor ainda



As pessoas que tiveram as suas vidas transformadas de um dia para outro, jamais poderiam prever que uma mudança estava a caminho. Elas acordaram pela manhã e foram para o trabalho, encontraram pessoas queridas, comeram, conversaram e viveram tão despreocupadamente; sem jamais imaginar que um meteoro estava em rota de colisão com a sua vida.

Eu já passei por isso e posso dizer: É devastador.

A verdade é que não temos controle sobre nada, não sabemos quando o curso de nossas vidas vai mudar; seja para pior, seja para melhor. Só podemos desejar que seja para melhor. Eu sei que já vivi a minha cota de tristeza e agora estou agarrada à ideia de que somente coisas boas irão acontecer comigo. Eu preciso desse pensamento para deixar de ser uma medrosa. É um longo caminho e eu ainda sinto medo às vezes, mas bem, o meu namorado pode ser um tanto persuasivo quando quer e medo não é uma opção para ele.

À medida que os dias foram se transformando em semanas e estávamos cada vez mais próximos e apaixonados um pelo outro, eu percebia que a minha coragem e confiança iam se agigantando sobre o meu medo.

O que me coloca em um cenário onde eu estava completamente despreocupada e entregue, andando pela vida toda saltitante e com um coração cheio de sonhos e esperanças... E foi justamente nesse ponto em que o inesperado me encontrou.

Três meses depois de ter conhecido o Adam, dois meses depois de termos feito amor pela primeira vez, algumas semanas depois de eu ter dito que o amava pela primeira vez... A minha vida mudou inesperadamente e foi a partir de um círculo vermelho em meu calendário. Eu acordei com o Adam ao meu lado, tomamos café da manhã juntos, conversamos sobre coisas

bobas, nos despedimos e fomos para o trabalho. Eu estava feliz, exatamente como tenho me sentido todos os dias nas últimas semanas.

As crianças estavam alegres e falantes como sempre, nós rimos e cantamos ao longo da aula. Tudo estava normal e não existia nenhum indício de que algo de diferente estava por vir. Mas a alguns minutos para o final da aula, enquanto eu organizava o meu material e pensava no dia seguinte, fiz a besteira de olhar para minha agenda. Que diga se de passagem estava perdida em minha bolsa e esquecida sem nenhuma serventia para mim.

Eu quase sempre uso a agenda do celular e provavelmente só tenha uma agenda de papel mesmo, porque a Sam me presenteia com uma, todo o início de ano. Ela faz questão disso.

Mas já era tarde demais, eu havia olhando para o calendário da minha agenda e fixado os meus olhos naquele bendito círculo vermelho, e a minha mente entrou em turbilhão.

Fiquei em modo automático, me despedi das minhas crianças e de seus pais com o sorriso alegre de sempre, mas por dentro eu estava me descabelando. Eu nem poderei me lembrar de nada do que eles me disseram ao se despedirem também.

Assim que o último aluno se foi, juntei o meu material e a minha bolsa e sai correndo pelos corredores da escola. O barulho dos meus saltos no piso, ecoando por todo ambiente enquanto eu corria e mesmo assim não conseguindo superar as batidas do meu coração.

Eu tentei respirar devagar em busca de calma, enquanto dirigia; mas as minhas mãos estavam tensas ao redor do volante, em um aperto quase doloroso. Eu parei na primeira farmácia que encontrei pelo caminho e desci em busca do precisava. Eu queria correr também, ansiosa e desesperada para voltar para casa; mas obriguei o meu corpo a relaxar e parecer o mais casual possível. Ainda assim, eu demorei apenas cinco minutos para encontrar o que queria e caminhei até o caixa usando a minha melhor cara de paisagem.

Para o meu desespero completo, a atendente era do tipo falante e queria conversar comigo. Eu apenas sorri, embora a minha vontade fosse de gritar e colocar os meus itens na sacola, deixando o dinheiro sobre o balcão ao sair. Mas eu esperei e a minha permanência na farmácia durou mais de quinze minutos.

Eu entrei no meu carro, tentando não hiperventilar, porque a essa altura eu estava muito próxima disso.

Coloco a minha sacola no banco do passageiro e segurei o meu celular com dedos trêmulos, discando o número da Sam em seguida. Pela primeira

vez na vida, desde que aprendemos a usar um telefone, ela me fez esperar quase um minuto antes de atender.

— Sam... — Eu digo em um sussurro, controlando a vontade de brigar com ela. Por que ela pôde atender no primeiro toque?

— Sarah. — Ela devolve em tom alegre. — A minha prima favorita, que me trocou pelo namorado... A que devo a honra de ter sido lembrada por você?

— Sam... — Eu repito o seu nome, seguido de um riso nervoso — Nós não temos mais quinze anos, pare de drama.

— Eu ainda tenho e não acredite se alguém te convidar para o meu vigésimo sétimo aniversário.

— Sam... — Eu digo pela terceira vez. — A sua loucura só aumenta.

— E a minha beleza e charme também.

— Ok, tudo bem. — Eu concordo, esperando que ela finalmente me deixe falar. — Onde você está agora?

— Acabei de chegar em minha casa. Por quê?

— Porque temos uma emergência, eu preciso te ver.

— Que tipo de emergência?

— Quantos tipos existem, Sam? — Eu pergunto exasperada.

— Alguns tipos, Sarah. Algumas são realmente urgentes e outras nem tanto, dependendo do grau dramático de cada um. — Ela explica em tom sério.

— Por isso você acha que uma unha quebrada é uma emergência. — Eu pontuo, soltando um suspiro desanimado. — Mas, essa é uma emergência mesmo, do tipo urgente, sem dúvida.

— Você e o Adam brigaram?

— Não, estamos ótimos. — Eu afirmo.

— Ele te pediu em casamento? — ela me pergunta, entusiasmada com a possibilidade.

— Não, nenhum anel, por enquanto.

— Ok, você conseguiu me deixar curiosa. Estou te esperando.

— Chego em dez minutos. — Prometo, já ligando o meu carro.

— Não ultrapasse nenhum sinal vermelho. — Ela me aconselha, rindo.

— Não se preocupe...

Ela desliga antes que eu possa dizer mais alguma coisa, e eu já posso imaginá-la correndo até as escadas do seu prédio para me esperar. Eu não ultrapasso nenhum sinal vermelho, e porque encontro muitos em meu trajeto, chego até o seu apartamento alguns minutos depois do que imaginei. Estaciono na calçada oposta ao prédio de quatro andares em que Sam mora. E sim, ela já está me esperando ao lado das caixas de correspondências. Seus olhos curiosos em mim, enquanto caminho até ela.

— Oi, Sam — eu digo com um sorriso, ganhou um abraço com resposta. Ela se afasta com rapidez, seus olhos ainda curiosos e fixos em meu rosto.

— Você está pálida. — Ela anuncia, sorrindo e colocando uma das mãos em minha testa. — Temperatura corporal normal, então eu deduzo que essa sacola, não possuem remédios para gripe.

Ela continua rindo diante do meu silêncio, quando pega a pequena sacola da minha mão esquerda e a abre.

Ela é uma pessoa teatral, sempre foi, e as caretas e expressões que ela faz, diante das situações que encontra sempre me fizeram rir. Menos agora... agora eu só me sinto mais nervosa, quando os seus olhos ficam maiores e ela fecha rapidamente a sacola em suas mãos; como se dentro dela estivesse um escorpião venenoso.

— É uma emergência. — Ela diz por fim. — Escada ou elevador?

— Elevador — decido de forma sucinta, como se ela tivesse me feito escolher entre alface e chocolate.

O seu apartamento é no segundo andar, então a sua pergunta foi sensata. Eu apenas sei que não sou capaz de subir vinte degraus de escadas com as minhas pernas de gelatina agora.

— A sua mão está fria demais. Por favor, não desmaie em meu saguão, para que eu tenha que carregá-la até o sofá. — Sam me pede ao abrir a porta. — Porque eu te arrastaria pelas pernas por todo o meu piso.

— Eu não vou desmaiar. — Afirmo, rindo ao imaginar a cena e sabendo que ela faria exatamente isso.

— Que pena, seria até engraçado. — Ela fala, puxando a minha bolsa dos meus ombros. — Use o banheiro do meu quarto e me chame quando

estiver pronta.

— Ok... — eu murmuro, segurando a sua mão — Mas antes me diga que tudo ficará bem.

— Tudo ficará bem, Sarah. — Ela afirma sem hesitação. — Eu estou aqui, estamos juntas.

— Obrigada. — Eu agradeço, respirando devagar e indo até o seu quarto.

O caminho nunca foi tão longo. Levando em conta o quanto o seu apartamento é pequeno, eu deduzo que preciso de trinta passos no máximo, para ir da sala até o seu quarto e do quarto até o banheiro. Mas meu caminhar é lento, meu coração pesando em meu peito e a minha respiração ficando ofegante a cada segundo.

Eu fecho a porta do banheiro, encosto-me a ela e fecho os meus olhos por um tempo. Meu celular vibrando em minha mão e nem fazia ideia que o estava segurando. Olho para tela, o nome do Adam piscando nela, anunciando uma mensagem de texto. Agradeço aos seus por não ser uma ligação, eu jamais poderia esconder a preocupação em minha voz.

Adam: Quer sair para jantar hoje? Pode escolher o lugar...

Sarah: Prefiro ficar em casa, se você não se importar.

Envio a resposta e deixo o celular sobre a pia, colocando as caixas em minha sacola também sobre ela. Me apoio no balcão e me olho no espelho. Estou um pouco pálida como a Sam disse e meus olhos estão tão grandes quanto os seus estavam há minutos. O celular vibra mais uma vez, anunciando outra mensagem de Adam e eu clico rapidamente na tela.

Adam: Sem problemas... onde você está? Já chegou em casa?

Sarah: Estou na Sam, mas não vou demorar.

Eu sei que dessa vez a sua resposta vira em seguida, então eu espero com o celular em minha mão.

Adam: Mande um beijo para ela... estarei em casa assim que puder ;)

Sarah: Ok, estarei esperando... te amo ♥

Adam: Também te amo ♥ Acho que mais do que você...

Sarah: Isso é o que você pensa... ♥♥

Adam: Ninguém ama alguém no mundo, tanto quanto eu amo você, Sarah ♥

Eu sorrio diante de suas palavras e as leio ao menos três vezes, antes de mandar corações e beijos como resposta. De alguma forma, mesmo longe, ele sabia que eu precisava dele nesse instante e posso afirmar que suas mensagens me trouxeram um pouco de confiança.

Eu olho para as caixas diante de mim e faço como as instruções recomendam. Eu comprei seis delas... sim seis, qual o problema em se ter uma segunda opção? Ou seis delas?

— Sarah, você desmaiou? Devo chamar os paramédicos? — Sam me pergunta, batendo levemente na porta.

— Ainda não — abro a porta, após enxugar as mãos.

— Então? — ela pergunta, olhando em meus olhos e depois para o balcão da pia — Puxa, você quer mesmo ter certeza, não é?

— Esses testes não são cem por cento confiáveis. — Eu replico, me encostando à parede oposto a pia.

— A essa altura, você já deveria saber que nada na vida é totalmente confiável. — Ela diz sorrindo. — As coisas falham ou deixam de fazer efeito, não é?

— Cala a boca. — Eu atiro a toalha de rosto que estava segurando nela. — Vou só fechar os olhos e você me diz quando o resultado aparecer.

— Isso é divertido. — Ela diz, batendo palmas — Parece mágica, agora não tem nada e daqui a pouco o que aparecer poderá mudar toda a sua vida.

— Eu sei Sam. — digo ainda com os olhos fechados — Não estou achando divertido agora, talvez depois...

— Você não herdou o meu bom humor. — Ela diz e eu posso ter ouvido um bufar depois disso.

— Acho que não, Sam. — eu dou risada do seu jeito e começo a achar que o sangue voltou a circular quente em minhas veias — Estou ansiosa.

— Acho que já está aparecendo alguma coisa. — Ela diz com entusiasmo.

— Então me diga. — Eu peço, com menos entusiasmo.

— O primeiro diz; grávida.

— Ok. — Eu respiro fundo, diante do impacto que o significado dessa

palavra tem — Ainda temos mais cinco, esse pode estar errado.

— O segundo diz; muito grávida.

—Sam... — abro os olhos, apenas para revirá-los para ela.

— O terceiro diz; totalmente grávida. — Ela diz com seriedade — Mas o quarto está diferente dos outros.

— Verdade? — Eu pergunto, me afastando um pouco da parede.

— Sim... está escrito; o Adam te engravidou, não tente negar esse fato.

— Como seoubessem tantas palavras em um espaço tão pequeno. — Eu contesto, como se ela não estivesse se divertindo ao me fazer de boba.

— É realmente não caberia, mas seria tão mais engraçado. Os fabricantes poderiam começar a pensar em frases engraçadas e colocá-las nos testes. — Ela sorri, vindo até mim e segurando a minha mão — Os seus só possuem a palavra grávida em todos eles.

Eu fico estática, enquanto a minha mente e coração absorvem essa notícia. Acho que eu já sabia a resposta no instante em que me dei conta da data. Então um meteoro acaba de colidir com a minha vida, trazendo uma mudança gigantesca. Isso faz tudo ficar diferente. O Adam me fez desejar, sonhar com a possibilidade de ser mãe outra vez. O seu amor e paciência me fizeram acreditar no meu merecimento em exercer essa tarefa novamente. Mas não nesse instante...

— Eu não sei como isso aconteceu. — Balbucio, balançando a cabeça em descrença. — Eu não deixei de tomar o meu anticoncepcional um dia sequer, eu estava absolutamente confiante em sua eficácia.

— Você não precisou comprovar a sua eficácia por dois anos e na primeira oportunidade, percebeu que ele não funciona. — Ela tenta me consolar, me abraçando em seguida. — Não é o mesmo que eu uso, é?

— Não. — Nego, rindo e chorando em seu ombro. — Eu estou grávida, Sam... Grávida.

— Sim, grávida... não é incrível?

— O que o Adam vai pensar de tudo isso?

— Você está brincando, não está? — Ela pergunta, me empurrando pelos ombros. — Ele irá beijar os seus pés.

— É tão inesperado. — Seco as minhas lágrimas, sem deixar de sorrir. — Eu mesma não sei se estou feliz ou terrivelmente assustada.

— Ele vai adorar. — Ela garante, se afastando de mim para colocar os testes dentro da sacola outra vez; usando um pedaço de papel higiênico para isso. — Você fez xixi aqui, isso é um pouco nojento.

— Eu já cuidei de você quando estava bêbada e debruçada sobre um vaso sanitário, aquilo sim era nojento.

— Que seja. — Ela dá de ombros me entregando a sacola, para lavar as mãos em seguida — Agora vá para a casa e conte a novidade para o papai.

— Não é tão fácil como parece. Como você acha que eu deveria contar? — Eu pergunto, deixando ela me empurrar até a sala.

— Só dê essa sacola para ele e deixei que ele perceba o óbvio.

— Não, eu quero falar alguma coisa.

— Então vá pensando no caminho. — Ela me entrega a minha bolsa e praticamente me expulsa porta afora.

Eu opto pelas escadas agora, imaginando que o tempo adicional será necessário nesse momento.

— Sarah. — Sam me chama, assim que eu piso no primeiro degrau e percebo que nós nem nos despedimos.

— Tchau Sam. — eu digo com um sorriso — Eu te ligo mais tarde.

— Vou esperar... E Sarah, — ela para por um instante, esperando que eu olhe em seus olhos para continuar — Você merece isso, o Adam, o bebê; a sua segunda chance. Você merece isso e muito mais.

— Obrigada, Sam — eu digo, voltando para abraçá-la — Eu não sabia que queria uma segunda chance até conhecer o Adam.

— Ele é maravilhoso, ele é merecedor do seu amor.

— Eu sei disso — concordo, correndo até a escada. — Eu te amo, Sam.

— Também te amo, Sarah. — Eu a ouço gritar, quando já estou longe dos seus olhos. — Pare de correr na escada.

Eu não consigo e não posso me obrigar a parar de correr, até entrar no meu carro. Jogo as minhas coisas do lado e dirijo até a minha casa com a maior ansiedade que já senti na vida. São quase seis horas, eu não tenho certeza se o Adam já estará lá para me receber. Estou dividida entre querer que ele abra a porta, para eu me jogar em seus braços. Ou que ele chegue

depois de mim, para que eu possa ter algum tempo e pensar no que devo lhe dizer.

Nós estamos morando juntos, mas ao mesmo tempo não estamos. Ele ainda fica em seu apartamento quando precisa trabalhar em casa, embora isso não aconteça com tanta frequência. Há uma semana, ele me disse que irá vender o apartamento e que poderíamos começar a pensar na ideia de termos uma casa só nossa. Eu não disse nada, talvez por não ter as palavras certas para o momento, mas sorri e o beijei, e sei que isso foi o bastante para ele.

Meu pai me disse para ser cautelosa, a minha mãe está tão apaixonada pelo Adam quanto eu e ela acha que poderíamos nos casar amanhã. A sua mãe também pensa assim. Chloe ainda continua me perguntando sobre o casamento e me pedindo um bebê. As outras crianças querem ser convidadas para a cerimônia... O meu coração ainda bate mais forte cada vez que o Adam sorri para mim, os seus toques causam um alvoroço no meu estômago cheio de borboletas... Nada mudou nesses dois meses, a não ser o fato de que eu o amo um pouco mais a cada dia. Então talvez eu me convença de que não preciso ter medo nesse momento, mesmo que eu esteja cheia de inseguranças ao pensar na minha gravidez inesperada... Se você já se queimou alguma vez, sabe que terá receio de chegar perto do fogo para sempre.

O carro do Adam não está na garagem quando eu chego. Eu me apresso em entrar, deixando a minha bolsa sobre o sofá, mas levando a sacola com os testes junto comigo. Eu tomo um banho rápido, guardando a evidencia do meu segredo, no armário do banheiro. Coloco uma das suas confortáveis camisetas, ficando descalça e com o meu cabelo ainda molhado. Eu vou para a cozinha e espero, com uma garrafa de água nas mãos. Meia hora depois, eu estou na sala e a garrafa está vazia, enquanto eu brinco com a sua tampa. Sinto-me ansiosa, nervosa e até mesmo entediada. Eu deveria ter feito o jantar, porque estou com fome também. Mas eu permaneço no sofá, sentada com uma almofada em meu colo, olhando para o nada por mais de uma hora.

Eu fico em pé assim que ouço o barulho do carro do Adam, os seus faróis iluminando a minha sala escura. Minutos depois ele abre a porta, usando as chaves que eu lhe dei, e acende as luzes do corredor, iluminando parcialmente a sala na qual eu estou parada, esperando por ele.

— Oi. — Ele anuncia sorrindo. — Está fazendo o quê no escuro?

— Pensando. — Eu devolvo, sorrindo também.

— Eu trouxe sorvete. — Ele fala me mostrando o pote redondo, antes de deixá-lo sobre a mesa. — Você parece estranha.

— Eu não estou. — Eu nego rindo, quando ele vem me beijar.

Ele me abraça colocando uma das mãos em meu cabelo e a outra no centro das minhas costas. A sua boca tem gosto de hortelã, já que ele sempre tem dezenas de chicletes diferentes em seu porta luvas. Eu sempre me lembro dele quando encontro uma cartela de chicletes no mercado, não que eu precise de algo assim, levando se em conta o fato de que ele não sai um minuto dos meus pensamentos.

Eu aceito o seu beijo, me agarrando a ele quase de forma desesperada. O amor flui entre nós densamente, tão presente que qualquer um pode sentir. Eu só preciso abraçá-lo um pouco mais, tocá-lo um pouco mais, em busca de um pouco de coragem para lhe contar sobre o bebê.

— Eu preciso te contar uma coisa. — Eu digo ainda sem me afastar, precisando dos seus braços para me sentir segura.

— Tudo bem, pode falar.

Ele sorri para mim, me beijando outra vez e nos levando até o sofá. Eu toco o seu cabelo, sentindo a maciez entre os meus dedos, o seu perfume tão familiar me deixando um pouco mais calma. Toco o seu rosto também, enquanto busco as palavras em minha mente. Eu sei que o que quer que ele sinta com o que eu vou dizer, raiva não será uma opção. Eu não posso imaginar o Adam bravo, mais do que isso; eu jamais o imaginaria bravo comigo.

— Primeiro, eu só quero que você saiba que eu também estou muito surpresa com essa notícia.

— Eu não estou surpreso, já que não faço ideia do que essa notícia seja. — Ele ri, beijando uma parte do meu ombro que ficou descoberta pela camiseta.

— Acredite você estará surpreso em minutos.

— Ok, vá em frente. — Pede, apertando a minha coxa de forma brincalhona. — Me surpreenda, Sarah.

— Quando nós nos vimos hoje de manhã, eu não havia pensando nessa possibilidade. — Falo, com uma calma que surpreende até a mim mesma. — Mas de repente, eu olhei para a minha agenda e pronto... tudo bem se você me achar irresponsável ou imatura, ou as duas coisas...

— Sarah. — Ele me interrompe com um beijo. — Apenas fale, eu não estou entendendo absolutamente nada e não, não vou te achar imatura e muito menos irresponsável.

— Eu estou grávida. — Conto de uma vez, talvez até um pouco mais alto do que seria necessário, já que o seu rosto está encostado ao meu. — Estou grávida, Adam.

Ele aperta os olhos por alguns instantes e volta a me encarar. Prendo a respiração, ansiando por uma reação sua.

— Verdade? — Ele pergunta, por fim, enquanto um largo sorriso começa a iluminar o seu rosto.

— Sim, eu não sei de quanto tempo; provavelmente esteja bem no início..., mas eu fiz seis testes e todos deram positivo. — Explico, sentindo o meu rosto se iluminar também com a mesma felicidade que vejo claramente refletida em seus olhos.

— Seis? — ele ri em meu pescoço.

— Eu queria ter certeza, mesmo assim, ainda precisamos de um exame

de sangue para confirmar totalmente.

— Meu Deus... — ele volta a me beijar com paixão. — Estou tão feliz que quase não posso acreditar.

— Eu acho que é um pouco cedo...

— Eu queria te engravidar no dia seguinte em que te conheci. — Ele conta, me fazendo rir.

— Teria sido totalmente inadequado. — Eu digo rindo um pouco mais, imaginando que ele é louco o suficiente para isso ser verdade.

— Você está feliz também? — Me questiona com carinho, ficando em pé comigo em seus braços.

— Sim. — Eu afirmo com o mesmo carinho, encostando a minha testa na sua, — Estou insegura, com um pouco de medo..., mas muito feliz.

— Vai dar tudo certo, Sarah. — Ele diz com convicção. — Se você tiver medo, segure a minha mão, eu vou cuidar de vocês... Das minhas meninas.

— E se for um menino?

— Será incrível também, mas eu sei que será uma menina. — Ele me beija, me apertando um pouco mais. As minhas pernas ao redor do seu corpo, os meus braços em seu pescoço; dessa forma os nossos corações batem um de frente para o outro. — Você fez de mim, o homem mais feliz desse mundo.

— Eu te amo... — eu sussurro em seus lábios. — E amo estar carregando um filho seu.

— Filha. — Ele me corrige com orgulho em seu tom. — E eu te amo infinitamente mais...

Eu não vou discutir, embora tenha argumentos para isso. Quero os seus beijos e não as suas palavras. Amanhã podemos ver quem realmente tem razão, embora eu já saiba que sou eu... eu o amo infinitamente mais.



Eu serei pai...

Três letrinhas apenas, mas que juntas possuem um significado imenso. Eu sempre achei essa, uma das palavras mais lindas do mundo, e agora posso dizer que ela soa como os acordes dos anjos.

Não sei mensurar em palavras o quão feliz eu estou, como me sinto incrível e até acho que posso ter ganhado superpoderes. Eu me sinto um super-herói sem dúvida. Se alguém me dissesse que eu me sentiria dessa forma, é provável que eu não acreditasse, ou apenas não pudesse compreender. É o tipo de sentimento que não pode ser descrito ou explicado, somente quando senti-lo, você enfim entenderá que nada na vida ainda fazia sentido... agora sim tudo tem um porquê. Uma razão.

A Sarah já dormiu faz algum tempo, mas tudo o que eu quero nesse momento e pelos próximos meses; é olhar para ela. Estou sonhando acordado há horas, imaginando a grávida linda que ela será. Imaginando a magia de vê-la carregando uma parte nossa... uma pequena parte minha, encontrando uma pequena parte sua e dando início a um novo ser... O próximo amor da minha vida. Eu sei que a ciência explica facilmente esse acontecimento, mas eu não posso encontrar outra definição; senão chamar de milagre... O nosso milagre, o nosso bebê.

Meu Deus, eu irei repetir isso ao menos duzentas vezes por dia, porque essa palavra é incrível também.

— Você não vai dormir hoje? — Sarah me pergunta com voz sonolenta. A sua cabeça descansa sobre o meu ombro, o seu corpo enroscado

no meu de forma que estou deitado de costas e ela na minha lateral. — Ou será que já amanheceu e eu não percebi?

— Não amanheceu ainda. — Eu falo tocando a suas costas. — Faz umas duas horas que você dormiu, mas eu estou sem sono.

— Eu nem posso imaginar o porquê disso. — Ela diz rindo, abrindo enfim os olhos e me fitando com carinho. — Eu só dormi, porque as grávidas sentem muito sono.

— Você está grávida, grávida. — Eu enfatizo, afastando o cabelo bagunçado que cai sobre o seu rosto. — Você já absorveu toda essa notícia?

— Não, ainda acho que estou sonhando. Mas espero que ninguém me acorde.

— Não é um sonho, é tão lindo quanto um sonho seria, mas isso... — eu a viro de costas para tocar a sua barriga. — Isso é muito real, Sarah.

Meus olhos se afastam do seu rosto, para pousarem em sua barriga ainda plana e sem nenhum sinal de gravidez. Eu sou um leigo total quando o assunto é esse, porém, acho que ainda demorará algum tempo para que as outras pessoas também consigam notar.

Volto a olhar para ela, ao mesmo que a minha mão toca a sua pele quente, agora sob a camiseta. É impossível não sorrir feito um tolo e me encher de orgulho, orgulho por ser o pai de um filho seu... Ops; filha. Não existe nenhuma dúvida em meu coração de que será uma menina. Linda e travessa, falante e feliz. Que vai se pendurar em meu pescoço quando acordamos pela manhã e eu a levar para a cozinha... então faremos panquecas ou torradas. Eu não sei cozinhar, mas sei que quando chegar a hora, eu terei aprendido apenas para deixá-la feliz. O seu sorriso será toda a cura da qual precisarei, a sua felicidade será a razão do meu respirar. E é bem provável que ela me enlouqueça quando quiser pintar as minhas unhas, ou inventar alguma brincadeira na qual eu precise ficar sentado e fingir que tomo chá, mas eu sei que farei cada pequena coisa com o maior sorriso no rosto.

— Eu estou apaixonado. — Eu falo, ao beijá-la. — É algo totalmente novo e tão intenso... estou apaixonado pela nossa filha.

— Você sabe que não podemos ter certeza que é uma menina, não crie tantas expectativas. — Ela pede, me beijando também

— O que você não sabe, é que em algum momento da minha vida, eu te desejei com tanta intensidade, Sarah. — Confesso, me perdendo em seu sorriso. — Eu te pedi aos céus e você é exatamente como eu sonhei.

— Eu sou um sonho, então?

— Não... você é o meu sonho. — Eu a corrijo, mordendo a sua boca antes de beijá-la com força. — Às vezes eu nem posso acreditar em tanta perfeição, tenho medo de acordar e tudo ter sido um delírio da minha parte.

— E você sonhou com uma filha também? — Ela pergunta entre beijos, a sua respiração ficando mais ofegante agora. — Por isso você tem tanta certeza?

— Sim, eu sonhei. — Eu afirmo, levantando a sua camiseta. A minha camiseta, que ela usa todas as noites ao dormir. — Eu sonhei a partir do momento em que você sorriu a primeira vez para mim... eu sonhei em ver esse sorriso em uma pequena Sarah e que ela me chamasse de pai.

— Eu sorri para você quinze segundos depois de ter te conhecido. — Ela pontua exasperada, mas sem deixar de sorrir.

— Então talvez eu tenha pensado em engravidá-la no instante em que eu te vi e não no dia seguinte.

— Louco, absolutamente, louco. — Murmura, balançando a cabeça e fugindo de mim quando tento morder o seu pescoço. — Você nunca foi normal, foi?

— Você já sabe a resposta, Sarah. — Dou risada, depois de finalmente prendê-la embaixo do meu corpo.

Sua camiseta está enrolada em sua cintura, logo acima do seu umbigo. A minha borboleta favorita no mundo inteiro, brilha em cores vibrantes, mesmo através da meia luz que ilumina a nossa cama. Eu toco a sua barriga e aperto a sua cintura, voltando a beijá-la com paixão. A sua boca se abre sem hesitação, dando espaço para as nossas línguas se encontrarem e para o beijo se tornar mais intenso. No silêncio da madrugada, cada suspiro e movimento do nosso corpo ecoa pelo quarto com uma grandeza maior. Nós nos beijamos por tanto tempo, nunca deixando de nos tocar. A minha mão está de forma protetora sobre a sua barriga, antes de subir e entrar em sua camiseta, tocando um dos seus seios sobre o sutiã. Ela ofega em meus lábios, se afastando sutilmente enquanto inclina a cabeça no travesseiro, ansiando por uma carícia mais ousada. Eu não preciso de palavras para saber como ela gosta de ser tocada, as minhas mãos quase têm vida própria quando estou perto da Sarah. Elas são puxadas para o seu corpo, em busca do calor familiar que a sua pele me traz.

Eu continuo tocando o seu seio, após ter puxado levemente o tecido de algodão que o cobria, meus dedos sobre o seu mamilo em um aperto mais duro, com a única finalidade de enlouquecer a mulher sob mim. Eu não posso negar o quanto a expressão de prazer em seu rosto me atinge diretamente, de várias formas e em várias partes; mas é acima de tudo uma flecha direto ao meu coração. Porque não é sexo, é amor...

Eu coloco a mão livre em seu rosto, puxando a sua boca até a minha outra vez. Ela não reluta, completamente entregue a cada toque e sensação. Ela toca o meu cabelo, primeiro suave e depois um pouco mais forte; descendo em seguida para as minhas costas e puxando a minha camiseta. Eu acho que é o momento perfeito para tirar a sua camiseta também... nossas mãos e braços se enroscam em uma bagunça apressada. Isso me faz rir, isso a faz rir também. Mas eu coloco a mão em sua nuca, meus dedos em seu cabelo e a trago até mim. Não há muito tempo para risos, quando o nosso beijo fica ainda mais faminto. Ela se inclina sobre os seus cotovelos, me dando livre acesso para soltar o fecho do seu sutiã. Seus seios livres de encontro ao meu peito... eu beijo o seu queixo, pescoço e ombros, mordendo e chupando apenas o suficiente para tirá-la do sério.

Estou viciando nos sons que ela faz, cada vez que eu a toco dessa forma e no poder de deixá-la absolutamente entregue a mim. Sem pudores, sem

hesitações. Essa Sarah há muito não existe mais. Em seu lugar eu tenho uma mulher passional, apaixonada, que se dá por inteiro. E que me tem por inteiro também, porque tudo de mim; pertence a ela.

Eu a deito sobre os travesseiros outra vez, olhando brevemente para o seu rosto, antes que seus olhos se fechem para mim. Minha boca encontra o seu pescoço mais uma vez, eu mordo e beijo a pele suave, descendo com lentidão por todo o caminho que levam até os seus seios. Minha língua toca um deles, ao mesmo tempo em que a minha mão aperta o outro. Seus gemidos são tudo o que eu preciso para me sentir um pouco mais enlouquecido. Eu aperto os seus seios, alternado entre beijos e chupões leves. Beijo a sua barriga também, agora eu tenho uma razão ainda mais linda para adorar a sua tatuagem. Existe muito amor, quando os meus dedos tocam o desenho, contornando o seu umbigo e sonhando com o momento mágico em que eu sentirei o meu bebê mexer aqui dentro. Tiro a sua calcinha e o meu short também, fazendo o caminho inverso pelo seu corpo agora. Beijando cada curva, apertando cada contorno, terminando em sua boca mais uma vez.

Seus braços estão presos sobre a sua cabeça, uma das minhas mãos ao redor do seu pulso, enquanto ela se contorce sob mim.

— Você me quer? — demando, sussurrando em seu ouvido após morder a sua orelha.

— Sempre. — Ela responde ofegante, ainda com os olhos fechados.
— Cada vez mais, Adam.

— Olhe para mim. — Peço, usando um dos meus joelhos para abrir as suas pernas. — Eu te amo demais.

Seus olhos não me abandonam um sequer, quando eu a penetro com lentidão. Ela arqueia o corpo, se afastando levemente para me receber. Tentando se soltar e me tocar também. Eu não a solto, sorrindo para ela, enquanto paro para beijá-la. Ela morde o meu lábio inferior, gemendo em minha boca, enquanto os nossos corpos se movimentam em uma dança perfeita. Tudo entre nós dois flui com perfeição, por isso eu acredito que fomos feitos um para o outro. Não existe nada mais lindo que o aqui e o agora, o olhar em seu rosto quando nós atingimos o clímax; fechando os olhos antes de me dizer:

— Eu também te amo, Adam.

Eu nunca me cansarei de ouvir essa frase, porque cada vez que ela me diz isso, soa diferente. Com mais amor, com mais verdade. E cada vez que eu digo isso a ela, também é como se fosse a primeira vez. E eu adoro o sorriso diferente que ela reserva somente para todos os meus: eu te amo.

Eu solto os seus pulsos, a beijando e deixando que ela toque a minha nuca e o meu cabelo. Deito de costas e a puxo para o meu peito, sua cabeça em meu pescoço, depois de beijar demoradamente o meu queixo.

— Você vai dormir agora? — Sarah me pergunta com a mesma voz sonolenta de antes.

— Você vai me abraçar a noite toda? — Eu devolvo a pergunta, beijando o seu cabelo.

— Sim. — Ela afirma, tocando o meu peito.

— Então sim. — Eu afirmo, já fechando os olhos.

Eu a aperto um pouco mais, a sua respiração já está suave.

Não posso imaginar como seria dormir sem o peso do seu corpo no meu. E quando o sono enfim me atinge, eu sonho com uma linda menininha travessa e de sorriso doce. É um lindo sonho, mas a melhor parte é saber que agora falta pouco para ele se tornar realidade.



Os últimos dias se passaram como um flash, em uma velocidade ímpar. Eu me sentia diferente cada vez que colocava os meus pés para fora da cama e iniciava um novo dia. Não eram mudanças físicas, mas emocionais. Eu me sentia bem fisicamente, nada de enjoos ou tonturas, somente uma fome duas vezes maior e uma vontade de passar o dia todo dormindo. Engraçado que até há pouco, quando eu não me dei conta da gravidez, não sentia absolutamente nada disso. Mas o resultado dos testes de farmácia, acionaram um interruptor dentro de mim... eu me sentia cem por cento grávida agora.

Adam e eu decidimos ir com calma e guardamos a notícia somente para nós. Ninguém sabia ainda, além da Sam, é claro, que teve um papel tão importante em toda a história. A questão é que queríamos esperar até a minha consulta com o obstetra, para então deixarmos toda a nossa família a par da grande novidade. Eu sinceramente não faço ideia de como o próprio Adam conseguiu manter isso oculto de todos; mas ele conseguiu ao que parece.

Oito dias depois, enfim estávamos na sala de espera para todo o procedimento necessário. Eu fiz o exame de sangue há uma hora, assim que chegamos a clínica. A enfermeira me levou até uma pequena sala e usou uma agulha enorme, para recolher grandes quantidades do meu sangue. Eu detesto agulhas e posso ter fechado os olhos e torcido o rosto diante da sensação de ter a pele do meu braço perfurado por ela. Mas o Adam segurou a minha mão o tempo todo e mesmo que eu tenha escutado um risinho debochado vindo dele; ainda assim o seu toque foi o suficiente para me dar a segurança que precisava.

Ambos estamos ansiosos para o resultado dos exames, — embora não tenhamos dúvida alguma sobre a gravidez — queremos apenas saber se eu estou saudável e o bebê também. É tudo novo para o Adam e ele tem se mostrado curioso e participativo, me faz um milhão de perguntas a cada

manhã e as repete quando nos encontramos outra vez à noite. A sua preocupação gira em torno do meu bem-estar basicamente... Ele quer saber se eu comi bem, se estou muito cansada, se fiquei tempo demais em pé; até já me perguntou se alguma criança bateu em minha barriga sem querer. Acho que até o final da gestação pode ser que ele tenha me trancado em casa e levado a chave com ele. Ele ficaria feliz em saber que eu tenho somente mais dois meses com a minha classe, mas eu gosto de torturá-lo um pouquinho. Embora ainda pretenda continuar trabalhando como professora substituta, o meu ritmo vai ficar mais calmo depois que eu me despedir dos meus alunos. Isso só me faz querer chorar... ou seriam os hormônios já tomando conta de mim?

— Pare com essa perna. — Eu peço, tocando o joelho do Adam. Ele parece um menino na sala de espera do dentista. — Está me deixando nervosa.

— Estou ansioso. — Ele se defende, antes de me beijar. — Está demorando demais.

— Estamos esperando há pouco tempo, a última paciente entrou faz dez minutos.

— E todo o tempo que esperamos pelo resultado do seu exame? — Ele me pergunta, como uma criança impaciente.

— Eu sou a grávida aqui, Adam. — Digo rindo e segurando a sua mão. — Conforme-se em saber que tudo a partir de hoje vai demorar... as consultas e exames demoram e, o parto pode demorar horas. Você morrerá de impaciência desse jeito.

— Seria um bom momento para pensar em meditar ou fazer ioga. Isso relaxa, não é?

— Eu acho que sim. — Falo rindo um pouco mais. As nossas mãos entrelaçadas e, eu encosto a minha cabeça em seu ombro. — Você vai se acostumar.

— Parece difícil agora. — Ele confessa, cheirando o meu cabelo. — Mas eu acho que é uma questão de prática, na segunda gravidez eu tirarei de letra.

Isso é algo sobre o qual ele fala todos os dias também; a nossa segunda gravidez. Aparentemente os seus poderes psíquicos lhe dizem que o nosso segundo filho será um menino e Adam até me aconselhou a já fazer uma lista de nomes. Já que a nossa lista agora, só terá nomes de meninas. Eu ainda não consigo visualizar um filho ou uma filha, não de forma concreta como ele faz. Para mim, ainda é apenas o bebê... um bebê muito sonhado e amado. E não importa o que Deus escolha para nós dois, eu estarei feliz da mesma forma. Eu só tenho medo que o Adam fique muito frustrado se no primeiro ultrassom aparecer um garotinho. Quase posso imaginá-lo querendo devolver o filho para a cegonha, assim como a Chloe quer fazer com o irmão.

— Não estamos falando sobre uma segunda gravidez agora, Adam. — Eu o lembro, ainda sem levantar a cabeça.

— Eu gosto de pensar à longo prazo, Sarah. — Ele fala com um sorriso na voz.

— Você nem sabe se vai gostar de ser pai. E se você descobrir que detesta crianças?

— Como se isso fosse possível... — ele coloca a mão no meu queixo e me incita a olhá-lo, antes de prosseguir — Eu ficaria encantado até mesmo se comprássemos uma tartaruga juntos. Eu adoro o seu peixe e ele nem é meu; como você pode sequer imaginar que não serei o pai mais apaixonado do mundo?

— Eu não tenho dúvidas disso, eu só disse que depois de passar por toda a experiência completa de ter um filho; talvez você decida que quer ter apenas um.

— Não conte com isso, minha gatinha. — Ouço a senhora que está do nosso lado, tentar esconder uma risada. Eu me esqueci que estamos em uma sala de espera, com pelo menos dez pessoas ao redor. Estamos tendo as nossas conversas loucas e sem sentindo algum e as pessoas devem estar achando muito engraçado. — Se eu soubesse que teria ao menos uma chance de você aceitar, diria que quero ter ao menos dez filhos.

— Teríamos que nos mudar para uma fazenda e nossos filhos usariam roupas remendadas. — Pontuo, rindo do seu delírio. — Você não faz ideia do quanto custa alimentar e vestir uma criança.

— Na verdade eu faço, eu sou contador e o meu trabalho é justamente esse. — Ele enfatiza, beijando o meu nariz. — Nós nem precisaríamos de sapatos, mas seríamos as pessoas mais felizes do mundo.

— Nossos filhos iriam nos odiar por fazê-los compartilhar cada pequena coisa com os seus irmãos.

— Talvez... — ele concorda, brincando com a barra do meu vestido — Mas eu ainda quero ao menos três filhos, seja boazinha.

— Uma coisa de cada vez, bonitão.

— Um filho de cada vez... — ele me corrige com um sorriso e eu aceno, sorrindo também — Ok.

— Exatamente, eles são lindos e fofos; mas vamos colocar os nossos pés no chão.

Volto a colocar a minha cabeça em seu ombro e ficamos em silêncio, novas pessoas chegam e outras se vão, mas nós ainda estamos esperando. Preciso colocar constantemente a mão em seu joelho, para impedir que Adam fique batendo a perna esquerda. Talvez seja melhor estar sozinha na próxima consulta.

— Estamos prontos para você, senhorita Martinez. — Uma das simpáticas enfermeiras para a minha frente, me deixando atenta outra vez.

— Obrigada. — Eu agradeço sorrindo e me levantando com Adam ao meu lado.

Nós a seguimos em silêncio até o final do corredor, virando à direita e entrando em uma sala completamente nova agora. A enfermeira me entrega um avental descartável e apontando para o banheiro, em seguida. Eu deixo a minha bolsa com Adam e entro no pequeno banheiro, tentando me trocar o mais rápido possível. Quando eu volto para a sala novamente, me contorcendo desconfortavelmente para manter o avental fechado, Adam me ajuda a deitar na maca. O local está quente, ou talvez seja apenas a minha pressão sanguínea que esteja aumentando significativamente. Agora é bem provável que eu esteja ainda mais nervosa que o Adam.

— Eu achei que fosse muito cedo para um ultrassom. — Adam pontua ao meu lado, atento a toda movimentação da enfermeira.

— Não será um ultrassom normal. — Eu explico, contento a vontade de rir, quando a enfermeira me coloca na posição certa, com as pernas levemente levantadas e apoiadas ao suporte da maca — É um ultrassom ginecológico, podemos ver o óvulo e saber se está tudo bem, mesmo estando no início da gravidez.

— Tudo bem. — Ele fala, passando a mão no cabelo. — É super estranho e eu me sinto muito perdido aqui; mas se pudermos ver o bebê, fico feliz.

— Obrigada por estar aqui comigo. — Murmuro, segurando a sua mão. — É estranho, mas é necessário.

— Eu sempre estarei do seu lado, Sarah. Em cada momento dessa gravidez e em todos os outros também. — Ele promete, beijando a minha

mão em seguida.

— Eu sei. — Eu afirmo, puxando a sua mão para beijá-la também.

Afasto o meu olhar do seu, no momento em que a médica entra na sala. Ela sorri para nós dois, após se apresentar, mas cinco segundos depois eu não me lembro do seu nome.

Sentando-se rapidamente em frente ao aparelho de ultrassom, antes que o exame comece, ela faz muitas observações, pontuando os principais tópicos do meu exame de sangue e enfatizando principalmente o fato de que estou realmente grávida. Isso me faz rir e imaginar que poderia processar o fabricante do exame de farmácia, se após seis resultados positivos; tudo não passasse de um alarme falso.

Quando o exame começa, o aperto da mão de Adam na minha, se torna muito mais forte. Eu quero acalmá-lo, mas eu mesma me sinto extremamente nervosa agora.

A médica nos explica sobre a implantação do embrião, me tranquilizando sobre isso. Eu li algumas coisas na internet, sobre gravidez ectópica e fiquei um pouco apavorada com essa possibilidade. Mas agora ver o meu bebê em meu útero, seguro — mesmo que tão pequenininho, que quase não posso enxergá-lo — me faz respirar aliviada.

Talvez seja melhor seguir o conselho da Sam e me manter longe das pesquisas do Google ao longo da minha gestação. Eu já tenho as minhas próprias inseguranças e medos, para encher a minha cabeça com as inúmeras possibilidades sobre as quais, todos estão sujeitos.

— Vamos tentar ouvir o coração. — A médica diz com voz suave — Eu não posso afirmar com precisão, mas acho que você está de seis semanas, Sarah.

— Eu estou ansiosa. — Eu sussurro, olhando para o Adam. Ele está estranhamente quieto, na verdade se ele não estivesse apertando a minha mão a cada segundo; eu teria pensado que ele estava desmaiado — Tudo bem?

— Sim. — Ele afirma sorrindo, seus olhos transbordando a mesma felicidade dos meus.

— Prontos papais... — a médica fala, apertando um botão em sua mesa — Eis o seu bebê!

O sorriso se congela em meu rosto e tudo o que sou capaz de fazer é olhar para a tela, visualizando as ondas do seu batimento em preto e branco. Como explicar o fato de um coração tão pequeno, quanto um grão de areia, possa bater tão rapidamente, tão intensamente? Com uma força imensa e grande vontade de viver. Mesmo que eu já tenha passado por isso, é novamente como se fosse a primeira vez para mim. A mesma grandeza de emoções, a mesma certeza de que eu nunca ouvi nada tão maravilhoso assim.

Faz muito tempo que não consigo encontrar felicidade nas lágrimas que caem dos meus olhos, mas agora, alegria e gratidão são os únicos motivos que me fazem derrubá-las. É provável que eu chore a gravidez inteira, mesmo pelas razões mais tolas. Eu sei que gerar uma vida é algo sonhado por quase todos os casais, e a maioria das mulheres, porém, essa gravidez tem sabor de recomeço para mim, quase tão doce quanto uma nuvem de açúcar. Pode ser que a partir de hoje e durante todos os anos depois disso, eu posso lembrar da minha Ayla e não sentir tristeza; isso é tudo o que eu quero... Ela sempre terá um lugar em minha alma, um pedaço importantíssimo em meu coração.

— Você está incrivelmente saudável, Sarah e o bebê também. — A médica diz, sorrindo mais uma vez e me entrando inúmeros folhetos e papéis — Tome as suas vitaminas, se alimente bem, nada de exageros.

— Ok, eu serei muito responsável. — Eu prometo, olhando para o Adam enquanto seco o meu rosto com as mãos — Nada de bolos ou sorvete. O Adam vai me ajudar, porque ele é muito saudável.

— Eu tenho certeza de que ele fará. — Ela fala de fala calma. — Marque uma consulta para o próximo mês, então você pode escolher o obstetra que irá lhe acompanhar durante a gravidez e no parto também.

— Ok, eu farei... — sorrio para ela, me esforçando para ler o seu nome no jaleco. Porém eu falho, já que o seu cabelo está cobrindo o bolso em seu peito. — Obrigada.

Adam me beija assim que a porta se fecha e eu me sento na maca. Coloco as duas mãos em seu rosto, o beijando com o mesmo amor, entre sorrisos. Eu mal tenho tempo de me preparar para ser levantada e abraçada com força, meus pés tocam brevemente o chão, antes que Adam me impulsione um pouco mais. Talvez ele não tenha outra forma de expressar a sua felicidade nesse momento, senão com um abraço de urso e beijos apaixonados. Meus braços circulam o seu pescoço, enquanto eu correspondo o seu carinho.

Se existe algum momento mais incrível que esse, eu simplesmente não faço ideia de qual seria.

Meu coração está tão cheio e pela primeira vez nos últimos dois anos, eu quase posso acreditar que o amor do Adam conseguiu deixá-lo inteiro outro vez.

— Eu preciso me trocar. — Eu digo, me afastando apenas o suficiente para encostar a minha testa na sua — Então podemos tomar um sorvete gigante.

— Acho que a médica disse para comer de forma saudável. — Ele pontua, rindo em meus lábios — Posso te comprar um sorvete de soja.

— Jesus... — faço uma careta ao imaginar o sabor disso e acho que acabei de ter o meu primeiro enjoo — Obrigada, mas eu prefiro chupar alguns cubinhos de gelo.

— Eu estou brincando. — Ele me beija levemente, me colocando no chão — Você me conhece o bastante para saber que eu farei todas as suas vontades.

— Eu sei disso, mas precisamos realmente agir com responsabilidade. Sorvete só no final de semana, ou em uma ocasião especial.

— Todos os dias são especiais ao seu lado, Sarah. — Eu o ouço dizer, antes de fechar a porta do pequeno banheiro.

Assim que me troco, Adam e eu caminhamos de volta até a recepção e marcamos a próxima consulta. Saímos de lá com dezenas de folhetos, além dos que a médica me deu, Adam trouxe outros que encontrou no balcão. Eu posso jurar que não vai demorar muito para que ele esteja cercado de livros e revistas sobre bebês. Eu só o acho mais fofo a cada instante.

— Podemos contar para a minha mãe agora? — Ele me pergunta, quando já estamos no carro — Você pode imaginar o quanto tem sido difícil de esconder esse segredo deles.

— Estou admirada com a sua força de vontade. — Confesso, tocando o seu rosto — Sempre dizem que devemos esperar até o terceiro mês para contarmos sobre uma gravidez, mas para a sua família não tem problema.

— E a sua família? — Ele pergunta curioso — Quando vai contar para eles?

— Em breve. — Eu afirmo sem empolgação — Meu pai vai te ameaçar de morte, você já sabe.

— Ele fez isso a cada vez que nos encontramos nos últimos meses. — Ela fala em tom divertido — Foram quantas, quatro ou cinco ameaças de morte?

— Cinco, eu acho. — Dou risada — Eu vou contar assim que puder, talvez em um jantar ou algo assim.

— Esconda todas as facas e objetos cortantes, por favor. — Ele pede de forma séria, mas com um olhar divertido.

— Não se preocupe, vou te proteger de qualquer um que quiser te machucar.

Eu o beijo, antes que ele ligue o carro e saia do estacionamento da clínica. Eu precisei faltar o trabalho pela primeira vez em meses, usando a desculpa de que estava doente. Gosto de dizer a mim mesma que essa foi apenas uma meia mentira, já que estive realmente no médico. Amanhã eu terei uma receita de vitaminas pré-natais para entregar à diretora, como justificativa da minha falta. Espero que ela seja compreensiva o bastante e entenda.

No caminho, Adam para em uma farmácia e compra todas as vitaminas que preciso e já posso antecipar as suas mensagens e ligações ao longo do dia, se certificando que eu tomei cada uma delas. Se eu não o amasse tanto, ele poderia facilmente me enlouquecer com tanto cuidado e proteção.

— Você ainda quer aquele sorvete? — Ele pergunta ao entrar no carro outra vez, deixando a sacola com as minhas vitaminas no banco de trás.

— Sim. — Eu digo, sorrindo como uma criança. Quem diria que pensar em comida pudesse me deixar tão feliz — E batata frita também, podemos comer em algum lugar?

— Você me faz rir, sempre me perguntando coisas tão óbvias. — Ele diz de forma dramática, me fazendo rir como sempre — Estamos falando de comida, Sarah e a resposta sempre será sim.

— É claro, Adam... vamos torcer para que no final dessa gravidez, nós dois não estejamos barrigudos.

— Você ainda me amaria mesmo assim?

— É claro que amaria, mas...

— Então está tudo bem. — Ele me corta, me puxando para um beijo — O seu amor é tudo o que importa.

— O seu amor é tudo o que importa para mim também. — Eu afirmo

solenemente — Vamos nos afundar em hambúrguer e sorvete.

— Eu já disse que você é a mulher perfeita. — Eu aceno rindo, porque sim, ele me diz sempre; principalmente quando o assunto é comida.

— Somos o par perfeito.

Ele ri, apertando a minha mão e concordando comigo. Eu não sabia que era humanamente possível ser tão feliz assim, mas eu encontro me sorrindo diante de tudo. Até mesmo uma simples refeição ao lado do Adam se torna um banquete, uma festa. A sua mão está sempre em minha barriga, os seus olhos tão amorosos em mim, não hesitando em demonstrar o seu afeto, quando muitos homens teriam receio disso. Mas eu já tive inúmeras provas que Adam é um homem em extinção e eu só posso agradecer, por tê-lo encontrado, em meio a tantos homens comuns.

Voltamos para a casa no início da tarde, essa foi a primeira vez que passamos um dia de semana inteiramente juntos e eu quero aproveitar cada minuto. Mas eu acabei dormindo após um banho rápido e Adam não me acordou, deixando-me dormir até que tivesse anoitecido.

Eu lembro de tê-lo ao meu lado antes que o sono me vencesse, mas agora me encontro sozinha na cama, completamente no escuro. Eu esfrego os meus olhos, prendendo o meu cabelo, antes de acender a luz do abajur e procurá-lo no quarto.

— Adam — eu o chamo ainda sonolenta — Adam.

Nenhuma resposta além do silêncio completo. Me levanto e sem me preocupar em procurar os meus chinelos, caminho pelo corredor também escuro e acendo a luz fraca que fica na parede. A casa toda está escura e quieta o bastante para eu acreditar que estou sozinha. Vou até a cozinha em busca do meu celular, acendendo a luz sobre a pia também.

— Adam — eu o chamo mais uma vez, frustrada por não ter encontrado o meu celular e torcendo para não tê-lo deixado em seu carro.

Agora que ele está aqui todos as noites, descobri que detesto o escuro e detesto o silêncio da minha casa sem ele ou a sua risada. Eu odeio o vazio que o simples fato de não saber onde ele está me traz.

Solto um suspiro aliviada ao ver o meu celular ao lado da TV. Apresso-me até a sala, não me preocupando em acender a luz, já que as luzes do corredor e da cozinha são o bastante para iluminar a minha visão.

Meu coração perde uma batida, somente para bater três vezes mais rápido em seguida, no instante em meus olhos encontram um par de sapatinhos vermelhos em meu sofá. Sapatinhos de bebê, fofos e lindos. Eu nunca vi algo tão encantador e se eu o tivesse encontrado casualmente em uma vitrine qualquer, teria feito questão de comprá-lo. Eu ainda não comprei nada para o bebê, embora já esteja sonhando com todas as fofurices que comprarei em breve.

Eu fico parada por um tempo, estagnada diante do sapatinho, encantada o suficiente para não notar um pequeno bilhete ao seu lado. Mas eventualmente os meus olhos o percebem e eu o seguro com rapidez, morrendo de curiosidade sobre o seu conteúdo.

Meus dedos tocam com referência a caligrafia masculina de Adam, meu coração explodindo de amor diante da primeira palavra ali escrita.

“Olá mamãe...”

Essa é a primeira travessura que o papai me obriga a fazer, mas espere só até que eu tenha idade para fazer a minha bagunça sozinha; eu vou enlouquecê-lo... Ele já me disse que vai amar.

Eu ainda sou muito pequeninha, estou crescendo aí na sua barriga, alimentada pelo seu amor e o amor do meu papai, mas não vai demorar e estarei em seus braços e eu irei amá-la muito... assim como o meu pai te ama. Você é a mãe mais linda, o meu anjo na Terra e estou feliz, que Deus tenha me escolhido para estar na sua vida... Eu te farei feliz todos os dias! Eu prometo, mamãe.

Mas o papai conversou comigo enquanto você dormia e me pediu para lhe fazer uma pergunta. Ele acha que você não conseguirá dizer não, então era mais confiável que fosse eu a lhe perguntar:

Mamãe, você quer casar com o meu papai?

Não posso escolher qual dos dois eu amo mais, assim você será obrigada a aceitar.

Com amor, seu bebê!

P.S. Depois que parar de chorar, olhe dentro do sapatinho. ”

Eu estou em prantos com Adam previu que eu estaria. Como eu poderia controlar toda a emoção que passa como ondas pelo meu corpo. Eu choro, enquanto releio o bilhete algumas vezes. O tempo todo uma das mãos tocam a minha barriga, tocam o meu bebê. Sim, eu já o amo tanto, tanto, tanto...

Quando eu consigo enfim me acalmar, coloco o bilhete sobre a mesinha de centro e enxugo os meus olhos, assim como fiz depois de ouvir o seu coraçãozinho pela primeira vez. Antes de olhar dentro do sapatinho, eu procuro algum sinal do Adam, porque eu sei que ele está aqui; muito bem escondido, mas está.

Minhas mãos tremem ao tocarem a lã suave e delicada do sapatinho vermelho de crochê. É tão fofo quanto eu imaginava, de um vermelho vibrante e com um delicado botão branco de cada lado. Estou apaixonada por esses sapatinhos e sei que mesmo depois que eles não couberem nos pezinhos do meu bebê, eu o guardei com imenso amor. Eles cheiram a talco e lavanda. Algo familiar, mas que só me faz sorrir ainda mais.

Enfim, olho dentro do primeiro, o pezinho esquerdo e está vazio. A minha curiosidade aumenta, assim que eu vasculho o pezinho direito, reprimindo um grito, quando um anel brilha dentro dele. Eu fui tão tola, que mesmo após ler o bilhete, não me dei conta de que seria justamente isso que estaria dentro dele... Um anel de noivado, depois de um pedido de casamento. Ao qual não existe uma mínima possibilidade que eu recuse.

— Adam... — grito, segurando o anel entre os dedos — Adam.

A porta do meu quarto de hóspedes se abre com um clique e Adam aparece logo depois. Ele está descalço, só com o short de futebol que estava usando quando nos deitamos à tarde. O seu cabelo um pouco bagunçando, porque é óbvio que enquanto ele se escondia de mim, deve ter colocado toda a sua energia em passar as mãos pelo cabelo.

— Você estava escondido todo esse tempo? — pergunto com incredulidade. Como eu simplesmente não abri a porta do quarto ao procurá-lo?

— Sim. — Ele devolve, com um sorriso de menino travesso. O que é justamente o que ele é... O menino mais lindo de todos. — Como você saberia o momento certo em que eu acharia o anel.

— Quando você me chamou pela terceira vez, o seu tom de voz foi diferente — explica, vindo até mim. — Gostou dos sapatinhos?

— São lindos.

— Gostou do bilhete da nossa filha?

— Muito, me fez chorar... — eu confesso, não o contradizendo quando ele disse filha. Ele está me convencendo também.

— Qual a sua resposta? — Ele pergunta, segurando a minha mão esquerda, depois de ter roubado o anel de mim.

— Eu te amo — afirmo com sinceridade, o par de sapatinhos bem junto ao meu peito — E foi um pedido do nosso bebê...

— Então? — Ele levanta as sobrancelhas, me olhando com ansiedade.

— Eu sei que você não tem nenhuma dúvida da resposta e se tiver, não deveria — digo, fazendo ele soltar o ar em sinal de nervosismo. — É claro que sim, Adam.

— Graças a Deus. — Ele fala ao deslizar o anel fino de ouro, com uma pedra quadrada em seu topo, por todo o meu dedo.

— Você já sabia a minha resposta, seu bobo. — Eu o beijo, ficando na ponta dos pés para alcançá-lo — Foi a coisa mais linda que alguém poderia ter feito para mim... irei me lembrar desse dia para sempre.

— Eu sei. — Ele fala, me beijando também — Eu sou o melhor namorado/noivo, que alguém poderia ter.

— Você é... — Eu concordo rindo — Ainda bem que você é só meu.

— Eu sou sim, completamente seu.

— Eu também sou completamente sua.



Encosto-me ao sofá da sala do Drew e respiro profundamente. O que eu mais temia aconteceu... O encontro da Sarah e da Mia, no instante em que todos sabem sobre a nossa gravidez e a minha amada, linda e falante cunhada; pode usar essa informação contra mim. Eu pensei em uma forma de contar a todos sobre o bebê e deixar a Mia saber apenas quando estivéssemos na porta da maternidade. Mas olha só o tamanho do meu drama... O único jeito de isso acontecer seria mandá-la para o Japão e bem; o Drew não gostaria de ficar sem a sua esposa por tanto tempo. Eu também não conseguiria ficar sem a Sarah, portanto sou completamente solidário ao seu sentimento. Eu só posso pedir aos deuses que a Mia não coloque nenhuma ideia doida na cabeça da minha noiva... tal como ficar longe de ultrassons que revelam o sexo do bebê antes do nascimento.

— Então... — Drew começa; sentando-se ao meu lado. — Como se sente por finalmente ter encontrado uma alma bondosa o bastante para aceitar casar com você; apesar dessa sua cara feia?

— *Hahaha...* Muito engraçado, Drew. — Eu debocho, empurrando o ombro dele, mas sem tirá-lo do lugar. Eu tenho saudade do tempo em que podia bater nele, acho que a última vez foi quando ainda éramos crianças. — A pergunta correta seria; como eu me sinto por finalmente ter encontrado o amor da minha vida?

— É quase a mesma coisa, sempre soubemos que o amor da sua vida

seria uma pessoa de bom coração e solidária para te amar apesar dos seus milhões de defeitos.

— Eu vou ignorar a ironia e a injustiça em suas palavras, porque cá entre nós; o seu sonho sempre foi ser como eu.

— Com certeza. — Ele afirma rindo. — Se você precisa dessa mentira para viver, quem sou eu para decepcioná-lo...

— De qualquer forma, pequeno Drew. — Eu continuo, sem dar atenção ao que ele disse. — Respondendo a sua pergunta, estou transbordando felicidade.

— Olhando para você, quase não se nota. — Ele fala, mexendo em seu celular. — Parabéns pelo bebê... vamos torcer para que ele se pareça com a mãe.

Dou risada, porque se tem algo que você aprende com um irmão; é que te ofender é a maior prova de amor fraterno. Se não pudermos usar todas as armas e ofensas contra o nosso próprio sangue, com quem usaremos? E se não for esse, qual seria o bônus de se ter um irmão em sua vida?

— Isso não me ofende, só para você saber. — Eu falo ainda rindo — Eu também quero que o bebê herde toda a beleza e inteligência da Sarah... eu sou o seu maior fã.

— Eu espero que você tenha comprado um anel novo para a Sarah. Ou será que devo mencionar o fato de que você pensou em se casar com cada namorada que já teve?

— Jesus! — Eu empurro uma almofada em seu rosto, para tapar a sua boca. — Estou cercado de inimigos por todos os lados.

— Só estou relembrando. — Ele murmura, jogando a almofada em

mim. — Não vou dizer nada.

— Eu sou um novo homem. — Confesso, me virando para olhar para a Sarah na cozinha. — E sim, eu comprei um anel só para ela.

— Bom saber.

— Eu posso contar para a Mia sobre as suas namoradas, se você quiser.

— Eu não tenho nada para esconder. — Ele fala, olhando para a cozinha também. — Mas cale a sua boca e a minha estará fechada para sempre.

— Combinado. — Estendo a mão para ele, na intenção de selar o nosso acordo. Ele só bate na minha cabeça e desmancha o meu cabelo.

Eu tento fazer o mesmo com ele, mas Drew se levanta mais rápido, me fazendo cair sobre o sofá... nenhum respeito aqui, nenhum mesmo. Se existe alguma vantagem em ser irmão mais velho, eu ainda não encontrei.

— Tio Adam, tio Adam. — Chloe corre escada abaixo e se joga em meu colo. Eu nunca vou deixar de achar lindo e fofo, escutá-la me chamar de tio.

— Chloe... — eu a abraço com força o suficiente para fazê-la rir, mas não o bastante para machucá-la. — Que saudade desse abraço fofinho.

— Você me trouxe algum presente, tio Adam? — Ela me pergunta com um grande sorriso.

— Hoje é o seu aniversário? — Eu pergunto, segurando a sua mão.

— Não.

— É Natal ou algo assim?

— *Nãoooo...* — ela responde, arrastando com lentidão a última vogal.

— Então me desculpe, mas eu não trouxe nada. — Eu falo, a puxando para outro abraço. — Também não posso te dar um cachorro sem a autorização dos seus pais.

— Que pena. — Sussurra, querendo fugir de mim.

— Sim, que pena. — Dou risada quando ela se afasta; os cabelos bagunçados e as bochechas rosadas.

— Você vai se casar com a tia Sarah? — Chloe demanda, mudando o rumo da conversa.

— Vou sim. — admito com muito orgulho.

— Eu posso usar um vestido lindo e levar as alianças?

— Claro que pode, eu não conheço nenhuma menininha linda que possa fazer isso, além de você.

O seu sorriso triplica de tamanho e posso ver o seu pensamento viajar até o dia do casamento; onde ela se imagina vestida lindamente. Eu só não sei se o seu conceito de linda, é o mesmo que o da sua mãe, já que se pudesse escolher, ela viveria vestida de bailarina ou de azul... eu realmente não imagino de onde vem essa sua obsessão com essa cor. É um imenso milagre que hoje ela esteja com um vestido branco com grandes flores vermelhas e amarelas na barra, mas a sua sapatilha tem um de azul claro. O que não combina nem um pouco com o seu vestido, mas garanto que ela não se

importa... ela é tão doce, mas tem uma personalidade só dela.

— *Mamãeeeeee...* — ela grita, correndo até a cozinha ao lado. — Adivinha só o que o tio Adam me disse.

— Eu não faço ideia. — Ouço Mia dizer a ela. — Mas estou curiosa para saber qual foi a pérola dessa vez.

— Eu ouvi isso. — Grito também, rindo quando Sarah vem até mim.

Estendo a minha mão, sorrindo para Sarah e a convidando a se sentar comigo. Eu liguei para a minha mãe ontem à noite e lhe contei sobre a gravidez e o recém pedido de casamento. Eu não sei exatamente o que ela me disse em resposta, porque ela gritou tanto à ponto de me deixar sem ouvir nada por duas horas. Porém as únicas palavras audíveis foram; esteja na casa do Drew amanhã à noite e iremos comemorar... talvez tenha existido alguma promessa sobre comida também. Estamos aqui há quase uma hora e nada da minha mãe e nenhuma comida me foi oferecida. Pior de tudo é ficar aqui imaginando o motivo pelo qual ela está atrasada. Eu sou muito tranquilo, mas talvez exista uma centelha de ciúmes circulando pelo meu sangue, quando penso que a minha mãe tem um namorado/ marido/ companheiro.

Por que foi mesmo que o Drew nunca bateu no Joel? Eu não posso ameaçá-lo porque sou o filho legal e preciso manter as aparências.

— Se você acordar o Noah, vai ficar com ele no colo a noite toda. — Mia grita de volta, despertando a minha atenção.

— Você está gritando também. — Me viro, para encontrá-la vindo até a sala com Chloe ao seu lado. — Mas eu não me importo em segurá-lo, estou com saudades.

— Pode passar por aqui sempre que quiser e fazer um estágio para ser pai; o Noah será a sua melhor experiência.

— Obrigado, mas eu prefiro aprender na prática mesmo, eu sou o tio e devo ficar com a parte divertida do seu crescimento. — Falo, enquanto Sarah sorri para mim.

— Mia estava compartilhando todas as suas aventuras sobre a maternidade. — Sarah me diz com alegria, segurando a minha mão.

— Não dê ouvidos a ela. — Eu digo com seriedade, depois de beijá-la — Ela não é conhecida por ter as melhores ideias.

— Isso é só porque você é um bebê chorão, Adam. — Mia me diz, mostrando a língua e arrancando risadas da Chloe.

— Eu gostei da ideia de saber o sexo do bebê apenas no nascimento. — Sarah completa, sem me dar chance de replicar a minha amada cunhada.

— Foi a ideia mais terrível em toda a história da humanidade. — Eu digo, colocando a mão no rosto da Sarah — Por favor, não considere fazer o mesmo; eu morreria... te juro que seria exatamente isso o que aconteceria.

— Eu achei tão legal, seria incrível...

— Não, apenas não, Sarah. — Eu a beijo, não deixando que as próximas palavras saiam da sua boca — Eu temia que isso acontecesse, mas eu não sou bobo como o Drew...

— Ei, eu ainda estou aqui. — Drew abre a porta que dá acesso ao quintal, apenas para me dizer isso. Como ele conseguiu me ouvir, eu não faço a menor ideia, ainda mais porque ele está falando ao telefone com alguém.

— Você é bobo mesmo. — Reforço sem rodeios.

— Eu sou um homem adulto e não uma criança de dez anos como

você, Adam.

— Eu não teria deixado a Mia mandar na gravidez que pertencia a vocês dois e fazer tudo do jeito dela. — Replico, enquanto ele balança a cabeça, sem se abalar.

— Eu sou paciente e estou bem vivo, mesmo após esperar o Noah nascer. — Ele fecha a porta me deixando sem reação; mas a abre segundos depois para completar. — E me deixem fora de discussões desnecessárias.

— O filho nem era seu, Adam. — Mia pontua, ao mesmo tempo em que Sarah contém uma risada ao meu lado. — Você é dramático demais, Jesus!

— Você tem razão... talvez, eu não devesse ter ficado tão chateado assim. — Eu admito em um tom indulgente. — Mas... O filho é meu agora, então guarde as suas loucuras para você.

— Eu te odeio, sabia? — Mia me diz, mas o seu sorriso diz outra coisa. *Como alguém poderia me odiar?*

— Eu sei que não é verdade.

— Ainda posso deixar o Drew te bater a qualquer momento. — Ela completa indo outra vez para a cozinha.

— Eu estou esperando e, por favor, não vim até aqui para morrer de fome.

— O papai pediu pizza. — Chloe conta, se espremendo entre Sarah e eu. — Ele me disse para esperar a vovó chegar.

— Obrigada, Chloe. — Sarah lhe diz, beijando o seu rosto.

— Tia Sarah, você vai mesmo ter um bebê?

— Sim, eu e o tio Adam. Será o seu primo ou sua prima.

— Eu quero uma menina, por favor, tia Sarah. — Ela pede, cheia de expectativas.

— Meu amor, eu não posso prometer. — Sarah diz, empurrando o seu cabelo para longe do seu rosto. — Mas será um bebê lindo, tanto quanto o Noah.

— Mas eu não quero mais um menino.

— Adam... — Sarah murmura o meu nome de forma lenta, em um evidente pedido de socorro.

— Eu tenho quase cem por cento de certeza de que será uma menina, Chloe. — Anuncio, sorrindo para ela.

— Adam... — Sarah me chama outra vez, mas agora o seu tom é repleto de censura.

— Mas digamos que por uma ironia do destino, não seja um menino ...
— emendo com rapidez.

— Adam, por favor. — Sarah me interrompe mais uma vez, totalmente exasperada.

— Mas se não for uma menina. — Eu continuo, a atenção da Chloe completamente em mim. — Se não for uma menina, nós iremos até um abrigo de cães e escolheremos um filhote bem lindo para você.

— Adam, não faça esse tipo de promessa. — Mia grita, vindo até mim com uma velocidade incrível e uma faca na mão. Eu não sei o que essas pessoas estão tomando para melhorar a audição; mas estou querendo também.

— Tarde demais, está prometido. — Murmuro com um sorriso inocente — Não posso voltar atrás, apenas torça para ser uma menina.

Mia balança a cabeça e eu dou graças a Deus por não ter sido ameaçado fisicamente com a sua faca. Sarah apenas ri, abraçando a Chloe, que parece tão feliz que a sua única reação foi ficar parada. Bem ou mal, ela terá um dos seus desejos atendidos. Pena que não será o seu tão sonhado cachorro.

A porta se abre e toda a comoção sobre cachorros e bebês é deixada de lado. Eu nem sequer ouvir a sua voz, mas sei que é a minha mãe. A minha felicidade é grande, em parte por revê-la depois de algumas semanas e muito mais por saber que agora iremos comer.

— Adam... Sarah... — minha mãe para a nossa frente, depois de ter entregue um pote de alguma coisa para a Mia — Estou tão feliz!

— Não está tão feliz assim, não é, mãe. — Eu me levanto para abraçá-la e deixo ela me apertar como uma criança de cinco anos. — Se estivesse mesmo feliz, não teria demorado tanto... A Sarah está grávida e ficou passando fome aqui.

— Não é verdade, Silvia. — Sarah me contradiz, se levantando também.

— Eu não demorei tanto assim, Adam. — Minha mãe me deixa de lado, para abraçar a Sarah, mas não deixa passar a oportunidade de bater em meu ombro. — Eu estou muito, mais muito feliz, Sarah... obrigada por não ter demorado anos e anos para me dar outro neto.

— Na verdade foi um acidente... — Sarah diz um pouco sem graça. — Mas estamos muito animados também.

— O que importa é que o Adam vai se casar e contribuir para a minha felicidade, me dando netos e netas fofíssimos. Não é? — Minha mãe me pergunta com seriedade, apesar da dramaticidade de suas palavras.

— Sim. — Eu afirmo, colocando as mãos na cintura da Sarah. — Pode acreditar nisso, mãe.

— Agora eu posso viver em paz. — Minha mãe replica, carregando Chloe no colo. — Depois que o Drew se casou, eu achei que o Adam fosse um caso perdido.

— Muito obrigado, mãe. Fico feliz por ouvir algo tão amável.

— Apenas estou sendo sincera. — Ela diz rindo.

Todos parecem achar graça, menos eu é claro; depois de já ter sido tão ofendido, estou duvidando que tenha sido uma boa ideia estar aqui hoje à noite.

— Onde está o Joel? — Drew pergunta, se juntando a nós com Noah em seu colo.

— Ele foi visitar uma das filhas e não pode vir esta noite. — Minha mãe conta ao colocar Chloe no chão e roubar o bebê do meu irmão. Ela parece uma criança em uma loja de brinquedos, sem saber ao certo quem merece mais a sua atenção. — Mas ele mandou um grande beijo para vocês e disse que está muito ansioso para o casamento.

— Vocês estavam se despedindo? Por isso se atrasou tanto? — Eu pergunto, piscando para ela.

— Não seja bobo, Adam. — Ela me repreende, antes de sorrir para o

Noah.

Ele cresceu muito nos últimos meses. Eu mal posso acreditar que é o mesmo bebê pequeno e enrugado que veio da maternidade. Mas agora ele é a fofura em formato de criança, com bochechas e pernas gordinhas; além de muito cabelo. Ele também interage e emite sons muito engraçadinhos. De repente, o simples fato de que ele sorri de volta para a minha mãe, se torna o acontecimento da noite... tão pequeno e já consegue toda a atenção só para ele. Estamos todos ao seu redor, achando cada pequena gracinha; a coisa mais incrível do universo.

— Ele está tão lindo, Mia. — Sarah diz com alegria e admiração. — E grande também.

— O tempo passa muito rápido, por isso aproveite cada segundo. — Mia diz beijando o filho, após ter travado uma batalha com a minha mãe e ter conseguido tirar Noah de seus braços. — Ele tem dormido quase a noite toda agora, não é, Drew?

— Graças a Deus, sim. — Drew confirma, ficando atrás da esposa e balbuciando para o bebê. — Foram apenas quatro meses de noites em claro.

— Aposto que será pior quando a Chloe for adolescente e namorar. — Pontuo, rindo do seu tão famoso ciúme, quando o assunto é a adolescência da filha.

— Muito engraçado, obrigado pela lembrança. — Ele diz olhando para a Chloe e fatalmente desejando que ela não cresça nunca — Vamos ver por quanto tempo dura essa serenidade, depois que você tiver uma filha.

Continuo rindo apenas para não demonstrar que ele tem razão, porque sim, pode ser que eu também seja um pai ciumento. Não tanto quanto ele é claro, mas eu irei querer proteger a minha filha, os meus filhos, de todo e qualquer perigo. E isso inclui os namorados também, embora eu me veja como um pai muito mais amigo, do que controlador.

— A pizza chegou. — Mia anuncia, segundos depois da campainha tocar por duas vezes.

Ela entrega Noah para Drew carregar e caminha com Chloe até a porta. Minha mãe convida a Sarah para acompanhá-la até a cozinha e ajeitar os pratos, copos e talheres. Continuo sorrindo, quando me vejo sozinho com o meu irmão e o bebê saltitante em seus braços. Eu me sinto feliz por ele e agora me sinto feliz por mim também, porque muito em breve terei esse tesouro chamado “família”.

— Você será um grande pai. — Ele me diz sério, apertando brevemente o meu ombro.

— Nós aprendemos com o melhor. — Eu devolvo, o puxando com relutância para um abraço e fechando os olhos ao me lembrar do nosso pai.

— Agora chega... — ele se afasta rindo e me deixando sozinho.

Pensar em meu pai poderia me deixar triste, melancólico; mas não acontece, quando tudo o que restou dele foram somente lembranças felizes. Eu sei que o Drew se sente da mesma forma e grande parte do pai maravilhoso que ele se tornou desde que conheceu a Mia e a Chloe, vem da recordação do pai incrível que nós dois tivemos. Um pai que eu espero conseguir ser também, aquele que enche o coração dos seus filhos com as mais lindas memórias.

— Adam, você não vem? — Sarah me pergunta, se encostando no batente da porta da cozinha.

— Estou indo. — Eu digo sorrindo para ela — Espero que tenha uma pizza com o meu nome, estou morrendo de fome.

— É melhor correr, a Mia disse que vai comer tudo. — Sarah diz em tom divertido.

— A deixe sonhar um pouco, embora ela saiba que não existe a melhor chance ao brigar comigo por comida.

— Ela ganhou de você a última vez.

— Isso foi só porque eu a deixei ganhar.

— Juro que eu achei que não existisse uma família mais doida que a minha, nem ninguém mais exagerado que a Sam. — ela diz, segurando a minha mão quando eu chego até ela.

— Você estava enganada. — Eu completo a fazendo rir.

— Sim, eu estava.

Eu preciso confessar que ao final da noite eu fiquei com o último pedaço de pizza e tive a minha vingança contra a Mia. Melhor de tudo foi a Sarah jurando que saberíamos o sexo do bebê assim que possível, na frente de todos. Mas eu disse que só deixaria Mia saber após o parto... ela me ameaçou com um garfo. Eu disse que estou cercado de inimigos em minha própria família?

— Foi uma noite muito agradável. — Sarah me diz, subindo na cama para ficar ao meu lado — É estranho como no começo eu fui tão relutante em me aproximar e agora me sinto tão à vontade com a sua família.

— Eles são doidos, todo mundo gosta de gente doida. — Eu falo ao beijá-la, quando ela se debruça sobre o meu peito — Amanhã a Chloe contará para todos na escola sobre o bebê, tudo bem para você?

— Eu não gostaria que todos soubessem agora, mas não posso pedi-la para mentir.

— Você precisa contar para os seus pais. — Eu a lembro, acariciando as suas costas.

— Prepare o seu colete à prova de balas, meus pais virão no fim de semana. — Ela fala fechando brevemente os olhos antes de me olhar fixamente — Você terá que pedir a minha mão em casamento para o meu pai, caso contrário ele nunca irá te perdoar... assim como você não perdoa a Mia sobre o sexo do bebê.

— Será para sempre uma ferida em meu coração. — Confesso, mas sem deixar de rir — Pior de tudo, foi ela tentar te convencer a fazer o mesmo.

— Eu jamais conseguiria, sou curiosa demais para isso.

— Graças a Deus, eu também sou. — toco a sua barriga, depois de deitá-la de costas — Eu quero viver cada momento dessa gravidez como se fosse o único, embora eu saiba que teremos outros filhos.

— Estou com sono para discutir com você agora. — Ela diz, colocando a mão em meu rosto e me beijando em seguida.

— Quando poderemos saber o sexo do bebê?

— Talvez em dois meses se tivermos sorte, a Sam tem uma amiga que fez cinco ultrassons e não conseguiu saber o sexo; o bebê estava totalmente disposto a fazer os pais sofrerem.

— A nossa filha não faria isso conosco. — Eu afirmo, me abaixando para beijar a sua barriga — Não faça o papai sofrer, meu amor.

Sarah ri embaixo de mim, não sei se por minhas palavras ou porque os beijos lhe fazem cócegas.

— Vamos torcer para conseguirmos saber o sexo logo no primeiro ultrassom. — Ela diz acariciando o meu cabelo, quando a minha cabeça ainda permanece sobre a sua barriga — Eu também estou ansiosa.

— Estou contando os dias.

— Eu sei papai. — Ela diz de forma carinhosa, me fazendo sorrir no escuro.

Eu amo a infinidade de amor que existe na voz de Chloe, cada vez que ela me chama de tio; mas eu estaria mentindo se não dissesse que tudo o que eu sonhei na vida, foi ser chamado de pai. Às vezes eu paro o que estou fazendo em meu trabalho e me encosta à minha cadeira, repetindo para mim mesmo um milhão de vezes que isso não é um sonho.

A respiração suave de Sarah e o movimento contínuo de sua barriga enquanto respira, me fazem perceber que ela já adormeceu. Estávamos conversando há dez segundos e agora ela está dormindo, acho que os hormônios da gravidez agem como um sonífero em seu sangue. Tem sido exatamente assim nos últimos dias.

— Eu te amo, bebê. — Sussurro, depositando um último beijo em sua barriga.



Estou sentada no sofá da sala dos meus pais, Adam está ao meu lado, a sua mão na minha; em um aperto que está deixando os meus dedos um pouco brancos demais.

À nossa frente; ao menos dez integrantes da minha família. Talvez mais, eu não sei ao certo. Há cinco minutos estamos apenas nos olhando, o silêncio é quase sepulcral... uma mosca chata já passou zumbindo em meu ouvido ao menos três vezes e estou com vontade de persegui-la por toda a casa, e acertá-la com o meu sapato. Mas eu não me mexo, Adam não se mexe e nem toda a família Martinez.

Eu deveria saber que em algum momento da semana, meu pai tentaria mudar o nosso encontro e transferi-lo para a sua casa. Por que eu sequer desconfiei da magnitude de um encontro íntimo somente com os meus pais? Eu caí feito uma boba e quando ele me ligou hoje pela manhã, dizendo que não se sentia bem e me pedindo para visitá-lo, eu acreditei.

Vinte e cinco anos de convivência com o meu ardiloso pai, não foram o bastante para imaginar que existia algum plano maléfico por trás desse telefonema..., mas eu fui boba e ingenuamente idiota, e trouxe o Adam até o covil do inimigo.

Passei horas tentando achar uma roupa que não gritasse — Ei, estou grávida — , porque sim, há dois dias a minha barriga resolveu aparecer e eu mesma me assustei ao olhar no espelho pela primeira vez. Para me ajudar um pouco mais, o meu rosto está estranhamente mais redondo. Isso significa que tenho evidências físicas da enorme mudança hormonal que vem ocorrendo dentro de mim.

Alguns cheiros me enjoam e alguns alimentos me fazem torcer o nariz em desgosto... aliás, é engraçado o quanto tenho meus sentidos aguçados

nesses dias, principalmente o olfato; eu me sinto um pastor alemão. Aqueles que ficam com os policiais em aeroportos e farejam drogas à longas distancias... no meu caso, são os cheiros de comidas que me enojam no momento. Eu sinto o cheiro do burrito de carne que a minha mãe está preparando na cozinha, mesmo que exista uma parede entre nós, o cheiro dos temperos e do feijão que ela usa no recheio está deixando o meu estômago embrulhado. E eu amo a culinária da minha mãe, pode ser que eu algum momento dessa gravidez, eu tenha vontade de comer exatamente os seus burritos, mas agora; agora eu quero abrir a porta e respirar algum ar puro.

— Então, hoje é aniversário de alguém? — Eu pergunto, olhando fixamente para o meu pai. Meu olhar emite claramente todo o meu desagrado com a sua pequena mentira, mas eu espero que tenha conseguido disfarçar a pequena onda de enjoo que estou sentindo agora.

— Não, apenas uma pequena reunião de família no final de semana. — Ele devolve de forma muito casual... isso me irrita um pouco mais, porque eu deixei bem claro que gostaria de lhe contar algo especial, contar a ele e a minha mãe e; não todos os mexicanos de Atlanta.

Olho para Adam que, ao contrário do que o seu aperto mortal em minha mão me fez acreditar, está sorrindo para mim. Sei que não deveria me preocupar tanto, porque o meu noivo é o tipo de pessoa que pode convencer um ladrão a não o roubar, tamanho o seu carisma. Embora o meu pai possa ser um tremendo linda dura. Será uma boa briga, mas estou apostando todas as minhas fichas no Adam.

Meus olhos retornam para o meu pai sentado displicentemente à nossa frente, dois tios meus ao seu lado. Minha avó paterna Carmen em uma poltrona à nossa esquerda, meu irmão Stevan em pé pairando sobre ela como um guardião. Minha prima Hayle, meu primo Tito, Sam e seu noivo Tom, estão encostados à parede. Ainda faltam a minha mãe Angélica e minha tia Lola, mãe da Sam, que estão na cozinha.

Para mim, isso não parece uma reunião familiar de final de semana. Está mais para uma intervenção familiar, aquelas que vemos nos programas de TV. Não sei se rio ou choro, mas estou mais tendenciosa a chorar nesse momento.

— Podemos falar a sós, pai? — Eu peço, com o meu sorriso mais brilhante e mais falso também.

— O que você poderia me dizer a sós, que a nossa família não possa saber? — Ele me devolve, a voz extremamente calma.

Meu pai já me fez passar tanta vergonha ao longo dos anos, com esse jeito protetor, mas extremamente radical e embaraçoso. Eu não sou mais uma menina de quinze anos, embora queira muito o apoio e o amor da minha família; isso não significa que preciso de sua aprovação para fazer qualquer coisa em minha vida. Adam e eu iremos nos casar e teremos um filho, uma filha, segundo ele... nada vai mudar esse fato.

— Tudo bem... — Aceito, soltando um suspiro de resignação. — Na verdade o Adam é quem quer falar algo... não é, Adam?

— Claro. — Adam concorda, depois de tossir; surpreso por eu tê-lo incluído no assunto.

Ele fica em pé, enfim soltando a minha mão e eu flexiono os meus dedos dormentes. Meus olhos se encontram com os da Sam e ela está tentando conter o riso, isso me faz ter vontade de rir também.... Rir e chorar, chorar e rir... um verdadeiro dramalhão mexicano, mas eu simplesmente não posso me responsabilizar por meus hormônios em ebulição.

— Espere, — Meu pai pede, interrompendo o primeiro movimento de Adam com um gesto de mão. — Angélica, corra até aqui, você certamente não quer perder esse momento.

— Pai... — eu sussurro, pedindo aos céus que eu fique muda antes de envergonhar os meus filhos desse jeito; principalmente quando eles forem adultos.

— O que foi Raphael? Estou ocupada... — minha mãe entra correndo na sala, gritando antes mesmo de ver o meu pai ou saber o que ele quer. Suas

palavras morrem e sua eloquência desaparece no momento em que seus olhos se deparam com o Adam parado no centro da sala.

É evidente para qualquer um, que o que ele quer dizer é definitivamente importante. No caso da minha mãe, a primeira coisa que lhe vem à mente, é que de fato irá acontecer... um pedido de casamento... ou uma segunda versão de um pedido de casamento, já que eu aceitei o primeiro e não há nada e nem ninguém que me faça mudar de ideia com relação a isso.

Eu me pergunto nesse instante, se ninguém aqui presente, além da Sam, notou o meu anel de noivado. Claro que foi preciso escondê-lo ou disfarçá-lo, colocando outro anel à sua frente e Adam o cobriu com a sua mão muito maior que a minha. Mas eu me recusei a tirar o meu anel, isso já seria demais.

— Ah, meu Deus... — minha mãe me olha emocionada.

Eu me pareço fisicamente com o meu pai, embora tenha alguns traços físicos da minha mãe também. Como a cor do cabelo, mesmo que o seu seja muito mais liso e o sorriso; além da altura. Seus olhos castanhos e carinhosos sempre me trouxeram paz. Eu costumava pensar quando criança, que eu tinha uma mistura exata dos meus pais, por isso os meus olhos mudam de cor... Castanho da minha mãe, verde do meu pai.

A minha alma e personalidade foi em grande parte herdada da minha mãe, talvez eu admita que a teimosia veio do meu pai, mas isso termina aí.

Minha mãe esteve ao meu lado, me apoiando incondicionalmente em cada instante da vida; principalmente quando Ayla se foi. Ela secou as minhas lágrimas muitas vezes e sempre me disse que o tempo curaria essa ferida, que eu ainda teria uma família linda. Eu quis contar a ela sobre a minha gravidez desde o primeiro instante, porque sei o quanto isso a deixará feliz e curará o seu próprio coração que sofre por mim todos os dias.

— Tudo bem. — Meu pai diz, ganhando a minha atenção outra vez.
— Pode falar Adam. Estamos todos ansiosos para ouvir.

Eu quero segurar a sua mão e incentivá-lo, na verdade eu quero arrastar o meu pai até o quintal e pedir para que ele pare de fazer isso, essa inquisição sem motivo. Mas olhando para o Adam agora, enquanto ele sorri e me acalma

com o olhar, é como se o mundo não importasse mais. Deixe ele dizer o que o meu pai precisa ouvir, sabe-se Deus por qual motivo ele precisa; mas precisa. Então nós seguiremos a nossa vida.

— Sarah. — Ele começa olhando para mim rapidamente, então virando para todos os outros ao nosso redor, continua — Senhor Raphael... Senhora Angélica... Família da Sarah...

Essa introdução faz todos rirem, menos eu, é claro. Estou gastando cada segundo para tentar respirar e não sentir o cheiro de comida que vem da cozinha e me causa um enjoo cada vez mais constante. A minha mãe tem uma vontade quase patológica de alimentar as pessoas, você não pode visitá-la e não comer até explodir. Talvez seja por isso que o Adam gostou tanto dela e provavelmente por esse mesmo motivo, ela tenha se apaixonado por ele, tanto quanto eu. Ele nunca recusou nenhuma comida que foi lhe oferecida nessa casa e isso deixa a minha mãe absolutamente orgulhosa.

— Eu estou apaixonado pela Sarah e tenho certeza de que esse sentimento é recíproco. — Adam continua; olhando para mim outra vez.

— Sim. — Eu afirmo, mordendo a boca em seguida.

— Ela se tornou toda a minha vida, alguém por quem eu faria qualquer coisa e com quem quero dividir cada momento da minha vida.

— Eu também. — Garanto, me esforçando para sorrir.

— Embora pareça um pouco precipitado, acredito que quando amamos verdadeiramente, não existe tempo e nem razão.

— Por isso as pessoas fazem coisas tão estúpidas em nome do amor.
— Meu irmão Stevan completa, ganhando um puxão de orelha da minha avó... eu apenas olho para ele de forma mortal, pensando na minha vingança, quando for a sua vez.

— Talvez elas façam realmente coisas muito estúpidas. — Adam concorda rindo, mas ficando sério assim que meu pai tosse. — Mas elas também tomam decisões muito sábias e é por isso que estou aqui, nesse instante...

Ele para e olha para mim, eu sorrio encorajando-o a continuar; mas tudo o que eu posso pensar, é no quanto o pedido com os sapatinhos vermelhos foi muito mais lindo que este.

— Por isso estou aqui, diante de vocês, para pedir a Sarah em casamento... Senhor Raphael, eu posso me casar com a sua filha?

A comoção ao redor, quase me leva a acreditar que eles não sabiam que seria isso o que o Adam diria. São todos uns atores, muito fingidos. Uma verdadeira tragédia grega, ou melhor, mexicana.

— Bem, — meu pai se ajeita em seu assento e coloca as mãos no joelho. É claro que em se tratando dele, a resposta não seria um simples sim ou não. — Parece realmente muito cedo, eu acho que vocês deveriam se conhecer...

— Eu já aceitei. — O interrompo, levantando a minha mão esquerda e deixando o meu anel brilhar plenamente. — Eu já disse sim, pai. O Adam quis apenas ser respeitoso e educado.

— Sarah, que alegria! — Minha mãe diz, correndo para me abraçar. Assim como a Sam e a Haley.

Sam é a maior atriz de todas, porque ela já sabe do bebê e eu lhe contei sobre o noivado, no dia seguinte ao pedido do Adam. Mas ela está diante de mim, com olhos marejados e voz emocionada e, com um perfume totalmente novo também. De repente, todas essas pessoas sobre mim, me sufocando com o cheiro delas, me deixa estranhamente desesperada. Eu tento me afastar da melhor forma possível, indo até o Adam com um pedido de socorro nos olhos.

— Tudo bem? — ele pergunta, sussurrando em meu ouvido, após um breve beijo.

— Eu estou enjoada, muitos cheiros diferentes... — tento falar o mais baixo e discretamente possível, apenas para que ele escute.

— Ok. — Meu pai se levanta e bate as mãos, para obter a atenção de todos. — Então acho que a minha resposta não tem importância nenhuma.

— É claro que tem, nós gostaríamos muito da sua bênção e do apoio de todos vocês. — Adam diz, me apertando um pouco mais.

— Então você deveria ter pedido a mim em primeiro lugar. — Meu pai replica sério, cruzando os braços em seguida.

— Ele irá se casar comigo, pai. — Eu respondo pelo Adam, tentando manter a sensatez diante desse circo. — Ele fez algo especial para mim em primeiro lugar, porque, embora nós queiramos muito que todos se sintam felizes também; o meu sim é o único que importa aqui.

Não foi uma resposta petulante, somente cem por cento honesta. Então por que todos ficaram quietos? Meu pai me olha intensamente, como se eu ainda tivesse cinco anos e fosse ser repreendida por alguma travessura. Eu só estou desejando ter ficado na cama o dia todo, com um grande pote de sorvete.

— Está bem, se casem. — Ele diz por fim, rindo como um pai doido. — Ao menos você foi muito mais corajoso que aquele covarde...

— Pai. — Eu grito, assustando a todos, antes que ele traga o nome do meu passado à tona. Teria algo pior do que falar dele no meu pedido de casamento com o Adam?

— Foi um elogio. — Ele fala, vindo até o Adam e apertando a sua mão — Se você a magoar já sabe...

— Sim, tacos de beisebol e armas, membros quebrados e uma morte lenta e dolorosa. — Adam completa, apertando a sua mão por longos segundos. — Sarah está segura comigo.

— Eu já ouvi isso. — Meu pai diz, batendo em seu ombro antes de se afastar. — Mas estranhamente, eu acredito muito mais agora.

— Pode acreditar. — Eu digo, quando ele me abraça também — E você não estava doente, pai?

— Eu disse que não estava bem. — Ele se defende, beijando o meu rosto. — Foi falta de interpretação da sua parte.

— Claro que foi. — Concordo sorrindo.

Volto a abraçar Adam e apenas observo a conversa animada que se inicia. As outras pessoas na sala, vem nos abraçar e parabenizar pelo noivado, eu sorrio e agradeço, quando tudo o que posso pensar é; as janelas estão todas fechadas? Porque eu simplesmente não posso respirar de forma normal agora. É a pior coisa de se sentir um grande pastor alemão, com o olfato aguçado demais. Parece que existem milhares de cheiros nesse pequeno espaço e todos se misturam de forma insuportável, indo direto ao meu estômago. Se alguém não ligar o ar condicionado, abrir a porta ou me abanar, eu irei desmaiar... ou talvez vomitar no sofá de veludo da minha mãe; o que seria infinitamente pior e muito mais constrangedor.

— O burrito está pronto. — Minha tia Lola grita, entrando na sala com uma grande bandeja em mãos. — E está maravilhoso, é o seu favorito, não é Sarah?

— Sim, mas eu estou sem fome agora. — Eu digo, tentando me afastar quando ela vem até mim, com a bandeja e guardanapos de papel. —

Eu realmente não quero, obrigada.

— Você está bem, Sarah? — Minha mãe pergunta com preocupação.
— Você está um pouco pálida.

— Eu estou ótima. — Eu respondo com um riso nervoso, quase empurrando a bandeja e o braço da minha tia Lola. — Só preciso de um pouco de ar, está muito quente aqui.

Eu faço menção de me afastar, indo em direção à porta da frente. Mas o braço do meu irmão Stevan me barra, a sua gula o fazendo ser mal-educado e entrando na nossa frente, em busca do seu próprio burrito. Até esse ponto eu teria escapado dessa fatídica reunião de família ilesa. Contaria aos meus pais sobre o bebê por telefone, ou deixaria que a minha barriga crescesse e se tornasse óbvia. Mas quis o destino que eu me envergonhasse na frente de todos e não pudesse guardar segredo algum.

O cheiro da comida foi insuportável para mim, a onda de enjoo me fazendo correr, depois de empurrar a minha tia e sua bandeja e, fazer o meu irmão derrubar o seu burrito. Eu o ouço protestar, mas não me importo, já que a minha vida depende da minha chegada até o banheiro mais próximo. Graças a Deus, tem um lavabo no andar de baixo, mais precisamente no corredor a alguns metros da sala.

Eu abro a porta com desespero e me jogo no chão de joelhos, agradecendo internamente por meu cérebro e membros trabalharem em sincronia e eu ter conseguido levantar a tampa.

Meu estômago dói e a minha garganta arde, quando eu vomito o meu café da manhã, o meu almoço e as minhas vísceras também. Não consigo me lembrar de já ter me sentindo tão mal assim, não durante a minha primeira gravidez e em nenhum momento antes disso. É terrível.

A porta se fecha atrás de mim e eu só tenho tempo de olhar rapidamente para o Adam, antes de me debruçar sobre o vaso novamente. Durante alguns minutos, eu me contorço em miséria, vivendo o primeiro momento ruim da maternidade e Adam apenas me ampara. Ele se sentou ao meu lado, prendeu os meus cabelos em seu punho e acariciou as minhas costas. Nós esperamos em silêncio, apesar da movimentação e do barulho de vozes do lado de fora.

Quando eu me sinto bem o suficiente, Adam me ajuda a levantar. Eu lavo a minha boca, repetidas vezes e o meu rosto a seguir. Adam molha a

minha nuca com cuidado e juntos procuramos no pequeno armário de madeira, até encontrarmos uma pequena garrafa de antisséptico. Eu enxágua a minha boca, três vezes seguidas e mesmo após isso, não acho que seja o suficiente para tirar o gosto ruim. Seria melhor beber o vidro inteiro.

— Tudo bem? — Ele pergunta com carinho, depois de eu ter me sentado na pia e me encostado no espelho.

— Tirando a vontade de pular a janela e ir embora. — Eu falo, fechando os olhos quando ele toca o meu cabelo — Além do gosto ruim na boca; eu estou perfeita.

— Talvez tenha sido uma forma bem inusitada de contar a todos sobre o bebê. — Ele ri, quando me faz abrir a boca e me dá um chiclete de cereja.

— Eu posso apenas estar passando mal, alguma virose ou algo assim. Por que eles pensariam exatamente em uma gravidez?

— Porque eu acabei de te pedir em casamento, depois de apenas alguns meses juntos.

— As pessoas se casam por inúmeros motivos. — Eu sorrio, finalmente abrindo os olhos e tocando o seu rosto.

— Sim, elas casam. Mas eu acho melhor não esconder a sua gravidez de mais ninguém. — Ele diz ao encostar a sua testa na minha e tocar a minha barriga. — Conte a todos, essa é a ocasião perfeita.

— Espere a minha vergonha passar primeiro. — Eu peço sem deixar de sorrir.

Ele me puxa para o seu peito, ficando entre as minhas pernas e me aconchegando em um abraço forte e seguro.

— Eu te amo. — Ele sussurra em meu cabelo — Eu já te disse isso hoje?

— Sim, quando nós acordamos essa manhã... eu te amo também, demais. Obrigada por aceitar as maluquices do meu pai.

— Ele nunca me assustou de verdade. — Ele confessa rindo.

— Não faça isso com a nossa filha, não a faça sofrer uma vergonha assim.

— Envergonhar os filhos é a mais genuína demonstração de amor. Eu sempre me senti muito amado, principalmente pela minha mãe.

— Encontre outra forma de demonstrar amor. — Eu peço, beijando o seu pescoço — Nós seremos pais muito legais.

— Você diz isso agora, mas fará pior eu tenho certeza. — Ele profetiza, depois de me beijar — Até que ela esteja na adolescência, eu já terei seguido todos os conselhos do seu pai.

— Adam... — dou risada, deixando que ele me ajude a descer do balcão — Você tem outro chiclete?

— Claro. — Ele afirma, tirando um pacotinho retangular do bolso.

— Obrigada. — Eu roubo a cartela da sua mão e após jogar o chiclete mascado no lixo, coloco mais dois na boca.

— Vamos sair? — Ele pergunta, indo em direção a porta e me puxando pela mão.

— Não podemos ficar mais um pouco?

— Já estamos aqui há mais de quinze minutos, eles devem estar preocupados, principalmente a sua mãe.

— Tudo bem.

Ele me beija, colocando as duas mãos em meu rosto e me abraça em seguida. Me grudo ao seu corpo, como um macaco na árvore, ficando na ponta dos pés e enroscando os braços ao redor do seu pescoço.

Eu sou uma mulher adulta e dona da minha vida, eu posso contar para a minha família que estou grávida. Só tenho medo de ver algum tipo de recriminação em seus olhos, isso partiria o meu coração e me manteria a metro de distância de todos eles. Mas eu quero que o meu bebê receba o mesmo amor e apoio que eu tive sempre.

— Vamos? — Adam me pergunta mais uma vez, depois de me afastar com gentileza.

— Sim. — Eu afirmo, abrindo a porta e espiando pelo corredor.

Está vazio e todas as vozes soam vindas da cozinha agora. Eu aperto a mão de Adam com toda a força, assim como ele fez comigo há algumas horas. Passamos pela sala, agora completamente vazia e seguimos pela grande porta de madeira, que nos leva até a cozinha.

A minha mãe tem a maior cozinha que eu já vi, foi uma das únicas exigências dela quando o meu pai comprou essa casa. Seu balcão é imenso, em madeira escura e com seis cadeiras de cada lado. Nós quase nunca usamos a mesa da sala de jantar, já que toda a família adora se reunir aqui. Com exceção do meu irmão Stevan, que está em pé ao lado da pia, tentando limpar a sua camiseta com um pano úmido e a minha mãe que está ao lado da geladeira; todos estão sentados comendo. O que me leva a crer que Adam e eu ficamos muito mais que quinze minutos no lavabo.

Apesar do meu estômago absolutamente vazio, o cheiro da comida

ainda me causa algum desconforto. Eu respiro com calma, ao mesmo tempo em que todos os olharem se fixam em nós. Seria estranho demais, fingir que nada aconteceu?

— Você me deve uma camisa nova, Sarah. — Meu irmão me diz, em tom impaciente — Essa maldita mancha não sai de jeito algum.

— Foi um acidente, Stevan. — Eu reviro os olhos em desagrado a sua insensibilidade, mas mudo de ideia quando penso que talvez ele não cogite uma gravidez — Eu te compro uma camisa nova, embora você não mereça.

— Você está bem, Sarah? — Minha mãe me pergunta, após encher um copo com limonada gelada e me entregar — Se sente melhor?

— Sim, obrigada. — Eu sorrio, aceitando o suco e tocando levemente a sua mão.

— Você tem algo para nos contar, Sarah? — meu pai pergunta, ficando em pé e mal me dando tempo de tomar o primeiro gole da minha bebida.

— Talvez... — eu não me preocupo em ser rápida e tomo lentamente a minha limonada — Na verdade eu tenho sim, aquela coisa especial que eu precisava contar para a minha mãe e você, se lembra dessa parte do telefonema?

— Agora 1/3 da família está aqui, isso vai nos economizar um tempo precioso.

Eu balanço a cabeça em descrença e deixo o meu copo pela metade, em cima do balcão. Com 1/3 da família presente, demorará somente algumas horas para que toda a família fique sabendo sobre o seu novo membro. Eu não posso fugir... aceito o meu destino, Senhor.

— Você será vovô. — Eu conto com uma voz surpreendentemente calma — Adam e eu estamos grávidos.

— Meu Deus, que bênção maravilhosa. — Ouço minha mãe sussurrar.

— Essa é a minha garota, aliás, eu fui a primeira a saber. — Ouço Sam se gabar para todos, com voz divertida.

— Esqueça a minha camisa manchada, Sarah. — Meu irmão diz, piscando para mim com um sorriso de garoto.

Meu pai ainda está um pouco estático, talvez demore algumas horas antes que ele absorva a notícia e diga alguma coisa. Eu vou até ele e beijo o seu rosto, fazendo o mesmo com a minha mãe. Abraço o meu irmão e deixo ele me tirar do chão, enquanto ele me rodopia por toda a cozinha. Eu ameaço vomitar em seus sapatos e esse é o único jeito para ele me soltar.

Me despeço de Sam, Tom e os demais, voltando e beijando o meu pai mais uma vez.

Adam acena para todos, quando eu o arrasto porta afora, respirando o ar do início da noite que nos recebe. Parece que eu estive em uma caverna por algum tempo e finalmente volto a respirar com naturalidade.

— Isso foi bem mais engraçado do que eu imaginei. — Adam diz rindo, não parecendo nenhum pouco incomodado. Será que alguma coisa nesse mundo, perturba esse homem?

—Me diga que existe alguma chance dos nossos filhos serem pessoas sérias e normais, apesar das nossas famílias serem totalmente loucas.

— Eu acho que as chances são mínimas, mas eles serão as crianças mais amadas do mundo.

— Disso eu não tenho dúvida. — Concordo, deixando ele me beijar.

— E eles terão o pai mais maravilhoso de todos.

— E a mãe mais linda do mundo. — Ele completa me fazendo sorrir.

Eu toco a minha pequena barriga sobre o meu vestido, a mão de Adam para acima da minha. Eu não tenho a menor dúvida de que esse bebê será o mais amado de todos e o meu pai será o avô mais amoroso. Ele vai me ligar para nos dizer isso... assim que ele recuperar a sua voz.



Dois meses depois...

Olho para a Sarah, fascinado, enquanto ela se movimenta pela cozinha. Meus olhos a seguem como um imã, cada vez que ela se mexe pelo ambiente, abrindo armários e mexendo em panelas. Hoje é domingo e acordamos muito mais tarde do que estamos acostumados a fazer. O seu cabelo, — que cresceu muito desde que nos conhecemos — está preso em um rabo de cavalo alto e firme. Mas ainda assim, alguns fios escaparam e caem pelo seu rosto e nuca.

Está manhã ela acordou pensando em comida, não que eu não faço o mesmo todos os dias; mas ela está andando freneticamente pela cozinha e fazendo combinações culinárias bem inusitadas. O que eu posso dizer, quando ela acha que ovos mexidos e geleia de morango é uma boa combinação?

Nada... eu não disse nada e até provei, embora tenha detestado. Mas se ela gosta, não serei eu a dizer que isso é um pouco nojento.

Há algumas coisas estranhas sobre uma mulher grávida. Primeiro, é a facilidade assustadora com a qual elas mudam de humor. Achei que isso acontecesse só com a Mia, e apenas porque ela é um pouco chata, às vezes. Porém, agora eu vejo que talvez seja uma coisa rotineira na gravidez, já que a Sarah está radiante em um momento e no instante seguinte pode se chatear por qualquer coisa. É uma montanha russa emocional e eu estou preso na minha cadeira, não tendo nenhuma outra opção, a não ser aproveitar o

passeio.

Eu tenho feito de tudo para deixá-la feliz, ainda não recebi nenhum pedido maluco, mas sei que iria correndo a pé até a Itália; se ela quisesse uma pizza de Roma... sei que sou um caso perdido quando o assunto é a Sarah. Eu já disse, e enfatizo, que me torno um bobo, totalmente cego aos seus defeitos e não posso fazer nada além de amá-la um pouco mais.

Estamos entrando na décima sétima semana de gestação e eu me preocupo com um possível infarto, tamanha a minha felicidade e ansiedade em mesma proporção, com a possibilidade de enfim sabermos o sexo do bebê. Durante esse tempo, a Sarah já fez mais dois ultrassons, mas como o bebê ainda é tão pequeno e está em formação, foi impossível fazer outra coisa, além, de apenas ouvir o seu coração.

Eu não deveria ter dito, apenas ouvir o coração, porque foi muito além de um batimento cardíaco. Foi a descoberta da melodia mais doce de todas. Eu gravei no meu celular e a ouço sempre que quero, dezenas de vezes ao dia. É claro que eu mostrei para todos, junto com a foto do ultrassom... que é a coisa mais linda do mundo. Lindo e perfeito, simplesmente pelo fato de ser o meu filho. O amor paterno realmente não conhece limites.

— Você parece um maluco, me olhando desse jeito. — Sarah me diz, ainda de costas para mim enquanto mexe no fogão. Suas habilidades culinárias estão em plena exibição, já que ela está comendo uma maçã e mexendo na frigideira ao mesmo tempo.

— Como você sabe que eu estou te olhando? — quero saber, sem me mexer da minha cadeira.

— Porque eu sinto os seus olhos em mim. — Ela responde, finalmente me encarando e usando a maçã em sua mão para me apontar. — Você poderia aprender a cozinhar e me levar o café da manhã na cama.

— Eu poderia comprar o café da manhã e levá-lo para você na cama — respondo rindo. — Achei que fosse um consenso, que não estou apto a cozinhar, depois de ter queimado as torradas e acionado o alarme de incêndio.

— Você desiste muito facilmente, foi apenas a primeira tentativa. —

Ela me lembra, rindo também. — Já imaginou o quão difícil é trocar a fralda de um bebê? E você fará isso milhares de vezes.

— Você ficará surpresa, linda Sarah, se eu te disser que já troquei algumas fraldas — conto com orgulho, recebendo uma de suas sobrancelhas arqueadas como resposta. — Você não acredita, mas eu já fui babá do Noah algumas vezes.

— Recentemente, ele está crescendo e agora é muito mais fácil trocá-lo. Mas nos primeiros dias é assustador.

— Obrigado, você me deixou muito animado com essa informação. — Eu digo enquanto ela desliga o fogão e pega um prato do armário. — Nós não faremos um daqueles cursos para pais inexperientes?

— Você quer? — Ela pergunta parecendo surpresa.

— Claro que sim, na verdade eu acho que preciso urgentemente.

— Eu estou brincando, na verdade acho que você será o pai mais incrível de todos. — Ela diz, depois de deixar o prato com ovos mexidos; sem geleia de morango dessa vez, sobre a mesa. — Nós podemos fazer dezenas de cursos, lermos centenas de livros e ouvirmos milhares de informações de outros pais, mas só aprenderemos na prática, enquanto erramos e acertamos.

— Isso também é muito animador... — sorrio ao colocar as duas mãos sobre a sua barriga arredondada, tão evidente agora. Eu simplesmente amo cada pequena mudança em seu corpo. — Espero não cometer muitos erros, antes de começar a acertar.

— Não irá, você tem o que mais importa; muito amor. — Ela diz tocando o meu rosto.

— Isso eu tenho mesmo. — Eu devolvo, depois de beijá-la — Eu te amo loucamente e amo o nosso bebê também.

Ela sorri, sentando à minha frente e enchendo um grande prato de ovos e torradas com geleia. Eu faço o mesmo, deixando a geleia de lado. Eu me lembro que essas misturas e desejos malucos da Mia, enlouqueceram o Drew durante toda a gravidez, mas é óbvio que eu sou uma pessoa muito mais flexível que ele e isso não me incomoda. Eu posso me sentar e comer ao seu lado, se quem que as suas vontades de grávida me deixem desconfortável. Comemos em silêncio, falando sobre coisas bobas e rindo de nada que realmente faça algum sentido; e isso é a melhor coisa do mundo.

— Amanhã é o meu último dia com os meus alunos. — Ela conta, depois de empurrar o seu prato vazio e roubar a minha xícara de café.

— Ei... — eu consigo pegar a xícara de volta sem que ela sequer consiga beber uma gota do café forte. — Você sabe que não pode beber isso.

Eu me sinto absolutamente horrível por lhe dizer não, não importa se seja apenas para o seu bem. Negar qualquer coisa a ela, me deixa absolutamente arrasado. Mas a questão foi que a decisão de parar de beber cafeína partiu dela mesma, depois de chegar à conclusão de que isso lhe deixava com dor de estômago. Eu deveria saber que depois de me fazer prometer que não importa o que acontecesse, eu não a deixaria chegar perto de uma xícara de café; no dia seguinte ela tentaria me seduzir e roubar o meu próprio café.

— Eu estou com tanta vontade de tomar café, acho que já faz um mês que eu o bebi pela última vez. — Ela diz, tentando piscar sedutoramente para mim. Isso só me faz rir, mas talvez se ela me pedir mais uma vez, eu a deixe beber o quanto quiser.

— O que aconteceu com o café descafeinado que eu te comprei? — pergunto, afastando um pouco mais a minha xícara.

— É horrível, na verdade isso não faz o menor sentido... O melhor do

café é a cafeína.

— Talvez você deva voltar a bebê-lo, se sente tanta falta assim. Você não parou de comer chocolate.

— Chocolate em pequenas doses faz muito bem para o bebê.

— Eu acho que você apenas se apegou a esse detalhe, para justificar o seu vício. — Eu digo rindo, a assustando quando a puxo para o meu colo.

— Talvez... — ela concorda, colocando as mãos em meu peito — Eu morreria se não pudesse comer chocolate.

— Eu te entendo perfeitamente e nem estou sendo regido pelos meus hormônios — digo a fazendo rir também. Mas depois de beijar o seu queixo, lembro-me do início da conversa e me afasto um pouco para olhá-la. — Você disse que amanhã é o seu último dia na escola?

— Sim.

— Eu pensei que você fosse trabalhar até o final da gravidez. — Eu digo, mas não posso negar que me sinto um pouco aliviado... eu até sonhei que as crianças a derrubavam, enquanto corriam ao seu redor.

— Eu te disse uma centena de vezes que era a professora substituta.

— Eu sei. Apenas me esqueci desse detalhe.

— De qualquer forma, eu vou continuar trabalhando, somente irei diminuir o ritmo — ela me diz, mexendo em seu cabelo. — Eu estou um pouco melancólica com esse adeus, sei que vou continuar vendo todas as crianças, principalmente a Chloe; mas eles não serão mais os meus alunos.

— Eles jamais terão uma professora mais linda e apaixonante que você. — Digo tentando animá-la, mas sendo totalmente sincero também.

— Tudo bem, eu sabia que esse momento chegaria; mas não posso evitar me sentir um pouco triste.

— Eu sei, por outro lado você terá o bebê e o casamento para dedicar o seu tempo; além de novas crianças para encantar.

— A única coisa que parece impossível no momento e tem exigido todo o meu esforço, é encontrar um vestido de noiva que fique bem em mim — Sarah me diz se levantando e pegando uma tigela de morangos da geladeira — Por que foi mesmo que eu deixei você me convencer a me casar grávida?

— Porque você me ama e não me deixaria esperar até que o bebê nascesse. Existia uma grande possibilidade que eu morresse até o dia do casamento, eu já estou enlouquecendo enquanto espero todos esses meses.

— Eu acho que seria absolutamente lindo e inesquecível, se o bebê participasse do casamento também.

— E ele vai. — Eu me levanto, indo até ela e a prendendo na pia — Só que ele estará bem seguro e quentinho na sua barriga.

— Por outro lado, eu terei que me contentar em usar um vestido feio e brega, já que será a única roupa que me caberá. — Ela morde um morango grande e me dá a metade em seguida, certamente me impedindo de rir.

— Você não engordou quase nada. — A consolo, depois de engolir. — E daqui a um mês, estará quase do mesmo jeito... não importa como você esteja vestida, para mim você será a noiva mais linda que já existiu.

— Eu espero que você ainda pense assim, depois que me vir

caminhando até o altar parecendo um glacê de bolo. — Fala, rindo das próprias palavras.

— Eu amo glacê de bolo, amo qualquer tipo de doce... — afirmo, mordendo a sua boca. — Eu irei adorar, então.

Eu tiro a tigela de suas mãos e a beijo para provar que estou sendo cem por cento sincero. Se ela acha que existe uma única possibilidade de que eu a ache feia em algum momento, então a gravidez a está deixando definitivamente louca. Desde que contamos à sua família sobre o casamento e o bebê, eu tenho contado cada segundo para o dia tão aguardado. Quando Sarah Martinez se tornará a senhora Scott.

Mas assim que voltamos para a casa aquele dia e começamos a falar sobre o casamento, eu quase desmaiei quando ela me disse que queria esperar até o nascimento do bebê. Embora essa fosse a última coisa que eu gostaria de pensar, foi inevitável não me lembrar do ex-namorado bonito e em Sarah me dizendo que eles preferiram esperar até que a sua filha nascesse. Mesmo que eu agradecesse de toda alma e coração por essa atitude da Sarah no passado, sabia também, que não poderia deixá-la fazer o mesmo agora.

Se não existe nenhuma dúvida da parte dela, se não existe nenhuma hesitação a respeito do seu amor por mim. Por que esperar então?

Apenas por que ela estará barriguda e um pouco acima do peso? Eu acho que será exatamente esse fato que a fará deslumbrante. Eu quero apenas me casar... simples assim.

Eu não me importo com nada, além disso, e o fato de que seus pais e a minha mãe intrometida, estão ditando todas as regras dessa cerimônia me deixa absolutamente tranquilo. A Sarah relutou à princípio, mas quando percebeu que o melhor para a sua sanidade e coração seria ceder, ela deixou a missão nas mãos dos três doidos... talvez eu esteja sendo injusto; a mãe da Sarah ainda possui um pouco de bom senso, então o correto seria dizer que tudo está nas mãos dos dois doidos e da minha sogra não tão doida assim.

— Já está tarde. — Ela diz, colocando as mãos no meu peito e se afastando — Não precisamos nos encontrar com o corredor de imóvel para conhecer a vigésima casa... que você colocará algum defeito?

— Eu nunca achei que fosse tão difícil comprar uma casa,

erroneamente, eu achei que fosse apenas escolher o bairro e o preço que poderíamos pagar por ela; mas eu estava errado.

— Na verdade, eu acho que você tem sido extremamente exigente. — Ela pondera já na saída da cozinha, mas se vira para mim e sorri completando: — A louça do café é sua dessa vez.

— Tudo bem. — Eu digo sorrindo, mesmo que eu deteste lavar louça.

— Você é um amor! — ela grita já distante da minha visão.

— Eu sei. — Grito de volta, antes de olhar com uma careta para toda a louça suja na pia.

Definitivamente, se alguém disser que eu não sou o melhor marido do mundo, essa pessoa estará sendo totalmente injusta.



Eu demorei vinte, isso mesmo; vinte minutos para limpar a cozinha. Mais quinze para tomar banho e me trocar, ainda assim, estou sentado na beirada da cama, esperando Sarah ficar pronta. Nosso encontro com o corretor, que abriu uma exceção e aceitou nos encontrar no domingo, será daqui a meia hora. Já deveríamos estar a caminho, desde que a casa que iremos conhecer hoje, fica a vinte e cinco minutos daqui, talvez mais. Entretanto não estamos sequer a caminho da garagem. Cada roupa que Sarah coloca tem algum defeito e ela não reclama de uma forma chata, isso eu agradeço, porque não sei como eu agiria se ela se tornasse uma chorona. Mas cada vez que ela se veste e vem na frente do espelho, acaba tendo um ataque de riso. Não sei se deveria rir também, embora eu esteja contagiado pelo seu riso, mas a verdade é que eu não vejo nada de errado em sua aparência. As grávidas são sempre lindas, todo mundo gosta delas.

— Agora você está ótima — a elogio pela enésima vez, na esperança de que enfim possamos sair de casa. — Calce os seus sapatos e vamos.

— Essa flor em meu vestido está tão esticada que parece um girassol — ela ri das próprias palavras, apontando para a barriga. — Eu não queria admitir que estou gorda, mas talvez seja a hora de comprar algumas roupas de gestantes.

— Você não está gorda — eu a corrijo com paciência.

— Acabei de me pesar no banheiro...

— Jogue aquela balança fora — eu a interrompo, porque cada vez que ela come, minutos depois está se pesando naquela maldita coisa. Eu nunca me quis pesar, é uma total perda de tempo e de felicidade.

— Acabei de me pesar no banheiro... — ela continua; tirando o vestido e o jogando sobre a cama. — E engordei um quilo e meio nos últimos três dias.

— Está tudo concentrado em sua barriga. — Me levanto e a ajudo a mexer em suas roupas, em busca de algo que, enfim, lhe agrade.

— Não me deixe... — eu a interrompo com um beijo rápido.

— Não comece uma frase com; não me deixe. Você sabe que isso é muito difícil para mim.

Ela ri, achando graça quando eu lhe entrego um vestido com listras horizontais pretas.

— Esse vestido é realmente horrível, não sei por que eu o comprei.

— Deve ter sido porque, inconscientemente, você sabia que esse tecido esticaria e seria útil um dia — eu digo, a vestindo como se ela fosse uma criança. — Temos cinco minutos para estarmos no carro.

— Você nem se importa de verdade se eu estou bonita ou não — ela reclama rindo, deixando claro que está brincando, enquanto calça um par de sapatilhas pretas.

— Eu sou o único homem que precisa achá-la bonita e eu te acho linda todos os dias — eu a beijo e a sinto sorrir em meus lábios. — Mesmo quando o seu cabelo fica todo bagunçado quando acorda.

— Obrigada, se eu não estivesse apaixonada por você, esse seria o momento em que me apaixonaria totalmente.

— Eu sei, o meu romantismo te deixa absolutamente encantada.

Depois que ela terminou de calçar os seus sapatos e colocou um cinto fino ao redor da cintura, deixando a sua barriga ainda mais em evidência; eu a arrasto até a porta da sala. Estou tentado a carregá-la, mas já que ela me segue sem nenhum protesto, eu a deixo caminhar sozinha. Ela se maquia durante o trajeto, e preciso dizer que eu invejo a sua habilidade em não furar o seu olho enquanto eu dirijo. Lógico que isso me obriga a dirigir com mais cautela, temendo que ela se machuque de alguma forma apenas para ficar bonita.

Quando eu enfim estaciono em frente da nossa — talvez futura casa —, Sarah está passando perfume. Eu acho engraçado que ela não tenha enjoado do seu próprio perfume, já que ela me fez trocar o meu por quatro vezes.

— Pronta? — eu pergunto, abrindo a sua porta.

— Sim, completamente — ela responde com um sorriso brilhante, como se não fosse a causa do nosso atraso de quinze minutos.

Eu seguro a sua mão e caminhos juntos até a entrada da casa que está à venda. Nos últimos dois meses, visitamos dezenas de casas, olhamos muitos anúncios e até gastamos algumas horas preciosas assistindo aqueles programas imobiliários na TV. Nós temos uma ideia do que queremos exatamente em uma casa, e traçamos um plano a partir disso. Acontecesse que quando eu achava a casa perfeita, Sarah tinha algo contra. O mesmo acontecia quando era ela quem se apaixonava pelo imóvel. Mas claro, eu preciso confessar que tenho sido o maior chato dessa história.

Eu quero a casa perfeita, não estamos apenas falando de arquitetura e beleza. Eu quero olhar para ela e enxergar um lar, um lugar onde viverei os melhores anos da minha vida e aonde os meus filhos sejam felizes enquanto crescem. Meu coração precisa escolher por mim, o mesmo precisa acontecer com a Sarah. O mais difícil é que aconteça com os dois ao mesmo tempo, assim como foi quando nos apaixonamos um pelo outro.

A casa que estamos visitando hoje me deixou muito animado, ao menos com as fotos que eu vi pela internet. É uma casa em estilo clássico americano. Uma na qual eu sempre quis morar quando casasse, e me lembra muito a casa na qual Drew e eu crescemos e que foi escolhida pelo meu pai. Tem um jardim muito bonito e é toda arborizada ao redor. Sarah e eu caminhamos por um pequeno pavimento de cimento, antes de chegarmos até a varanda, onde o corretor nos espera.

Eu amei a grande varanda branca com degraus de madeira, os antigos donos deixaram alguns móveis e isso inclui as duas cadeiras de balanço, também em madeira branca. Eu posso me imaginar passando lindas tardes com a minha família aqui. Há duas janelas imensas que são da sala e que quando abertas nos dão uma ampla visão da varanda. A porta de entrada fica na lateral e dá acesso a um amplo hall com piso de madeira escura, assim como o resto dos cômodos do andar de baixo. A sala de estar é exatamente como eu vi na foto, grande e espaçosa o suficiente para que ela se torne o centro da casa, quando nós enfim nos mudarmos. A sala de jantar é um pouco menor, mesmo assim, tem o tamanho ideal para abrigar uma mesa de jantar de bom tamanho. Eu preciso me preocupar com isso, desde que quero ter uma família grande e ao imaginar que a família da Sarah também nos visitará bastante. Passamos alguns minutos na cozinha, que tem três vezes o tamanho da atual cozinha da Sarah. O corretor — um senhor de meia idade sorridente e brincalhão —, nos explica sobre os eletrodomésticos novos e sobre a recente reforma que o ambiente sofreu.

Vejo os olhos de Sarah brilharem, quando ela passa a mão pela ilha de granito preto no centro da cozinha. E se o seu sorriso iluminado me diz alguma coisa, é que ela está tão empolgada quanto eu. Tem um lavabo

embaixo da escada e um pequeno dormitório no final do corredor, que eu poderei usar como escritório. Já estou contando que os quatro quartos do andar de cima serão usados pelas minhas crianças. A escada é grande e me preocupa um pouco, já que estou pensando no futuro e imaginando um bebê sapeca correndo por aí. Porém, a Sarah e o corretor me tranquilizam, garantindo que podemos colocar um portão de proteção para quando isso acontecer. O que eu posso dizer, além de sou um pai cuidadoso? Eu me tornei muito mais protetor e meu olhar está extremamente mais atento a todos os perigos que nos cercam, e que muitas vezes passam despercebidos aos outros.

O piso do corredor do segundo andar também é de madeira escura, mas os quartos possuem um carpete cinza muito aconchegante. Eu gosto do tamanho dos quartos e do grande banheiro no corredor. Eu estou definitivamente muito inclinado a dizer que essa é a *minha casa*, mas ainda falta a suíte principal no final do corredor. Ela tem o dobro do tamanho dos outros quartos, além do seu próprio banheiro e uma espécie de closet, que a Sarah adorou, certamente. As paredes de todos os cômodos, com exceção dos banheiros, estão recém pintadas de branco, como o corretor tão orgulhosamente nos conta. Eu já posso imaginar a infinidade de cores que podemos usar para dar vida aos ambientes. Começando pelo rosa, ou lilás, no quarto da minha filha. Embora eu desconfie que a Sarah prefira usar o vermelho. Ela me disse que quer decorar tudo usando a cor vermelha e o branco, por causa dos sapatinhos que foram o primeiro presente do bebê.

— Olhe só para esse quintal, Adam. — Sarah me chama, após abrir as venezianas do quarto de casal, que dão acesso a uma pequena sacada e uma plena visão do quintal. — Podemos até colocar uma piscina aqui, se quisermos.

— É mesmo lindo! — concordo, pensando no quanto seria incrível se Drew e eu conseguíssemos construir uma casa da árvore para as nossas crianças. Eu sempre sonhei em ter uma.

— Eu estou plena e absolutamente apaixonada por essa casa — ela me diz, depois de eu abraçá-la por trás e descansar as minhas mãos em sua linda barriga. — Você se sente da mesma forma? Diga que sim, por favor.

— Talvez... — eu falo beijando o seu nariz, quando ela deita a cabeça em meu peito. — Acho que demoraremos mais de vinte anos para

pagá-la, mas é uma grande casa.

— É uma grande casa! — ela repete sorrindo e ficando de frente para mim. — Você consegue enxergá-la como um lar? O nosso lar?

Afasto o cabelo do seu rosto e toco a sua bochecha com carinho, os seus olhos sempre brilham lindamente quando ela está feliz. E desde que nós descobrimos sobre a gravidez, eu acho que ela tem brilhado ainda mais. Isso me faz ter certeza que mesmo quando reclama do seu peso, ou das roupas que não lhe servem mais; Sarah nunca esteve tão feliz. Por amá-la tão intensamente, a sua felicidade me faz feliz em consequência. E eu nunca fui tão feliz em toda a minha vida. Beijo a sua testa lentamente, antes de beijá-la com paixão, mal me importando com o fato de que o corretor está no quarto ao lado e pode entrar sem aviso. Nós somos um casal apaixonado, qualquer um pode ver.

— Você consegue enxergá-la como um lar, Adam? — Ela repete a pergunta, suas palavras soam baixas quando os seus lábios mal se afastam dos meus; mas são totalmente audíveis para mim.

— Olhando para você, agora mais do que nunca, eu tenho certeza que o meu lar será aonde você estiver, Sarah.

— Eu te amo — ela recita me beijando mais uma vez.

— Eu te amo também!

— E eu quero essa casa... — ela afirma de um jeito meio mandão, que só me faz sorrir.

— Eu sempre soube que a decisão final seria sua — confesso, ganhando mais um beijo seu. — Mas foi bom fingir que eu poderia mandar em alguma coisa.

— Você é um homem sábio — ela diz rindo e se afastando para segurar as minhas mãos. — Essa é a nossa casa, Adam?

— Essa é a nossa casa, Sarah. — Eu a abraço, tomando cuidado para não apertá-la demais, mesmo que ela tenha pedido para o médico me explicar por duas vezes, que o bebê está perfeitamente seguro em seu útero.

— Nós temos uma casa bebê. — Ela fala para a sua barriga, depois que eu a coloco no chão novamente. — E foi a mamãe quem escolheu, não se esqueça disso.

Eu dou risada, o som ecoando com intensidade pelo ambiente vazio. O barulho chama a atenção do corretor, que aparece na porta e sorri imensamente quando Sarah lhe diz que ficaremos com a casa. Eu também ficaria feliz, se tivesse deixado um homem mais pobre, depois de lhe vender uma casa tão cara... é o preço da felicidade e se eu puder ser honesto, diria que não foi tão caro assim, já que todo o resto foi um grande presente dos céus. Incluindo o amor dessa linda mulher que está sorrindo para mim agora. A minha linda mulher.



Eu detesto despedidas...

Na verdade, eu me pergunto seriamente, se existe alguém no mundo que goste de dizer adeus. É tão doloroso e geralmente traz ao nosso coração a pior sensação de vazio possível. Se eu pudesse escolher, jamais teria dito adeus para algo que eu realmente amava. E eu não quero me ver em nenhuma outra situação na qual eu tenha que me despedir novamente.

Eu sei que estou me despedindo dos meus alunos hoje, embora saiba que isso aqui não é um adeus e sim um até logo. Faz parte da profissão abrir mão das nossas crianças a cada ano letivo, embora esse não seja o caso exatamente. Estou me despedindo porque sou a substituta de alguém muito mais importante que eu e sim, sei o quanto isso soa pessimista e infantil; mas eu me sinto exatamente assim. Descartável... tudo bem que eu me sinta muito mais emocional que de costume, na verdade os meus hormônios em total ebulição, me guiam oitenta por cento do tempo nos últimos dias e, eles estão em pleno funcionamento nesse exato instante.

As crianças estão quietas, concentradas na história que eu comecei a ler há cinco minutos, quarenta pares de olhos luminosos e atentos, direcionados a mim. O livro escolhido dessa vez foi; As Aventuras de Tom Sawyer, o favorito de Dylan. Mas depois do quanto ele insistiu para que eu lesse diversas vezes, hoje todas as crianças gostam. Eu também adoro. Na verdade, é difícil me lembrar de algum momento que eu não tenha me sentindo feliz ao lado deles, simplesmente não existe nenhuma lembrança triste vivida nesses seis meses; por isso é tão difícil me despedir.

Cada criança que passou pela minha vida desde que me formei, conseguiu me cativar e conquistou o meu coração, mesmo que tenham sido

breves os momentos em que passamos juntos. Mas eu me sentia aquecida por cada sorriso infantil, cada olhar curioso e cheio de carinho. Cada — Oi tia, Sarah—, — Tchau, tia Sarah —. Cada abraço, beijo e a certeza de que eu consegui ensinar algo de bom para eles, embora eu saiba que anos depois, talvez eu não seja sequer uma lembrança; mas aquilo que eu lhes mostrei ficará.

Por exemplo, esse livro, que mesmo com um nó imenso em minha garganta, eu tenho conseguido ler de forma articulada. Daqui a alguns anos, pode ser que quando eles estiverem adultos e tenham a possibilidade de ler a mesma história para os seus filhos; ainda assim se recordarão daquela professora de jardim de infância que lhes apresentou As Aventuras de Tom Sawyer. Eles não se lembrarão de mim, não saberão o meu nome, porém se lembrarão desse momento e isso faz tudo, absolutamente tudo valer à pena.

— Mais uma vez, tia Sarah. — Dylan pede batendo palmas, um segundo após eu fechar o livro. Isso me faz sorrir e imaginar que seus pais já precisaram ler a mesma história, ou assistir o mesmo filme, repetidas de vezes.

— Eu acabei de ler, meu amor. — Eu falo, andando até a estante e guardando o livro gasto; mas cheio de histórias além da sua própria.

— Leia Peter Pan, tia Sarah. — Julie pede, já ficando em pé e vindo até mim.

— Não temos tempo, minha linda. — Falo a barrando pelo caminho com um abraço — Já estamos no final da aula.

— Amanhã, então? — ela pergunta com um sorriso.

— Amanhã eu não estarei aqui — eu conto também sorrindo, eu venho dizendo a eles por semanas, que eu não serei mais a professora dessa classe. Talvez eles sejam pequenos demais para entender realmente como as coisas funcionam, mas eles continuam me perguntando o porquê disso. — Amanhã teremos uma professora nova, mas muito legal e ela vai ler todas as histórias que vocês quiserem.

— Por que tia Sarah? — Chloe me pergunta, deixando a cabeça de lado enquanto pensa — O bebê já vai nascer?

— Não, ainda não. — Respondo rindo — Ainda falta muito para o bebê nascer.

— E verdade, porque a barriga da minha mãe ficou muito grande. — Chloe conta, vindo até mim e tocando a minha barriga, assim como Julie está fazendo.

Eles estão fascinados pelo bebê, a Chloe em especial, já que o interesse dela nessa gravidez é diferente dos demais. Mas todos eles estão atenciosos e preocupados comigo, diferente do que o Adam pensa; eu não corro perigo algum aqui. Sem contar que o bebê já é muito, muito amado por todos.

— Isso mesmo. — Concordo, tocando a minha barriga também — O bebê ainda precisa crescer e ficar bem forte antes de nascer.

— É uma menina. Não é tia Sarah? — Chloe me pergunta, mas é quase uma afirmação. Acho que a convicção do Adam, já a convenceu também.

— Nós saberemos daqui a dois dias. — Falo, também me sentindo muito ansiosa para o ultrassom de quarta-feira.

Eu tenho tentado me manter neutra e não desejar uma menina também, mesmo que o Adam me enlouqueça um pouco com a sua certeza absoluta de que teremos uma filha. Mas eu estou tão curiosa quanto ele, na verdade acho que a Mia merecia um troféu por ter aguentado tantos meses sem desejar saber o sexo.

— Eu não quero que você vá embora, tia Sarah. — Chloe me diz meio chorosa. Eu torço para que ela não chore, pois isso me faria chorar

também e seria um ato muito imaturo da minha parte. Eu preciso passar confiança a eles, deixar claro que nada mudará realmente.

— Eu não irei embora, estarei sempre aqui e nós nos veremos muito.
— Explico, tocando o seu cabelo. — Vocês só terão uma nova professora, mas nós ainda seremos amigas.

— Promete? — ela me pergunta com ansiedade. Eu sorrio com o coração cheio de ternura. Abaixo-me, ficando na altura dos seus olhos e beijo o seu nariz.

— Eu prometo — digo, sentindo meu sorriso aumentar. — Agora eu quero um abraço bem grande, mas não corram. Cuidado com o bebê.

Em outros momentos eu já me joguei no chão com todas as crianças ao meu redor, assim como o personagem de *Arnold Schwarzenegger*, em *Um Tira No Jardim de Infância*. Agora eu não posso, por motivos óbvios, mas isso não me impede de abraçar cada um deles, beijar e apertar muito todos os meus fofinhos. Tive sorte porque nenhuma criança faltou à aula hoje e eu pude me despedir de cada uma e de seus pais também.

Quando caminho até o meu carro no final da tarde, sinto-me cansada física e emocionalmente, pronta para um banho morno e uma tigela reconfortante de sorvete de morango com muita calda. Eu preciso arrumar algumas coisas da minha sala e embalar em caixas, já pensando na mudança para a casa nova. Eu preciso arrumar todos os cômodos, mas optei por começar pela sala. Não posso cogitar a possibilidade de ficar sem comida, portanto a cozinha será o último cômodo. Adam quer se mudar assim que os documentos da casa ficarem prontos, até mesmo antes do casamento. Eu não vejo motivo para tanta pressa, mas não achei necessário discutir. É lógico que eu arrumarei tudo em próprio ritmo, o que inclui me permitir um cochilo sempre que necessário e pausas para o lanche cada vez que o bebê quiser comer. Eu sei, é feio colocar a culpa no bebê, mas eu não sei de onde veio essa fome assustadora, então só posso deduzir que seja dele.

Embora eu tenha derramado algumas lágrimas a pouco tempo, agora eu me sinto estranhamente feliz. Outra coisa completamente doida sobre a gravidez; você não sabe realmente o que sentir... dou risada, olhando para a minha barriga, mas assim que viro a esquina da minha casa, o meu sorriso

desaparece do meu rosto e é substituído pela pior careta de todas.

Tem um carro esporte preto parado em frente à minha calçada, eu não sei a quem ele pertence de fato, mas conheço o homem que está encostado a ele. Também conheço a mulher que lhe faz companhia, parecendo tão entusiasmada e pulando em suas pernas, como se fosse um grilo saltitante. Ela não me preocupa, mas a questão é o que ele está fazendo aqui? Vendo uma casa do bairro para alugar, comprar quem sabe? Talvez ele não saiba realmente que eu moro aqui, quem teria lhe dado o meu endereço? E com qual interesse ele iria querer me visitar? Não é possível que ele tenha voltado a morar em Atlanta e se voltou de fato, que seja para ficar bem longe de mim. É óbvio que eu não sou a razão de sua presença aqui. Ele não pode estar me esperando

Eu estaciono em minha garagem, e fico um tempo, apenas olhando para as duas pessoas em frente à minha casa.

É simplesmente impossível que eu entre sem ser notada por eles. Então, depois de pegar as minhas coisas, saio do meu carro, convicta de ser o mais discreta possível. Direi apenas um *boa-tarde* e nada mais. Não quero perder meu precioso tempo nesse momento. Mesmo que eu tenha fechado a minha porta com bastante delicadeza, o som do meu alarme chama a atenção de ambos. Meu ex-namorado e minha vizinha enxerida, a combinação perfeita para o fim do meu bom humor.

— Sarah... — Melody grita assim que me vê. Ela não parou de pular nos últimos cinco minutos, provavelmente se aquecendo para uma corrida. — Você está grávida?

Eu não sei se respondo, talvez tenha sido uma daquelas perguntas que não precisam de uma resposta realmente. A minha barriga é evidente o bastante agora, para todos saberem que sim; eu estou grávida. Consegui me espremer na última calça jeans que me serve, uma que estava no fundo do meu armário e que eu não sei ao certo porque eu a tenho. Mas graças a Deus ela me coube perfeitamente, porque ninguém precisa saber que eu coloquei um elástico no botão para fechá-lo completamente. Minha barriga está estranhamente grande para quatro meses e se eu não tivesse provas suficientes de que existe somente um bebê aqui dentro, diria que são dois. Mas é o bebê do Adam, pode ser que essa seja a única explicação que eu precise.

— Sim — respondo com um pequeno sorriso e alisando a minha

barriga em seguida, na verdade eu acho que a minha mão está conectada a ela. Por que as grávidas fazem isso?

— Que legal... Parabéns, querida. — Melody salta em seus pés e me abraça, quase se pendurando em meu pescoço. Tento retribuir, embora me atrapalhe um pouco. — Fico muito feliz por vocês, será um bebê lindo!

— Obrigada — balbucio, apertando a minha chave na mão e fixando os meus olhos em Melody. Eu não sei como agir... *posso fingir que Nick não está aqui?*

— Você está linda... — ela me diz, tocando o meu braço e olhando para o seu celular em seguida, completa: — Eu preciso ir agora que você chegou, estava fazendo companhia para o Nick, enquanto te esperávamos.

Eu teria rido da sua frase, se ela não tivesse me incluído na história e me deixado sem palavras. Olho rapidamente para ele, tão calmo e à vontade, encostado em seu carro, com as mãos no bolso. Como se ele estivesse visitando um velho amigo. Acontece que não somos amigos, não mais, com certeza. E eu não posso imaginar qual o motivo da sua visita. Também não me vejo convidando o a entrar e a tomar um café, enquanto colocamos o nosso assunto em dia.

— Oi, Sarah. — Nick me diz, finalmente se desencostando do carro e ficando à minha frente.

— Olá, Nicholas — uso o meu melhor tom neutro, sem nenhuma nota de alegria ou desgosto, apenas indiferença. Engraçado que eu não estou sequer curiosa para ouvir o que ele tem a dizer.

— Estou indo. — Melody murmura mais uma vez, certamente sentindo o clima estranho que paira no ar. Ela se despede dele com um beijo no rosto, me fazendo pensar que eles sim, são velhos amigos. — Vocês são parentes?

— Não — eu nego com rapidez.

— Amigos. — Nick completa, me fazendo revirar os olhos.

— Então, *tá...* — ela diz se afastando de costas. Eu estou quase estendendo a minha mão e pedindo para Melody ficar, definitivamente não quero ficar sozinha com ele. — Foi um prazer, Nick... até mais, Sarah.

— Tchau, Melody — eu me despeço com um sorriso. Olhando para ela e depois para a rua completamente vazia, quando ela vira a esquina, em uma corrida.

Eu não quero olhar para o Nicholas mais uma vez, mas ele está parado perto o suficiente para que eu sinta o seu perfume. O que me causa enjoo imediatamente. Ele não vai desaparecer, apenas porque estou fingindo que ele não existe, então eu me obrigo a olhá-lo e espero que ele me diga o que quer.

— Podemos conversar? — ele pede, depois de me olhar por algum tempo.

— Sobre? — eu pergunto com calma.

— Sobre nós.

— Não existe um... nós, Nicholas — falo, usando os meus dedos para enfatizar as aspas na palavra nós, caso o desagrado em minha voz não tenha sido o suficiente. — Quem te deu o meu endereço?

— Tito — ele responde com sinceridade e eu já começo a planejar a minha vingança diante desse ato de traição. Sei que Sam irá bater no irmão por mim. — Eu só quero conversar, Sarah.

— Eu não posso imaginar o porquê dessa sua vontade repentina em

conversar comigo, Nicholas... sinto lhe informar, mas você está quase três anos atrasado para isso.

— Estou voltando a morar em Atlanta — ele conta, passando a mão no cabelo e olhando para o seu céu, decidindo ignorar a minha ironia anterior. — Irei abrir o meu próprio escritório de advocacia aqui, estou bem animado.

— Parabéns! — Me obrigo a dizer. — Mas, por que isso realmente me diz respeito?

— Não quero me sentir estranho cada vez que te encontro.

— Não se sinta. Para mim é como encontrar qualquer outra pessoa... um vizinho, um vendedor, um pedestre qualquer.

— Sarah... — ele ri, parecendo não se importar com a acidez da minha resposta. — Eu ainda não acredito que você está grávida.

— Eu segui em frente — toco a minha barriga com orgulho. — Você fez isso muito antes de mim.

— Eu sinto tanto pela forma como as coisas terminaram entre nós. — Ele lamenta, parecendo sincero.

— Isso não importa mais.

— Eu gostaria de ter tido coragem de conversar com você olhando em seus olhos, como você realmente merecia.

— Isso não importa mais — eu repito, um pouco incomodada como o caminho que a conversa está tomando. — Nada mais importa, Nicholas. Seja feliz, realize os seus sonhos, construa a sua família e seja mais um pouco feliz. É isso o que eu estou fazendo.

Ele me olha com atenção por um longo tempo e isso me incomoda profundamente, mas eu não desvio o meu olhar. Talvez essa conversa seja realmente necessária. Se ele acha que eu me importo com qualquer coisa que lhe diz respeito, estamos no momento de provar o contrário.

Eu não o odeio, nós tivemos uma filha juntos e passamos por uma situação devastadora e extremamente dolorosa. Quero que ele seja feliz, porque eu certamente serei. Somos o passado... ontem. Um livro antigo e esquecido, que não precisa ser reaberto. Tudo o que importa nesse instante é o presente. Com a exceção da minha filha, tudo o que ficou no passado não merece a minha atenção hoje.

— acredite, nada disso realmente importa hoje, Nicholas — eu enfatizo, quando ele se apoia em seu carro outra vez, mas não para de me olhar fixamente. — Se importou algum dia, não faz a menor diferença agora.

— Eu não consigo me acostumar com você me chamando de Nicholas — ele diz por fim, seu sorriso é grande e acentua as suas covinhas. *Será que a minha filha as teria também?* — É muito estranho.

— Você passou mais de dois anos sem sequer ouvir a minha voz, vai acabar se acostumando.

— Eu sofri tanto quanto você.

— Eu nunca imaginei o contrário, sei que foi difícil para você também.

— Eu apenas não sabia como lidar com essa situação. Você era a lembrança mais vívida dela em minha vida e depois que ela se foi; tudo o que eu queria era esquecer. Fugir foi a única coisa da qual eu fui capaz naquela época.

— Acho que você fez um trabalho maravilhoso — eu digo, mudando a minha bolsa de lugar, apenas para ter algo com o qual me ocupar. — Se isso pesa em sua consciência, se você descobriu agora que não pode seguir adiante

sem o meu perdão; saiba que não existe nada a ser perdoado.

— Não é exatamente isso, Sarah — ele diz, colocando a mão no bolso novamente, certamente por não saber o que fazer com elas. — Eu fui covarde, eu te machuquei mais ainda, mas foi, de certa forma, para me autoprotger. Foi uma atitude egoísta, eu admito.

— Eu concordo, não entendo, mas repetirei pela décima vez... nada disso importa. Hoje eu sei que sofri muito mais pela Ayla, do que por você. Pela ideia da família que tentamos ser um dia e não porque eu te amava realmente — eu paro e tiro o cabelo do meu rosto, os olhos fixos no anel brilhante em meu dedo — Eu irei me casar, você irá se casar. O que resta para nós é a lembrança do nosso anjo, nada além disso. Não se preocupe comigo, você me feriu, me magoou e isso só me fez mais forte.

— Eu realmente sinto muito, depois de tudo o que nós vivemos, a última coisa que eu queria é que você me odiasse — ele admite, quase com timidez.

— Eu não te odeio. — Afirmo com sinceridade. — Vá e siga o seu caminho.

Tudo o que eu quero nesse instante, é entrar em casa e tirar o meu sapato, em seguida a minha calça jeans; porque talvez ela não esteja me servindo tão bem assim. E sejamos sinceros, para me dizer tudo isso, bem que ele poderia ter me mandado um e-mail. Teria poupado o precioso tempo de uma grávida.

— Ok, está certo. — Ele tira as mãos do bolso, se desencostando do seu carro em um movimento rápido. Algo brilha em seus dedos. Uma correntinha fina de ouro pende deles; antes que ele estique a sua mão e me entregue a joia.

— O que é isso? — eu pergunto, indecisa se devo ou não aceitá-la, afinal.

— Era da Ayla, não sei ao certo por que ficou comigo, mas eu o achei nas minhas coisas enquanto arrumava a minha mudança.

— Eu me lembro — exclamo com emoção, quando enfim me dou conta da pulseirinha com pingente de anjo.

A lembrança vem como um flash em minha mente, eu relembro o dia em que eu a comprei, no final da minha gestação, sonhando com a menininha que iria usá-la um dia. Eu fiquei tão apaixonada pela delicadeza da joia e no significado que a figura do anjo tinha para mim. Me lembro de ter colocado a no pulso de Ayla, semanas depois do seu nascimento e quase coube com perfeição, mesmo que ela fosse tão pequena. Mas eu fiquei apavorada com a possibilidade que ela engolisse o pingente. *Será que era mesmo possível?* Então eu guardei a pulseira em uma caixinha de papelão e a coloquei em uma de suas gavetas. Depois de ter doado todas as suas roupas e cobertores, eu imaginei que a pulseira havia ido embora também. Porém, eu a procurei mesmo assim, cheia de esperanças de que pudesse encontrá-la e guardá-la com lembrança. Eventualmente eu desisti da busca e me dei por vencida, totalmente convicta de que jamais veria esse anjinho outra vez.

— Eu achei que a tivesse perdido.

— Desculpe, eu nem sabia que estava comigo. Eu a achei por acaso, e imaginei que gostaria de ficar com ela.

— Sim, eu quero... obrigada.

— De nada. — Ele sorri com gentileza.

— Eu preciso entrar — falo, apontando para a minha casa e sorrindo também; embora brevemente. — Estou muito cansada.

— Claro, eu também preciso ir. — Nick fala, já abrindo a porta do

carro atrás dele. — Eu sei que você não pode dizer o mesmo, mas fiquei feliz em te ver, Sarah.

— Obrigada — é tudo o que eu consigo dizer. Seria educado dizer que ele está enganado, que eu gostei dessa breve conversa, mas seria uma grande mentira. Acho que as grávidas não precisam mentir.

— Parabéns pela gravidez e pelo casamento — ele me felicita, já dentro do seu carro. — Nós sabemos que você será uma mãe incrível.

— Boa sorte com o seu escritório... e as outras coisas também.

Ele sorri em resposta, ligando o carro em seguida e sumindo da minha visão em segundos. Eu respiro aliviada e corro até a minha casa, abrindo a porta sem soltar a minha preciosa pulseira. Depois de tirar as minhas sapatilhas e desabotoar a minha calça, — imaginando que não exista nada mais maravilhoso no mundo, que essa liberdade — eu caminho até o meu quarto. Abro a primeira gaveta da minha cômoda e encontro os meus amados sapatinhos vermelhos. Eu os tenho guardado como verdadeiros diamantes preciosos, porque para mim, é exatamente esse o significado que eles possuem.

Eu deixo a pulseira deslizar para dentro de um deles e sumir da minha visão, exatamente como o anel que Adam me deu. Fecho a gaveta e corro para a cozinha, estou louca por um banho, mas o bebê está doido por aquele sorvete de morango. Depois de lavar a mão, eu dispenso a tigela e decido ficar com o pote todo para mim, não que eu vá comer tudo agora. Eu me sento na cozinha, apreciando a paz desse momento e enquanto como, converso com a minha barriga. É algo que eu amo fazer e o Adam também, eu imagino que todos os outros pais também gostem. Depois de ler várias matérias sobre quanto o estímulo sonoro é importante para o desenvolvimento do feto, tenho apreciado ainda mais. Eu até fiz uma seleção de músicas suaves para ouvir antes de dormir. Adam comprou fones de ouvidos acolchoados para colocar na minha barriga. Eu não me canso da sua fofura e amor incondicional.

Na terceira colherada do meu sorvete, eu sinto um movimento estranho em minha barriga. Estou na expectativa imensa de que o bebê mexa pela primeira vez e eu sei que isso ocorre exatamente a partir do quarto mês, ou isso se torna perceptivo para a mãe a partir dessa data. Deixo o meu sorvete

de lado e ergo a minha blusa, ainda conversando com a minha barriga e esperando que o movimento se repita... nada.

Volto a tomar o meu sorvete, sem perder o sorriso bobo que tenho no rosto e torcendo para que o bebê realmente mexa quando Adam chegar em casa. Eu guardo o pote de sorvete pela metade, é bom ressaltar, e vou tomar banho. Esse seria o momento em que eu pagaria para ter uma banheira em casa, seria realmente divino, mas o chuveiro terá que servir. Enquanto a água cai sobre mim, eu sinto a barriga se mexer. É sutil, nada tão evidente como quando o bebê já está maior, mas eu sinto perfeitamente e colocando a mão sobre a minha barriga, isso se torna mais real ainda.

Quero correr e gritar para o Adam vir sentir também, mas ele ainda não chegou em casa; então esse se torna um momento solitário. Apenas mãe e bebê. Depois de sair do banho e me trocar, eu me sento na sala, totalmente hipnotizada e apaixonada pela minha barriga. Conto os minutos para que Adam chegue e eu possa lhe dizer a novidade linda. Enquanto eu espero, o bebê se mexe várias vezes e eu imagino que ele esteja totalmente acordado em minha barriga agora.

A porta se abre e eu não penso duas vezes, antes de correr e me atirar em seus braços, Adam me segura, sorrindo em meu cabelo e me beijando em seguida. Tudo o que eu posso pensar é no quanto eu o amo, e em tudo o que ele me deu por me amar também.

— Você está mesmo feliz em me ver. — ele fala, rindo em meus lábios.

— Eu sempre estou. — afirmo, o beijando também.

— Que bom. — Adam ri, me tirando do chão. — Mas eu não trouxe nada de comer.

— Então vá embora — brinco, tentando me soltar por alguns segundos e quando o seu aperto se mantém, eu completo: — Eu tenho uma surpresa.

— Geralmente as surpresas são minhas, estou curioso.

— Me coloque no chão e feche os olhos — peço com carinho.

Ele não me contradiz e faz o que eu digo, então eu me afasto apenas o suficiente para levantar a minha camiseta e colocar a sua mão sobre a minha barriga. Ele me olha sorrindo, sem entender exatamente qual é a surpresa.

— Espere — eu falo, guiando a sua mão até o ponto em que o bebê está. — Está sentindo isso?

— O nosso bebê? — ele exclama, com um brilho totalmente novo em seu olhar cheio de alegria. — Ele está se mexendo, quando isso começou?

— Agora à tarde — conto, sentindo o meu rosto rachar de tanto sorrir. — Não é incrível?

— É maravilhoso — ele afirma me beijando, mas sem deixar de tocar a minha barriga. — Eu nunca senti nada tão especial assim.

— Eu sei... estou absolutamente encantada.

— Eu não dormirei mais, vou passar a noite esperando ele se mexer mais uma vez — ele anuncia, me fazendo rir.

— Eu te amo. — Sussurro, totalmente perdida em seu olhar. — Obrigada por me fazer tão feliz.

— Você é que me faz feliz, Sarah... você é que me faz.



Não sei se você já se sentiu tão estranhamente feliz que chegou a pensar que algo assim deveria ser ilegal...

Como ficam as pessoas que jamais viverão algo tão intenso? Que jamais saberão que existe uma felicidade tão plena, um amor tão verdadeiro, incondicional?

Na verdade, se fosse proibido ser tão feliz, eu aceitaria a minha punição, mas por nada e nem ninguém, eu abriria mão dos momentos que tenho vivido ao lado de Sarah. Eu deveria sentir-me culpado porque nenhum outro homem terá um amor tão doce como esse, eu quase chego a sentir pena deles... quase, porque o meu orgulho por ser esse grande sortudo, é muito maior.

Depois de anos, aquela frase do Jack em Titanic faz total sentido: Eu me sinto o rei do mundo. Ao menos do nosso mundo, do meu mundo... eu sou o rei, Sarah a minha rainha e logo teremos a nossa princesa. Chame de sexto sentido, intuição, fé ou simplesmente loucura; mas estamos prestes a descobrir o quanto eu estive certo desde o primeiro instante. Sejam sinceros, porque eu soube muito antes que a gravidez da Sarah fosse algo concreto. Pode ser que seja necessário dizer que, no momento em que ela me contou sobre a sua filha, eu tenha visto em seus olhos; a nossa própria filha. Como um filme que passa diante de você e um dia vai se tornar real.

Não que eu vá ficar chateado se for um menino, embora eu saiba que não corremos nenhum risco com relação a isso. Será uma menina.

— Se você apertar um pouco mais a minha mão, irá quebrar o meu dedo anelar — Sarah diz, ao mesmo tempo em que vira o rosto na minha direção. — Então não poderemos nos casar, porque a minha mão estará

engessada.

— Desculpe. — Digo, soltando a sua mão com rapidez; como se a sua pele me queimasse. — Eu nem percebi que estava apertando tanto assim.

— Tudo bem. — Ela sorri, voltando a colocar a cabeça no travesseiro.

Eu não estou nervoso, apenas ansioso, é absolutamente diferente. Eu não dormi muito nos últimos dias. Primeiro; porque o bebê mexeu e tem feito muito isso desde então... eu estou encantado, não poderia ser diferente. Segundo; a ultrassonografia estava agendada para hoje e estamos aqui. Eu não posso me conter de emoção, antecipando a felicidade de ouvir o coração da minha filha mais uma vez.

Terceiro; tem a nossa casa nova e eu estou completamente doido para me mudar e decorar o quarto do bebê. E por último, mas não menos importante, talvez o mais importante na verdade, o nosso casamento. Faltam vinte e cinco dias a contar a partir de hoje... quem foi que disse que somente as noivas ficam ansiosas?

Eu estou contando os dias e cada segundo de todas as horas. Sou uma criança antecipando o seu aniversário, com a diferença de que eu sei quais serão os meus presentes e eu amo cada um deles.

— Está demorando demais. — Sarah fala, se sentando em seguida com as duas mãos na barriga. — Você está sentindo esse calor também?

— Não — nego, ficando em pé à sua frente e tentando abaná-la com o folheto que eu peguei na recepção. — Estamos aqui faz cinco minutos, foi você mesma quem disse que isso sempre demorava.

— Eu sei, mas parece que estamos de castigo nessa sala minúscula.

Dou risada e olhando em volta, sou obrigado a concordar, de certa forma estamos de castigo, enquanto esperamos a médica. Não foi preciso ficar muito tempo na recepção como da primeira vez, sem exames de sangue e agulhas pontudas, que causam tanto pavor à Sarah. Agora é somente um

ultrassom morfológico fetal, sim eu fiz a minha lição de casa e agora sei até os termos médicos. Em outras palavras; iremos saber se o bebê está saudável e se tivermos muita sorte — e nós teremos — sairemos daqui com um balão rosa. Eles nos dão esse tipo de brinde, não dão?

— Você ficou com uma cara engraçada agora. — Sarah ri, interrompendo os meus pensamentos. — Só para você saber, você não esconde nenhum pouco as suas emoções... qual a besteira estava que pensando?

— Engraçadinha. Nós ganharemos um daqueles balões rosas com a frase: É uma menina?

— Definitivamente não, não ganharemos. Mas você pode comprar uns cem deles e soltar pela cidade quando formos embora.

— Boa ideia — concordo sorrindo.

— Eu estava brincando, Adam. — Ela bate em meu braço, enquanto ri um pouco mais.

— Mas eu gostei mesmo da ideia. — Eu afirmo, colocando as mãos em seu rosto e beijando-a. — Eu havia pensado em comprar charutos e dar para o Drew, o seu pai e o Joel, mas os balões são muito mais legais.

— Acho que os charutos são dados na maternidade e isso é tão antigo, ninguém faz mais isso. Além do mais, meu pai não fuma e nem o Drew.

— É para guardar de lembrança, Sarah — murmuro, rindo do seu jeito. — Eu colocaria uma fita rosa em volta deles, com o nome da nossa filha.

— Adam, nós não sabemos se será uma menina — ela me diz em tom condescendente, tocando o meu rosto também. — Eu acho muito bonitinha

essa sua certeza de que será uma menina, e você tem sido extremamente lindo em cada momento desde que eu engravidei, mas e se for um menino? Eu não quero vê-lo frustrado, seria terrível.

— Sarah, por favor... é somente uma brincadeira.

— Eu achei no começo também, mas agora me parece que você está realmente convicto.

— A questão é que todos os pais sonham com o sexo do bebê antes do nascimento, é algo natural, eu não vejo nada de nocivo.

— Não, a questão é que você não está sonhando, está afirmando para os quatros ventos que será uma menina — ela para de falar e coloca uma das mãos sobre o meu peito, antes de continuar. Seus olhos são carinhosos e fixos nos meus. — Apenas se pergunte; é se for um menino? Você sabe, eu sei, todos sabem que existe essa possibilidade...

Essa pergunta é pertinente, é claro, eu até acho engraçado que ela não tenha me perguntado antes. Eu fico em silêncio, sem desviar o meu olhar do seu. Sem deixar de transmitir o mesmo carinho que eu sinto vindo dela também. Eu sei que ela já sabe, com certeza, que eu a amo o suficiente para amar todos os filhos que tivermos. Ela me ama o bastante também, isso é tudo o que importa. Pode parecer clichê, mas é a mais pura verdade.

Fico feliz que nesse instante da nossa relação, que nem mesmo eu me lembro que é tão recente, não existam lacunas ou rachaduras. Confiamos mutuamente, nos amamos de forma recíproca. Temos uma base que muitos casais não têm, e a nossa é extremamente sólida. Não foi assim no começo, mas é assim agora.

Eu mal posso mensurar o orgulho que senti quando ela tão abertamente me contou sobre a visita do ex namorado bonitão. Não houve hesitações, eu sequer notei que havia algo de diferente e perguntei a ela; porque simplesmente não havia nada de diferente. Ela não se abalou, ela não se sentiu mexida de alguma forma. E sim, eu tive medo, nem que tenha sido por uma fração ínfima de segundos; mas eu tive. Porém, Sarah me contou apenas por querer que eu soubesse, por não querer alimentar nenhum tipo de segredo entre nós e isso tem um valor gigantesco para mim.

Eu apreciei a sua lealdade e depois fiquei como muita raiva dele. Posso ter pensado em ligar para o Drew e cogitado a possibilidade de lhe pedir o endereço do ex namorado bonito, que se acha no direito de visitar mulheres alheias e grávidas. Seria engraçado chegar à sua casa e quebrar o seu nariz quando ele abrisse a porta, talvez eu definitivamente faça isso, se ele procurar a Sarah mais uma vez. Por enquanto eu ainda tenho uma fama de cara legal para preservar... *Drew bateria nele por mim?*

— Adam... — Sarah me chama, usando uma das mãos para me sacudir. — Você está tão disperso hoje, eu sei que está ansioso para o exame...

— Desculpe — eu a interrompo com um beijo. — Eu sei, você me perguntou sobre o bebê.

— Se for um menino... eu apenas te disse para ser mais sensato. Eu imagino o quanto é difícil para você, mas faça algum esforço.

— Na verdade é sim, bem difícil. — Concorde rindo. — Eu não me importo se for um menino, talvez eu fique triste por alguns dias...

— Adam... — ela exclama o meu nome acompanhando de um suspiro de frustração, e em seguida encosta a testa em meu ombro. — É exatamente isso o que me preocupa.

— Você deixou o seu senso de humor em casa hoje, não foi? — pergunto, colocando a mão em seu queixo para obrigá-la a me olhar outra vez. — Eu estou brincando, Sarah.

— E eu estou nervosa. Estamos prestes a saber o sexo do bebê e você quer loucamente uma menina, eu me sinto no direito de me preocupar com a sua reação, se o resultado for diferente do que você espera.

— Eu sonho sim, com uma menininha linda. Que tenha o sorriso como

o seu e olhos lindos. Que tenha esse jeito carinhoso e gentil que só você tem. Talvez por te amar demais, eu tenha projetado isso para o bebê e tudo o que tenha pensado desde então é, em uma versão sua; pequena e delicada, mas... — eu respiro, fazendo um sinal para que ela apenas me ouça agora. — Eu posso sonhar com esse mesmo sorriso em um menino. Imaginar esses olhos vívidos e brilhantes em um garotinho também. Sei que irei amá-lo com a mesma loucura e intensidade, não pode ser diferente, Sarah... você sabe disso, não sabe?

— Sim — ela afirma sorrindo. — Eu sei, Adam.

— Aceitarei todos os filhos que Deus quiser nos dar, da forma que ele achar que merecemos e precisamos. Nada poderia diminuir o amor que eu sinto, absolutamente nada. Você foi o presente mais lindo que a vida me deu e os nossos filhos serão grandes bênçãos.

— Obrigada por me dizer isso, me sinto mais calma agora.

— Eu achei que você já soubesse. Você realmente acreditou que eu ficaria chateado se for um menino?

— Talvez, um pouco sim, por um tempo ao menos.

— Isso deveria me deixar ofendido — murmuro enquanto a beijo. — Mas deve existir alguma lei que nos proíba de ficarmos bravos com as grávidas.

— Se ainda não existe, nós deveríamos criar uma — ela concorda rindo. — Eu te amo.

— Eu te amo também, muito mais a cada dia.

— Eu não sei o que fazer com você, sabia? — ela exaspera, de um jeito divertido.

— Só nunca deixe de me amar, não importa o quão louco você me ache às vezes; continue me amando sempre.

— Sempre. — Sarah promete, me beijando também.

Eu coloco a minha mão sobre a sua barriga e sinto o bebê mexer. Será que eu me esquecerei da sensação que isso me traz? Eu não quero me esquecer de como me sinto nesse instante. Tudo o que eu desejo agora é, congelar cada momento. Por que ainda não temos essa opção? Eu sei que me lembrarei da felicidade que sinto e isso me fará sorrir, mas infelizmente me esquecerei da sensação do bebê se mexendo sob a minha mão... por isso eu terei que engravidar a Sarah mais uma vez, isso é totalmente justificável para mim.

A porta se abre de repente, me fazendo lembrar de onde estamos. Pode ser que eu tenha esquecido por um instante, achando que estávamos em casa tendo mais uma conversa normal. A doutora Stella entra sorridente e ganha a nossa atenção. Ela é uma jovem obstetra, que parece amar realmente a sua profissão e já que essa é a nossa quarta consulta aqui, eu posso afirmar com propriedade que a Sarah fez uma boa escolha em optar por ela. Ela é uma médica gentil e carinhosa e acho que isso será imprescindível para a hora do parto. Já que algumas mulheres enlouquecem com a dor e necessitam de muita compreensão e paciência. O Drew me contou que a Mia queria bater na enfermeira, isso me fez rir muito na época, agora só me deixa preocupado. É bem provável que seja eu a enlouquecer, quando o momento de o bebê nascer chegar.

— Olha o meu casal mais lindo, desculpe, eu me atrasei um pouquinho — ela fala, já se sentando no seu lugar diante do monitor. — Como você está, Sarah?

— Bem, eu me sinto ótima. — Sarah responde, depois de eu ajudá-la a se deitar outra vez.

— Eu fico feliz, vocês querem tentar saber o sexo do bebê hoje? — a doutora pergunta, digitando alguma coisa em seu computador. Mas basta um olhar para nós dois, para que ela encontre em nosso sorriso ansioso, toda a

resposta que precisa. — Foi uma pergunta boba, é claro que vocês querem.

— Não só queremos, como tem sido a única coisa na qual pensamos nos últimos dias. — Confesso, segurando a mão da Sarah outra vez e fazendo ambas rirem.

— O Adam nem tem dormido de tanta ansiedade. — Sarah completa.

— Talvez você devesse dormir enquanto pode, papai. — A médica emenda de forma séria, mas diante dos meus olhos arregalados, ela acaba sorrindo. — Estou brincando, pode ser que vocês sejam abençoados com um bebê bem dorminhoco.

As pessoas me dizem isso o tempo todo, começando pelo meu irmão. Eu sei que ele tem conhecimento de causa com relação a isso e adora imaginar que me assusta com essa informação. Os bebês não dormem à noite, apenas choram e te fazem chorar também... isso não me assusta como deveria, na verdade eu estou louco para ficar acordado pelos próximos dois anos. Se for para carregar a minha filha, ou filho, nos braços; eu o farei com um grande sorriso no rosto.

— Eu sempre me esqueço de como isso é gelado e esquisito. — Sarah diz, quando a médica espalha o gel condutor em sua barriga exposta... Deus, como eu amo essa barriga, eu posso apenas olhar para ela por horas.

— Olha só esse bebê lindo, ele está se desenvolvendo perfeitamente. — A médica fala com entusiasmo.

Na verdade, eu não entendo metade do que ela sempre diz e nem consigo enxergar o bebê tão claramente no monitor. Mas que importância isso tem? Eu sei que o bebê está perfeito e saudável. A Sarah está bem e saudável, isso é tudo o que me basta.

— O bebê está bem agitado hoje, então acho que teremos sorte.

— Adam me fez comer chocolate antes de sairmos de casa, ele leu em algum lugar que isso poderia estimular o bebê. — Sarah conta à médica, enquanto os nossos olhos não abandonam o monitor.

— Eu acho que isso é apenas um mito, não exagere nas guloseimas por esse motivo — doutora Stella pede, sorrindo para ela. — Acho que uma banana ou maçã, teriam o mesmo efeito.

— Mas não o mesmo gosto, convenhamos, doutora. — Acrescento, rindo.

Ela ri também, embora a sua profissão não lhe permita concordar comigo. Nós ouvimos o coração do bebê por mais de cinco minutos e eu gravo no celular novamente, é claro. Esse é o som do qual eu jamais irei me cansar. Sei que estou sorrindo feito um tolo e talvez esteja apertando a mão da Sarah outra vez.

— Vocês querem que eu faça algum suspense? Ou diga de uma vez? — a médica nos pergunta com diversão. — Eu já tenho absoluta certeza do sexo.

— Nos diga, pelo amor de Deus... você não quer ser responsável pela morte de um pai, quer? — Pergunto, fazendo Sarah rir e puxar a sua mão da minha. Eu sabia que estava apertando demais.

— Você irá sobreviver, ainda existem centenas de emoções a serem vividas nessa gravidez — doutora Stella me diz, imprimindo algumas fotos do ultrassom. Eu vou colocar na nossa geladeira, no meu monitor do trabalho e até no painel do meu carro. Seria prudente pedir algumas cópias a mais como garantia... — É uma menina, parabéns!

— Bem... — eu digo simplesmente, respirando lentamente em seguida. Seria estranho se eu sáísse gritando por todo o corredor? Talvez, e pode ser que a minha voz tenha desaparecido.

— Uma menina — Sarah repete emocionada, sentando-se e aceitando as fotos que a médica lhe entrega. — O Adam sabia disso o tempo todo, não é?

— Sim — sussurro, pegando uma das fotos para mim — Você tem certeza disso, doutora?

— Se não posso afirmar cem por cento, eu garanto noventa e nove, ao menos. Podem comemorar e contar para a família toda.

— Obrigada! — Sarah agradece por nós e se despede, já que eu estou absolutamente atônito e focado na foto em minhas mãos.

A porta se fecha e ficamos sozinhos outra vez, em silêncio por algum tempo. O meu cérebro ainda está absorvendo a notícia, meu coração está tão cheio de amor e sonhos para essa nova vida, — que agora eu posso chamar de filha. Bom, eu já tenho feito isso há tempos, mas agora tem um gosto diferente, porque existe mesmo uma menininha linda, e muito amada, crescendo dentro dessa barriga que eu amo tanto.

— Eu tinha certeza, certeza absoluta, preciso ressaltar; que você ficaria muito mais feliz, quando soubesse o sexo do bebê. — Sarah me diz, me fazendo deixar a foto de lado e olhar para ela. — Você não está feliz?

— Estou sem palavras, a minha felicidade é tão grande, eu não tenho palavras.

— Isso é um bom sinal. — Ela diz sorrindo. — Poucas coisas te deixam sem palavras.

—Você se lembra de quando nós nos conhecemos?

— Sim, como eu poderia esquecer?

— Você me deixou sem palavras — confesso, tocando o seu cabelo. — Foi um soco no peito, me roubando todo ar... Eu sabia que me casaria com você, eu tive certeza quando te vi.

— Se você tivesse me dito naquele dia, eu teria te mandado embora. — Ela afirma rindo. — Mas agora eu acho lindo, na verdade, isso quase me faz chorar.

— Eu falo demais, eu brinco demais, porém, poucas coisas me deixam sem palavras e agora eu não sei ao certo o que dizer, a não ser que estou loucamente feliz.

— Eu te entendo e me sinto da mesma forma, nós teremos uma filha, Adam.

— Uma filha — repito, tocando a minha testa na sua. — Eu teria ficado igualmente feliz se fosse um menino, eu te juro.

— Eu sei que teria e talvez um dia nós tenhamos a nossa própria versão de um mini Adam.

— Pode contar com isso — recito, antes de beijá-la.

E na nossa volta para a casa, eu comprei sim, dezenas de balões cor de rosa. Eu não poderia perder a oportunidade, poderia? Eu contei para a minha mãe e para o Drew assim que tive chance, mas pedi a eles que me deixassem contar a Chloe. É quase como dizer que ela não irá ganhar o seu cachorro, mas ela ficará feliz, eu sei.

Por isso estamos aqui, no final da tarde, em frente à sua escola. O local onde tudo começou, onde eu me apaixonei pela Sarah e mesmo que ela ainda não soubesse, eu me arriscaria a dizer que foi onde ela se apaixonou por mim também. Posso dizer que a Chloe foi o nosso cupido, mesmo que ela não faça

ideia disso.

Estamos esperando no carro, contando os minutos para que eu possa buscar a minha sobrinha fofa e lhe contar sobre o bebê. Sarah parece muito mais calma do que eu, devorando um saco de pipocas com muita concentração. Assim que o sinal da escola toca, eu vou ao encontro da Chloe. Ela corre até mim, assim que me vê, mal se despedindo da nova professora.

— Você está muito linda hoje, Chloe — eu a elogio, enquanto andamos pelos corredores da escola.

— Obrigada, tio Adam — ela agradece sorrindo, olhando para a sua camiseta branca com uma grande estampa da Minnie, além de uma calça preta simples e tênis cor de rosa.

— Você sabe por que eu vim te buscar?

— Não — ela se esforça para soltar a minha mão e correr até o carro, onde Sarah nos espera do lado de fora. — Por quê?

— Porque nós temos uma surpresa que você irá amar. — Anuncio, após atravessarmos a rua. — Você está curiosa?

— Sim — ela diz, correndo de mim, sem deixar que eu lhe diga mais nada. — Tia Sarah.

— Oi, meu amor. Que saudades... — Sarah se abaixa para ser abraçada por ela, mas a minha preocupação maior é que Chloe machuque a sua barriga sem querer. — Você está muito linda.

— O tio Adam me disse — Chloe ri, segurando a mão da Sarah, depois que ela fica em pé novamente. — Ele me disse que tem uma surpresa, é um presente?

— É uma coisa que você quer muito, muito mesmo — Sarah lhe diz, ao mesmo tempo em que toca o seu cabelo.

— Um cachorro? — Chloe grita, olhando para dentro do meu carro.

— Não, não é um cachorro. — Eu nego, quase tão frustrado quanto ela. Vou deixar um filhote abandonado na sua porta. Eles não terão outra opção, a não ser aceitá-lo.

— Ah, que pena... — Chloe murmura, abraçando Sarah em seguida.
— O que é então?

— Lembra de outra coisa que você também quer muito e pediu para a tia Sarah? — Ofereço, chegando até ela e a carregando.

Ela me olha com curiosidade, enrugando a testa de uma forma adorável enquanto pensa. Por fim, seus olhos se iluminam e ela toca o meu rosto, antes de dizer:

— Um bebê? Uma menina?

— Sim, isso mesmo. — Confirmo, beijando o seu rosto. — Nós fomos no médico e vimos o bebê hoje, e muito diferente do que a sua mãe quis fazer; nós descobrimos que será uma menina.

—Você terá uma priminha, Chloe — Sarah emenda com suavidade, tocando as suas costas. — Isso não é o máximo?

— Sim. — Chloe afirma, rindo com felicidade genuína. — Eu posso escolher o nome?

— Isso é algo muito importante — digo meio sem jeito, já que não imaginei que ela pudesse me pedir algo assim. — Só por curiosidade, que

nome você escolheria?

— Ella... — Ela diz pulando com alegria, depois que eu a coloquei no chão. — Ou Alyce... ou Maya... ou...

— Calma, você está muito animada, mocinha. — Eu a interrompo sorrindo, mas preocupado. Sarah apenas ri, certamente imaginando que Chloe esquecerá disso depois; acontece que eu sei que ela não esquecerá. — Quer um sorvete?

— Sim. — Chloe grita, pulando um pouco mais e já abrindo a porta do carro. — Eu posso ficar com um balão também, tio Adam?

— Claro meu amor, é todo seu.

— Eba, obrigada. — Ela ri, antes de fechar a porta e se sentar.

Olho para Sarah ainda sorrindo e toco a sua barriga, a beijando levemente.

— Está preparado para ter a sua própria versão de menina linda e falante? Que te fará um milhão de perguntas? Que irá querer um cachorro e logo depois um pônei? — Sarah me pergunta, colocando os braços ao redor do meu pescoço.

— Esqueceu de dizer que ela me terá nas mãos e eu lhe direi sim o tempo todo. — Acrescento, com amor. — Eu estou absolutamente preparado. Aliás, preciso dizer que é a realização de um sonho de toda uma vida.

— Você será um pai incrível, eu já te disse um milhão de vezes. — Ela afirma, me beijando também. — E se eu ainda não te disse, você fica lindo com a Chloe. Vendo vocês juntos, eu sonhei com o momento em que estaremos com a nossa filha.

— Eu mal posso esperar por isso.

— Tio Adam, tia Sarah. Vocês estão demorando. — Chloe nos chama, colocando a cabeça fora da janela — Eu quero sorvete.

— Estamos indo. — Sarah fala, colocando a mão na barriga — Acho que o bebê gostou muito da ideia do sorvete.

— Então, vamos logo! — Entro no carro, após ter aberto a porta da Sarah e segurando a sua mão, completo. — Não posso deixar as minhas meninas esperando.

Ouçó a risadinha da Chloe no banco de trás e tudo o que eu posso pensar é; eu terei uma filha. Não preciso dizer que eu já sabia, preciso?



A luz fraca do sol, que entra em nosso quarto através da imensa janela ainda sem cortina, poderia ser o motivo que me faz acordar tão cedo, quando tudo o que eu queria era dormir o dia todo. Ao invés disso, é o bebê super agitado em minha barriga, que me desperta. Tem sido exatamente assim nos últimos dias, não importa o quão cansada eu esteja, a nossa filha faz festa para me acordar todas as manhãs e ela sempre consegue.

Isso só me faz sorrir muito antes de abrir os olhos, enquanto as minhas mãos deslizam pela minha barriga, em busca de seus movimentos. É engraçado o quanto a sensação de que ela pode me sentir, mesmo através da grande camada de pele e músculos entre nós, é verdadeira. Essa é uma conexão inexplicável e absurdamente encantadora. Eu já deveria ter antecipado esse amor inexplicável, eu sou uma mãe afinal, embora eu não tenha nenhuma criança para segurar pela mão; essa não é uma viagem desconhecida para mim.

Mas é como se eu estivesse me esquecido da grandeza de sentimentos que gerar uma vida nos traz, do quanto isso transforma cada um dos nossos dias. Do quanto isso nos transforma também e para mim, saber que eu ganhei essa nova chance, é a constatação viva de que o amor é o bálsamo consolador para qualquer ferida.

Eu ainda penso em Ayla todos os dias, algo dentro de mim se preocupa com a ideia de perder todas as suas memórias guardadas em meu coração. Eu não quero substituí-la, não quero deixá-la morrer definitivamente. Talvez tenha sido esse o principal motivo que levava a possibilidade de uma nova gravidez, ser tão apavorante para mim. Eu nunca achei que pudesse sentir tanta paz... Eu penso em Ayla com saudade, a cada amanhecer sussurro uma oração ao vento e peço a Deus que o meu amor chegue até ela...

Contudo, eu tenho vivido essa gravidez de forma única e especial, sem

comparações. Cada acontecimento tem a importância que ele merece, cada sentimento é grandioso e intenso e eu nunca, nunca fui tão feliz.

Um chute mais intenso do lado esquerdo da minha barriga me faz enfim sentar e afastar o meu cabelo do rosto, para olhar as horas. Oito e meia, não tão cedo para todas as coisas que eu preciso fazer ao longo do dia... Do grande dia. Hoje é o meu casamento, eu quase não posso acreditar que a espera enfim acabou. Adam e eu nos mudamos para a nossa casa, dois dias depois de sabermos que teríamos uma filha. A casa é imensa e não tem a metade dos móveis ainda — incluindo a cortina do nosso quarto — mas não houve argumentos da minha parte, para fazer Adam esperar. Estamos aqui há duas semanas e a cada dia eu me sinto mais em casa, finalmente consigo enxergar que Adam e eu estamos construindo um lar de verdade.

Como se soubesse que estou pensando nele nesse exato instante, Adam entra no quarto, vindo do banheiro com uma toalha na cintura e outra em sua mão, enquanto seca os cabelos. Se eu já estava sorrindo antes, a simples visão do meu futuro marido parado à minha frente, é o suficiente para me iluminar completamente.

— Eu te acordei? — Ele me pergunta com um sorriso — Tentei ser o mais silencioso possível, nem cantei no banheiro hoje.

— Você não. — Eu replico rindo do seu jeito e antes de continuar, aponto para a minha barriga redonda. — Mas a sua filha sim, acho que além de cantar, ela está dançando aqui dentro.

Falar do bebê é tudo o que é necessário para deixá-lo feliz, se usar as palavras — sua filha — então você terá um homem radiante e absolutamente orgulhoso diante de você. Eu nunca vi um pai amar tanto um bebê, uma barriga, antes que a paternidade se tornasse completa com o nascimento. Mas Adam foge a todas as regras, ele tem se mostrado o melhor companheiro nessa aventura. Se eu tivesse ganhado na loteria sozinha, ainda assim não poderia dizer que tive tanta sorte; ele é um tesouro raro e precioso. O melhor pai que os meus filhos poderiam ter e estamos em sincronia a maior parte do tempo... Só não somos capazes de escolher um nome para ela. A cada dia temos uma lista de opções que acabam descartadas no final da noite. Se eu me encanto por um nome, Adam não gosta e vice-versa... Só estou torcendo para que ao final dessa gravidez, tenhamos enfim escolhido um nome para a nossa filha amada.

— Talvez ela saiba que dia é hoje e simplesmente não queira perder nenhum momento. — Ele fala, jogando a toalha que estava em suas mãos encima da cama e me fazendo revirar os olhos para isso — Que tal Olívia? É um lindo nome, para uma linda criança.

— É realmente lindo. — Eu concordo, quando ele segura o meu rosto e me beija.

— Mas?

— Mas, eu não me vejo sendo mãe de uma Olívia. — Eu completo, aceitando o seu beijo entre risos. Ele me beija todas as manhãs, não existe a regra de: não beijos de bom dia. Não existe nada que ele não consiga de mim.

— Eu estava apostando todas as fichas em Olívia. — Ele confessa ao tocar a minha barriga, a outra mão entrelaçada com a minha sobre a cama. — Achei que você fosse me dizer que era o nome perfeito.

— É um nome bonito, mas ainda não é o nome perfeito. Nós saberemos quando for.

— Como saberemos? — Ele me pergunta com as sobrancelhas arqueadas, feito um garoto curioso.

— Nós saberemos. — Eu afirmo olhando em seus olhos — O som dele chegará até o nosso coração.

— Se você diz — ele ri, me empurrando lentamente para a cama outra vez e pairando sobre mim. A sua mão desliza sob a minha camiseta de dormir e permanece em minha barriga, enquanto a nossa filha festeja a sua presença. — Você está feliz? Ansiosa pelo dia de hoje?

— Eu tenho sido insanamente feliz desde o dia em que te conheci — sussurro, tocando o seu cabelo com carinho — E sim, eu estou ansiosa e animada para o dia de hoje. Mas você sabe que nada vai mudar; já somos um do outro há muito tempo.

— E nós seremos um do outro para sempre — Adam completa, me beijando mais uma vez.

Não existe um único átomo em mim que duvide disso, é difícil explicar de onde vem tamanha certeza, talvez seja simplesmente o meu coração apaixonado falando por mim. Mas nada no mundo me faz duvidar de que a eternidade está reservada a nós dois. Ainda teremos uma família grande, passaremos nossas férias de verão na praia ou em qualquer outro lugar que as crianças queiram, realizaremos centenas de sonhos e enfim findaremos os nossos dias na varanda de casa vendo o sol se por. Cada vez que penso nisso, as imagens passam diante de mim com nítida realidade.

— Me explica mais uma vez, por que não podemos ficar juntos hoje... por que não podemos simplesmente nos arrumar e irmos juntos para o casamento? — Ele se afasta um pouco enquanto espera a minha resposta e isso me faz rir.

Ele usou todo o seu poder de persuasão para me fazer esquecer toda a tradição e lhe mostrar o meu vestido de noiva. Graças a Deus eles não foram persuasivos o bastante e o vestido ainda são um segredo para os seus olhos.

— Porque é esperado que você só me veja vestida de noiva em nosso casamento. — Eu repito a mesma explicação pela enésima vez e ganhou um beijo rápido em resposta. — Serão só algumas horas, o nosso casamento é às cinco.

— As noivas sempre se atrasam.

— Eu não vou, eu prometo.

Eu fujo do seu aperto, correndo até o banheiro e repasso mentalmente todos os passos que preciso dar até chegar ao altar. Eu me sinto tão calma e se fosse a única a decidir, iria apenas tomar banho, colocar o meu vestido e tentar me pentear de uma forma mais elaborada. Mas segundo a Sam — minha dama de honra — , eu preciso ter o meu dia de noiva; onde farei um monte de coisas que não quero e que talvez nem tenham uma função exata.

Eu sei que as noivas ficam ansiosas, nervosas, algumas delas simplesmente enlouquecem com a antecipação do momento tão sonhado. Acho que isso é absolutamente compreensivo e totalmente justificado. Você está se casando com o amor da sua vida — eu estou — e todas as noivas sonham com um amor eterno, então você só quer que tudo seja perfeito, pois será apenas uma vez. Um casamento, uma cerimônia, uma festa, um único vestido... essa foi a parte mais difícil para mim, encontrar um vestido que eu gostasse. Depois de visitar todas as lojas de noiva de Atlanta e provar mais vestidos que eu achei que pudessem existir, optei pelo simples e enfim pude dizer; esse é o meu vestido. Eu não estava preocupada com a cerimônia, já que minha mãe estava um pouco obcecada com a ideia de enfim casar a sua única filha. Meu pai estava no modo on, quando o assunto é ser um general mexicano mandão. E por último, a mãe do Adam precisava organizar tudo e mandar nos meus pais também, a sua vida dependia disso.

E eu estou grávida, trabalhando três vezes por semana, organizando a nossa casa e sinto sono 90% do tempo; então eu pude deixar o casamento nas mãos da minha família.

Passar esse controle para eles não foi tão fácil assim, no entanto. No início ainda existiu uma pequena relutância da minha parte. Porém Adam me convenceu, cedo demais, que brigar seria como nadar contra a correnteza. Eu acabaria me afogando cedo ou tarde; melhor poupar o meu fôlego de uma vez.

Entretanto, eu fiz algumas exigências... Nada de cores extravagantes, nada de exageros — eu sei, o Adam teve um ataque de risos nessa parte. Nada de mexicanos com sombreiros e violões tocando na minha entrada. Tudo bem, eu já me conformei com qualquer coisa, ao menos eu escolhi o sabor do bolo e tive o presente de poder decidir sobre o meu vestido... já é alguma coisa.

— O que você precisa fazer hoje? — Adam me pergunta através da porta, enquanto eu escovo os dentes — Eu sei que não preciso fazer nada, além de cortar o cabelo e me barbear.

— Não é bom ser homem? — Eu abro a porta deixando a minha escova sobre a pia, antes de apontar para o seu cabelo. — Você cortou o seu cabelo há três dias.

— Eu me esqueci completamente. — Ele fala, passando a mão pelo cabelo e me puxando pelo braço. — Então eu só preciso me barbear, vou ficar entediado sem você aqui.

— Eu não queria ir, mas a Sam me levaria arrastada de qualquer maneira. — Eu falo, o fazendo rir por ser absolutamente verdade. — Ela acha que eu não posso me casar, sem passar algumas horas em um SPA e sair de lá irreconhecível.

— Você será a noiva mais linda do mundo, tenho sonhado há muito tempo com esse momento. — Ele sussurra, antes de morder o meu pescoço — Então não se maquie demais, a sua beleza natural é o que a torna perfeita para mim.

— Eu já te disse o quanto eu te amo? — Eu brinco, ficando na ponta dos pés para enlaçar o seu pescoço; embora a minha barriga entre os nossos corpos já não nos permite abraços tão apertados assim — Porque eu te amo, muito, muito mesmo.

— Que bom, porque eu também te amo demais. — Ele cola a boca na minha em um beijo mais intenso, ao mesmo tempo em que me empurra até a nossa cama. Suas mãos em minhas costas sob a minha camiseta, antes que ele volte a sussurrar em meu ouvido — Podemos antecipar a nossa lua de mel?

— Nós estamos antecipando há muito tempo. — Eu digo entre beijos e risadas — Mas a Sam disse que viria me buscar assim que o sol nascesse.

Adam se senta na cama comigo em seu colo sem interromper o nosso beijo, totalmente disposto a me distrair e me fazer perder o horário. O que não é uma tarefa difícil para ele, eu preciso confessar. Eu estou extremamente disposta a ceder e me atrasar para os compromissos de Sam... Mas ela com certeza não está, talvez por esse motivo, a nossa campanha toca como um

apito de juiz, no instante em que Adam tira a minha camiseta.

— Ela chegou. — Eu falo a Adam, ao beijar o seu queixo.

— Deve ser um vendedor de enciclopédias muito insistente — ele me aperta um pouco mais, baixando a alça do meu sutiã e beijando o meu ombro — Como você pode saber que é ela, apenas pelo jeito que tocam a campainha?

Olho para ele sorrindo e nem é necessário que eu responda, já que a pessoa que está a minha porta, parece ter colado o seu dedo indicador na campainha. Sam faz assim sempre que nos visita.

— É ela... ninguém seria tão desesperado assim.

— Ela pode esperar alguns minutos. — Ele diz já me soltando, depois de um último beijo.

— Ela ficaria muito brava e começaria a gritar o nosso nome. — Eu afirmo, deixando a minha camiseta sobre a cama e vestindo o meu robe que está no banheiro.

— Ela é um pouco louca. — Ele encosta a cabeça em minha barriga quando eu volto para abraçá-lo.

— Ela diria exatamente o mesmo sobre você. — Dou risada, deslizando os meus dedos pelo seu cabelo — O bebê mexeu.

— Eu senti. — Ele beija a minha barriga demoradamente e depois olha para mim com doçura — Nós precisamos muito de um nome para ela.

— Eu sei, nós vamos encontrar um em breve.

— *Saaaaahhh...* — Sam grita a pleno pulmões do lado de fora. Ao que parece ela desistiu da campainha, deu a volta em nosso quintal e decidiu usar a sua voz — Meu Deus, o que vocês estão fazendo aí? Abra essa porta.

— Seria engraçado se deixássemos ela gritando lá embaixo.

— Ela seria presa por perturbar a ordem pública. — Eu digo já na porta — Vou te esperar para tomarmos o café da manhã.

— Vou me trocar e desço em seguida. Não corra na escada, por favor.

— Eu não vou. — eu grito já na escada, andando o mais rápido que posso sem correr exatamente.

Essa escada é o maior temor do Adam, ele vive achando que eu posso tropeçar em meus próprios pés e rolar até o último degrau. Se ele estivesse aqui o tempo todo, tenho certeza que me levaria carregada para cima e para baixo. Ele provavelmente não pensou na possibilidade de uma queda quando compramos a casa, caso contrário, eu posso apostar que ele teria procurado outra; mesmo que essa seja a nossa casa dos sonhos.

Quando chego ao meu saguão e pego a minha chave do aparador ao lado da porta, não existe mais nenhum barulho externo. Silêncio absoluto, que me faz olhar pelo olho mágico, enquanto destranco a porta. Sam está do outro lado, com um enorme buque de rosas vermelhas em mãos, é grande o bastante para cobrir o seu rosto e ela faz graça enquanto o afasta lentamente, sorrindo para mim.

— Obrigada por abrir a porta, eu realmente achei que fosse definir no sol enquanto esperava. — Ela dramatiza, passando por mim e me entregando o buquê. — Coloque uma campainha mais barulhenta, por favor.

— Oh, você me trouxe um presente! — Eu exclamo de forma teatral, levando as rosas até o meu rosto e ignorando os seus murmúrios. — Muito obrigada pela gentileza.

— São do Adam, o entregador acabou de deixá-las e não precisa me agradecer por assinar o recibo.

— Você é muito intrometida, já te disseram isso? — Eu pergunto rindo e olhando ansiosa para o cartão branco entre as rosas. — Eu não tenho o marido mais lindo do mundo?

— Tecnicamente faltam oito horas para que ele se torne o seu marido, mas ele é fofo sim. — Ela diz sorrindo, se sentindo totalmente à vontade, enquanto caminha até a minha cozinha — Eu preciso de café, onde está a sua cafeteria?

— Sobre o balcão, no canto esquerdo. — É provável que ela não tenha me escutado, diante de todo o barulho que está fazendo ao abrir os meus armários. — Não se preocupe, fique totalmente à vontade.

— Eu sempre fico. — Ela grita entre risos.

Ainda estou parada à minha porta, onde Sam me deixou. Eu fecho a porta com o pé, sem me virar, totalmente concentrada no presente de Adam. Ele nunca para de me surpreender com a sua gentileza e amor, não importa a ocasião e nem mesmo o tamanho do presente. Ele sempre me traz algo, deixando bem claro o quanto pensou em mim ao longo do dia. Mesmo que seja algo de comer, o que para mim tem imenso valor no momento. Há dois dias, eu ganhei um incrível e singelo anel de borboleta, adornado com pequenos diamantes rosa. Sabendo o significado que uma borboleta tem em minha vida, isso foi o suficiente para me levar as lágrimas. O anel está agora em meu dedo médio, ao lado do meu anel de noivado e cada vez que eu olho para ele; sinto borboletas em meu estômago. É engraçado, mas é exatamente assim.

E agora as rosas... eu lhe disse uma vez em uma das nossas conversas que achava extremamente romântico, maridos e namorados que enviam flores às suas esposas e namoradas, sem nenhum motivo aparente. Apenas como um gesto de ternura. Ao que parece, ele anotou em seu caderninho da conquista e desde então, eu recebo um buque diferente toda a semana. Menos ontem, porque é lógico que eu deveria ter suposto que ele deixaria as flores para o dia de hoje.

Rosas... Vermelhas... Como o amor, ou a paixão?

Não importa, porque elas também trazem muitas borboletas ao meu estômago.

Abro o pequeno cartão e sorrio diante da letra de Adam, meus dedos deslizam sobre as letras, como sempre fazem quando ele me deixa algo escrito. Não sei como ele consegue, mas todos os cartões estavam com a sua letra. Meus olhos digitalizam cada palavra e antes que eu sequer perceba; já estou com um sorriso enorme em meu rosto. Leio três vezes o que está escrito, porque simplesmente não posso me cansar de todo esse amor.

Pronta para o nosso felizes para sempre?

Eu espero que sim, pois é exatamente isso o que nos espera a partir de hoje... eu serei, para sempre, tudo o que você precisar. Só segure a minha mão e me prometa que nunca mais soltará... eu te amo demais, você é o meu sonho mais lindo!

Eternamente seu...

Adam.

— Você vai ficar aí parada para sempre, Sarah. — Sam grita outra vez, acabando com todo o romantismo do momento — Se você ainda não percebeu, dessa vez você é a noiva... então se apresse, por favor.

— Você parece a noiva, Sam. Maluca e chata. — Eu digo, sorrindo para o Adam descendo as escadas.

Ele deixou a toalha molhada sobre a cama com toda a certeza e bagunçou um pouco o seu armário, até encontrar um jeans e camiseta para usar. Por que eu não posso me aborrecer com os seus defeitos, é um mistério para mim. O máximo que ele consegue é me fazer rir... acho que estamos no caminho certo finalmente.

— Gostou das rosas? — Ele pergunta, quando chega até mim. Seus pés descasos tocando os meus, me fazendo olhar para baixo e me perguntar por que eu acho isso tão bonitinho... A gravidez me faz enxergar o mundo com grandes óculos cor de rosa.

— Sim, eu adorei... São lindas, obrigada. — Eu agradeço, o beijando brevemente; antes que Sam me empurre até a cozinha.

— Vocês nem deveriam estar juntos hoje. — Ela exaspera, apontando para Adam e eu com uma colher de chá. — Você deveria ter dormido na minha casa, Sarah.

— Bom dia para você também, Sam. — Adam passa por ela em direção a geladeira e bagunça o seu cabelo, apenas para ganhar um rosnado em resposta.

— Você jamais poderia trabalhar organizando casamentos, Sam. — Deixo as rosas sobre a mesa e encho uma enorme tigela de cereais com leite, já me preocupando com a minha próxima refeição. Sam vai me deixar comer? — Sinceramente, você deixaria as noivas doentes.

— Na verdade eu teria muito sucesso, sou ótima em mandar nas pessoas. — Ela diz totalmente convencida do seu talento.

Adam senta ao meu lado e me serve um copo de suco de laranjas, Sam a nossa frente. Então comemos em silêncio, enquanto ela fala por nós três. Ela está radiante e extremamente animada com todo o seu cronograma de noiva. Talvez eu devesse ter pensado em um casamento privado, realizado em alguma Ilha do Pacífico, onde somente os noivos estariam presentes.

— Eu não farei nada que me canse ou cause dor, preciso pensar no bebê e o Adam já disse que sou linda de qualquer jeito.

— A mais linda de todas. — Ele concorda, me puxando para um beijo.

— Limpeza de pele, manicure e hidratação capilar não causam dor, Sarah. — Ela replica com uma careta. — E quando vocês irão dar um nome

para essa criança? Eu ainda aceito a homenagem.

— De jeito nenhum. — Adam e eu dizemos em uníssono.

— Ok, pegue as suas coisas e vamos embora. Deixe a louça para o Adam.

— Eu preciso me trocar. — Digo com rapidez, já descendo da minha cadeira; com medo que ela me faça ir apenas com o meu robe e sem sapatos. — Preciso de quinze minutos.

— Te dou apenas cinco. — Ela diz displicente, enquanto mexe em seu celular — Não me faça ir te buscar em seu quarto.

—Sam... — eu grito já na escada. — Vou demorar vinte minutos agora.

— Não corra na escada, Sarah, por favor. — Adam grita também, em tom preocupado, me fazendo caminhar com mais lentidão. — Obrigado.

Ele ainda está na cozinha e, portanto, não pode me ver., mas me conhece o bastante para saber que quando ele usa esse tom e a frase — por favor — , sempre será atendido. E talvez ele tenha me assustado o bastante, com todos os cenários que um tombo na escada poderia me trazer.

Quando chego ao quarto, eu não me preocupo em demorar apenas cinco minutos como Sam me instruiu, ela sabe desde muito pequena que suas ameaças não me assustam. Eu troco o meu robe, por um vestido confortável de algodão azul e calço meus chinelos pretos — os sapatos mais confortáveis para uma grávida — , eu mal sei como conseguirei andar com os meus sapatos de noiva.

Depois de escovar os dentes novamente e prender os cabelos, eu pego a minha bolsa de viagem que está no fundo do closet. Quase me senti preparando a minha mala para maternidade, enquanto arrumava as minhas coisas para o casamento; é provável que eu sinta a mesma emoção quando chegar a hora. Deixo a minha grande bolsa e a minha caixa de sapatos sobre a cama, antes de segurar o meu vestido de noiva. Ele está muito bem escondido,

estrategicamente oculto dos olhos e da curiosidade de Adam. Eu olho a minha volta, como se alguém pudesse estar me vigiando e quando me certifico que estou sozinha, deslizo o zíper do plástico preto que o protege.

Meus dedos passeiam com suavidade pelo material sedoso e branco diante de mim. Eu estou feliz com o resultado final do meu vestido, é simples e lindo, exatamente do jeito que sempre quis. Ele é em evasê, totalmente em cetim e cai com delicadeza até os meus pés em uma camada única de tecido, com apenas um pequeno forro de tule. Eu descobri que grandes camadas de tecido e vestidos muito volumosos, somente me deixariam maior e esconderiam a minha barriga. O que eu preciso confessar, é a última coisa que eu quero. Eu quero mostrar a minha barriga com orgulhoso, por isso o meu vestido tem uma faixa abaixo dos seios. O detalhe que mais adoro, é que essa faixa termina em um laço nas costas um pouco abertas. Pequenas mangas de renda completam o vestido e o deixam ainda mais delicado. Eu posso imaginar a minha filha o usando algum dia, porém, espero que para o bem-estar do coração do Adam, ela não esteja grávida.

O barulho de passos na escada me faz fechar rapidamente o zíper e esconder o meu vestido novamente. Já estou preparada para dizer algo para Sam, quando vejo Adam parado à porta.

— Não se preocupe, eu sabia que o vestido estava aí o tempo todo e não tentei olhar nenhuma vez. — Ele diz, levantando a mão esquerda em uma espécie de juramento. — Eu juro!

— Você sabia? — Eu pergunto surpresa, ganhando um sorriso em resposta — Eu achei que estivesse muito bem escondido, mas se você diz que não olhou; eu acredito em você.

— Pode acreditar, esse é um dos meus juramentos; jamais mentir para você.

— Eu adoro esse juramento. — Eu confesso, deixando o vestido cair em meus braços, enquanto eu vou ao seu encontro — Esse é o nosso último abraço antes do sim.

— Então eu preciso fazer valer muito à pena. — Ele fala, tirando o vestido do meu braço e o deixando pendurado na porta.

Ele me disse uma vez, que me deixaria morar em seus braços... Eu lhe disse uma vez, que talvez quisesse viver neles para sempre... É provável que tenhamos descoberto juntos, que nossos corpos se encaixam com perfeição, nossos corações pulsam em sintonia... Que se existe mesmo um destino, eu sou o seu, ele é o meu... Como um rio que flui de encontro ao mar, que teme se perder, que teme o desconhecido... Eu fui o rio um dia, ele sempre foi o meu mar... O seu amor me fez imensa como as águas salgadas que cobrem uma vasta extensão de areia sob ela. A sua paciência me deu coragem, quando eu temia me jogar na grandeza dessas águas... eu tinha medo de amar, porque o amor assusta. Ele pode ser como as ondas batendo em um rochedo... ora calmaria, às vezes tempestade... O amor é uma força devastadora... Ele pode curar, ele pode destruir..., mas, um amor assim como o nosso... um amor tão grande assim pode transformar tudo à sua volta. Seu amor mudou tudo em mim.

Ele me disse uma vez, que me daria tudo o que eu sonhasse... eu lhe disse uma vez, que tinha medo... nós descobrimos juntos, que ele sempre teve razão.

— Eu te vejo no altar. — Eu sussurro em seus lábios.

— Eu estarei te esperando. — Ele promete, antes de me beijar.



Colocar uma gravata não é exatamente a tarefa mais difícil do mundo para mim. Eu já fiz isso algumas vezes e posso fazê-lo sozinho, sem problema algum.

Eu também tenho algumas habilidades manuais...

Mas, agora, eu estou há exatos vinte minutos tentando dar o nó em minha gravata vermelha e não consigo. Esse é o último detalhe do meu traje e parece ser o mais difícil de todos.

Parece um quebra cabeça sem encaixe ou aqueles cubos mágicos que ninguém consegue resolver de verdade. Eu estou nervoso, é óbvio, dentro de uma hora irei me casar e mal posso acreditar nessa realidade. Estou sonhando há dias com essa cerimônia, grande parte porque eu não faço ideia de como ela realmente será. Estou curioso também, imaginando o grande circo que a minha mãe e os pais da Sarah armaram para nós.

Duas coisas que eu sei realmente; a decoração será em vermelho, azul e branco e casaremos em uma casa de campo. Eu estou feliz e isso é o que importa afinal. Por que conhecer todos os detalhes, quando tudo o que preciso é estar em pé no altar?

Cheguei à uma rápida conclusão, que o tipo de amor que Sarah e eu temos, vai além de qualquer coisa. Nós só queremos nos casar, tudo o que importa para mim é esperá-la no altar e vê-la caminhando ao meu encontro. E claro, a minha mãe me enlouqueceria totalmente se eu não a deixasse participar tão ativamente dos preparativos. Alguns diriam que isso é opressão, eu desde sempre aprendi a chamar de amor... um amor um tanto sufocante eu diria; mas é amor.

— Quer que eu te ajude? — Drew me pergunta, parando ao meu lado em frente ao grande espelho do quarto. Estamos em um pequeno hotel próximo ao local da cerimônia. Sarah, Mia, Chloe e todas as outras madrinhas, estão dois andares acima de nós.

— Acho que sim — digo, deixando a gravata de seda cair em ambos os lados do meu pescoço. — Embora ainda tenhamos tempo de sobra, não quero perder o casamento por culpa de um maldito nó de gravata.

— Eu achei que o meu irmão havia sido abduzido e diante de mim estava uma cópia alienígena dele, mas essa resposta dramática elucidou todas as minhas suspeitas. — Ele fala de forma brincalhona, deixando a minha gravata perfeita em menos de quinze segundos. — Você está assustadoramente calmo, juro que eu apostei que você choraria em seu casamento.

— De acordo com a minha excelente memória; você ficou com os olhos marejados em seu casamento.

— Olhos marejados não são o mesmo que chorar. — Ele me corrige rindo. — Eu achei que você fosse chorar mesmo, se banhar em lágrimas.

— Eu ainda não me casei Drew. Chorar ainda é uma possibilidade para mim.

— Foi o que eu imaginei. — Ele murmura, apertando o meu ombro. — Isso me tranquiliza um pouco.

— Mas talvez eu não chore, afinal, hoje é o dia mais feliz da minha vida. — Eu emendo. — Por que chorar, quando tudo o que eu mais quero é não parar de sorrir?

— Quando enfim olhar para Sarah, enquanto ela caminha até você,

sentirá algo totalmente diferente; pode acreditar.

— Drew sentimental... — eu digo, batendo em seu peito. — Então ainda mora um coração por baixo do seu colete à prova de balas?

— Eu sou sentimental, muito sentimental. — Ele afirma com um sorriso. — Só não sou sentimental com você.

— Eu quase acredito nisso — eu o puxo para um abraço demorado, apesar de todos os seus protestos. — Eu sei que você me ama.

— Você é o meu único irmão, eu não tive muita escolha sobre isso.

Eu beijo o seu rosto, algo que ele absolutamente detesta, mas que meu pai fazia sempre conosco. Principalmente quando éramos adolescentes e não suportávamos nenhuma demonstração de afeto parental.

— Eu vou me casar! — Eu exclamo em tom animado, voltado a me olhar no espelho. Eu tive dúvidas de que a combinação entre o terno azul marinho e a gravata vermelha, não seria das melhores..., mas eu estou bonito. — Garanto que você achou que esse dia jamais chegaria.

— Na verdade eu sempre soube que você se casaria. — Ele diz, ajustando o seu próprio terno. — Eu só temia que fosse com alguém absurdamente insuportável.

— E ao contrário disso, eu estou me casando com a mulher mais maravilhosa do mundo.

— A segunda mulher mais maravilhosa do mundo.

— Mia nem se compara a Sarah. — Ele coloca as mãos nos bolsos e me olha de forma desafiadora. — Tudo bem, fique com a sua mulher

maravilhosa e eu fico com a minha.

— Sábia decisão, a não ser que você queira se casar com um olho roxo.

— Adorei a piada. — Digo rindo de forma forçada, antes de me virar para a porta aberta.

Meu adorável cunhado, Estevan caminha até mim com um sorriso debochado. O seu traje é idêntico ao meu, um terno azul marinho de três peças; com exceção do estilo da gravata. A sua, do Drew e dos outros padrinhos é uma gravata borboleta. Nossos pequenos arranjos de lapela também são diferentes.

— Pronto? — Ele pergunta, parando diante de mim e apertando o meu ombro um pouco mais forte do que deveria fazer. Eu vivo cercado de ameaças físicas por todos os lados, talvez eu devesse pensar em uma aula de autodefesa.

— Sim, prontíssimo. — Eu devolvo, apertando o seu ombro também com força, até fazê-lo recuar. — Sabe da Sarah?

— Não, mas acho que ela está pronta também. — Ele diz, se juntando ao Drew antes de completar. — Meu pai acabou de subir para o quarto dela.

— Nós não podemos ir ainda? — Eu pergunto olhando para o meu relógio com ansiedade. — Podemos adiantar a cerimônia.

— Eu não faço a menor ideia, só estou aqui esperando alguém me dizer o que devo fazer. — Estevan fala, dando de ombros.

— Eu também não sei de nada. — Drew completa em tom calmo — Espere a mamãe, ela virá lhe buscar em algum momento.

— Isso soou engraçado. — Estevan diz, olhando para ele enquanto ri.

— Eu também achei. — Meu amado irmão concorda e ambos se juntam para debochar de mim.

Eu realmente gostaria de achar graça e rir junto com os dois, mas pode ser que eu esteja começando a ficar nervoso. Nervosismo do tipo que faz a minha gravata parecer apertada demais nesse instante. Ou será que Drew a apertou de propósito?

— Você está com as alianças? — Eu pergunto a ele, puxando o colarinho da minha camisa em busca de ar.

— Pela centésima décima vez, sim. — Ele responde, tirando a caixa de veludo do bolso interno do seu terno .

— Não as perca pelo amor de Deus.

— Elas estão seguras comigo. — Ele afirma, antes de guardá-las novamente.

Ficamos em um silêncio desconfortável, um olhando para o outro por pelo menos dez minutos. Eu sabia que seria difícil esperar, afinal, o que um noivo faz realmente em seu casamento? Ao que parece; absolutamente nada. Assim que Sarah e Sam saíram, me senti como a Chloe e pela primeira vez desejei ter um cachorro para me fazer companhia naquela casa tão grande. Ainda estou cogitando a possibilidade. Depois de lavar a louça do café e arrumar a nossa cama, eu me vi totalmente entediado. Drew me encontraria à uma da tarde e eu não tinha nada que pudesse me distrair. Então, joguei vídeo game... quando me perguntarem o que um noivo faz antes do casamento, eu direi; joga vídeo game.

— Então... — eu digo, soltando uma longa respiração e passando a mão no cabelo.

— Espere. — Drew fala, antes que eu consiga dizer mais alguma coisa.

— Ok... — digo simplesmente, me sentindo incapaz de esperar por mais cinco minutos.

Graças a Deus, a porta se abre mais uma vez e meu coração relaxa um pouco. A minha alegria só seria completa, se fosse a Sarah e não a Mia, que estivesse entrando agora. Ela está com um vestido vermelho, o mesmo tom da minha gravata, de alças finas e tecido leve. É comprido o bastante para que eu não possa ver os seus sapatos. O seu cabelo está solto, com um pequeno arranjo de flores na lateral... ela está bonita, não que eu vá dizer isso a ela.

— Ora, ora... eis o noivo. — Ela diz de forma engraçada, apontando para mim — Você está bonito.

— Eu sei. — Digo sorrindo para o revirar de olhos do Drew — Obrigado.

— Você deveria me dizer que eu também estou bonita... esqueça. — Ela faz um gesto de com as mãos, antes de prosseguir — A sua mãe está descendo em breve. Quando faltar vinte minutos para às três, um carro irá levá-los para a cerimônia.

— E por que não agora? — Eu pergunto, me sentando na poltrona ao lado.

— Eu não sei, pergunte à cerimonialista. — Ela responde, sorrindo para o Drew, enquanto ele lhe estende a mão — Ao que parece, os nossos passos precisam ser cronometrados também.

— Nós temos uma cerimonialista? — Stevan pergunta interessado, não me dando direito a replica.

— Sim. — Mia responde, seguida de um breve aceno de cabeça.

— Ela é bonita?

— Talvez... — ela diz, rindo do seu jeito.

— Vejo vocês mais tarde. — Ele diz, se despedindo com pressa.

— Por favor, você precisa estar no altar — Mia grita para uma porta já fechada. — Será que ele me ouviu?

— Não se preocupe, ele não precisa realmente estar no altar; a Sarah é a única presença indispensável.

— Ele é um dos padrinhos. — Mia diz de forma sucinta, como se esse simples fato explicasse tudo.

— Eu sei, mas tenho outros... — dou de ombros, me encostando mais na poltrona.

— Você é louco — ela diz quase bufando. — E não amasse a sua roupa.

Não que eu lhe deva alguma obediência, mas as suas palavras são o suficiente para me deixar alerta. Eu me sento ereto, quase como uma criança de castigo na sala da diretora... Eu não suporto esperar, Jesus, isso sim é o que vai me enlouquecer de vez.

— Onde estão a Chloe e o Noah? — Drew pergunta a ela, depois de colocar um dos braços em sua cintura.

— Noah está com a sua mãe, ela irá trazê-lo quando vier. Chloe irá no carro com a Sarah.

— Eu não vi a Chloe. — Eu comento com um sorriso genuíno — Como ela está?

— A menina das flores mais linda que você já viu. — Ela diz com alegria — Sem contar que ela está um poço de animação... Dois casamentos em tão pouco tempo, qual será o próximo?

Eu permaneço quieto, com vontade de cruzar os braços, mas com medo de amassar a minha roupa. Drew olha para os sapatos, porque nós sabemos bem de quem será o próximo casamento e ele não gosta tanto assim da ideia. Não que ele tenha algum direito de opinar; minha mãe já está casada com o Joel há muito tempo.

— Minha mãe. — Eu digo, fingindo uma tosse em seguida — O dia mais feliz da vida do Drew.

— Eu não me importo mais com isso, contanto que a Chloe não se case nos próximos quarenta anos; estou tranquilo.

— Cada vez que você fala sobre esse assunto, aumentam-se dez anos. Eu não serei um pai ciumento, isso já está decidido.

— Eu estarei lá para ver.

— Você será o meu convidado de honra.

Ele ri, antes de beijar a Mia... O que me deixa com inveja, não que eu queira beijar a Mia; mas eu daria tudo para estar com a Sarah nesse instante. Saber que estamos no mesmo hotel e ainda assim não podemos nos ver, me deixa frustrado. Pior do que isso é a sensação de que os minutos não estão passando... eu descubro o porquê, quando percebo que a minha mãe está

atrasada e a rainha só dá o ar da sua graça, quando eu estou quase arrancando os cabelos.

— Graças a Deus. — Exclamo assim que a porta se abre. — Você se esqueceu de mim, mãe.

— Eu estava terminando de ajeitar o meu cabelo, Adam. Além do mais, esqueci os meus sapatos em casa e Joel precisou ir buscá-los para mim.

O seu cabelo está exatamente igual aos outros dias, com exceção de uma presilha dourada na lateral. O que ela poderia ter feito nele, que demorasse tanto assim?

— Nós vamos nos atrasar, não podemos nos atrasar — seguro o seu braço e apenas segundos depois, percebo Noah em seu colo. — Dê o bebê para Mia.

— Ele tem um nome, sabia? — Mia me corrige, enquanto rouba o filho dos braços da minha mãe.

— Você o chamou de bebê por muito tempo — eu devolvo, segurando os dedos gordinhos de Noah... Ele está fofinho, com uma camisa branca e calças pretas; além de um mini suspensório. É incrível como ele se parece com o Drew agora, isso me faz querer ter um filho também, para se parecer comigo.

— Ok, não surte Adam. — Minha mãe sibila, ao tocar o meu rosto.

— Eu estou calmo. — Eu afirmo com um sorriso, aceitando um beijo no rosto. — Só precisamos ir, por favor.

—Você está lindo. — Ela me elogia, com pequenos tapas no meu rosto. Talvez um pouco fortes demais. — Agora me escutem... Mia e Drew, vocês podem ir, nós nos encontramos daqui a pouco.

— Boa sorte! — Mia exclama, passando por mim — Tente não desmaiar.

— Engraçadinha... não perca as minhas alianças, Drew.

— Vou jogá-las pela janela enquanto dirijo. — Ele ameaça com voz divertida, fechando a porta em seguida.

— Ele está brincando. — Minha mãe me diz, quando me vê com a boca aberta... eu sei que ele estava, só não tive tempo de responder. — Estou tão feliz, Adam. O seu grande dia chegou.

— Obrigado, mãe — eu a abraço com genuína felicidade e gratidão. Ela retribui o meu abraço e deixa que ela leve o seu tempo... pensando em mim quando era criança e todas essas coisas que as mães com certeza fazem em ocasiões assim. — Agora vamos, por favor.

— A Sarah não irá fugir, acalme esse coração.

É tão fácil me pedirem calma, quando eles não estão no meu lugar. A única coisa que me causa nervosismo é essa torturante espera. Saímos do meu quarto — onde eu sinto que estive preso nas últimas horas — e Joel nos espera do lado de fora. Aparentemente eu não estou apto a dirigir, não quando todos me dizem para me acalmar. Abraço Joel e aceito os seus cumprimentos, antes de me ajeitar no banco do passageiro, minha mãe atrás, Joel na direção.

Já tiveram a sensação de que minutos demoram horas?

Foi assim durante todo o trajeto até a casa de campo, dez minutos equivalentes a uma eternidade.

Desço do carro antes mesmo que Joel termine de estacionar e abro a porta para mim. Ela segura a minha mão estendida e sai do carro com um sorriso no rosto, quase tão brilhante quanto o seu vestido dourado. Eu tenho certeza de que lhe mandaram usar outra cor, mas minha mãe é uma rebelde; ela faz o que quer.

Caminhamos pelo longo trajeto de pedras, que nos leva até a escadaria principal. A casa diante de nós é grande e opulenta, linda por dentro e por fora. Sarah me mostrou dezenas de fotos, mas não tivemos a oportunidade de conhecer o local antes do casamento.

Enquanto subimos em direção a casa, eu me preocupo com o fato de que Sarah irá subir também, a possibilidade de algum acidente, me faz apertar um pouco mais o braço da minha mãe. E pensar que um dia, eu achei graça ao imaginar Mia caindo na igreja... bem, ainda é um pouco divertido quando eu penso.

— Esse lugar é lindo, talvez eu também me case aqui — minha mãe me diz, depois de contornarmos toda a casa e chegarmos até o imenso campo decorado.

— Eu te imagino casando na praia ao final do dia, faça algo original — digo, arrancando uma risada dela.

Paramos na lateral da casa, uma parte coberta e fresca, de onde temos uma visão plena do altar e do caminho que nos levará até ele. Está perfeitamente decorado. Isso me faz sorrir, porque sei que Sarah irá amar tudo, assim que seus olhos passearem pelo local.

Cadeiras brancas foram distribuídas de forma igual em ambos os lados, deixando um amplo caminho entre elas, onde um tecido branco foi estendido como um grande tapete. Pétalas de rosas brancas e vermelhas foram jogadas ao lado do tecido, próximo as cadeiras. Quatro degraus de pedra nos levam ao altar, onde um gazebo de madeira foi posicionado. Com véus brancos e flores vermelhas por toda a sua extensão. Está lindo, além do que eu poderia ter desejado ou até mesmo planejado. A maioria dos convidados já chegou e, encontrou o seu acento. Grande parte deles, pertence à família da Sarah, sei que o seu pai fez questão de convidar metade do país para estar aqui hoje.

Eu respiro o mais pausadamente possível, buscando acalmar o meu coração, quando uma música começa a tocar e os padrinhos entram. Minha mãe enrosca o braço no meu, ficando à minha esquerda.

— Eu estou tão feliz por você, Adam. Sarah é uma mulher maravilhosa. — Ela diz, encostando a cabeça em meu ombro — E você é um filho maravilhoso também, sempre me trouxe muito orgulho.

— Mais do que o Drew? — eu pergunto de forma brincalhona, tentando aliviar o meu nervosismo.

— Tanto quanto o Drew... Vocês dois são incríveis, Deus não poderia ter me abençoado mais.

Eu beijo a sua testa com carinho, antes de sorrir e olhar para frente. Enfim eu vejo a cerimonialista, uma morena baixinha com cabelos até o ombro. É estranho que eu não a tivesse conhecido até esse instante, quando sou o noivo. Mas a estranheza é um pré-requisito para essa família. Ela faz um gesto de mão, assim como um manobrista, indicando que deveríamos entrar.

A maior loucura que já fiz na vida, foi saltar de paraquedas. Adrenalina fluiu em minhas veias, em doses nunca antes experimentadas, foi algo avassalador e temeroso. Na verdade, eu achava que jamais provaria algo assim. Quase inexplicável em palavras... até esse instante, eu achei que nada se assemelharia a isso, mas enquanto eu caminho até o altar, todos os olhos em mim, é como se estivesse em queda livre com os pés totalmente fixos ao chão.

Eu sinto medo, mas é tão efêmero que não posso dizer que foi real. A adrenalina e ansiedade se sobrepõem sobre o nervosismo e quando paramos diante dos degraus que eu deverei subir; olho outra vez para minha mãe e sorrio com o coração. Eu sabia que ela iria chorar, então, eu a abraço um pouco mais demorado, antes de deixá-la ir e me posicionar no altar.

Eu tenho a visão mais privilegiada de todas. Os convidados a minha frente. Meus padrinhos, ao lado esquerdo, a começar por Drew. As madrinhas do lado direito, a começar por Mia.

Coloco as mãos nos bolsos e me sinto incapaz de me mexer, quando *When God Made You* começa a tocar. Chloe entra primeiro, sorridente e alegre. Ela é sempre linda, mas agora é como se uma grande luz se irradiasse dela enquanto caminha. Deixando as pétalas vermelhas de sua cestinha, caírem sobre o pano branco enquanto caminha. Seu vestido é todo branco e volumoso, como se fosse uma das suas roupas de balé favoritas, mas muito mais comprida que o usual. O que a deixa absolutamente adorável é o arranjo floral em sua cabeça, uma coroa em vermelho e branco. Todos estão apaixonados por ela e eu não posso controlar o meu sorriso, ainda mais quando ela desvia de seu caminho e vem me abraçar.

— Oi, tio Adam. — Ela sussurra em meu pescoço, quando eu a levanto no ar. — A tia Sarah está já vinda.

— Obrigado... você cuidou dela para mim?

— Sim, eu cuidei. — Ela diz sorrindo. — Do bebê também.

— Essa é a minha garota. — Eu a beijo demoradamente, antes de colocá-la novamente no chão.

Ela vai até onde o seu pai está e o beija também, fazendo todos rirem e se encantarem um pouco mais. Por fim, ela se senta junto a minha mãe, Noah e Joel na primeira fila de cadeira.

Então é isso...

Eu vejo primeiro o pai de Sarah, segundos depois ela aparece e coloca o braço junto ao seu, sorrindo para ele... meu coração dispara de uma forma assustadora, ela está absurdamente linda e meus olhos se fixam em seus movimentos, o mundo deixou de existir no instante em que ela começou a andar tão graciosamente. Eu nunca me esquecerei desse momento, nem que eu viva cem anos, nem que a vida me proporcione as melhores emoções; essa lembrança ficará em mim para sempre.

Drew estava certo, é diferente de tudo o que eu já vivi antes.

Eu só acho que a amo um pouco mais a cada passo, a cada segundo. Eu sei que eu deveria esperar que eles chegassem até o final do caminho, então eu desceria esses poucos degraus e a buscaria. Alguém me disse que deveria ser assim, mas eu não posso esperar até que isso acontece. De onde estou, parece-me que o caminho é imenso e ela nunca chegará. Eu ando apressado e os encontro na metade do caminho, ganhando um sorriso carinhoso de Sarah e um olhar de censura do meu sogro. Mas quem se importa com isso? Somos só nós dois agora.

— Cuide bem da minha filha, rapaz. — Ele diz, seguido de um aperto de mão forte.

— Você nem deveria me dizer isso mais. — Eu digo com seriedade e antes de completar, olho para Sarah — Se eu a machucar, eu machuco a mim mesmo... se eu a fizer feliz, farei feliz a mim mesmo.

— Boa resposta. — Ele sorri, batendo em meu peito. Então se vira para filha, beijando o seu rosto e lhe sussurrando algo.

Quando estamos sozinhos, eu seguro a sua mão e a beijo. A minha testa na sua pelo máximo de tempo que eu posso, antes de lhe beijar mais uma vez e sussurrar. Alguém me disse que eu não deveria beijá-la, como se existisse alguma força em mim, que pudesse me parar nesse momento.

— Você está linda... linda demais!

— Você está lindo também.

— Você está nervosa? — Pergunto, me perdendo em seus olhos. Eles estão tão verdes agora, a deixando muito mais linda.

— Claro que não. Como eu poderia, se eu te amo tanto?

— Eu te amo muito, muito mais — ela sorri e eu percebo que ela é a calma que eu precisava. Qualquer ansiedade se dissipou com o seu toque.

Nós caminhamos até o altar por fim, depois de termos saindo totalmente do cronograma. Sarah entrega o seu buquê para Mia e segura a minha mão novamente. Estamos em frente ao padre, um silêncio respeitoso se instaura mediante as suas palavras sábias e tocantes. Eu ouço tudo o que é dito com o máximo de atenção possível, embora não posso proibir os meus olhos de se fixarem em Sarah. As emoções tão nítidas em seu rosto, em seu olhar... eu penso em cada momento ao seu lado. Tudo o que conquistamos, os medos e incertezas que deixamos para trás. A felicidade e benções com as quais preenchemos cada um dos nossos dias. No futuro tão lindo que nos espera... em nossa filha tão desejada e querida.

O momento dos nossos votos chega e eu me sinto muito próximo de chorar.

— Adam... — ela começa; segurando a minha mão. Olhando-me como se o mundo e as pessoas ao nosso redor não existissem mais. — Eu prometo honrar o seu amor a cada dia, prometo compreensão e apoio para os dias difíceis, abraços, beijos e sorrisos que curam... prometo um milhão de sonhos, um milhão de planos, um milhão de razões para não desistirmos mesmo quando a tempestade nos pegar. Prometo um lar cheio de ternura e conforto, um lugar para nos escondermos, quando tudo lá fora for escuridão... prometo um lugar no meu coração onde ninguém mais morou, um lugar que estava guardado exatamente para você... um lugar que será seu para sempre, assim como a minha vida e o meu amor eterno.

Drew já entregou as alianças ao padre, então ela pega o anel correspondente a mim e o desliza em meu dedo, terminando por segurar a minha mão entre as suas e beijando a minha aliança... A essa altura, as suas lágrimas já estão fluindo livremente e eu as limpo com delicadeza, antes de recitar os meus próprios votos. Tem tanta coisa que eu gostaria de dizer, eu pensei em meus votos um milhão de vezes. Cogitei até inventar um novo vocabulário, porque as palavras existentes não me bastam.

— Sarah — sussurro o seu nome como uma canção. — Eu prometo te fazer feliz todos os dias, mesmo que a felicidade não seja garantida a ninguém; a você ela será. Prometo cuidar da nossa família como o tesouro precioso que você, a nossa filha e os filhos que vierem depois dela, serão para mim. Prometo dias de sol e brisa suave, em meio a qualquer temporal. Prometo abrigo em meu coração, conforto e calor em meus braços. Prometo o eterno, prometo o além e o para sempre... E por fim, prometo a certeza de que nenhuma mulher nesse mundo, será mais amada e adorada que você.

Eu pego a aliança de Sarah e deslizo lentamente pelo seu dedo anelar, terminando por trazer a sua mão até a minha boca e depositando um beijo em cima do anel... *minha esposa*... As palavras ecoam por toda a minha mente, se tornou o pensamento mais lindo de todos. Dizemos o nosso *sim* e somos autorizados a nos beijar. O nosso primeiro beijo como marido e mulher, provavelmente o mais doce de todos. Nossos lábios se encontram com um turbilhão de emoções, felicidade plena fluindo de todos os nossos poros.

Sorrimos ainda com as nossas bocas juntas, antes de Sarah recuperar o seu buquê e entrelaçar a sua mão vazia na minha. Tão firme, como a garantia silenciosa de que ela jamais me deixará. Quando trilhamos o caminho inverso ao que nos trouxe até aqui, as pessoas gritam e aplaudem à nossa volta. Eu não enxergo nada e nem ninguém; apenas a mulher ao meu lado... A minha mulher...

Paramos no final do caminho, nossos pés no início do gramado descoberto, todas as cadeiras e convidados atrás; ainda ovacionando em felicidade. Eu a seguro em meu braço, o mais aperto que sua barriga e o medo de machucá-la me permitem.

— Feliz senhora Scott?

— Mais do que eu poderia imaginar que fosse possível — ela diz com emoção.

— Eu conheço esse sentimento. — sussurro em seu ouvido, beijando o seu pescoço em seguida.

Ela ri em meu ombro, enquanto a giro em um movimento rápido. O mundo ao nosso redor, se tornando mais lindo com o som da sua risada. Então eu percebo que a minha vida nunca fez tanto sentido como agora, quando eu tenho em meus braços, os dois amores da minha vida... eu me sinto completo.



A música alta da nossa festa vai ficando para trás, enquanto o carro de Adam deixa o local da cerimônia. A celebração ainda está no seu auge e foi quase impossível convencer as pessoas a nos deixarem ir embora. Mas eu estou exausta, é bem provável que eu tenha perdido os meus lindos sapatos, depois de tê-los deixados no gramado ao lado da minha cadeira. O alívio de tirá-los finalmente e deixar os meus pés respirarem foi tamanho, que eu me esqueci completamente de que estava descalça. Só percebi, quando os meus pés tocaram o tapete do carro, a textura fria do couro me fez olhar para baixo e me lembrar dos sapatos bordados.

Enquanto Adam dirige, digito uma mensagem para Sam, pedindo que ela ache os meus sapatos. Eu odiaria perdê-los, e não ser capaz de guardar essa lembrança junto ao meu vestido. Ela me manda uma carinha sorridente em resposta e me pergunta se sou a Cinderela agora. Isso me faz olhar para o Adam e sorrir, sabendo que eu com certeza já tenho, o meu príncipe.

— Tem certeza de que não quer ficar no hotel essa noite? — Ele me pergunta, sorrindo tão lindamente... Como se soubesse que, além de estar ao meu lado, ele não sai um segundo dos meus pensamentos.

— Eu prefiro dormir em nossa cama. — Eu respondo, tocando o seu braço. — Mas se você quiser muito ficar no hotel hoje, eu posso fazer a sua vontade.

A suíte em que eu fiquei durante as horas que antecederam o nosso

casamento ainda está reservada para nós e era suposto que passássemos a nossa noite de núpcias lá... com pétalas de rosas e velas perfumadas, e aqueles arranjos de toalhas que parecem cisnes sob a cama. Tudo parece realmente lindo quando colocado dessa forma, mas por algum motivo que eu não posso explicar de verdade; tudo o que eu quero essa noite é dormir nos braços de Adam, em nossa cama.

Nós já conversamos infinitas vezes ao mesmo tempo em planejávamos e sonhávamos com o nosso futuro, e foi decidido que só iremos viajar quando a nossa filha nascer. As pessoas me dizem o quanto isso é ruim, que devemos aproveitar todo tempo vago que temos enquanto somos apenas dois, que uma criança apenas iria arruinar toda a diversão. *Ok...* Todas as opiniões foram ouvidas e descartadas... eu só posso pensar que o nosso bebê trará mais luz e felicidade à nossa vida e nada que façamos em sua companhia poderá ser desagradável. Graças a Deus, Adam e eu concordamos com isso.

— Eu não me importo. — Ele diz por fim, me trazendo de volta à realidade. — No hotel ou em casa... Até mesmo no banco do parque; se você estiver lá, eu estarei também.

— Pare de ser lindo! — Eu brinco, deixando a minha mão deslizar de seu braço, até tocar a sua mão sobre o volante. A minha aliança se destaca e me traz uma gostosa pontada em meu coração.

— Você sabe que eu não posso. Ser lindo faz parte de mim... — ele diz, brincando também... *ou falando sério*. Em se tratando de Adam, tudo é possível.

A sua risada se mistura com a minha e eu toco a minha barriga; nossa filha se mexendo euforicamente aqui dentro. É o modo de ela dizer que está aqui também, e ela com certeza achará o seu pai tão lindo quanto eu acho. Eu já me conformei que serei a sua segunda pessoa favorita. Como competir com o Adam pelo primeiro lugar? Eu não tenho a menor chance, mas isso não me aborrece nenhum pouco; ele é a minha pessoa favorita também.

Olho pela janela, ainda tocando a minha barriga e repassando em minha mente todos os momentos dessa noite. De certa forma eu me sinto entorpecida de tanta felicidade, perguntando a mim mesma se algum momento se sobreporá a esse em mim minha vida... ao mesmo tempo, desejo que sim.

Quase como se fosse uma oração silenciosa, eu desejo ter um milhão de outros motivos tão doces para sorrir.

Dez minutos depois, Adam estaciona na garagem de casa. Eu espero que ele saia e abra a porta para mim, aceitando a sua mão com um sorriso no rosto e quando dou a volta no carro; não posso conter uma risada. Adam fez questão de colocar uma placa com a típica frase — recém-casados —, na parte traseira do carro. Ele me disse que morreria que não vivesse esse momento tão sonhado, mas eu consegui convencê-lo a não colocar as latinhas amarradas... O barulho seria realmente chato e eu nem sei se alguém ainda faz isso nos dias de hoje.

Eu espero pacientemente nos degraus da nossa varanda, enquanto o vejo pegar as nossas bolsas no porta malas.

— Espere aqui. — Pede, me beijando levemente quando passa por mim. — Não se mexa.

Eu ouço o barulho de suas chaves na porta e o baque suave das nossas malas chegando ao chão. Fecho os olhos e respiro suavemente, sentindo a brisa da noite em meu rosto. Adam vem até mim em silêncio, mas eu sinto o seu perfume, mesmo que os seus passos mal sejam ouvidos. Ele para atrás de mim, uma mão em minha barriga, a outra em minha nuca, dedos suaves em forma de toque. Então os seus lábios estão no mesmo lugar, beijando demoradamente... E as borboletas? Vocês já sabem; elas adoram beijos na nuca... elas adoram beijos de Adam.

— Pronta? — Ele sussurra em meu ouvido, beijando atrás da minha orelha também.

— Sim. — Murmuro sorrindo, louca para me virar e beijá-lo também; porém de alguma forma não consigo me mexer.

A mão em minha barriga me abandona, indo até as minhas costas. A mão livre vai vagarosamente até os meus joelhos, me impulsionando até os seus braços. Eu já previa essa cena, ele me carregou para dentro de casa no dia em que nos mudamos. Segundo ele, isso traria sorte. Ele me disse que faria o mesmo, quando nos casássemos. De algo forma fofa, isso é importante para ele e só faz com que eu me sinta especial e querida.

— Não bata a minha cabeça na porta. — Demando, colocando os meus braços em seu pescoço e aspirando seu perfume.

— Não prometo nada. — Ele replica rindo.

Passamos pela porta e ele a empurra com o pé, como eu sempre faço e eu percebo que as luzes não estão acessas, mesmo assim não estamos no escuro completo. Pequenos feixes de luz banham a nossa sala, passando em seguida pela escada. Eu percebo então, as dezenas de velas acesas em potinhos de vidros, distribuídas pelos degraus. Além das pétalas de rosas jogadas ao chão, deixando um caminho que nos leva até o andar.

— Eu espero que você não tenha usado as minhas rosas. — Adam ri em meu pescoço, não me soltando quando eu me contorço em seus braços.

— Eu não usei, elas estão intactas e absolutamente seguras na cozinha.

— Quando você acendeu essas velas? Poderia ter sido perigoso.

— Apesar de não parecer, eu já sou adulto e um pouco responsável.

— Um pouco... — eu enfatizo, o beijando em seguida.

— Um pouco, porque na maioria das vezes, ser responsável não é tão divertido assim.

— Você vai me colocar no chão? — pergunto ao mesmo tempo em que ele começa a andar e subir as escadas.

— Daqui a pouco.

— Eu não estou muito pesada?

— Eu não te diria se você estivesse. — Olho para ele, fingindo aborrecimento. — Mas, é claro que você não está, além do mais, pensar nisso significa que você subestima a minha força.

— E é claro que você é muito forte. — brinco, apertando o seu braço para enfatizar. — Muito, muito forte.

— Isso mesmo. — Ele ri, me deslizando ao chão, quando paramos em frente ao nosso quarto.

Olho para o interior à minha direita, onde o caminho de rosas continua até terminar em nossa cama. Volto a olhar para ele, meus pés descalços me deixam muito mais baixa agora, mas, nossos olhos se encontram cheios de emoção. Meu rosto chega até o seu peito, ele beija o meu cabelo e descansa o queixo no topo da minha cabeça. Ficamos assim por muito tempo, suas mãos subindo e descendo pelas minhas costas em uma carícia reconfortante. É quase como uma dança, embora não estejamos nos mexendo exatamente.

— Eu já te disse o quanto estou feliz? — Adam me pergunta, sua voz ecoando rouca e forte no silêncio da nossa casa.

— Sim, quando dançamos a nossa valsa. — Eu respondo ainda em seu peito. — E durante a noite, todas as vezes em que eu olhei para você, vi em seus olhos a sua felicidade.

— Eu não poderia esconder de ninguém a minha felicidade... assim como não posso esconder de ninguém o tamanho do meu amor por você.

Eu beijo o seu peito ainda sobre a camisa, é provável que ele também tenha perdido o seu terno e gravata ao longo da festa. Os três primeiros botões estão abertos me permitindo tocar a pele da sua garganta com um beijo rápido, subindo pelo seu queixo até que as nossas bocas se encontrem. Um beijo lento e sedutor, íntimo, que me consome completamente. Como se

pudesse me tirar do chão e me levar para outro lugar... suas mãos seguram o meu rosto, sua boca se abre sobre a minha, o seu sabor explode em minha língua. O calor do seu toque me aquecendo como as chamas das velas ao nosso redor. Ele aperta a minha cintura, enquanto eu abro lentamente os botões fechados em sua camisa. Minhas mãos tocam o seu peito sob a camisa que acabei de abrir e deslizam o tecido por seus ombros, até tocar o chão. Eu mal percebo, mas não posso evitar que os meus pés se mexam junto aos seus, enquanto Adam me leva para dentro do quarto. Ele interrompe o beijo apenas por alguns segundos e me olha intensamente, quando a sua mão puxa a grande fivela em meu cabelo. Uma parte dos fios cai em meus ombros e costas, a outra parte ainda se mantém presa pelos inúmeros grampos do meu penteado. Adam me beija pausadamente, ao mesmo tempo em que suas mãos trabalham com delicadeza tirando todos os grampos, até que o meu cabelo esteja solto em suas mãos.

— Eu amo o seu cabelo. — Ele murmura, deixando os dedos viajarem pelos fios; terminando em minha nuca.

Eu sorrio em sua boca e ele não me deixa responder, me beijando novamente, dessa vez mais calorosamente. É quase avassalador, as sensações se espalham por todo o meu corpo, como se seus lábios estivessem em vários lugares ao mesmo tempo.

Ele se senta, eu permaneço em pé. A minha mão toca a minha boca inchada de seus beijos e eu lamento com um pequeno gemido, a perda do seu toque; do seu calor. Suas pernas se abrem para que eu me encaixe entre elas e ele beija a minha barriga. É palpável o amor em seus gestos, beijos espalhados com delicadeza, como se ele sussurrasse uma canção enquanto faz isso. Então suas mãos desfazem o laço nas costas do meu vestido e tão habilmente que me faz sorrir; ele desfaz o zíper também. Pausadamente ele tira o vestido do meu corpo, começando pelos meus braços, barriga e pernas. Eu aceito a sua mão e a seguro firme, enquanto tiro as minhas pernas de dentro da cascata de tecido aos meus pés. Seus olhos me bebem, passando por todo o meu corpo com lentidão e intensidade. Apenas um olhar... sem palavras ou outras ações necessárias... basta somente um olhar compartilhado em silêncio, para que eu me sinta linda e apreciada. Foi assim desde a primeira vez e nada mudou desde então, a não ser a crescente paixão. Meu coração acelera e bate tão rápido que eu me pergunto se ele pode ouvi-lo também, e eu quero tocá-lo, mas eu espero.

Por fim, as suas mãos apertam as minhas coxas nuas, subindo em

vagarosa tortura, parando em meu quadril. Com um aperto forte, ele me traz outra vez até ele. Sua boca em minha barriga, beijos molhados espelhados pela pele exposta à sua visão. Sua língua quente toca um dos meus seios sobre o sutiã de renda vazado. É possível sentir o seu toque tão vividamente, mesmo através do tecido e isso envia um milhão de pequenos arrepios por toda a minha pele. É como sentir frio e ansiar pelo calor que somente os seus beijos e mãos são capazes de me trazer. Ele beija o outro seio da mesma forma e com a mesma habilidade anterior, abre o meu sutiã com um simples movimento de seus dedos em minhas costas. Agora são língua e pele, beijos e pequenas mordidas. Eu ofego, as minhas mãos tocam o seu cabelo e descem por suas costas e então estamos tão próximos quanto seria possível nesse instante. Sua boca sobe pelos meus seios em direção ao meu ombro, deixando uma pequena mordida. Ele beija o meu pescoço da mesma forma, beijos molhados de boca aberta...

Então estou de costas, o meu cabelo se espalha sobre a cama com o movimento que Adam fez para me deitar. Ele está sobre mim rápido o bastante para que eu não sinta a sua falta, seu corpo sobre o meu, ocupando todo o espaço disponível. Ele cheira o meu cabelo e volta a beijar o meu pescoço, indo em direção ao queixo e tomando a minha boca outra vez. Minhas mãos em seu rosto, colocando ainda mais a sua boca na minha, não querendo que ele vá para longe de mim. Sei que poderia beijá-lo para sempre, eu poderia ficar aqui até que não houvesse mais ar. Ele morde o meu lábio inferior e ri do meu desespero, então os seus beijos fazem o caminho inverso em meu corpo; tocando e beijando cada centímetro de pele que encontra. É como ser apanhada por um furacão, girando sem controle através das espirais de emoções. Ele tira a minha calcinha com delicadeza, beijando docemente a minha tatuagem e seguida. Muito antes que a minha barriga de grávida existisse, Adam tratava a minha borboleta com carinho e doçura. Talvez isso tenha contribuído para que eu o amasse mais facilmente. Não que tenha existido alguma chance, de que eu não caísse completamente aos seus pés.

Estou nua e ele me olha fixamente, em pé ao lado da cama, enquanto tira o resto de suas próprias roupas. Meus olhos passeiam pelo seu corpo também, com a mesma paixão que os seus refletores. Ele vem sobre mim e eu toco os seus ombros, buscando a sua boca, mordendo os seus lábios também, beijando o seu queixo e pescoço; sentindo que nenhum toque é o suficiente para acalmar as batidas descompassadas do meu coração.

Sua testa toca a minha, me pedindo silenciosamente para olhá-lo. Enquanto ele desliza lentamente para dentro de mim, nossos olhos não se perdem. É sempre assim quando fazemos amor, ele gosta que eu olhe para ele e se eu fecho os olhos; ele me pede para abri-los. Agora, eu apenas me sinto

presa pela energia que seus olhos transmitem aos meus. O aperto em meu quadril é forte, quase doloroso; mas em contraponto, a sua mão é suave sobre a minha barriga. Ele se movimenta lentamente, uma das minhas pernas se enrosca em seu quadril e encontramos o nosso próprio ritmo. Como uma dança, onde os nossos corpos se encontram com sintonia. Nossas respirações cada vez mais ofegantes, e são como música preenchendo as paredes do nosso quarto.

— Sarah... — ele sussurra na curva do meu pescoço. Nunca pensei que meu nome pudesse soar tão lindamente, até eu ouvi-lo da boca de Adam com tanta paixão e prazer entoados nele.

— Adam... — eu devolvo no mesmo tom, o beijando, quando ele volta a me olhar.

Ele geme em meus lábios, os seus movimentos são mais urgentes, mais carnavais. Toco as suas costas, o suor sob os meus dedos, deixando um rastro por onde minhas unhas deslizam e arranham. O barulho dos nossos corpos se chocando, juntando-se as nossas respirações, tornando o barulho cada vez mais alto. Me sinto no limite, apenas entregue a toda grandeza desse ato, o amor exala de nós dois, como um perfume na noite.

Mordo os lábios para não gritar quando as intensas ondas de prazer fluem através de todo meu corpo. Eu fecho os olhos, buscando normalizar a minha respiração; esperando que nossos corações se acalmem. Isso demora alguns minutos. A cabeça de Adam descansa em meus seios, mas ele não deixa o seu peso totalmente sobre mim. A sua mão não abandonou a minha barriga e isso me faz sorrir. Cubro a sua mão com a minha, entrelaço os nossos dedos e os trago até os meus lábios; então beijo a sua aliança.

—Eu te amo. — Ele recita, me beijando suavemente.

— Eu te amo também. — Devolvo com uma emoção ainda maior.

Ele sorri, beijando o topo de um dos meus seios e volta a deitar a sua cabeça sobre mim. Eu espero que ele se mexa e me deixe livre também, embora eu pudesse com certeza dormir desse jeito. A sua respiração fica

suave e minutos se passam até que eu toque os seus ombros.

— Adam. — Eu o chamo calmamente, apertando um pouco mais o seu braço.

— O quê? — Ele pergunta em tom divertido.

— Volte para a sala e apague todas aquelas velas.

— Eu já estou indo.

— Agora... — eu tento empurrá-lo, mas acabo rindo de mim mesma. Diferente da Sam, eu sou péssima para mandar em alguém.

— Nós nos casamos há o quê? Sete horas?

— Sim — respondo, depois de calcular mentalmente as horas — Por quê?

— Você já está querendo mandar em mim, exatamente como uma esposa faz. — Ele levanta a cabeça para me olhar.

— Isso mesmo. — Eu falo em meu tom mais sério, fingido, é claro — Isso te aborrece de alguma forma?

— Nada em você me aborrece; querida Sarah. — Ele afasta o cabelo do meu rosto e me beija uma última vez antes de se levantar. — Não quer me ajudar? Brincar com fogo pode ser muito divertido.

Eu balanço a cabeça, rindo alto, enquanto ele sai do quarto.



Quando eu soube que estava grávida, um dos meus primeiros pensamentos foi; *que o bebê seja saudável.*

É provável que esse seja o pensamento de oito em cada dez pais, ainda estou deixando uma grande porcentagem que não pensaria nisso. No caso do Adam foi; *que seja uma menina.*

Mas tudo o que passou em minha cabeça nos primeiros meses, foi a ansiedade de saber que tudo correria bem. Que eu teria uma gravidez calma e sem grandes surpresas, que o bebê se desenvolveria bem e forte... quando eu soube que tínhamos uma menina, a primeira coisa que eu pensei foi; *não farei um quarto rosa e cheio de laços.* Eu queria algo bem clean, em tons pastéis, nude me pareceu uma cor incrível. Isso foi antes, esse é o agora... Apenas saibam que os laços e ursinhos fofos vendidos em lojas para bebês, exercem um poder gritante sobre as nossas escolhas.

No começo eu escolhi peças mais sóbrias, nada de babados *ou* fitas. Mas como conter o desejo de transformar o seu bebê em uma pequena bola de algodão fofinha? É impossível não comprar uma roupa, apenas imaginado o bebê dentro dela e a imensa vontade que você terá de enchê-lo de beijos... eu fui pelo caminho da fofura, era inevitável; eu somente cedi.

Quando Adam e eu nos mudamos para a nossa casa, uma das primeiras coisas que fizemos foi escolher o quarto do bebê. É próximo ao nosso, no corredor oposto e grande o bastante para que pudéssemos decorá-lo com criatividade. Eu não tenho planos de deixar a nossa filha dormir sozinha nos primeiros meses, não importa quantos comentários sobre isso eu ouça. Já até comprei um daqueles berços fofos que ficam ao lado da cama dos pais. É

adorável.

De qualquer forma, nós começamos a decorar o quarto, semanas depois do nosso casamento. Não tínhamos mais nada para depositarmos a nossa energia e pensar em roupinhas, fraldas e berços, se tornou o centro da nossa vida. Quando entrei no sexto mês, decidimos as cores. Adam queria vermelho ou rosa. Eu queria branco e lavanda. Ficamos entre um rosa-escuro e o branco. Nós pintamos as paredes em seguida e foi uma das coisas mais divertidas que já fizemos juntos, mas não a mais fácil. Demoramos um pouco para aprender, porém, no final não poderia ter ficado melhor.

Então escolhemos os móveis. Eu havia me esquecido da variedade quase infinita que pode existir de berços, cômodas e prateleiras. Ainda dou risada cada vez que me lembro o quanto Adam ficou fascinado por um berço em forma de carruagem; sim, aquela da Cinderela. Era definitivamente um berço lindo e muito original, mas eu achei que ele não iria combinar com a decoração, sendo assim optei pelo clássico branco. Adam ainda fala sobre o berço em todas as suas oportunidades.

Foi difícil decidir onde os móveis ficariam, onde as prateleiras seriam fixadas e fiz o Adam arrastá-los dezenas de vezes até que eu estivesse satisfeita. A partir daí vivemos a parte mais emocionante; transformar o quarto da nossa filha em um pequeno quarto de princesa. E é exatamente assim que eu me sinto cada vez que estou aqui, é como se eu pudesse sentir a minha filha em meus braços; embora não possa esquecer um minuto sequer de que ela está dentro de mim. Estou no oitavo mês de gestação e isso explica a ansiedade crescente em mim, em Adam e em toda a família.

O que me preocupa um pouco é não termos escolhido um nome para ela ainda, é sério que tentamos uma centena de opções. Adam comprou um livro de nomes para bebês e me recita ao menos dez deles todas as noites... não se trata de simplesmente não gostar do nome, é mais como não sentir algo especial. Por que eu preciso sentir algo especial? Só sei que preciso urgentemente, minha filha precisa de um nome.

Isso me faz suspirar, enquanto deixo o meu copo de suco vazio sobre a pia da minha cozinha. Estou sozinha em casa, em uma quarta feira chuvosa e sem nada realmente para ocupar o meu tempo; senão as minhas mensagens com Adam ao longo do dia. Eu parei de trabalhar há alguns dias, não por não me sentir bem o suficiente para isso, mas porque ao que parece eles não precisam tanto assim de uma professora grávida. E eu tenho preenchido os meus dias fazendo sutis mudanças no quarto de bebê, abrindo todos os dias as suas gavetas para tocar as suas roupinhas e cozinhando; como se eu já não tivesse engordado o suficiente nesses meses. Essa é a parte favorita para o meu marido, voltar para a casa todos os dias e encontrar uma receita nova. Eu

desconfio de que ele não goste tanto assim de todas as minhas combinações gastronômicas, embora eu duvide que esse fosse capaz de me dizer algo assim.

Com um último olhar para a janela da sala e a chuva forte lá fora, eu subo as escadas em direção ao meu quarto. Esse é um clima propício para um bom livro ou um filme água com açúcar. Eu sei que acabarei dormindo, não importa qual seja a minha escolha do momento; então opto pelo livro. Ajeito-me na cama, travesseiros por todos os lados, e início a leitura. A história me prende nos primeiros quinze minutos, mas meus olhos pesam uma tonelada depois disso, tornando a tarefa de deixá-los abertos, impossível para mim. Eu sinto o livro escorregar vagarosamente dos meus dedos e ouço o som suave de sua chegada ao tapete, porém já estou em um estágio muito próximo do inconsciente. Meu corpo totalmente relaxado e entregue; então eu durmo...

Estou em um campo florido, é tão extenso e coberto de flores amarelas, vermelhas e lilases... meus olhos não conseguem enxergar o seu começo e nem o seu fim; é como se esse campo coberto de flores fosse tudo o que existisse sobre a Terra.

O sol está se pondo, deixando no horizonte aquela linda coloração alaranjada de final de tarde. Eu nunca vi nada tão fascinante assim... Uma brisa suave de vento passa por mim, mas de forma tão vagarosa, que eu quase posso tocá-la. Meus cabelos balançam com o movimento do vento ao meu redor, antes que ele passe pelas flores e a grama no chão. Um perfume floral agradável permanece no ar depois disso.

O silêncio é imenso e eu me sinto sozinha quando caminho devagar, digitalizando cada espaço que me cerca. Eu sinto uma paz tão grande, estranha, mas verdadeira e intensa; que começa pelos meus pés e passa por todo o meu corpo. Não sei onde estou, nem sei se isso é real ou apenas fruto da minha imaginação. Um sonho talvez? Não consigo me lembrar de ter ido dormir. Como vim parar aqui? Como faço para voltar? Será que quero realmente voltar?

O vento sopra mais uma vez, dessa vez forte o bastante para ser ouvido e passando por mim, é capaz de levantar a seda fina do meu vestido em camadas. Isso me faz olhar para mim mesma pela primeira vez.

A primeira coisa perceptível é a minha imensa barriga de grávida... meu vestido é lavanda suave, da mesma cor das flores que eu posso tocar enquanto caminho. Um laço pende sobre a minha barriga, começando abaixo dos meus seios e terminando em minha cintura. Meus cabelos longos, soltos, deslizando pelas minhas costas, em cachos suaves. Eu me sinto bonita. Uma

das minhas mãos jamais abandona a minha barriga, ao mesmo tempo em que a outra toca cada flor que encontro.

É como se isso fosse o Paraíso, ou um pequeno pedaço dele, em meu sonho. Sei que já andei alguns metros do ponto em que eu comecei, mas é como se não tivesse saído do lugar ainda. Eu estou completamente sozinha, nenhum som é perceptível aos meus ouvidos, além do zumbir do vento. Ora fraco como uma brisa, ora forte como o anúncio de uma tempestade. Eu deveria sentir medo?

Talvez eu devesse temer o desconhecido, mas a tranquilidade em minha alma não me traz temor algum. Eu me viro enquanto ando; a minha cabeça girando freneticamente em todos os ângulos em busca de algo novo. Então eu vejo uma árvore à esquerda da minha vista. Ela está longe, mas não o suficiente para que eu não possa notá-la. Ela é grande, gigantesca para ser mais exata. Um tronco tão marrom e folhas lindamente verdes e vidas que mal parecem reais. Tudo nesse lugar é lindo o bastante para não parecer real... E talvez não seja.

Assim como uma criança curiosa, eu sei que preciso chegar até a árvore e, deixando todo o bom senso de lado; eu corro.

Eu quase me esqueci completamente dessa sensação... com a barriga tão grande e a cautela aumentada, correr se tornou algo escasso para mim. Mas agora eu estou aqui. Em algum lugar entre um sonho lindo e uma realidade palpável, e estou correndo.

As hastes das flores maiores — que eu deduzo serem lavandas — , tocam as minhas pernas e quase me fazem cócegas. O meu vestido flutua, o meu cabelo balança, e eu abro os meus braços e sorrio. Eu paro um instante, com os braços ainda abertos e olho para o céu. Ainda existe um resquício de calor e fracos raios de sol tocam o meu rosto; é um calor que chega diretamente ao meu coração. Eu respiro e volto a correr até que minhas mãos tocam a madeira da árvore.

Minha respiração está ofegante agora, me fazendo tocar o meu peito e senti-lo subir e descer, até voltar ao normal. Quando eu me viro e encosto-me à árvore, perco o fôlego outra vez com a visão plena e magnífica que tenho diante de mim... é realmente tão lindo quanto eu imagino que o Céu seja, uma beleza inexplicável, cheio de nuances que tocam a nossa alma. Só poderia ser um sonho, nada feito pelo homem seria capaz de se comparar a tamanha grandeza. Eu espero...

O vento passa esporadicamente e balança as flores à minha frente, terminando pelas folhas da árvore sobre mim. Uma folha cai lentamente após isso e eu estico a minha mão, como quem coleta uma gota de chuva. A folha

toca, por fim, a minha palma e eu fecho a mão, deixando a escondida e em segurança. Eu me sento sobre o troco e olho para a minha mão fechada, sinto uma pequena cócega, como se a folha estivesse se mexendo inexplicavelmente... isso me assusta e me faz abrir a mão rapidamente, então olho com absoluto espanto uma borboleta voar da minha mão. Ela paira no ar por alguns instantes, antes de sumir completamente da minha visão, através das folhas da árvore.

O que me assusta mais ainda é olhar para mim mesma e não ver a minha barriga de grávida. Voltei a ser a Sarah de antes e me sinto vazia por um instante; quase me encho de pavor. Mas levanto o meu olhar mais uma vez e vejo uma criança correr até mim. É uma menina sorridente, talvez três ou quatro anos, seus cabelos são escuros como os meus e balançam graciosamente ao seu redor. Antes mesmo de entender o porquê de tudo isso; meus braços se abrem e a acolhem.

O seu calor confortável me envolve de forma familiar, seu cheiro é doce e me faz sorrir imediatamente. Eu nunca a vi, porém a conheço, isso eu posso sentir com todo o meu coração. Ela ri em meu pescoço e eu toco o seu cabelo, a maciez em meus dedos trazendo memórias inéditas, mas cheias de sentimentos incompreensíveis no momento. De qualquer forma, eu não me importo em entender, encontrar uma razão, eu só quero sentir.

E quando ela se afasta e sorri tão carinhosamente, vejo o sorriso de Adam em seu rosto. E eu sinto que a amo com loucura. O toque da sua mão em meu rosto me faz fechar os olhos brevemente, e aproveitar o calor de sua pele na minha.

Quando volto a abri-los, encontro a força em minha voz e finalmente pergunto...

— Quem é você?

— Sou eu, mamãe... — ela diz com voz suave e olhos brilhantes, um pouco mais escuros que os meus. — Grace.

— Grace... — eu repito vagarosamente, tocando o seu rosto também.
— Grace... Grace!

— Sim, vamos brincar? — Ela pergunta rindo, já se afastando de mim e correndo entre as flores. — Vem mamãe, vem me pegar.

Também me vejo rindo e me levanto. Sacudo a saia do meu vestido, olhando para a árvore uma última vez e então corro também. Os nossos risos se misturam no instante em que nossas mãos se tocam. A sua tão pequena entre a minha...

Então eu acordo.

Adam está na poltrona em frente a nossa cama e eu o vejo assim que meus olhos se abrem. Um rápido olhar para a janela imensa e percebo que está anoitecendo. *Quanto tempo eu dormi?* Tenho a sensação de que foram apenas alguns minutos, mas é provável que tenha sido algumas horas. Eu me sento e chamo a sua atenção, fazendo com que ele deixe o celular de lado e venha até mim.

— Por que você não me acordou? — Demando, passando a mão em meu rosto, ainda me sentindo sonolenta.

— Eu cheguei há quinze minutos, talvez menos. Você parecia bem dormindo, além do mais, eu gosto de te olhar.

Ele sorri antes de me beijar vagarosamente, sentando à minha frente, após isso. Eu me ajeito, tentando enroscar as minhas pernas em uma posição de meditação meio desengonçada. Nossas mãos se encontram e se entrelaçaram.

— Quem é Grace? — Adam me pergunta com carinho.

— Como? — Eu devolvo, me sentindo um pouco confusa.

— Você estava sonhando e chamou alguém... Grace. — Ele explica e antes de continuar, ri. — Que bom que não era um nome masculino, teríamos muitos problemas se fosse.

— Seria apenas um sonho de qualquer maneira. — Emendo, rindo também.

— Algumas vezes sonhos podem ser realmente reais.

— Sim, às vezes eles podem.

Em uma fração de segundos, o sonho passa pela minha mente com uma realidade quase palpável... Adam está certo, eu sinto como se tivesse me encontrado com a nossa filha, em um futuro não tão distante e muito, muito feliz.

— Então, quem é Grace? — Adam reforça a sua pergunta, me olhando com curiosidade.

— A nossa filha, eu sonhei com ela. — Eu conto, tocando a minha barriga. — Eu sonhei com ela.

— Jura?

— Sim e ele se chamava Grace.

— Então nós decidimos em algum momento... — ele murmura em tom brincalhão. — Eu gosto de Grace.

— Eu também gosto... combina muito com ela.

— Como ela era?

— Tinha o seu sorriso. — Suspiro, tocando o seu rosto e me aproximando até estar em seu colo. — Mas ela se parecia comigo... O cabelo, o tom de pele, o olhar...

— Isso é bom, eu quero que ela seja exatamente como você. — Ele diz me beijando. — Então ela apareceu em seus sonhos para dizer: Pelo amor de Deus, me deem um nome?

— Podemos interpretar dessa forma, mas lembra que eu te disse que saberíamos quando fosse o nome certo?

— Sim, eu me lembro de tudo o que você me fala, Sarah, meu amor!

— Quase tudo... — eu brinco, o beijando também. — Mas sonhar com ela e ouvi-la me dizendo o seu nome, é mais do que especial.

— Grace... — ele balbucia, tocando a minha barriga também. — Eu não estava nesse sonho, mas posso fechar os olhos e imaginar uma pequena Grace, tão linda quanto você.

— Então, esse será mesmo o seu nome? — Indago com expectativa.

— Sarah... — ele ri, beijando o meu pescoço. — Você já não me conhece o bastante, para saber que eu concordaria com qualquer nome que você escolhesse?

— Sim, mais é a nossa filha e como tudo o que fizemos até hoje, eu quero que isso seja um consenso nosso.

— Você manda em tudo, eu só faço as suas vontades.

— Não é exatamente assim. — Replico, rindo um pouco mais.

— É sim. — Ele reforça, tocando o meu cabelo. — Exatamente assim e quando a nossa filha tiver idade suficiente para entender; saberá que eu farei todas as suas vontades também.

— A nossa Grace.

— A nossa Grace. — Adam repete com emoção. — Que ela seja tão abençoada quanto o seu nome.

— Ela já é muito abençoada — afirmo, tocando o seu peito e sentindo o seu belo coração pulsar em minha palma. — Com certeza ela tem o pai mais lindo do mundo.

— E a mãe mais linda de todas. — Ele completa, me beijando mais uma vez.

— Mesmo que eu não tenha te deixado comprar o berço de carruagem?
— Debocho, rindo em seus lábios.

— Talvez leve um tempo para superar essa tristeza... — ele fala, entrando na brincadeira. — Acho que serão precisos muitos beijos para curar o meu coração.

— Sem problemas, vamos iniciar a terapia de beijos agora mesmo.

Ele ri, me deitando sobre a cama e quando fecho os olhos, tudo o que posso pensar é em quanto eu quero ouvir essa risada que eu tanto amo, combinada ao riso de certa garotinha... Eu mal posso esperar para ouvir esse som para sempre.



Eu não tenho dormido nos últimos dias. Era suposto que Sarah ficasse ansiosa com a possibilidade de entrar em trabalho de parto a qualquer instante, mas ela tem dormido serenamente dia após dia. E eu me deito ao seu lado e acredito na possibilidade do descanso, somente para acordar algumas horas depois e perder o sono até o amanhecer. Isso tem me deixado cansado, é obvio, mais do que fisicamente; estou cansado mentalmente.

O que é realmente preciso para um bebê nascer de forma natural quando chegou o seu momento?

Ioga? Chá natural? Massagens? Caminhadas ao final da tarde?

Eu não faço a mínima ideia, mas se você me disser que funciona, eu darei um jeito de convencer a minha esposa. Ela pode ser uma pouco teimosa às vezes — talvez sempre —, e acha que devemos apenas esperar a mãe natureza fazer o trabalho... eu posso definitivamente enlouquecer se tiver que esperar por mais uma semana, e ainda sem dormir por mais de três horas por noite.

A gestação completou trinta e nove semanas — TRINTA E NOVE — longas semanas, não que eu não tenha aproveitado cada minuto dessa jornada. Eu amei cada fase, cada descoberta e mudança no corpo da Sarah e no bebê, mudanças que víamos a cada visita ao médico. Porém, agora eu estou pronto para passar para o novo estágio, estou ansiando tê-la em meus braços e sentir o seu cheiro. Conhecer a minha Grace.

Mas eu tenho que apenas sentar e esperar... qual outra opção eu tenho, senão essa?

— Adam! — Sarah me chama da cama, enquanto estou escovando os dentes para dormir.

— O quê? — Eu pergunto, jogando a minha escova na pia e correndo até o quarto.

— Nada demais... — ela diz rindo. — Eu não posso dizer o seu nome mais?

— Pode. — Devolvo, secando o meu rosto com a toalha que consegui pegar ao correr. — Mas, você sabe que me assusta quando me chama assim.

— Assim como? — Ela se ajeita e me olha curiosa. — Você anda um pouco paranoico esses dias.

— Cauteloso e ansioso. — Eu a corrijo, me encostando à porta para olhá-la melhor. — Você não sentiu nada diferente? Nenhuma contração ou dor?

— Não, eu apenas me sinto pesada e desengonçada; mas estou perfeita. — Ela toca a barriga imensamente redonda, antes de continuar. — E eu sei que você não tem dormido bem há alguns dias, isso é desnecessário.

— Eu tenho medo de não acordar a tempo quando você precisar. — Confesso, passando a mão no cabelo. — Talvez eu esteja um pouco preocupado.

— Mais do que preocupado... quando a bolsa enfim romper, e a Grace estiver chegando, nós teremos tempo suficiente para chegarmos ao hospital; que nem é tão longe daqui.

— Vinte minutos até lá, se não tivermos trânsito.

— Você cronometrou? — Sarah me sonda, rindo um pouco mais de mim.

— Eu cronometrei. — Concordo, rindo também. — Algumas vezes, para ser sincero.

— Venha aqui — me pede me estendendo a mão.

Eu apago a luz do banheiro atrás de mim, antes de me juntar a ela na cama. A luz do quarto já está apagada, apenas uma fraca luz do abajur ao lado e a luz brilhante da lua que entra através da janela, iluminam o ambiente. Eu a beijo, então me deito de costas e a puxo em meus braços. Como tem sido nas últimas semanas, é preciso um pouco de tempo até acharmos uma posição confortável para ambos; mas terminamos de lado... A minha mão sobre a sua barriga, a minha entrelaçada na sua.

— Não precisar ficar tão neurótico. — Ela diz depois de um tempo, o seu sorriso tão presente em sua voz. — Tudo está sobre controle e tudo ficaremos bem.

— Ok... — eu digo simplesmente, beijando o seu pescoço.

— Durma essa noite, por favor. Eu não quero que você fique doente.

— Ninguém fica doente por não dormir. O máximo que pode acontecer é eu dormir no trabalho, ou dormir enquanto dirijo...

— Adam... — ela me interrompe com uma cotovela no meu peito, mas isso não me impede de rir.

— Estou brincando, Sarah.

— Não tem graça.

— Eu te amo! — Recito com voz suave. Faz algum tempo que eu

descobri que essas três palavrinhas, podem dissipar qualquer aborrecimento.

— Quer que eu cante para você dormir? — Sugere, se virando para me beijar.

— Você dormiria nas primeiras cinco estrofes da música.

— É verdade — concorda com seriedade. — Na verdade, eu estarei dormindo nos próximos trinta segundos.

Dou risada e acaricio o seu cabelo, porque ela não estava exagerando — embora ela tenha dormindo dois minutos depois — , fico vigiando o seu sono por algum tempo e então durmo também. Eu definitivamente preciso desse descanso e já que os bebês não nos deixam dormir, talvez essa seja a minha última oportunidade.



Eu não sei por quanto tempo meus olhos ficaram fechados, mas foi o suficiente para sonhar que eu estava em uma guerra e alguém estava me sacudindo, enquanto gritava o meu nome.

— Adam... — pausa, uma sacudida no ombro e mais um grito. — Adam, meu Deus, você realmente dormiu.

Eu estou ouvindo, mas estou em um estágio de dormência ainda e isso me deixa incapaz de responder. Contudo, me esforço para abrir os olhos, enquanto a pessoa ainda continua chamando o meu nome.

— Adam... — pausa, suspiro, silêncio... Passos pelo quarto e meu nome mais uma vez, em um tom suave dessa vez. — Adam.

— O quê? — Me sento rapidamente, minha visão turva por ainda não estar totalmente desperto. — O que aconteceu?

— Adam — Sarah me chama e eu finalmente consigo vê-la diante de mim. — A minha bolsa rompeu.

— Tudo bem. — Murmuro, tentando ordenar os meus pensamentos e fazer essa frase ter algum sentido em minha mente.

Quando as palavras param de flutuar diante dos meus olhos e se ordenam coerentemente em minha cabeça, eu percebo a realidade e isso me faz saltar da cama. Sarah está do lado oposto ao meu e me olha de forma engraçada. Eu noto rapidamente que ela já não está mais com a sua camisola e sim com um vestido rosa claro que chega até os seus pés... O que aconteceu aqui?

— Já amanheceu? — Pergunto e ao mesmo tempo olho para a janela, em busca de alguma claridade natural. — Que horas são?

— Quase cinco da manhã — ela responde com uma calma incrível.

— Tudo bem — repito, passando a mão diversas vezes pelo meu cabelo bagunçado. — Estou acordado, pode falar.

— A minha bolsa rompeu há quarenta minutos... — ela ri.

— Quarenta? — Repito incrédulo e isso me faz puxar levemente os cabelos. — E você simplesmente não me acordou.

— Estou tentando fazer isso há quinze minutos ao menos.

— Você tomou banho e se trocou sozinha?

— Estou me sentindo bem... por enquanto.

— Ok. — Minha capacidade de articular palavras mais complexas, está ausente no momento — E agora?

— Vamos para o hospital — ela explica pausadamente, como se fosse o único jeito que eu pudesse entender agora. — Se troque e pegue as coisas da Grace no quarto dela.

— Já estão no meu carro há dois dias. — Anuncio, abrindo as gavetas em busca de algo para vestir. — Você não deveria estar chorando? Ou gritando comigo?

— Não, não deveria — Sarah ri, enquanto vem em minha direção. — Você também não deveria ter assistido aqueles documentários sobre parto.

— Eles eram muito interessantes, me deram uma noção do que um parto seria.

— Nem tudo são gritos e lágrimas. Você apenas acha que eu irei brigar com você e querer te bater.

— E não vai? — Eu pergunto, ao mesmo tempo em que me sento na cama e calço os meus sapatos.

— Pode ser, — ela dá de ombros. — Quando eu estiver completamente entorpecida pela dor não poderei ser responsabilizada pelos meus atos.

— Foi o que eu pensei — dou risada, antes de usar o banheiro rapidamente.

Nós saímos de casa cinco minutos depois, eu me parabeno internamente por ter deixando as coisas organizadas previamente, isso nos poupou um grande tempo. Sarah está tranquila ao meu lado, mandando mensagens de texto para os seus pais e para a Sam. A sua tranquilidade deveria me acalmar também, mas só me deixa mais nervoso ainda, o meu medo de que algo saia errado aumenta a cada segundo. Eu nunca vivi uma situação assim, em que estivesse tão perto de enlouquecer, porém ao mesmo tempo precisasse ser racional.

Estou totalmente confuso emocionalmente agora. Talvez eu tenha assistido a muitos filmes e documentários ao longo da gravidez, isso me deu uma expectativa totalmente diferente de como esse momento seria. Era mais como gritos, choro e tensão... E nada como entrar caminhando calmamente pelo hospital, preencher algumas folhas de documentos e esperar o nosso quarto ficar pronto.

Enquanto Sarah está sentada e me olha sorridente, eu ando pelo corredor vazio, ainda com a bolsa de bebê da Grace em uma das minhas mãos. Duas enfermeiras aparecem minutos depois e nos acompanham até o quarto. Sarah se troca, as enfermeiras colocam alguns fios em sua barriga e monitoram o batimento do bebê. Elas conversam por um tempo — algo que parece latim aos meus ouvidos — , e até riem... *quanta audácia*, isso é uma afronta quando eu estou prestes a desmaiar nesse piso estranhamente branco.

Estamos sozinhos agora e eu me sento na poltrona próxima à porta, antes que o desmaio se torne uma constrangedora realidade.

— Você pode respirar agora, Adam. — Sarah diz, sentando-se na beirada da cama.

— Como se faz mesmo isso? — Demando tentando soar divertido, embora possa ser mesmo possível que eu não saiba respirar nesse momento.

— Deixo o ar entrar e o solte lentamente — ela me explica com um sorriso. — Venha ficar mais perto de mim.

Eu sequer havia percebido que estava tão distante assim dela, e nem que existe uma poltrona aparentemente muito mais confortável ao lado da sua cama. Eu deixo a bolsa que estava em meu colo sobre a cadeira e vou me sentar ao lado de Sarah. Ainda não confio o bastante em minhas emoções para

acreditar que posso ficar em pé. Ela segura a minha mão com força e eu beijo a sua aliança, deixando a minha cabeça descansar em seu colo por um tempo.

— Eu também estou com medo e um milhão... — ela contém a respiração e a solta lentamente. — Um milhão de coisas passa pela minha cabeça agora e isso me assusta um pouco mais.

— Eu estou aqui com você — afirmo, ficando em pé para beijá-la. — Não importa que eu esteja morrendo de medo também; serei forte por você.

— Eu sei. Nós faremos isso da forma mais calma e suave possível — ela toca o meu rosto, seguido de um beijo suave. — A Grace cresceu aqui, cercada de amor e carinho e ela chegará ao mundo exatamente da mesma forma; foi como eu sonhei e é como eu quero que seja.

— Então será exatamente assim. — Eu digo, encostando a minha testa na sua. — Embora todo o cenário que eu criei em minha mente, também fosse bem divertido.

— Às vezes eu gostaria mesmo de entrar em sua mente. — Sarah sussurra, rindo em meus lábios. — Aposto que isso me renderia muitas risadas.

— Ou talvez você me achasse louco demais e isso te levasse para longe de mim.

— Nunca, você é o meu louco favorito.

— Isso é um elogio? — Dou risada, sentindo um pouco da minha tensão abandonar o meu corpo. — Não parece um elogio para mim.

Ela ri, deitando a cabeça em meu ombro. Os meus braços estão em ambos os lados do seu corpo. Nós ficamos assim por um tempo, enfermeiras entram e saem. Monitoram os batimentos de Grace e acompanham o

progresso de Sarah. Em algum momento eu mandei mensagens para a minha mãe e para o Drew. O dia já havia amanhecido e minha mãe garantiu com profunda ênfase, que estaria aqui o mais rápido. Drew disse que assim que pudesse, viria também. Eu já estava nitidamente mais calmo, porém se pudesse ser sincero comigo mesmo; diria que era impossível fazer o meu coração bater normalmente. Cada vez que alguma enfermeira entrava no quarto e dizia que não faltava muito para o nascimento, os batimentos em meu peito aumentavam dezenas de vezes.

E contrariando tudo o que eu havia planejado, foi Sarah quem segurou a minha mão. Ela me consolou muitas vezes, e apesar da evidente dor que estava sentindo, foi ela quem me deu forças. Entre uma contração e outra, nós conversamos. Relembramos e rimos, planejamos um futuro para a nossa doce Grace e isso nos emocionou. É provável que eu tenha chorado também.

Cada vez que meus olhos se encontraram com os da Sarah, eu via dentro deles a minha própria vida, cada momento em cores vivas, desde o primeiro sorriso até o último beijo. Eu julguei impossível me banhar em uma piscina de emoções indescritíveis outra vez, achei que o nosso casamento havia sido a maior de todas elas. Como eu fui tolo... eu quero saber o que ela está sentindo, pensando nesse instante. Sabendo o quanto estar aqui, a ponto de segurar nossa filha em seus braços, demandou coragem de sua parte. Isso só me impulsiona a amá-la um pouco mais. Ela é a melhor de todas as coisas que eu já tive na vida.

— Eu te amo tanto — sussurro bem próximo ao seu rosto, apertando um pouco mais a sua mão entre os meus dedos.

— Eu te amo também — ela devolve, usando a outra mão para acariciar o seu rosto. — Você pode acreditar que chegamos até aqui?

— Parece um sonho, mas eu nunca duvidei.

— Eu não teria acreditado em algo tão lindo assim, se você não tivesse me feito acreditar, primeiro... Obrigada, Adam.

— Não, o único que precisa agradecer sou eu, Sarah — eu afirmo, beijando uma das lágrimas que deslizam pelo seu rosto.

— Então, sejamos ambos gratos. — Murmura enquanto fecha vagarosamente os olhos.

— Nós temos muitas razões para isso — concordo.

A maior razão de todas, veio ao mundo trinta minutos depois. Foi de forma calma e cercada de amor, assim como Sarah queria e foi imensamente mais lindo do que eu poderia ter imaginado. Ao longo da minha vida adulta, eu pensei diversas vezes sobre como seria ter um filho. Claro que eu sabia a gigantesca responsabilidade que algo assim exigiria, e por esse motivo eu também sabia que teria que ser com o amor da minha vida. Não era somente ter um filho, era ter uma família, um lar de verdade. Durante alguns anos eu estive tão longe do amor, que julguei impossível encontrá-lo em sua forma real e verdadeira. Mas bastou um olhar para Sarah, um sorriso, uma palavra e tudo se tornou possível. É como se sempre houvesse existido uma hora e um local. Estávamos destinados, eu apenas não sabia disso.

Prendo a respiração exatamente no instante em Grace respira o nosso ar pela primeira vez, seu choro é alto e com uma ponta de lamúria, provavelmente por ter perdido a sua segurança. Eu tento filmar tudo, mas as minhas mãos tremem e mesmo envolvido por todo o torpor de sentimentos, já sei que isso será motivo de piadas na família. *Por que os pais são responsáveis por filmar isso?*

Entrego a câmera para a gentil enfermeira ao lado da porta, sem nenhuma função aparente, e peço que ela continue de onde eu parei. Graças a Deus, ela apenas sorri e segura a câmera. Eu não filmaria se pudesse escolher. Cada milésimo de segundo ficará gravado em minha mente, enquanto houver ar em meus pulmões. Eu posso até pintar um mural com extrema riquezas de detalhes.

Grace continua chorando e eu volto a respirar; como alguém que submerge de um mergulho profundo. A médica a envolve em um lençol e a coloca sobre o peito de Sarah... Silêncio é o que vem a seguir, ela reconhece o calor da mãe, o seu cheiro e voz calma. Como explicar tamanho amor?

Eu já estou ao lado da minha mulher, olhando para a minha filha de forma tão apaixonante. Exatamente como foi com a sua mãe. Eu a amei no início, quando tudo o que existia era um borrão negro em uma tela de computador. Eu a amei um pouco mais a cada mês, me delicieei com todos os chutes e movimentos através do ventre de sua mãe. Eu sonhei

incansavelmente com o seu rosto, com os seus lindos olhos. E embora eu saiba — através dos inúmeros livros de medicina — , que ela não pode realmente me ver ainda; é como se pudesse enxergar a minha alma.

Sinto-me vulnerável por um instante, mas me revisto de um superpoder inimaginável, quando seguro a sua mãozinha... eu sou um pai... Meu Deus, eu sou definitivamente um pai.

— Ela é linda, maravilhosa — eu recito, olhando para a Sarah e a beijando. Pode ser que eu esteja chorando feito um menino e pode ser que eu não me importe nem um pouco com todas as pessoas ao nosso redor... somos nós três agora, nada, além disso.

— Ela é linda. — Sarah concorda, também entre lágrimas. — A combinação perfeita do nosso amor.

Eu quero ri e chorar, correr pelos corredores e gritar que o bebê mais lindo e amado do mundo acabou de chegar. Mas eu me conheço o bastante para saber que eu não sairei mais desse quarto, a não ser que seja com a minha filha.

A médica me pergunta se eu quero cortar o cordão umbilical, eu o faço de forma automática, com medo de desviar os meus olhos de Grace e perder mesmo que um pequeno movimento seu. Uma das enfermeiras a leva embora, para pesar e medir o seu comprimento, anotando tudo enquanto repete em voz alta.

Eu espero, apertando a mão de Sarah e repetindo uma oração de agradecimento. Talvez eu não mereça tamanha felicidade, uma bênção tão maravilhosa assim, mas eu aceito sem questionamentos; jurando a mim mesmo que serei um homem melhor. Grace volta para os braços de Sarah, já com o seu cobertor e toquinha cor de rosa. Sarah a aconchega com delicadeza e lhe sussurra palavras de carinho e amor. É o momento em que toda a magia acontece.

— Você quer segurá-la? — Sarah me pergunta com imensa emoção.

— Claro que sim. — Respondo sem titubear, mesmo que eu tenha medo de machucá-la.

Coloca uma das mãos em sua cabeça e a outra em suas costas, então a trago até o meu peito. Seus olhos estão abertos e são de uma cor ainda indefinida para mim. Seu rosto é redondo de uma forma adorável, um nariz tão pequeno e lindo, que eu não posso conter o desejo de beijá-lo. Ela tem pouco cabelo, mas os fios são suaves e macios sob o meu dedo e a sua boca é um pequeno coração. Ela é perfeita, feita do nosso amor e linda de todas as formas possíveis.

— Oi, meu amor. — Sussurro o mais baixo e suave que posso. Juro que ela reconhece a minha voz, nós já conversamos outras vezes. — Bem-vinda ao mundo, minha filha!

Eu beijo a sua bochecha e ela suspira. Eu sou tão grande e ela tão pequena e frágil, mas ela me tem em suas mãos e assim será por toda a vida. Eu farei tudo o que puder para vê-la feliz e segura... estou completa e totalmente apaixonado pela minha filha.



Voltar para a casa com um bebê nos braços — a sua filha — , é uma sensação indescritível. Eu não poderia simplesmente lhe dizer; você precisa vivenciá-la. Não existem adjetivos suficientes para tal coisa...

Feliz? Sinto-me, além disso.

Emocionada? Eu já transcendi a emoção há muito tempo.

Abençoada? A mais abençoada de todas as mulheres da Terra.

Talvez em me sinta fora da órbita. Provavelmente seja assim que os astronautas se sintam, afinal. O meu mundo saiu do seu eixo e agora gira em torno dessa pequena criatura angelical.

O amor — em todas as suas nuances — transborda de mim e se derrama sobre a minha vida, cada vez que eu olho para a Grace. Ela é tudo o que eu já sonhei, linda de todas as formas que eu já desejei um dia. Eu me esqueci de como a pele de um bebê é suave ao toque, do quanto o seu choro pode chegar ao coração; em uma linguagem própria e cheia de significados para os seus pais. E se Adam ficou acordado todas as noites ao final da gestação, essa era a minha hora de me manter desperta.

Eu tinha inúmeras inseguranças rondando o meu coração, e a minha mente, embora tentasse me manter corajosa. As mães já são por si só criaturas cautelosas — alguns diriam, neuróticas — , e eu mantinha a minha bagagem de dor. Bagagem que eu fazia de tudo para deixar do lado de fora da nossa porta. As primeiras semanas foram as mais difíceis para mim... Grace era um anjo em toda a sua plenitude, ela dormia a maior parte do tempo nos

primeiros dias, como há de se esperar de um recém-nascido. Eu vigiava o seu sono, checava a sua respiração a cada minuto e só conseguia descansar se ela estivesse aos cuidados de Adam, ou de alguém da família. O primeiro mês passou e após longas conversas com o pediatra, consegui relaxar um pouco; não completamente. Acho que eu jamais ficaria tranquila por completo, mas eu aceito isso como sendo parte da maternidade. Eu já conseguia dormir à noite e acordar apenas quando fosse necessário; às vezes Adam acordava antes de mim e me chamava... Só porque ele não tinha leite, foi o que ele me disse e me fez rir. Talvez fosse realmente verdade. Eu era a única provedora de alimento para Grace, mas ficou claro desde o primeiro instante, que o seu pai seria o amor da sua vida. Era um fascínio tão grande por ele, que eu poderia jurar que Adam adquiriu poderes de hipnose. Não importa o quão irritada, ou brava ela estivesse, era só o pai aparecer, para os seus olhos se dirigirem a ele. Isso era muito bom, quando ela chorava para tomar banho ou ser trocada. Eu estou abusando de todo esse encantamento a meu favor. Eu só lamento que ele não possa estar aqui o tempo todo; seria absolutamente incrível.

Como agora, ao final da tarde, em que Grace está tendo um ataque de irritação por causa de cólicas. Contrariando todas as minhas leituras da gravidez, as dores de barriga chegaram há poucos dias. De forma esporádica, devo confessar e agradecer; mais elas acontecem em algum momento do dia. Basicamente quando Adam não estava em casa e poderia usar o seu encantamento para me ajudar. Eu ando pelo meu quarto com Grace em meus braços, seu corpo estrategicamente aconchegado ao meu, eu uso o meu calor corporal para aliviar a sua dor. Esse o momento em que preciso respirar para manter a calma, eu detesto vê-la chorar, embora saiba que isso é algo natural, todos os bebês têm cólicas. Eventualmente ela se acalma e o seu choro alto, se resume ao um gemido de desagrado.

— Está tudo bem, meu amor. — Eu lhe sussurro com carinho, acariciando as suas costas repetidamente.

Sua cabecinha em meu peito e olhos bem abertos, eu ainda tenho dúvidas da cor deles — verdes ou castanhos claros — , mas são lindos olhos. Eu vejo a minha vida e esperanças nesses pequenos olhos. Talvez seja injusto o quanto eu preciso dela para viver. Um pedaço tão imenso do meu coração fora do meu peito.

— Você é linda, sabia? — Eu pergunto, beijando o seu nariz e

sentindo que o brilho em seus olhos; é a resposta para a minha pergunta. Ela sabe que é linda e preciosa e, eu irei lembrá-la todos os dias disso.

A tarefa de acalmá-la surte efeito e por fim, Grace cai no sono. Seus olhos se fecham lentamente, ainda fixos aos meus; até que a sua respiração abrande e ela dorme. Eu permaneço em pé, olhando para o seu rosto sereno — como a mãe boba que sou — , então caminho até a janela. O sol se põe no horizonte, dando lugar à noite. Eu respiro, apertando o meu bebê nos braços e me sentindo agraciada com a paz mais sublime de todas e pensando em sonhos que se tornam reais. Às vezes não queremos sonhar, temos medo da decepção que isso pode nos trazer e, nos acomodamos em viver de forma segura. No meu caso, o meu medo maior era que esse sonho se tornasse realidade e me machucasse mais uma vez. Eu acho que se não tivesse conhecido aquele homem lindo e teimoso ao qual eu chamo de marido; jamais teria coragem sozinha de enfrentar os meus medos tão bem ocultos.

Agora eu estou aqui com Grace e olhando atentamente para o carro de Adam no final da rua. Eu não teria sonhando com algo mais lindo e se eu tivesse sequer pensado que poderia ter uma família tão perfeita; eu teria medo dos meus próprios pensamentos. Eu não acordo mais aos sábados e olho para o teto do meu quarto, me sentindo vazia e sozinha. Eu acordo com braços calorosos ao meu redor, ou beijos amorosos... se eu tiver sorte, talvez seja um chorinho suave de bebê, a primeira melodia do meu dia.

Adam estaciona em nossa garagem, sem me notar na janela. Eu espero e ouço o barulho de suas chaves na porta, seguida por passos suaves na escada. Ele sabe que eu estarei aqui e desde o nascimento de Grace, e a vinda dela para casa, Adam não permite que alguém grite aqui dentro. Ele tem medo que isso possa assustá-la. Vivemos em uma espécie de bolha, calma e segura... eu não sei por quanto tempo isso vai durar, talvez até a próxima visita da Chloe.

Seus passos cessam em nossa porta e eu me viro, afastando-me lentamente da janela. Adam me olha e sorri. O amor também transborda dele e chega direto ao meu coração. E tudo o que eu posso pensar é no quanto eu o amo.

— Oi! — Ele sussurra com um sorriso brilhante.

— Oi! — Devolvo com um sorriso maior ainda.

Ele vem até onde estou e me encontra, depositando um beijo leve em meus lábios e outro nos cabelos de Grace, ela suspira e se mexe levemente; mas não acorda. Adam e eu ficamos olhando para ela, como os bobos que somos. Eu me pergunto se todos os pais se sentem dessa forma? E se um dia eu olharei para ela e não sentirei uma pontada de amor atingir o meu coração... agora parece impossível não achá-la a menininha mais encantadora de todas.

— Achei que fosse encontrá-la acordada. — Adam diz, tocando levemente as suas costas sobre o seu casquinho vermelho — Não teremos a nossa sessão de conversas e murmúrios hoje?

— Ela chorou por algum tempo e acabou dormindo.

— Ela chorou? — Ele pergunta com preocupação na voz.

— Sim, mas isso é algo que não podemos evitar. — Digo com um sorriso consolador — Lembra o que o médico nos disse?

— Sim, eu lembro..., mas eu não quero que ela chore, saber que isso é natural para os bebês; não vai me consolar.

— Não me consola também, mas não podemos fazer nada a respeito.

— Podemos guardá-la em uma bolha até que ela tenha dezoito anos.

— Você está se aconselhando com o Drew outra vez? — Eu pergunto rindo, quase acordando Grace com o som da minha risada.

— Na verdade, esse foi um conselho do seu pai. — Ele conta, com voz divertida — Foi assim que você viveu?

— Eu amo muito o meu pai, mas ele não é o melhor exemplo para você. Eu nunca podia fazer nada divertido, sem que ele estivesse me vigiando.

— O Drew e ele, se tornaram os melhores amigos. — Ele conta e antes de completar, se contorce; como se a ideia a seguir lhe causasse arrepios — Eu estou com muita, muita pena da Chloe.

— Prometa que não será assim para a Grace, você vai deixá-la namorar; não vai?

— Namorar? — Ele pergunta exasperado — Ela tem apenas um mês e meio de vida, não pronuncie essa palavra pelos próximos vinte anos.

— Talvez quinze.

— Não me assuste com esse assunto, Sarah.

— Você terá pesadelos sobre a sua pequena filha se apaixonando por um cara tatuado e que tenha uma moto? — Eu pergunto me sentindo muito feliz em torturá-lo um pouco.

— Agora que você criou esse cenário, é provável que eu sonhe todos os dias, embora eu ache motos e tatuagens, muito legais.

— Eu também acho.

— Talvez eu compre uma moto... — ele fala, piscando para mim — E faça uma tatuagem também.

— Você me levaria para um passeio? — Eu me aproximo para beijar o seu pescoço.

— Você seria a única que subiria em minha moto. — Ele promete, beijando o meu cabelo.

— Isso é muito romântico. — Eu brinco sem conter o riso. Dessa vez é alto o bastante para despertar Grace.

Ela abre os olhos completamente e me olha com atenção. Eu sei que o seu olhar não está totalmente focado em mim, mas ignoro esse detalhe, porque gosto de pensar que ela me enxerga com clareza.

— Deixe-me carregar, a minha princesa. — Adam me pede com carinho — Nós ficamos longe o dia todo, estou com muitas saudades.

Eu entrego Grace para ele e observo a interação dos dois. Assim que Grace nasceu, Adam passou algumas semanas em casa, isso foi muito bom para mim; mas ele quase chorou quando precisou voltar ao trabalho. Você pensaria que ele era a mãe, se o visse tão arrasado. Foi uma adaptação difícil e dolorosa para ambos, porque Grace certamente sente a sua ausência ao longo do dia. Eu nunca tive dúvidas sobre o quanto Adam seria maravilhoso como pai, mas preciso salientar que ele superou qualquer expectativa. Ele é o mais paciente dos homens quando está com Grace e não se importa nem um pouco em parecer bobo para demonstrar o seu amor por ela.

Pode ser que isso seja o que eu mais amo em sua personalidade, Adam não tem medo dos seus próprios sentimentos, ele ama intensamente e demonstra a quem quer que seja, sem nenhum medo. Às vezes nós somos reféns de nossas emoções e nos preocupamos em escondê-las do resto do mundo, como se senti-las pudesse nos diminuir diante dos outros. Aos meus olhos, Adam se agiganta a cada dia. A sua alma e o seu coração o fazem grande e cheio dos melhores valores que alguém poderia possuir.

Ele se senta com Grace e conversa com ela, ganhando toda a sua atenção, eu permaneço em pé, absolutamente encantada pelos meus dois amores. Meu coração quase dói de tanto amor.

— Venha aqui, mamãe. — Adam me chama depois de um tempo, me fazendo sorrir com seu carinho.

Grace está sobre a cama agora, mas ainda muito atenta ao que aconteça à sua volta. Eu caminho até Adam e aperto a sua mão, muito mais forte do que deveria; mas menos ainda do que necessito agora.

— Eu te amo. — Eu sussurro em seu cabelo, quando o seu rosto toca a minha barriga.

— Eu também te amo muito. — Ele devolve, me apertando um pouco mais.

A nossa filha ao nosso lado... Adam em meus braços... esse é o paraíso com o qual eu sonhei um dia.



Os meses seguintes se tornam os mais felizes da minha vida. Enquanto Grace cresce e descobre o mundo, eu cresço como mãe; em meus acertos e erros, permeados de insegurança e força. É uma ambiguidade de sentimentos... um dia você se sente a melhor mãe de todas por ser capaz de descobrir que aquele choro no meio da noite, era causado por uma dor de ouvido... em outro momento, você se culpa por ter que voltar ao trabalho e passar menos tempo com o seu bebê. Você quer viver cada pequeno momento, porque sabe que nenhum sorriso será igual ao outro e quer, incessantemente, que todos eles sejam destinados a você.

Você só não pode parar o tempo e descobre rapidamente, que é impossível fazer aquele pequeno bebê — que um dia coube perfeitamente em seus braços — , ficar pequeno para sempre.

As folhas do calendário se destacam com rapidez, sem que você possa sequer piscar os olhos. Mas o que consola, é que as memórias continuam vívidas em nosso coração... E nós sempre poderemos ter outros bebês; isso é o que o Adam me diria agora... foi o que ele me disse essa manhã, depois que eu comentei o quanto Grace estava grande.

Chloe se debruça sobre a cama, enquanto eu termino de ajeitar a roupa de Grace e me traz de volta à realidade. Seus olhos são atentos e curiosos,

observando cada movimento. Grace sorri para a prima, sua risada gostosa de bebê enchendo todo o ambiente. Dou risada também, imaginando o quanto Grace amará Chloe ao longo da vida. A diferença de quase cinco anos entre as duas, não faz diferença nenhuma agora; já que Chloe transborda paciência e amor. Mas a minha mente viaja rapidamente e vai além, imaginando Chloe no auge da adolescência e Grace em seu encalço, talvez isso gere algum aborrecimento. Mas agora, elas são duas criaturas fofas e amigáveis... as menininhas mais lindas de todo o universo.

— *Graceeee...* — Chloe a chama com voz divertida, arrancando gargalhadas de Grace.

A bagunça das duas, torna a minha tarefa de vestir Grace, mais difícil. Porém eu não me importo nem um pouco. Gosto de ver as duas juntas, brincando e sorrindo. Hoje é o primeiro aniversário de Grace, na verdade ela completará um ano daqui a três dias; mas Adam e eu decidimos celebrar esse final de semana. Hoje é um domingo lindo e ensolarado, o dia perfeito para uma reunião de família... com bolo, balões e docinhos infantis. Todos estão animados para a festa, os adultos ainda mais que as crianças. Aproveito um instante de distração e coloco o vestido de Grace rapidamente, ela se irrita por ter a sua visão tapada, enquanto o tecido passa pelos seus olhos. Trocá-la é sempre uma tarefa difícil, ainda mais agora que ela começou a andar — de forma totalmente desengonçada, eu confesso — , mas ela anda e cai pela casa toda. Adam está enlouquecido, adquirindo alguns fios de cabelos brancos, com a possibilidade de que ela possa se machucar.

— Não chora, Grace! — Chloe a consola, balançando uma boneca de pano para ela. O choro dura apenas o bastante até que ela traga o cabelo da boneca à boca .

— Não, Grace. — Eu digo, tirando a boneca de sua boca.

Isso a faz chorar mais ainda, expressando o seu desagrado com todas as forças de seus pulmões. Eu ignoro, continuando a ajeitar a sua roupa. Doze meses de intenso aprendizado, me fizeram saber que o seu choro durará pouco tempo. Mais basicamente, até que ela encontre outra coisa que a agrade e que ela queira levar à boca também.

— Tia Sarah... — Chloe me chama, com uma censura inocente em seu tom de voz. — Você fez a Grace chorar.

— Eu fiz, mas ela não pode comer o cabelo da boneca; será que pode?

— Não pode tia Sarah. — Ela diz com um olhar sério — O Noah comeu o meu giz de cera amarelo, a mamãe ficou muito brava.

— Meu Deus! — Dou risada, tentando imaginar a preocupação da Mia diante de algo assim.

Noah está agora com pouco mais de dois anos e Chloe com seis. Eles são duas crianças lindas e abençoadas, cheias de fofura e carisma. Eu me sinto abençoada também, por fazer parte dessa família que transborda amor. E me sinto grata por saber que Grace crescerá cercada de carinho e afeição. Adam tem falado em um novo bebê constantemente, ele poderia até me irritar, se não fosse tão lindo. Eu quero ter ao menos mais um filho, porém Grace ainda é muito dependente de nós e eu quero aproveitar todos os momentos de seu crescimento. Além do mais, voltei a trabalhar há pouco tempo e isso tem sido realmente importante para mim.

— Me ajuda com as sapatilhas da Grace? — Eu pergunto a Chloe, apontando para os sapatos rosa que estão no chão ao lado da cama.

Ela ri e se entusiasma, como se eu tivesse lhe pedido para fazer a coisa mais importante do mundo. Eu coloco um dos sapatos e Chloe coloca o outro. Termino com a tiara de Grace, sabendo que ela a tirará no segundo seguinte e tentará comer a grande flor que a enfeita.

— Você está linda, Grace. — Chloe a elogia, com um beijo molhado na bochecha em seguida.

— Você também está linda, minha pequena ajudante. — Eu digo a

Chloe, antes de beijá-la também.

Eu seguro Grace nos braços, embora ela esteja impaciente para sair andando com Chloe a seu lado. Juntas nós descemos para o andar de baixo e então, coloco a minha pequena bagunceira no chão. Chloe segura a sua mão e com infinita paciência, a leva até o quintal.

Nós o decoramos com balões de todas as cores, já que Adam e eu, não conseguimos chegar a um tema definitivo para a festa. Decidimos apenas que seria uma festa infantil. Colorida e cheia de guloseimas que todos gostam. A minha família está aqui — isso já seria considerado uma festa, mesmo que não houvesse os balões —, a família do Adam também, em um número muito menor, é claro. Eu ando pelo quintal decorado com um imenso sorriso no rosto, já perdi Grace e Chloe de vista, porém sei que elas estão brincando em algum lugar seguro... Chloe é a melhor ajudante que eu poderia ter. Eu achei que o seu entusiasmo com Grace, fosse terminar nos primeiros meses; mas ela está sempre aqui em casa e me ajuda muito. Passo pela mesa em que os meus pais estão e beijo ambos, assim como o meu irmão e sua namorada Dayse. Sam está na mesa ao lado, ela se casou há alguns meses e descobriu que está grávida há algumas semanas; ela está radiante com a notícia — embora ela tenha chorado por horas, quando descobriu. Agora o seu sorriso é grande e radiante, eu sei que ela será uma mãe incrível e carinhosa e, estou infinitamente feliz por ela.

Uma criança em casa, é como a chama constante de uma vela acesa, iluminado tudo ao seu redor. Não existem dias escuros mais, apenas a alegria constante do seu sorriso. É lógico que eu tenho os meus dias tristes, Adam e eu temos os nossos problemas — como qualquer outro casal —, mas o simples sorriso alegre de Grace, é capaz de encher a minha vida de coragem. Sei que Adam sente a mesma coisa e isso nos impulsiona a sermos seres humanos melhores; mais humanos certamente. Eu cumprimento todos que encontro em meu caminho, me sentindo incapaz de repetir tantos nomes; mas muito alegre por ter todos em casa.

Encontro Chloe e Grace minutos depois. Elas estão com Sílvia e Joel, em uma mesa no canto, escondidas do sol enquanto brincam com Noah.

— A festa está linda, Sarah. — Silvia elogia, depois de um abraço apertado.

— Obrigada, estou muito feliz em vê-los aqui. — Digo, sorrindo para

ela e Joel.

— Eu não perderia o aniversário da minha princesa. — Ela brinca, tirando Grace do gramado e a apertando de encontro ao seu rosto.

Dou risada, porque Grace não gosta de abraços demorados, a não ser que eles venham de seu pai. Adam a aperta e beija de diferentes formas, quase como se ela fosse uma massinha de modelar ou um marshmallow fofinho.

— Eu achei que fosse a sua princesa, vovó. — Chloe se manifesta com confusão em seu rosto adorável.

— Vocês duas, meu amor. — Silvia fala, depois de apertá-la da mesma forma. — E Noah é o meu príncipe... tem muito lugar no coração dessa vovó.

— Disso eu não duvido. — Joel fala, sem conter o riso — Ela já está sonhando com novos netos.

— Estou mesmo. — Ela confirma com naturalidade, colocando as mãos na cintura — Estou depositando todas as fichas em você, Sarah.

— Em mim? — aponto para o meu peito, demonstrando confusão — Eu não.

— Você sim, Adam já quer ter outro filho; sei que ele vai convencê-la em breve.

— Não vai. — Nego, balançando a cabeça e tossindo ao mesmo tempo.

— De onde vem os bebês? — Chloe pergunta, deixando os brinquedos de lado para esperar a resposta.

— A vovó vai te contar. — Me esquivo, piscando para Silvia e fugindo o mais rápido que posso.

Ainda estou rindo, quando faço o caminho inverso e volto para dentro de casa, diretamente para a cozinha. Mia, Drew e Adam estão lá, sentados ao redor da bancada, em uma conversa animada. Eles foram os primeiros a chegar com as crianças e Drew ajudou Adam com os balões, enquanto Mia e eu comíamos os docinhos da mesa; ao invés de arrumá-los ao redor.

Eu beijo Adam e me posiciono em pé atrás dele, meus braços ao redor de seu corpo.

— Você parece um pouco vermelha, Sarah. — Mia observa, com um sorriso travesso. — Silvia acabou de te pedir um novo neto, não foi?

Me surpreendo com a sua perspicácia, mas ela certamente conhece melhor a nossa sogra do que eu.

— De certa forma, sim. — Conto com um sorriso também. — Ela está empenhada em montar a creche da vovó, não está?

— Ela pede um bebê para a Mia todos os dias. — Drew conta, sorrindo para a esposa. — Agradeça por não morar tão perto dela.

— É verdade, eu abro a porta e ela já está me esperando para falar sobre isso; é um pouco assustador. — Mia completa, arrancando risadas de todos.

— Acho que ela acorda mais cedo só para surpreendê-la. — Drew emenda, a puxando para um abraço.

— Se dependesse só de mim, Grace já teria um irmãozinho. — Adam fala, virando a cabeça para me olhar. — E ainda faríamos a minha mãe feliz.

— Claro que sim, você também quer montar a sua própria creche — brinco, batendo em seu ombro. — Um ano ou dois de espera, não irá te matar.

— Irá sim — ele devolve com certo drama na voz.

— Então eu te ressuscitarei com os meus beijos. — Digo, o beijando mais uma vez para enfatizar.

— A minha sorte, é que Drew não quer outro bebê tão cedo. — Mia fala, olhando para o seu copo de refrigerante. — Com certeza não com a mesma intensidade do Adam.

— Eu quero sim... — Drew se defende, ficando em pé. — Será engraçado vê-la grávida outra vez, sem que você faça ideia disso.

— Eu saberei dessa vez. — Ela tenta bater nele ficando em pé também, mas Drew apenas a aperta em um abraço. É sempre divertido tê-los em casa.

Fico sozinha com Adam, então ele me puxa para o seu colo e me beija com força, coloco as mãos em seu cabelo e correspondo ao seu beijo; como se o mundo deixasse de existir enquanto nossas bocas estão juntas.

— Você vai me dar outro bebê? — Ele pergunta, quando interrompe o beijo.

— Um dia... Se você for muito bonzinho.

— Achei que eu fosse o melhor marido do mundo. — Ele diz, apertando o meu quadril.

— O mais convencido com certeza. — Eu digo em tom divertido, encostando a minha testa na sua.

— O mais apaixonado com certeza. — Ele me corrige, roubando um último beijo — Pense em um lindo bebê, uma versão mais fofa e encantara de mim mesmo.

— Eu acho impossível, ninguém seria mais fofo que você. — Fico em pé, para que ele se levante também.

— É por isso que eu te amo.

— Por que eu ajudo a manter o seu ego inflado?

— Porque você me enxerga exatamente como eu sou. — ele beija o meu pescoço, quando eu fico de costas e abro a geladeira.

— Convencido e vaidoso? — Ofereço, ainda de costas para ele.

— Perfeito e lindo — Adam me corrige, indo até a porta. — Você traz o bolo?

— Sim. — Afirmo, colocando o bolo de chocolate sobre a mesa. — Eu irei em um instante.

Olho para o lindo bolo à minha frente, com grandes raspas de chocolates e morangos apetitosos. Talvez, nem todas as pessoas que estão hoje aqui saibam o quanto essa data significa para mim. Minhas mãos quase tremem, quando eu coloco a velinha de um ano sobre o bolo, prestes a acendê-la e iniciar os *parabéns* para Grace...

Hoje é o dia em que eu me sinto uma borboleta de verdade; livre e colorida. Meus olhos se fecham, então eu aperto o relicário que Adam me deu

há tanto tempo. O coração de ouro ficando tão pequeno entre os meus dedos. Com um último suspiro, eu olho para a joia em meu pescoço e a abro...

Ayla e Grace no mesmo espaço, as duas em meu coração...

Já não machuca mais. Eu fecho o relicário e o coloco sob o meu vestido, segurando o bolo em seguida e caminhando para fora outra vez. Adam está com Grace em seus braços, então sorrio para os dois, antes que todos comecem a cantar!

Epílogo



Três anos depois...

Sou um homem de muitos talentos, embora, deva admitir, que cozinhar não seja um deles. Talvez fosse injusto para o resto dos homens, então Deus não me deu essa habilidade. E antes que vocês me perguntem; sim, eu já tentei cozinhar algumas vezes e o resultado sempre foi um desastre absoluto.

Isso poderia ferir facilmente o meu ego, se eu não fosse perfeito em todas as outras áreas da minha vida.

Marido maravilhoso, pai amoroso, irmão incrível, tio adorado, filho amado... eu poderia continuar, mas a modéstia não me permite no momento.

Mas estamos falando sobre a minha inabilidade na cozinha e não da minha perfeição... Só tem uma única receita na qual eu me saio bem: Panquecas. Bem em ao ponto de serem comestíveis; infelizmente não ao ponto de ser uma execução digna de chef de cozinha.

Isso não me importa, já que a única coisa que eu quero fazer é passar um tempo com Grace na cozinha. Ela é agora uma garotinha de quatro anos, curiosa e ativa, louca para mexer em tudo e descobrir novas possibilidades e ela ama cozinhar. Não que ela cozinhe de verdade, Sarah não a deixaria chegar perto de um fogão aceso de jeito algum. Então quando eu digo que ela gosta de cozinhar, traduza-se por; ela gosta de misturar farinha e ovos e se sujar toda. Se ela me sujar também, será um bônus e nos renderá muitas risadas.

Os sábados são os nossos dias especiais, nosso momento pai e filha, isso é algo sagrado para mim. Momentos dos quais eu não abriria mão nem por todo dinheiro do mundo. Eu já não consigo passar tanto tempo com ela como eu gostaria. Sei que a grande maioria dos pais se frustra por isso, é uma consequência da vida moderna. Estamos sempre correndo, apressados e cheios de compromissos que sugam o nosso precioso tempo; mas nada é capaz de me privar dos meus dias com Grace.

Ela é o meu sol, eu preciso da sua luz para me aquecer e iluminar. Seu sorriso me recarrega e me dá forças, eu me sinto um super-herói... Super Pai... ou seria o Pai Super Bonitão?

— *Papiiiiiiiiiiiiiii...* — Grace me chama com um pequeno gritinho. Sua ênfase infinita na letra i, é o seu método mais eficaz de conseguir a minha atenção. Ela pode me chamar por dez vezes repetidas e sempre da mesma forma, se a primeira tentativa não funcionar.

— O quê? — Pergunto, usando a poeira de farinha em minhas mãos para sujar o seu nariz.

Ela fica vesga e se esforça para enxergar a ponta do próprio nariz e quando consegue, tem um ataque de risos. É tão fácil fazê-la sorrir e eu diria que nesses últimos quatro anos, isso se tornou uma das minhas maiores habilidades. Diga algo bobo, faça uma careta... cócegas são infalíveis e funcionam sempre. Mas a maioria das vezes, basta apenas abrir a porta no final do dia, isso mantém Grace correndo em minha direção com um grande sorriso em seu rosto.

— Você não vai colocar os ovos, papai?

— Eu ia fazer isso exatamente agora — falo ao mesmo tempo em que abro a geladeira. — Quantos são? Olhe a receita.

— Eu não sei ler, papai. — Ela me lembra, rindo um pouco mais. — Só o meu nome.

— Eu sei disso, mas você conhece os números... quanto é dois mais dois?

— Sete.

— Você com certeza herdou a inteligência da sua mãe.

— A mamãe é linda. — Ela exclama com orgulho.

— Ela não gosta de matemática — pontuo, voltando para a mesa e ficando ao seu lado. — Mas ela é linda sim, exatamente como você.

— Posso quebrar os ovos? — Grace me pergunta com expectativa, então eu lhe entrego um dos ovos e um copo também. Sempre posso tirar as cascas que caírem dentro dele.

Eu espero com paciência, até que ela quebre os dois ovos que usaremos. Isso leva algum tempo, provavelmente porque as cascas estão um pouco duras e seus dedos são muito pequenos. Mas ela faz questão de fazer isso sozinha, então eu lhe permito um pouco de independência. Colocamos os outros ingredientes; leite, açúcar e manteiga. Eu perdi muitas receitas antes que conseguisse colocar uma panqueca apresentável em um prato. Sarah começou a me ensinar assim que Grace tinha alguns meses e logo no primeiro ano, quando ela conseguia ficar em pé em uma cadeira; nós começamos a fazer isso juntos. É a realização de um sonho, assim como todos os outros que nós já vivemos juntos.

Depois que a massa enfim está pronta — o que levou mais de quinze minutos, devo ressaltar —, eu busco no armário a minha frigideira especial e ligo o fogo. Grace me observa com atenção e ansiedade, mas permanece quieta em sua cadeira, em uma distância segura do fogão. O olhar em seu rosto enquanto eu frito a massa e consigo uma pilha apetitosa de panquecas em um prato, me levaria a acreditar que ela comerá mais do que duas unidades. Mas eu a conheço o bastante para saber que ela come feito um passarinho, a não ser que sejam balas de iogurte ou pizza de queijo.

— Pronta para comer? — Pergunto com animação, colocando o prato sobre a mesa e me sentando à sua frente.

Grace se serve sozinha e exatamente por isso, exagera na quantidade de calda de chocolate que coloca em seu prato. A sua mãe não está aqui para chamar a sua atenção e eu sou um pai muito flexível, que acredita em fins de semanas de bagunça. Sirvo o seu leite e suco também, para logo depois encher uma grande xícara de café preto para mim mesmo.

— *Hummm...* — ela suspira em apreciação, quando morde o primeiro pedaço. Isso me faz rir alto.

É provável que o açúcar da calda tenha mascarado todo o sabor real da receita, mas ela parece gostar de verdade. Ela me diria se estivesse ruim, as crianças são brutalmente sinceras e embora Grace seja uma criança doce e gentil, ela me magoaria com a verdade e nem perceberia tal coisa.

— Está bom? — eu pego uma garfada do meu próprio prato, enquanto espero que mastigue e me responda.

— Está uma delícia, papai. — Ela me diz com alegria, mordendo o seu segundo pedaço. — Podemos dar para a Candy também?

Olho para a tartaruga aos seus pés e dou risada. Grace acabou de pedir a minha autorização, mas um pequeno pedaço de panqueca já está ao lado do bicho de estimação. A nossa sorte é que Candy não se interessa por nada, além de tomates e laranjas.

— Ela não pode comer essas coisas, eu já te disse. — Eu a recordo, ficando em pé e limpando o chão com uma toalha de papel. — A sua mãe te disse também, tartarugas ficam doentes com esse tipo de alimento.

— Eu não quero que Candy fique doente — ela murmura, com seriedade. — Mas ela gosta de balas.

— Ela não gosta de balas, você gosta de balas e quer que ela goste também.

— Ela gosta sim — Grace insiste, sorrindo com a boca toda suja de calda. — Ela me disse, ela gosta de doces como o seu nome.

Grace conversa com a tartaruga como se ela fosse um humano, não deveria ser novidade para mim; eu conversava com os meus brinquedos e eles sequer se mexiam. Quando ela disse que queria um animal de estimação há alguns meses, Sarah e eu nos preparamos para que fosse um gato ou um cão. Porém, nos surpreendemos ao entrar no abrigo para animais e encontrarmos Grace fascinada pela velha tartaruga. Existiam dezenas de filhotinhos fofos que fariam Chloe chorar de felicidade, mas Grace quis a tartaruga. Graças a Deus, porque ela não dá trabalho algum; além de ficar no canto e demorar horas para comer uma única folha de alface.

— Os animais não podem comer doces, não tente fazê-la comer qualquer outra coisa que não seja verduras e frutas.

— Tudo bem. — Ela balbucia sem muita vontade.

— Ok... — Balbucio em resposta, sabendo que ela ainda irá insistir com os doces.

— Eu já terminei, papai — Grace anuncia, descendo da cadeira como um furacão. — Podemos brincar agora?

— Nós temos que sair em uma hora. Você consegue se trocar sozinha?

— Sim, vou escolher uma roupa bem bonita.

— Não bagunce o quarto... — eu tento lembrá-la, enquanto ela corre

ao redor da mesa e leva a tartaruga junto com ela.

Acho que ela tirará metade das roupas dos seus cabides, até encontrar uma combinação bem diferente e colorida. Eu sempre acho divertido... Grace tem os seus próprios gostos e uma personalidade que se assemelha muito mais a minha, do que a da sua mãe. Mas ela se parece fisicamente com a mãe dela, cada vez que eu olho para Grace; eu vejo a minha esposa em uma versão infantil. As fotos também provam esse fato. O que me preocupa que a minha filha será uma linda mulher em alguns anos; já estou construindo uma torre para trancafiá-la dentro dela. Eu acho que deveria existir um jeito de pararmos o tempo, ou de fazer cada ano de uma criança durar o dobro da idade adulta. Eu não estou preparado para vê-la crescer tão rápido assim. Às vezes eu olho para a Chloe e penso: *Quando foi que ela cresceu tanto assim? E como eu irei me sentir quando for a vez de Grace crescer?*

Eu termino o meu café, sempre atento aos barulhos de Grace no andar de cima. Limpo a mesa e abasteco a máquina de lavar, antes de subir também. Eu encontro Grace debruçada sobre os seus brinquedos, ela trocou o seu pijama por um vestido de flores e meias coloridas; é provável que eu a faça se trocar outra vez antes que tenhamos que sair. A tartaruga em cima da pequena mesa de madeira rosa, parece estranhamente imóvel para um companheiro de brincadeiras, mas Grace não parece notar; ou simplesmente não se importe com esse detalhe bobo.

— Papai! — Grace exclama quando me vê à porta. Ela deixa os seus brinquedos de lado e vem segurar a minha mão, me puxando para dentro do quarto. — Candy e eu estamos tomando chá.

— Logo depois do café? — brinco me sentando no tapete, porque a cadeira não suportaria o meu peso e tamanho.

— Não é chá de verdade — ela sussurra em meu ouvido, como se esse fosse um segredo que a tartaruga não pudesse ouvir. — Você vai querer também?

— Claro, com açúcar, por favor.

Ela ri, colocando as colheres imaginárias de açúcar em uma pequena xícara lilás de plástico e então a entregando para mim. Acho que foi minha mãe ou Mia, quem lhe deu de presente esse jogo de chá, em seu último aniversário. Grace adora, e Sarah e eu passamos muito tempo brincando com ela aqui no quarto. O único que não gosta muito de brincar de chá da tarde é o Noah, mas Grace tem um poder de persuasão imenso e consegue fazer o pobre menino vestir um avental e entrar na brincadeira. No final das contas ele acaba gostando. As crianças são livres para brincar como quiserem. Grace adora futebol e basquete, embora ela seja pequena demais para acertar uma cesta sozinha. Mas o que eles gostam mesmo é de balões e pistolas d'água, eles amam se molhar e molhar um ao outro no quintal... eu ainda não entendi porque sou o único adulto que se diverte mais do que as crianças.

— Quer biscoitos? — Ela me oferece, abrindo delicadamente um potinho de brinquedo... sem biscoitos é claro, *mas para que serve a imaginação?*

— Obrigado, mademoiselle — eu brinco, fingindo morder o biscoito invisível. — Estão maravilhosos, são de nozes?

— Chocolate. — Ela me corrige, mordendo o seu biscoito também. — Foi a Candy quem fez.

— Uma tartaruga cozinheira. — Pondero, sentindo muita vontade de rir... esse animal tem muitas habilidades.

Nós brincamos por um tempo, eu entro totalmente no personagem e faço vozes e caretas para Grace. Eu não sei se ela se lembrará desses momentos quando crescer, mas eu tenho esperanças que eles fiquem marcados, mesmo que no fundo da sua memória; isso é importante para mim. Em algum momento da nossa brincadeira, Grace fica quieta por alguns minutos, como se tivesse acabado de se lembrar de alguém. Eu sei, a partir do seu olhar, exatamente o que virá a seguir.

— Eu sinto falta da mamãe... — ela sussurra, deixando a sua xícara de lado e pulando em meu colo.

— Ela voltará hoje. — Eu a consolo, com voz suave. Grace me olha por um tempo e de repente eu tenho medo que ela chore; então apelo para as cócegas...

Sim, as cócegas salvam qualquer pai, sorvete resolve também. Mas eu estou longe da geladeira agora e preciso agir rápido. Eu bagunço o seu cabelo e a faço se contorcer de tanto rir, até que sejamos dois bobos deitados no chão.

— Você quer usar essa roupa? — Eu pergunto depois de me sentar e tirar o cabelo do seu rosto.

— Eu gosto, papai. — Ela diz sem fôlego.

— Hoje é um dia muito especial, vamos colocar aquele vestido lindo que a mamãe comprou para você?

— O branco?

— Sim, esse mesmo — eu fico em pé, buscando rapidamente o vestido no armário e trocando pelo o que ela está usando agora... A melhor tática é não deixar brechas para argumentos. — Viu só, muito mais bonito.

— Posso ficar com as meias?

— Não, você ficará com calor. Escove os dentes e eu vou pentear o seu cabelo.

— Você não sabe fazer como a mamãe — ela replica, passando por mim até o banheiro.

— Eu não sei, mas eu irei te deixar linda como uma princesa.

Eu a deixo no banheiro do corredor, enquanto vou para o meu quarto e me troco também, escovo os dentes e volto para a Grace. Eu a encontro concentrada em sua sandália, então a ajudo com o fecho de metal e partimos para a difícil tarefa de pentear os seus cabelos. Seu cabelo é longo e sempre embarça nas pontas. Sarah tem o seu próprio jeito de desembaraçá-lo sem causar lágrimas a Grace... eu já não consigo ser assim, por mais delicado que eu tente ser; não nasci para ser cabeleireiro. Sou um pai presente e ativo, mas penteados e tranças não são o meu forte.

— Está doendo, papai — ela me diz, se afastando de mim e passando a mão pela cabeça.

— Eu sinto muito — desisto e jogo o pente sobre a cama. — Como você consegue fazer tantos nós em seu cabelo enquanto dorme?

Ela sorri, dando de ombros, ao mesmo tempo em que eu coloco as mãos nos bolsos. Já deveríamos estar no carro, porém estamos aqui com problemas capilares impossíveis de serem resolvidos. Olho para ela e depois para a sua cômoda, uma tiara simples me chama a atenção, depois de pegá-la, eu a deslizo pelos cabelos de Grace e acho que fica perfeito.

— Pronto — eu digo batendo palmas. — Uma verdadeira princesa.

Carrego a tartaruga para deixá-la em sua casinha no quintal. Grace caminha ao meu lado, com uma pequena bolsa e um cavalo de pelúcia nos braços. Ela precisa sempre levar alguma tralha por onde for. Isso significa que ela também sempre perde alguma coisa. E sempre chora por isso. Eu a ajeito em seu assento de automóvel e consigo enfim sair de casa. Cada vez que nós saímos, a trilha sonora dentro do carro é alguma canção infantil. Às vezes meus ouvidos se fecham involuntariamente, mas a maior parte do tempo; nós cantamos juntos. Na metade do nosso caminho, eu paro em uma floricultura e deixo Grace escolher o buquê que levaremos.

— Qual você mais gosta? — Indago, apontando para a grande variedade de flores expostas.

— Esse é o mais lindo — ela responde, apontando para as rosas amarelas à nossa frente.

— Eu levarei uma dúzia dessas, por favor — eu digo à atendente e espero com paciência que ela faça o arranjo.

Quando as flores estão prontas, nós voltamos para o carro e eu dirijo com ansiedade para o nosso destino. Dez minutos depois, finalmente chegamos. Estaciono e tiro Grace do seu assento, uma das mãos em sua pequena mão direita; a outra segurando o buquê. Nós passamos pela porta giratória de vidro e entramos no elevador em seguida.

— Você já esteve aqui antes — anuncio olhando para Grace, enquanto o elevador sobe até o oitavo andar.

— Eu não — ela nega, prestando mais atenção ao seu reflexo no teto espelhado.

— Você era muito, muito pequena para se lembrar — eu a carrego no colo antes da porta se abrir. — Você já foi muito pequena um dia, você sabe disso?

— A mamãe sempre me diz que eu sou uma mocinha — ela lembra com um sorriso.

— Você é sim, a mais linda de todas — eu beijo o seu rosto, ao mesmo tempo em que olho os quartos ao nosso redor.

Assim que encontro o que procurava, coloco Grace delicadamente no chão e volto a segurar a sua mão. Baixando os meus olhos para ela, eu pergunto com um sorriso.

— Pronta?

— Sim — ela afirma com animação.

Eu sei que não é necessário, mas mesmo assim, bato levemente na porta antes de entrar. No instante seguinte em que entramos no quarto, Grace solta a minha mão e corre até a mãe. Sarah está em pé ao lado da janela, mas se senta assim que nossa filha pula em seus braços. Quem as visse, não acreditaria que faz menos de vinte e quatro horas que elas se viram pela última vez.

— Que saudades de você, minha doçura! — Sarah exclama em seus cabelos, sorrindo para mim. — Olha como você está linda, o papai te vestiu?

— Sim, mas ele não conseguiu pentear o meu cabelo — Grace me entrega, mostrando a parte embaraçada de seus cachos.

— Isso me passou pela cabeça — Sarah sorri, abraçando Grace ainda mais.

— Eu fiz o possível — me defendo, mostrando o buquê para ela.

— Obrigada, são lindas. — Ela fica em pé e vem me beijar, com Grace ainda ao seu lado. — Eu amo amarelo.

— Foi a Grace quem escolheu.

— Foi mesmo — Grace ressalta, ganhando mais um beijo da mãe. — Onde ela está?

— Ela quem? — Pergunto, fingindo estar totalmente confuso com o assunto.

— O bebê da mamãe... — Ela sussurra.

— O nosso bebê. — Sarah a corrige, se sentando outra vez. — Você se lembra do nome que nós escolhemos para ela.

— Lily... — Grace recita com alegria. — Fui eu que escolhi, é nome de princesa.

— O seu também é. — Sarah diz, tocando o seu cabelo. — Vocês são as princesas das nossas vidas, as mais lindas de todas.

— Eu quero vê-la. — Grace fala um pouco alto, ao mesmo tempo em que a porta se abre e uma enfermeira entra, empurrando o bercinho de Lily.

O parto foi ontem à tarde e Sarah e eu optamos por deixar Grace com a Mia. Eu passei para buscá-la no início da madrugada, muito relutante por deixar Sarah e nossa bebê sozinhas. Mas ela me tranquilizou, dizendo que seriam apenas algumas horas; se não houvesse a Grace para ocupar o meu tempo, teria sido uma completa tortura.

— Olha ela aqui — Sarah diz a Grace, assim que retira Lily do berço. — A sua irmã mais nova, Grace... ela também quer muito te conhecer.

Grace parece absolutamente hipnotizada pelo bebê diante dela, é visível o carinho e amor presentes em seus lindos e brilhantes olhos. Sarah se senta com Lily ainda em seus braços e convida Grace para se aproximar. O primeiro toque entre elas, acontece com a mão de Grace no rostinho gordo da irmã. Lily se parece com Grace, que por sua vez sempre se pareceu com Sarah. É como muitas versões da mesma pessoa. Ela tem um pouco mais de cabelo e talvez seja um pouco mais rechonchuda que a irmã mais velha quando nasceu. Mas ambas são pequenos anjos, presentes do céu.

— Ela é tão pequena. — Grace diz, sorrindo para a mãe. — Será que vai demorar para ela crescer?

— Alguns meses — respondo rindo. — Mas quando você menos perceber, Lily estará correndo e brincando com você.

— Eu quero carregá-la, por favor. — Ela pede, olhando rapidamente para mim e de novo para a mãe.

— Tudo bem. — Sarah concorda, ficando em pé e instruindo Grace a se sentar no seu lugar. — Estique os braços e eu a colocarei em seu colo.

Grace faz o que lhe foi pedido e logo está com a irmã nos braços. A visão das duas juntas e o sorriso genuíno de Grace, me levam direto ao chão. É muito amor para uma só pessoa, isso poderia me fazer chorar todos os dias de gratidão, por encontrando em Sarah a minha outra metade. Por juntos termos caminhado até aqui. Alimentando nossos sonhos, de amor e a nossa família, de doçura. O mundo não é perfeito, mas esse pequeno momento é, sem dúvida, a melhor definição de perfeição. Olho para Sarah no canto da sala e caminho até ela, segurando uma de suas mãos, tocando o seu rosto e me perdendo em seus olhos mais uma vez; como eu já fiz e farei através de todos os anos.

— Eu te amo. — Digo com um beijo, de uma forma tão sussurrada que talvez ela nem tenha ouvido.

— Eu te amo também. — Ela devolve, tocando o meu cabelo.

Eu a abraço de forma apertada, a sua cabeça repousa em meu peito; enquanto eu olho para as nossas filhas...



Muito Obrigada

por sua 

 *leitura!!!*